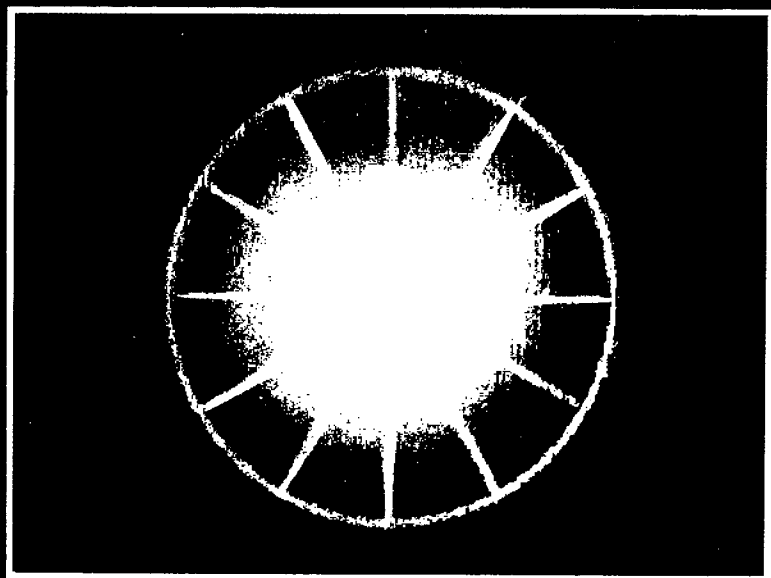


KYRIACOS C. MARKIDES

O MAGO DE STROVOLOS

O mundo maravilhoso de Daskalos,
seus ensinamentos e suas curas
espirituais



O MAGO DE STROVOLOS

Kyriacos C. Markides nasceu e viveu sua juventude em Chipre. Em 1970, recebeu o título de Ph.D. na Wayne State University. Desde 1972, tem lecionado na University of Maine, em Orono. É casado e tem dois filhos.

KYRIACOS C. MARKIDES

O MAGO DE STROVOLOS

O Extraordinário Mundo de quem Faz Curas Espirituais

Tradução

MARIETA MONDADORI PASSARELLI



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Título do original:
The Magus of Strovolos
The Extraordinary World of a Spiritual Healer

Copyright © Kyriacos C. Markides, 1985.

Edição

5-6-7-8-9

Ano

96-97-98-99

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO LTDA.

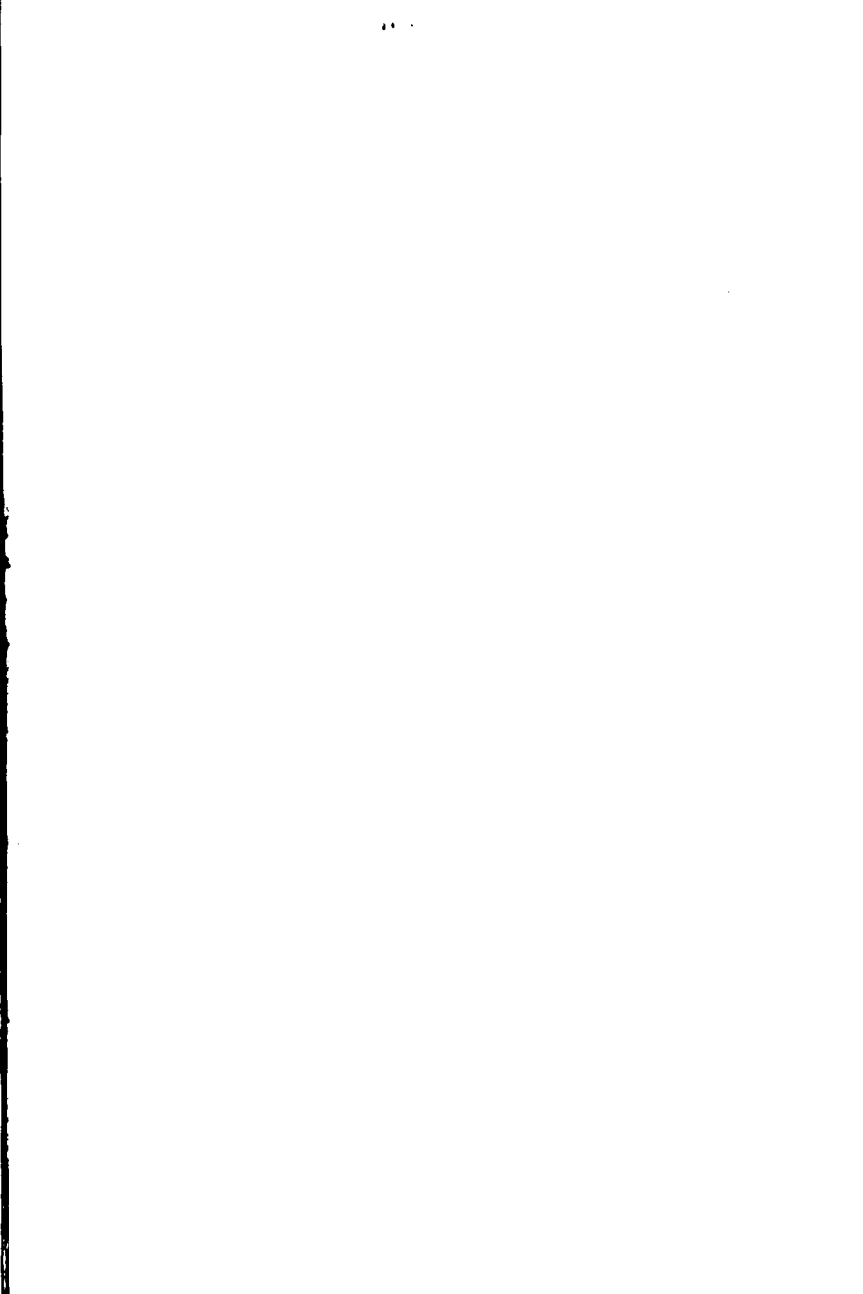
Rua Dr. Mário Vicente, 374 – 04270-000 – São Paulo, SP – Fone: 272-1399
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

À memória de minha mãe

Ao meu pai

A Emily, Constantine e Vasia



Sumário

Nota do autor	9
1 O mago de Strovolos	11
2 Exorcizando os espíritos nazistas	23
3 Elementais	40
4 A autenticidade da experiência	59
5 Karma	74
6 Lembranças	86
7 Da morte ao renascer	101
8 Encontrando o Logos	125
9 Cosmologia	136
10 Guardiães do planeta Terra	158
11 Histórias sobre possessão	172
12 Curas	184
13 Materialização e desmaterialização	202
14 Reflexões posteriores	223
Glossário	233

Nota do Autor

Prezo a preocupação feminista com a linguagem, e estou muito bem informado sobre ela. Entretanto, para evitar frases estilisticamente cacofônicas, tais como dele/dela ou ele/ela, decidi, não sem relutância, seguir o estilo tradicional. Assim, sempre que escrever sobre a “Humanidade”, quero dizer tanto homem como mulher. Quando me refiro a Deus como “Ele”, faço-o apenas devido ao costume, sem presumir que a Divindade seja do sexo masculino.

Pela mesma razão, adotei o estilo grego de usar nomes próprios. Por exemplo, falo Daskalos, na terceira pessoa. Mas quando me dirijo a ele, digo Daskale. O mesmo acontece com Kostzs e Iacovos. Quando os encontro, trato-os por Kosta e Iacovo. Os nomes próprios femininos não apresentam este problema. Todos os nomes do texto são fictícios, exceto os históricos e os da minha família. Além dos nomes, nada mais é fictício neste trabalho.

A presente pesquisa deve ser considerada, antes de tudo, um estudo fenomenológico sobre um homem que faz curas espirituais e seus companheiros mais chegados. Não se trata de um estudo sobre parapsicologia. Minha intenção não foi testar ou verificar a validade dos fenômenos paranormais. Na realidade, tento apresentar, tão precisamente quanto possível, o mundo da maneira como é visto pelas próprias pessoas em questão. Isso não quer dizer que o meu papel tenha sido o de um observador pacífico. Como o leitor vai descobrir, tornei-me um membro ativo desse grupo de pessoas que faz curas, no esforço de entender o seu mundo, a partir do seu ponto de vista.

O material foi compilado em quatro períodos distintos, durante o verão de 1978, no espaço de tempo compreendido entre dezembro de 1978 e setembro de 1979, e nos meses de verão de 1981 e 1983.

Gostaria de agradecer à Universidade do Maine por ter-me concedido uma licença de verão e uma licença sabática,* durante o ano letivo de 1978/1979. Sem tão generoso apoio, muito provavelmente este trabalho não poderia ter sido feito. Os mesmos agradecimentos vão para os meus colegas do Department of Sociology and Social Work (Departamento de Sociologia e Serviço Social). Gostaria também de agradecer à equipe do Cyprus Social Research Centre (Centro de Pesquisa Social de Chipre) por ter me oferecido suas máquinas copiadoras e gravadores sempre que se fizeram necessários.

Muito obrigado aos meus amigos Stephen e Joan Marks, que despertaram o meu interesse quanto a assuntos relacionados com o estudo da consciência e da espiritualidade. Agradeço também aos outros amigos, colegas e co-discípulos que leram o manuscrito original e, generosamente, ofereceram seu parecer encorajador e crítico: Stephen Cohn, Richard Fenn, Herbert Maccoby, Leonard Doob, Joanne Green, Erling Skorpen, Jacob Needleman, Marcello Truzzi, Michael Harner, James Laue e Colin Wilson.

Agradeço à Marlene Gabriel, minha agente literária, por sua amizade, confiança no livro e por sua capacidade profissional. Meus agradecimentos também a Eva Meyn, por ter datilografado, magnificamente, o manuscrito. O meu carinho à minha irmã Maroulla Christou, por ser a grande irmã que é, e pela ajuda que sempre nos deu durante a nossa estada em Chipre. A afeição mais profunda está reservada à minha mulher, Emily, por, entre outras coisas, seu apoio inspirador, estímulo espiritual e excelente revisão do primeiro rascunho.

Desejo, por fim, expressar minha profunda admiração por Dasalos e seus companheiros. Meu trabalho com eles tem sido realmente um trabalho de amor. A bem da verdade, este livro é deles.

* Seis meses ou um ano de ausência para estudo, descanso ou viagem, que algumas faculdades e universidades norte-americanas concedem aos professores a cada sete anos. (N. da T.)

O Mago de Strovolos

Eu tinha ouvido falar sobre Spyros Sathi na minha infância. Sua fama como o maior especialista da ilha em coisas do outro mundo, despertava em mim um misto de fascinação, curiosidade e medo. Quando crianças, éramos aconselhados pelo padre da paróquia a nos esquivarmos do “Mago de Strovolos”, o homem com poderes satânicos. De olhos arregalados, ouvíamos relatos sobre possessão e exorcismos, e mitos sobre sua casa, apinhada de espíritos desencarnados. Seu nome era sinônimo do próprio ocultismo e qualquer um com coragem suficiente e vontade de entrar em contato com sua falecida mãe, teria apenas de bater à sua porta. Esta era a idéia que eu fazia de Spyros Sathi quando saí de Chipre e fui para os Estados Unidos, em 1960.

Depois de quase duas décadas, mal me lembrava do homem sobre o qual havia imaginado coisas, mas que nunca tinha encontrado em minha tenra juventude. Foi somente no verão de 1978, durante uma visita a Chipre, que o meu interesse pelo “Mago de Strovolos” voltou a se manifestar. Eu conversava despreocupadamente com uma velha amiga, uma filóloga, quando esta me confidenciou que seu marido, um juiz, e ela pertenciam a um semi-secreto “Círculo para a Pesquisa da Verdade”. Para minha surpresa, o mestre espiritual desse culto místico era nem mais nem menos que o “Mago de Strovolos”. Imediatamente me interessei em me encontrar com ele.

Já era quase fim de agosto quando fui, de carro, com minha amiga, a Strovolos, um subúrbio de Nicósia, para me encontrar com Spyros Sathi. Que ironia, pensei, ter de passar dezoito anos nos Estados Unidos antes de poder conhecer este homem misterioso, que morava a apenas

duas milhas da minha casa! Eu esperava uma pessoa de índole austera e olhar feroz, como sua reputação. Nenhuma de minhas idéias preconcebidas estava certa. Ele era um alto e bondoso avô, com sessenta e tantos anos, um funcionário público aposentado que vivia frugalmente da sua pensão do governo. No lugar de um feiticeiro meio louco e ameaçador, encontrei uma pessoa entusiasta e profundamente religiosa, com grande senso de humor, que incluía entre seus passatempos a pintura e a música clássica. Ele se dizia uma pessoa que faz curas e um “psicoterapeuta”, um médico de almas cujo principal objetivo na vida era aliviar a dor à sua volta, como costumava dizer, e auxiliar aqueles que estivessem interessados e preparados a partir para uma viagem de autoconhecimento.

— Já nos encontramos! — exclamou ele quando o encontrei pela primeira vez, colocando a mão direita na testa.

— Acho que não — disse eu sorrindo, e estendi-lhe a mão enquanto minha amiga nos apresentava.

— Já nos encontramos — afirmou com certeza, convidando-nos para sentar em sua pequena sala de visitas. Imaginei que tivesse me confundido com alguma outra pessoa e deixei por isso mesmo.

Daskalos, como era chamado por minha amiga, ofereceu-nos café e perguntou sobre meus antepassados, um costume em Chipre onde, numa população de pouco mais de meio milhão, “todos são parentes de todos”. Comecei então a fazer perguntas sobre sua vida e ensinamentos. Para minha grande surpresa, Daskalos era um homem comunicativo e respondeu sem reservas a tudo o que eu perguntava. Ele até me convidou para assistir às reuniões que fazia a cada quinze dias. Naquele primeiro encontro, compreendi que seus sentimentos eram uma mistura de misticismo cristão e religião hindu. O conceito de Karma, ou a lei de causa e efeito, como dizia ele, e a doutrina da reencarnação pareciam ser a parte principal do que ele ensinava a seus discípulos. Minha curiosidade sobre o mundo de Daskalos intensificou-se à medida que eu entendia não ser ele, absolutamente, um xamã primitivo, mas sim um homem muito culto e claro no que dizia. Mesmo assim, do meu ponto de vista, o mundo em que ele vivia era misterioso e exótico.

— Ouvi falar de curas miraculosas feitas pelo senhor — disse eu. — Existe a possibilidade de eu testemunhar tais milagres? — Confessei a Daskalos minha dificuldade em aceitar a idéia de “milagres”. Continuei, dizendo que a literatura antropológica está cheia de relatos sobre curas

extraordinárias feitas por xamãs e curandeiros. — Mas eu preciso testemunhar tais fenômenos pessoalmente antes de poder me convencer — acrescentei.

— Em primeiro lugar — respondeu Daskalos sorrindo —, estas curas sobre as quais você ouvir falar não foram feitas por mim, mas pelo Espírito Santo. Eu não sou mais que um canal dessa superinteligência. Se você vai testemunhar ou não um chamado milagre, não é da minha alçada. Se for parte do Plano Divino que você presencie um milagre, então você presenciará. Mas não se pode fazer um milagre acontecer.

Naquele dia, antes de eu partir, Daskalos me convidou para assistir a uma reunião que ele faria com alguns dos seus alunos na tarde do dia seguinte na Stoa, um pequeno quarto no fundo do quintal, separado do resto da casa, onde ele treinava seus discípulos. A Stoa era dividida em duas partes: a parte principal onde Daskalos transmitia os ensinamentos, e o Santuário, onde fazia suas meditações e preces. O Santuário estava repleto de artefatos religiosos, imagens de Cristo, da Santa Virgem e velas brancas. Havia um cálice de prata no altar e, a seu lado, uma pequena espada sem ponta, colocada sobre uma cruz. A Espada Sem Ponta, fiquei sabendo mais tarde, tinha grande significado simbólico para os círculos de Daskalos.

Aceitei o convite para assistir à reunião, com Emily, minha mulher, que se encontrou com Daskalos pela primeira vez. Quando chegamos à casa, meia hora antes da reunião, Daskalos, sentado em uma poltrona e usando um avental de couro semelhante ao que os açougueiros usam em Chipre, havia acabado de fazer uma cura e parecia exausto. A seu lado sentava-se um lavrador de aparência rude e sorriso alegre.

— Lá vem o São Tomé! — disse Daskalos, de forma jocosa ao me ver entrar na sala com Emily. — Se você estivesse aqui dez minutos atrás, teria testemunhado um milagre. — Daskalos explicou que o visitante sofria da coluna há quase vinte anos, em consequência de espancamentos sofridos enquanto estava nas mãos dos soldados ingleses, durante a revolução anticolonialista dos anos 50.

— Agora ele está bem — declarou confiante. — Se for examinado agora, o raio X mostrará uma coluna completamente curada.

O camponês, com um olhar incrédulo, continuou a sorrir alegremente enquanto eu lhe fazia perguntas sobre sua moléstia. Ele me contou que se sentia muito bem, que as dores que vinha sofrendo durante todos aqueles anos haviam cessado.

— Gostaria de ter tempo para estudar isso — murmurei —, mas volto para os Estados Unidos amanhã.

— Devo-lhe alguma coisa? — perguntou o camponês depois de algum tempo.

— Claro que sim! — respondeu Daskalos. — Faça exatamente o que lhe aconselhei fazer. Coma e beba menos, e tome vitaminas. — Apesar da insistência do homem, Daskalos recusou-se a aceitar qualquer compensação por seus serviços.

Na hora em que a reunião deveria começar, Daskalos parecia revitalizado, como se tivesse sido reanimado por alguma energia misteriosa. Depois de uma pequena oração, começou a aula. O homem, disse ele, é uma entidade eterna, uma emanação da “Mônada Sagrada” que, depois de sua passagem pela “Idéia do Homem”, um arquétipo interno ao Absoluto, adquire forma e existência. No momento em que passamos através da Idéia do Homem, iniciamos nossos ciclos de encarnações. A meta principal é voltar à origem, levando conosco as experiências acumuladas nas vidas terrenas.

Daskalos, então, falou a respeito da Mente como substância a partir da qual os “universos” são construídos. É o material a partir do qual nós, seres humanos, formamos os “elementais”. Criamos tais elementais através dos nossos pensamentos e sentimentos. Uma vez “projetados”, eles têm vida própria e podem afetar aqueles que, ao nosso redor, “vibram” na mesma frequência.

Não nos foi fácil acompanhar o sentido de sua fala, por ser esta a primeira vez que ouvíamos tal linguagem. Concluí que para entender o vocabulário e a visão do mundo de Daskalos, seriam necessários repetidos encontros e conversas com ele.

Nossos filhos e Emily permaneceram em Chipre, enquanto eu voltei ao Maine para lecionar durante o outono de 1978. Nos reencontraríamos em Chipre no Natal e, então, começaria a minha licença, na primavera de 1979. Isso nos daria nove meses seguidos em Chipre, uma grande oportunidade de nos misturarmos à nossa cultura de origem e de reaquecermos velhas amizades, assim como de fazer novas. Ao mesmo tempo, eu planejava completar um manuscrito sobre o problema do terrorismo internacional, cujo material eu já havia compilado.

Nas profundezas da minha mente, entretanto, estava escondido Spyros Sathi. Os breves encontros com ele me haviam intrigado, con-

duzindo-me a outras leituras sobre xamanismo e curas não-médicas. Lá pelo meio do semestre, enquanto eu lia *Rolling Thunder*, de Doug Boyd, um estudo sobre um curandeiro índio norte-americano, fui literalmente sacudido pela idéia de passar minha licença compilando material sobre Spyros Sathi, com a intenção de no final escrever um livro sobre ele. O manuscrito sobre terrorismo, pensei, poderia esperar.

Por outro lado, não tinha certeza se ele me permitiria ser coisa alguma além de seu discípulo. Eu sabia de sua aversão à publicidade. Ainda assim, sentia que já éramos bons amigos e esperava que ele não se opusesse. Para facilitar as coisas, enviei-lhe uma carta e um livro que eu havia publicado sobre o desenvolvimento político e social de Chipre. Em minha carta, nada mencionei sobre minhas intenções; simplesmente escrevi: “Estou lhe enviando este livro porque compreendi o quanto o senhor está interessado pelos problemas de Chipre. Vejo-o em dezembro.”

No segundo dia depois de voltar à ilha, visitei minha amiga filóloga e falei a ela sobre minhas intenções.

— Não se entusiasme — ela me avisou. — Daskalos nem sequer dá entrevistas.

Apesar do seu aviso desanimador, achei que deveria tentar a sorte. Não via Daskalos há mais de três meses e estava ansioso por restabelecer contato com ele o mais cedo possível. Quando cheguei à sua casa, ele estava ocupado com uma sessão de cura. A porta da sala estava fechada, mas pude ouvir claramente as vozes. Sentei-me no vestíbulo e esperei enquanto Daskalos diagnosticava que os problemas de pele do paciente eram psicológicos e que a cura implicava em mudança de atitude da parte dele.

— Onde você esteve todo esse tempo? — disse Daskalos ao me ver, enquanto acompanhava seu visitante até a porta. Para meu desapontamento, ele não parecia lembrar que eu havia estado nos Estados Unidos nos últimos quatro meses.

— O senhor não recebeu minha carta? — perguntei, um tanto intrigado.

— Que carta? — respondeu ele, fingindo ignorar ter recebido um dia uma cópia do meu livro.

— É este? — disse um jovem que parecia ser um dos aprendizes de Daskalos, ao abrir uma gaveta e tirar dela o meu livro.

— Sim, é este — respondi.

— Você escreveu isso? — exclamou Daskalos apontando para o volume.

Obviamente, ele não se dera ao trabalho de dar uma passada de olhos e explorar o conteúdo do livro; nem mesmo tinha notado que eu era o autor. Fiquei com o ego ferido. Tive a impressão de que a possibilidade de eu conseguir a permissão de escrever um livro sobre ele era, naquele momento, remota. Mesmo assim, apesar da situação embaraçosa, decidi insistir.

— Eu estarei em Chipre nos próximos nove meses — disse — . . . tenho minha licença sabática na universidade e . . .

— O que é uma licença sabática? — interrompeu ele. Quando expliquei, ele meneou a cabeça, incrédulo.

— Está querendo me dizer — retornou ele enquanto franzia as sobrancelhas fazendo uma careta brincalhona — que será pago por todo esse tempo sem trabalhar? Que ótimo uma folga assim! — comentou, dirigindo-se a seu jovem aprendiz.

Antes de eu poder protestar que uma sabática não era o mesmo que férias, ele me desconcertou com uma pergunta embaraçosa.

— Por falar nisso — disse com uma voz baixa e provocativa —, se me permite, podemos saber quanto ganha? — Senti-me colocado contra a parede, mas Daskalos parecia ignorar meu embaraço. No meu entender esta é uma das coisas que, simplesmente, não se perguntam.

— Claro! — respondi, engolindo o excesso de saliva, e revelei o meu salário.

— Quanto dinheiro! — comentou maravilhado e pasmo, sacudindo a cabeça. Apressei-me a explicar, embora meio sem jeito, que tal salário poderia parecer alto, mas que não era considerado nem médio pelos padrões norte-americanos. Daskalos parecia não querer entender. Suas reações fizeram com que eu me sentisse um membro da família dos parasitas. Naquele momento, percebi a sabedoria dos conselhos da minha amiga. Entendi que as possibilidades de escrever um livro sobre ele eram, por todos os motivos, nulas. Daskalos absolutamente não me levava a sério.

— Gostaria de usar minha licença sabática para escrever um livro sobre o senhor — disse eu, depois de tomar coragem. Sabia perfeitamente qual seria a resposta.

Ele permaneceu sério e pensativo durante alguns segundos, sem dizer palavra.

— O que de tão importante você quer escrever sobre mim? — perguntou, num tom de voz mais baixo.

Respondi que grande número de pessoas que falam a língua inglesa no mundo inteiro, e sobretudo nos Estados Unidos, estariam muito interessadas em ouvir sua mensagem sobre a vida.

— Mas o que eu ensino não é a minha mensagem — interrompeu-me enfaticamente, levando as mãos para o lado. — Eu sou um simples canal de Yohannan e outros mestres invisíveis.

— Quem é Yohannan?

Daskalos explicou que Yohannan era nada mais nada menos que o discípulo de Jesus, João o Evangelista; ele falava através do corpo de Daskalos.

— Muitas vezes as vibrações de sua presença são tão intensas que o meu cérebro físico tem dificuldade em canalizar seus ensinamentos. Em tais casos, eu saio do meu corpo e deixo Yohannan tomar plena posse dele, enquanto me sento na platéia e ouço a conversa. Você entende agora por que não tenho mérito algum quanto aos ensinamentos?

Daskalos silenciou por um momento e dirigiu-me um olhar penetrante. — A fama é uma armadilha em nosso caminho espiritual — retornou ele, como que para avisar a si próprio e a mim dos perigos que a publicidade encerra. — Eu preciso ficar anônimo.

É o fim do meu projeto, pensei, e comecei a me resignar a esta idéia. Entretanto, antes que eu pudesse completar meu pensamento, Daskalos me surpreendeu.

— Você pode escrever sobre os ensinamentos, se desejar, desde que eu não receba os méritos — disse calmamente. Fiquei muito feliz e prometi guardar seu anonimato o quanto pudesse. Afinal, o nome Daskalos é um título muito comum na Grécia; é como as pessoas tratam os professores.

— Estou muito contente que o senhor tenha me permitido escrever sobre o seu mundo — disse, sem rodeios. — Mas sinto-me intrigado. Por que eu? Sei que até hoje o senhor tem se recusado a dar uma simples entrevista.

Ele sorriu e olhou para mim intensamente. — Antes que eu lhe dê uma resposta, diga-me: você acredita em reencarnação? — Fiquei surpreso com a pergunta direta e, por um momento, perdido, sem saber o que dizer. Nos meus estudos sobre sociologia aprendi a ser cético e a

evitar perguntas metafísicas consideradas impossíveis de responder. Temos sido levados a acreditar que tais perguntas interferem na objetividade e imparcialidade necessárias a uma observação válida.

— Não tenho em que me basear para acreditar ou deixar de acreditar — respondi. — Mas estou disposto a ser convencido. — Mencionei, então, que ficava sempre impressionado com a eloquência dos argumentos apresentados em favor da reencarnação através dos tempos, de Platão aos teosofistas e a Madame Blavatsky.

Daskalos refletiu sobre minha resposta e fez com a cabeça um sinal de aprovação. De repente, começou a responder à minha pergunta.

— Esta não é a primeira vez que nos encontramos — disse ele com toda sinceridade. — Já nos conhecemos em quatro encarnações diferentes. Nosso encontro nesta vida — continuou ele enquanto eu notava algo de misterioso em seu rosto, e muito provavelmente, eu mesmo parecia perplexo e incrédulo — não é acidental, assim como não é acidental o fato de você ter um vivo interesse por política e misticismo. Você viveu na Índia no tempo em que eu era um iogue, e nos conhecíamos. Sua principal preocupação naquela encarnação era fazer o papel de mediador entre várias tribos em guerra. Só que você era tão inepto — continuou Daskalos e começou a rir — que, apesar de suas boas intenções, não conseguiu impedir o início de uma guerra.

— Durante o reinado da rainha Isabel da Espanha — continuou —, quando os espanhóis forçaram os mouros a sair da Península Ibérica, outra vez você estava no meio da confusão política. Sua mãe era moura e seu pai espanhol. Você tentou ser o mediador entre os dois grupos em guerra. Mais uma vez sem sucesso. Aquela aventura quase lhe custou a vida.

— Seu interesse pelo misticismo desenvolveu-se no Tibete, onde você se encarnou diversas vezes. Sua obsessão por encontrar a Verdade fez com que vagasse de lamaseria em lamaseria. Na encarnação atual, sua lamaseria é a universidade onde agora leciona.

Não pude deixar de sorrir depois desta última observação. A idéia de a Universidade do Maine ser minha atual lamaseria era muito divertida.

— Você esteve a ponto de ser iluminado diversas vezes, no passado — continuou Daskalos à medida que se concentrava em meu rosto —, mas costuma recuar no último momento.

— De que forma?

— Sua atenção é desviada para outras preocupações mais mundanas. Por falar nisso — interrompeu-se Daskalos de repente, antes que eu tivesse a oportunidade de digerir a história das minhas encarnações —, eu já o apresentei a Iacovos?

O jovem que tinha estado ouvindo calado sorriu ao sermos apresentados.

— Iacovos — disse Daskalos casualmente, como se quisesse me chocar ainda mais — tem quatro mil anos de idade.

— Estranho — comentei, rindo —, ele não parece ter mais do que vinte anos.

Daskalos afirmou que Iacovos e ele eram “velhos amigos”, sua amizade tinha começado há milhares de anos.

— Para quem poderei contar essas histórias sem ser chamado de louco? — disse Daskalos enquanto tocava em meu joelho. — Até mesmo alguns de nós — continuou enquanto se virava na direção do jovem aprendiz —, apesar das nossas experiências, às vezes nos perguntamos se os poderes que temos são reais ou não. Ele agora só tem dezenove anos — disse Daskalos virando-se para mim —, e muitas vezes questiona a realidade das suas próprias experiências. Eu próprio tinha dúvidas, nessa idade.

— A lógica, às vezes, nos atrapalha — murmurou Iacovos como que pensando em voz alta.

— Lógica, lógica... — Daskalos reagiu, sacudindo a cabeça com impaciência. — Se você se ativer à lógica, não irá muito longe. O que é a lógica senão um modo de pensar convencional, num determinado tempo e lugar? Nossa preocupação é com o Logos, a Razão, a Verdade, que estão além do tempo e do espaço.

Então mencionou que, todas as noites, ele e alguns dos seus alunos se tornavam “auxiliares invisíveis”. Eles faziam “exomatose”, isto é, saíam de seus corpos e viajavam para lugares distantes “a fim de serem úteis”. Os que tinham a capacidade de fazer exomatose eram seus discípulos mais adiantados, que já haviam vestido a “veste branca”, um uniforme simbólico significando iniciação no exclusivo círculo secreto.

— Com meus auxiliares invisíveis — disse Daskalos —, vamos a todo o Oriente Médio, inclusive ao Irã e à Turquia. Em nosso trabalho não há nenhuma nacionalidade, nenhuma religião, nenhuma raça.

Quando perguntei de que maneira é possível a exomatose, Daskalos respondeu que todo ser humano possui três corpos e não um só,

como comumente se presume. — Temos — disse ele —, além do nosso “corpo de matéria densa”, um “corpo psíquico”, o corpo dos sentimentos, e o “corpo noético”, o corpo que expressa nosso estado mental. Cada um dos três corpos vive dentro de uma certa dimensão da existência, a dimensão da matéria densa, a dimensão psíquica e a dimensão noética. Os três corpos expressam nossa “personalidade atual”, que é uma manifestação do nosso eu interior, a “personalidade permanente”. Quando o nosso corpo de matéria densa morre, continuamos a viver nos mundos psíquicos com nosso “corpo psíquico noético”. Um místico experiente pode deixar seu corpo material quando desejar, viajar com seu corpo psíquico noético como pura autoconsciência e então voltar a seu corpo físico completamente consciente das experiências tidas quando em exomatose.

— Cada um dos três corpos — continuou Daskalos — tem seu correspondente “duplo etérico”, o campo energético que mantém os três corpos vivos e ligados uns aos outros. A vitalidade etérica, o que faz com que a cura seja possível, é a energia cósmica que os cientistas ainda têm que descobrir. Esta energia é absorvida por nossos corpos através de certos centros psiconoéticos, os “chakras” ou “discos sagrados”.

Daskalos disse que algum dia, quando eu partisse no caminho para a pesquisa da verdade, eu experimentaria todas essas verdades.

— É melhor — continuou ele, pausadamente — não falar de tais assuntos em público porque as pessoas se escandalizam.

Expliquei então que, nos Estados Unidos, há um crescente interesse por misticismo e que as pessoas não se escandalizam com tanta facilidade.

— Talvez seja assim nos Estados Unidos, mas não aqui em Chipre.

— Entendo — concordei, percebendo que Daskalos se referia às diversas tentativas de excomunhão, que a igreja local lhe fizera.

— Diga-me — perguntou de súbito Daskalos —, por que você está interessado em escrever este livro?

Sua pergunta me pegou de surpresa; afinal, eu presumia ter me explicado o suficiente.

— Não tenho como saber — respondi com determinação — se o mundo no qual o senhor vive é real ou não. Mas devo confessar que estou fascinado com o que o senhor já me disse sobre ele. Eu seria um hipócrita se não admitisse que minha ambição é escrever um bom livro,

o qual retratará tão acuradamente quanto possível o mundo como o senhor o vê. Também quero aprender como proceder para ter experiências semelhantes às suas. Estou pronto a seguir suas instruções sobre exercícios de meditação e tentar entender seus ensinamentos sobre o caráter da realidade.

— O que mais? — disse Daskalos, suavemente, e me olhou com gravidade. Percebi que havia achado minha resposta inadequada.

— Bem — retornei, um tanto perplexo, suspeitando do que Daskalos tinha em mente —, no caso de eu evoluir e desenvolver poderes psiconóéticos, gostaria de, eu mesmo, fazer curas e ser útil aos meus semelhantes.

— Ótimo! — exclamou Daskalos, recostando-se na cadeira com um olhar satisfeito. — Esta é a nossa missão na vida. Ser útil aos nossos semelhantes. Lembre-se, a colheita é abundante, mas poucos são os colhedores. Você — continuou ele apontando para mim —, com seus conhecimentos sobre a sociedade, poderia prestar relevante serviço. Poderia construir belos mundos onde os homens conseguissem viver em paz e harmonia.

— Farei o possível — respondi ingenuamente, sem ter a menor idéia do que Daskalos queria dizer com esta afirmação tão idealista.

Com tristeza nos olhos, ele explicou que toda a região do Oriente Médio estava sendo flagelada por grande violência e sofrimento; que era preciso agir com a maior urgência possível; que os padrões morais estavam sendo abandonados em toda parte e que havia muita selvageria e injustiça.

Naquela noite, quando fui para casa, refleti sobre o meu encontro com Daskalos; parecia-me que tinha ficado definida, para mim, a natureza do meu relacionamento com ele nos próximos anos. Minhas respostas espontâneas às suas perguntas evidenciaram, em minha mente, a metodologia que eu deveria seguir para estudar o mundo de Daskalos.

Mesmo antes do nosso último encontro, eu havia compreendido que, para estudar os círculos de Daskalos, não seria apropriado fazer uma abordagem sociológica convencional; isso, pensei, me forçaria a fazer certas perguntas e a excluir outras que, a meu ver, eram muito mais significativas e interessantes. Em vez disso, preferi me tornar um observador participante, no sentido mais abrangente da palavra. Para entender a realidade de Daskalos, precisei me transformar num discí-

pulo, e tentar observar o mundo dele a partir da sua experiência. Decidi usar a sua linguagem em nossas conversas, sem quaisquer idéias preconcebidas sobre a validade objetiva da sua realidade. Em vez de impor minhas teorias para explicar o mundo de Daskalos, achei apropriado seguir um método fenomenológico e deixar que ele explicasse o seu mundo, usando a sua linguagem e conforme o seu entendimento. Minha ambição como pesquisador, portanto, era usar meus conhecimentos de pesquisa de campo e observação para trazer à superfície da consciência social a vida, o trabalho e a visão do mundo de um mestre espiritual extraordinariamente bem-dotado.

Exorcizando os Espíritos Nazistas

Acordei bem cedo e comecei a compilar minhas anotações. Eu não veria Daskalos antes das quatro daquela tarde, hora para a qual havia sido marcada uma reunião com os alunos. Daskalos me dissera, na véspera, que não poderia me ver mais cedo porque tinha algumas coisas a fazer.

O telefone tocou por volta das oito horas. Era Maro, uma amiga da minha irmã. Ela queria saber se eu poderia conseguir um encontro com Daskalos para alguns amigos dela. Explicou que eram judeus recém-chegados de Israel. A filha deles apresentava problemas psicológicos graves. Os médicos nada podiam fazer e eles tinham consultado vários psiquiatras, sem resultado algum. A moça estivera perfeitamente normal até a noite em que sonhara com demônios atormentando-a. Desde então, passara a ouvir suas vozes e a vê-los nos sonhos. Ela precisava desesperadamente de ajuda, porque seu estado se agravava a cada dia. Esta moça viera a Chipre com a mãe, para visitar uma tia. Maro perguntou se eu poderia marcar um encontro com Daskalos naquele mesmo dia.

Depois de alguns telefonemas, localizei Daskalos. Marcamos o encontro para as onze e meia. Ele explicou que até aquela hora já teria acabado o que tinha para fazer. Maro chegou com os amigos um pouco antes do encontro com Daskalos. Ela me apresentou às três mulheres judias, mãe, filha e tia. Elas falavam muito mal o inglês e conversar não era nada fácil, devido ao seu visível desassossego. A moça parecia “normal”, mas notei uma profunda ansiedade e tristeza em seu rosto.

Demoramos apenas quinze minutos para ir, de carro, até a casa de Daskalos. Maro não veio conosco porque, disse, ficava apavorada

com “tais assuntos”. Ela nunca encontrara Daskalos, mas conhecia sua reputação de especialista em ocultismo. O simples fato de pensar nele a enchia de pavor.

Daskalos estava com um dos seus alunos mais chegados, Loizos, que estudava Medicina na Universidade de Atenas. Pedi que as três se apresentassem. Então, expliquei a Daskalos, em poucas palavras, a natureza da nossa visita. Ele se ajeitou em sua poltrona e olhou intensamente para a moça.

— Você usa um talismã — disse ele — bem sobre o coração. É uma cruz de seis pontas.

Vi os rostos das três mulheres se iluminarem. Num inglês com forte sotaque, a mãe da moça mencionou que, sob o vestido da filha, no lugar mencionado por Daskalos, havia de fato um talismã em forma de estrela de Davi, feito especialmente para ela por um rabino. Esta demonstração de poderes psíquicos aparentemente confirmou para elas a credibilidade de Daskalos como pessoa apta a fazer curas. Então, ele pediu à moça, Hadas, que lhe descrevesse os fatos. Com a ajuda da mãe e da tia, ela explicou: sempre que “eles” vinham, era como se levassem embora sua alma e deixassem seu corpo morto. Todas as vezes que isso acontecia, ela sentia dores no estômago e na parte posterior da cabeça.

— Não sou normal — concluiu ela. — Esses demônios não vão me deixar descansar um só momento.

— Como pode dizer que não é normal — disse Daskalos — e explicar o que acontece com você de uma maneira tão lúcida e compreensível?

— É o que a mãe dela acha — interveio a tia com entusiasmo. — É tudo imaginação dela.

Notei que Daskalos não se deixou impressionar com esse diagnóstico sobre o problema da moça e continuou a fazer perguntas.

— Você já perguntou a esses espíritos o que eles são e o que querem de você?

— Não, não perguntei — respondeu Hadas.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e seis. — Na verdade, ela não parecia ter mais do que vinte.

— Qual é a sua religião?

— Judaica.

— Feche os olhos, por favor. — Aparentemente, Hadas não entendeu o que Daskalos disse, e sua tia repetiu as palavras em hebraico. A jovem mostrou-se disposta a cooperar e fechou os olhos, enquanto Daskalos fixava os seus nela. Em poucos segundos, Hadas abriu os olhos e Daskalos começou a falar novamente.

— Se quiser que eu a ajude — disse ele —, você precisa me dizer se acredita mesmo em Deus ou não.

— Sim, sim — respondeu a moça com veemência.

— Ótimo! Caso contrário não poderia ajudá-la.

Daskalos apresentou então seu diagnóstico do problema.

— Sua filha — explicou à mãe da moça — não está sofrendo uma possessão demoníaca. — Olhou para mim e continuou: — E nem se encontra possuída por elementais. — Finalmente, dirigindo-se a Hadas, disse:

— Esses que você vê e cujas vozes escuta não são ilusões. São seres humanos. São nazistas. — Vi horror nas faces das três mulheres judias. — São — continuou Daskalos — dois espíritos, marido e mulher, que morreram durante o bombardeio dos Aliados sobre Hamburgo. Eles participaram do Holocausto e torturaram fisicamente um grande número de judeus. Quando partiram para o outro mundo, levaram seu ódio pelos judeus. Conseguiram se apossar de você num momento em que as vibrações deles e as suas estavam na mesma frequência. O marido tomou conta do seu plexo solar e a mulher, do chakra dos seus órgãos genitais. Eles só não conseguiram tomar-lhe o chakra do cérebro. Os dois já levaram para o hospício quatro outras mulheres judias. Mas você não precisa ter medo porque hoje vamos cortar a ligação e mandá-los embora. Já que sua religião é a judaica, faremos o exorcismo de acordo com a Cabala judaica.

Em seguida, Daskalos pediu a Loizos que subisse as escadas, fosse até o quarto e pegasse a Águia Branca, uma pequena estátua que ele guardava na sua mesinha-de-cabeceira. Era o símbolo de magia branca de Daskalos, um símbolo místico muito antigo, como descobri mais tarde. Loizos deveria trazer também uma estrela de seis pontas de prata, um presente que Daskalos recebera de um místico judeu. No centro havia inscrições, em hebraico, dos Dez Mandamentos. Daskalos disse a Loizos que, ao voltar à sala, ele deveria ter as mãos cruzadas sobre o peito, segurando em uma mão a Águia Branca e na outra a estrela de

seis pontas. Também recomendou a Loizos que não dissesse uma palavra enquanto estivesse segurando os dois objetos daquela maneira. Loizos subiu e Daskalos começou os preparativos. Primeiro, acendeu uma vela branca e encheu um copo de água, colocando-o na mesa ao lado da vela. Em seguida, pegou um pedaço de papel branco e canetas de diversas cores. Foi até o Santuário e voltou com a Espada Sem Ponta, beijou-a e colocou-a sobre o papel. Quando Loizos voltou, sombrio e silencioso como deveria, Daskalos pegou a estátua, colocou-a ao lado da vela, e segurou a estrela de seis pontas com a outra mão.

— Chegue aqui — disse ele à moça. Ela se levantou e chegou mais perto da mesa.

— Você sabe ler em hebraico? — perguntou Daskalos.

— Sim — respondeu a moça em voz baixa.

Daskalos, então, estendeu o braço e, com firmeza, segurou a estrela de seis pontas na frente do rosto da moça. Pediu-lhe para ler, em voz alta, os Dez Mandamentos. Depois que ela terminou, ele lhe deu a estrela de seis pontas recomendando-lhe que se sentasse e segurasse a estrela, com a mão direita, sobre o coração.

— Repita depois que eu falar — ordenou Daskalos. — Shalom Alehem, Shalom Alehem.

— Shalom Alehem, Shalom Alehem — repetiu a moça, com voz insegura. Notei algum temor nos olhos das outras duas mulheres, ao ouvirem as palavras em hebraico.

Daskalos, então, sentou-se à sua escrivaninha, beijou a Espada Sem Ponta e pediu a Hadas que fizesse o mesmo. Pediu-lhe para começar uma oração que ela sabia em hebraico. Enquanto ela recitava a oração, Daskalos continuava a murmurar “Shalom Alehem, Shalom Alehem” e, usando a Espada Sem Ponta e uma caneta vermelha, começou a desenhar várias linhas que pareciam ser diversas estrelas de seis pontas, uma quase sobreposta à outra. Seus movimentos eram lentos e seguros. Depois de alguns minutos, ele parou de murmurar “Shalom Alehem” e começou a falar lentamente, ainda desenhando as linhas. Não pude ouvir o que ele dizia. Só consegui ver seus lábios se movendo. Loizos estava em pé, ao lado de Daskalos e ele também começou a murmurar monotonamente “Shalom Alehem” enquanto mantinha os olhos fixos nos desenhos de Daskalos. Hadas continuava sua oração, segurava firmemente a estrela de seis pontas contra o coração e fixava o olhar na chama,

como Daskalos mandara fazer. Notei que as outras duas mulheres estavam sentadas no sofá, lado a lado, uma segurando a mão da outra; ambas observavam tudo com os olhos cheios de água. Era uma cena comovente. Naquele momento, Daskalos mais parecia um rabino do que um curandeiro greco-cipriota. Ao seguir os procedimentos místicos judaicos ele, aparentemente, aliviou a tensão das mulheres judias, tornando mais fácil sua participação e compreensão da sessão de cura. Suponho que, se a moça fosse muçulmana, ele teria seguido o método Sufi para alcançar o mesmo objetivo.

— Não, vocês não são cristãos. Vocês são porcos. Não merecem pena — disse ele em inglês, em voz alta e severa, enquanto se concentrava na chama ao redor da qual movia as mãos. A chama comportava-se de modo muito estranho. Eu já tinha notado isso em várias ocasiões. Daskalos concentrava os olhos na vela e, a distância, em geral entre sessenta e noventa centímetros, movia a palma da mão com movimentos tremidos e rápidos, para a direita e para a esquerda. À medida que fazia isso, a chama se tomava fina e alongada, e uma fumaça negra saía-lhe da extremidade. Em seguida, encolhia e oscilava violentamente. A chama parecia seguir os movimentos da mão de Daskalos. Então, ele mexia a palma da mão para a frente e a passava pela chama, como se tentasse pegá-la. Abria a mão bem em cima do desenho, como se estivesse jogando algo sobre o papel, e murmurava palavras que ninguém podia ouvir.

Daskalos meneou a cabeça em desaprovação, enquanto olhava fixamente e trabalhava com a chama da vela.

— São teimosos — disse ele, como se quisesse informar seu público das dificuldades que estava enfrentando. — Não, vocês não são cristãos — repetiu com voz alta e severa. — Agora eu sou judeu! Shalom Alehem.

Passou cerca de vinte minutos trabalhando com a chama, um período um tanto longo se comparado com outras vezes nas quais eu havia testemunhado processos semelhantes. Quando ele parou, percebi uma expressão de alívio e satisfação em seu rosto. Também observei que, a partir do momento em que ele parou de trabalhar a chama, esta permaneceu parada.

Hadas continuou a repetir sua oração e Daskalos dobrou o papel branco na forma de um triângulo. Então, colocou a borda do papel do-

brado sobre a chama, ateando fogo. Loizos, que continuava murmurando "Shalom Alehem", pegou o papel em chamas das mãos de Daskalos e levou para fora da casa, num recipiente especial, até que o papel queimou completamente. Depois disso, Daskalos pediu à moça que apagasse a vela e em seguida bebesse a água "magnetizada".

— Você não tem com que se preocupar daqui por diante — declarou, de forma autoritária. — Eles não podem mais prejudicar você nem ninguém mais. Ambos foram agora para um lugar onde descansarão em paz até caírem em si. É possível que você ainda sinta um peso na cabeça, mas não se preocupe. São as seqüelas que, gradualmente, passarão. Lembre-se porém: eles nunca mais tomarão a sua aura. Podem tentar afetá-la telepaticamente, mas não conseguirão apoderar-se de você. Se os sentir por perto, basta repetir a oração que esteve dizendo aqui e se concentrar na chama da vela branca. No momento em que fizer isso, eles ficarão assustados e irão embora.

Daskalos voltou à sua poltrona. Parecia cansado. O pequeno Mários, seu neto de três anos de idade que, neste meio tempo, havia entrado na sala, subiu-lhe no colo e descansou a cabeça no peito do avô. Daskalos começou a acariciar a cabeça do menino. Depois de alguns instantes de silêncio, ele disse às três mulheres que lá estavam sentadas, embasbacadas:

— É engraçado, não é? As pessoas carregam consigo seus ódios mesmo no túmulo.

A tia de Hadas, sentada ao meu lado, chegou perto de mim e perguntou, em voz baixa, quanto elas deviam pelo serviço de Daskalos. Aparentemente, era o que lhes faltava ouvir antes de saírem. De alguma forma, eu já esperava por isso e disse à mulher num tom entre sério e jocoso:

— Por que a senhora não pergunta a ele? — Expliquei, então, a Daskalos o assunto da nossa conversa.

— A senhora não me deve nada. — Era a resposta padrão. — A senhora se lembra do caso do rei sírio no Velho Testamento — continuou Daskalos —, que sofria de lepra e foi curado pelo profeta hebreu? — A senhora judia desculpou-se por sua ignorância sobre o Velho Testamento. Por isso, Daskalos explicou resumidamente.

— Quando o rei sírio perguntou quanto ele devia, o profeta respondeu: "Nada! A graça do Senhor não se paga com dinheiro." Mas um

dos seus alunos era ganancioso. Então, quando o rei saiu com seu séquito, este discípulo os seguiu e disse ao rei que o profeta havia mudado de idéia. O rei, então, ofereceu-lhe ouro. Só que o profeta viu, a seu modo, o que havia acontecido e quando o aluno voltou, ele lhe disse: “A lepra do rei passou para você.” E, de fato, o discípulo ficou leproso. Não podemos aceitar dinheiro por algo que não é nosso.

– Você está dizendo, Daskale – interpelei –, que o profeta amaldiçoou o aluno?

– Não, claro que não! – respondeu Daskalos – O profeta era bom e amava seu aluno. Ele previu o que ia acontecer. Foi a ganância do discípulo que o fez ficar com lepra, não o profeta.

– Não entendo – observou Daskalos após uma pequena pausa – como um psicoterapeuta poderia cobrar por algo que não é dele, o éter vivificante do Espírito Santo. Recebemos de graça, devemos dar de graça – concluiu.

Depois desta pequena lição, as três mulheres se levantaram, agradeceram a Daskalos, e nós todos nos retiramos. Na soleira da porta da casa, a tia de Hadas voltou a perguntar se de fato elas nada deviam. Por algum motivo, isso lhe parecia inacreditável. Fiz com que se lembrasse do episódio do Velho Testamento, e entrei no carro.

Uma semana mais tarde, fui visitar as senhoras judias. Queria saber como Hadas se sentia depois do encontro com Daskalos. Maro já me informara que Hadas não mais ouvia vozes desde o dia do encontro com Daskalos. Contaram-me também que ela estivera com um amigo numa discoteca, e que não tinha mais medo de andar sozinha pelas ruas.

– Todos estão muito felizes – contou Maro.

Só vi novamente Hadas no dia em que ela estava embarcando de volta para Israel, acompanhada de sua mãe. Ao contrário do dia em que nos conhecemos, ela estava agora muito comunicativa e mostrou-se disposta a me descrever com detalhes as suas experiências. Mãe e tia estavam presentes. O pequeno grupo parecia muito contente.

– Hadas – perguntei –, poderia me contar exatamente o que aconteceu com você? – Com ajudas esporádicas da mãe e tia, Hadas relatou a sua dura experiência.

– O meu problema todo começou há quatro anos, quando minha mãe viajou para a Romênia. Uma noite saí com alguns amigos. Briguei com meu namorado e o deixei. Voltei para casa e tomei um banho de

chuveiro. Quando fui para a cama, senti algo como que entrando em minha cabeça. Fiquei muito perturbada. Sentia-me mudada. Procurei um médico. Ele explicou que era algo relacionado com meu sistema nervoso. Receitou algumas pílulas. Quando minha mãe voltou da Romênia, ela me levou a muitos médicos. Todos repetiam que eu estava sofrendo dos nervos. Apesar de tomar muitas pílulas, eu não conseguia dormir. Procurei, então, um rabino. Ele explicou que eu precisava rezar porque algo parecido com um demônio havia entrado em mim. Comecei a rezar e, todas as manhãs, vomitava tudo o que tinha comido.

— Mas você ainda não ouvia nenhuma voz? — perguntei.

— Não, no início eu não ouvia. Mas sonhava que vivia em dois mundos: neste e em outro, subterrâneo. Um rabino me disse que, quarenta dias mais tarde, eu vomitaria algo muito volumoso e amarelo, entre outras cores. Ele explicou que, depois disso, eu seria de novo eu mesma, e foi isso que aconteceu. Vomitei todos os dias e no quadragésimo dia vomitei muito e me senti bem outra vez. Saí com os amigos e arrumei um novo namorado. Mas, de novo, algo aconteceu entre nós e desmanchamos o namoro. Fiquei muito perturbada. Desta vez foi mais difícil porque todos os meus amigos estavam casados e eu me sentia muito só. Lembro-me de que eu dormia no sofá quando algo entrou no meu corpo. Começou pelas pernas e então entrou em meu estômago. Senti que entrava em mim mas não ouvi nenhuma voz. Depois disso, começou a me torturar. Fui a vários rabinos e contei tudo a eles. Você só está perturbada. Esqueça, eles disseram. Eu não conseguia esquecer. Doía demais. Depois disso tentei me convencer de que meu problema era apenas psicológico e que eu deveria esquecê-lo. Mas, então, adormeci. Naquele momento, comecei a ouvir vozes bem aqui, na parte inferior do pescoço e elas foram para dentro da minha cabeça. No sonho as vozes me diziam: “No mundo em que se encontra, você não pode ter uma vida como os outros. Vamos mantê-la longe do seu mundo. Vamos torturá-la e fazê-la enlouquecer. Vamos mantê-la em nosso mundo e fazer você se casar aqui.”

— Eles casaram você no outro mundo? — perguntei.

— Sim, casaram. Casaram-me com um homem alto, de bigode. Eu nunca o tinha visto antes. Se o vir novamente, poderei reconhecê-lo. Conheço-o tão bem! E eles me disseram: “Uma vez que a forçamos a se casar em nosso mundo, você não poderá se casar no seu mundo.” Todas as manhãs, ao acordar, eu ia até a cama da minha mãe e pedía a ela: “Por

favor, me ajude. Algo muito estranho aconteceu comigo! Você pode me ajudar?” Ela não podia. Ninguém podia me ajudar. Eu sentia que as vozes estavam destruindo minha mente. Não sabia o que fazer. Fui a outro psiquiatra. ‘Não há nada de errado com você’, ele disse. ‘O problema está na sua mente.’

A mãe de Hadas mencionou que sua filha fora mandada para uma clínica de doentes mentais, de onde fugira uma semana depois.

– Eles me deram pílulas muito fortes – continuou Hadas. – Minhas costas começaram a doer, tinha dificuldades para me locomover e as vozes me atormentavam continuamente. Minha mãe, então, me levou a outro psiquiatra. Ele me disse que eu era tão normal quanto qualquer outra pessoa. Consultei regularmente este psiquiatra, mas de nada adiantou.

– Você descreveu o seu caso ao médico do mesmo jeito que o descreveu para mim agora? – perguntei.

– Não. Só falo sobre isso com pessoas abertas a esses assuntos. Fui falar de novo com o rabino. “Se não parar de pensar nisso”, ele disse, “você vai enlouquecer.” Eu não conseguia parar. Todas as noites eles vinham até mim. Queria que eu me suicidasse. Agora não os ouço mais. Sinto que meu corpo está livre. Mas ainda não estou completamente bem. Minha cabeça parece vazia.

Repeti a Hadas o que Daskalos havia dito; ela teria algumas seqüelas que, gradualmente, desapareceriam. Sua mãe acrescentou que vinha notando grande diferença na filha. Todos concordaram. Agradei a elas pela atenção e me despedi. Minha próxima tarefa seria ver Daskalos e ouvir sua versão da história.

Na manhã seguinte, tomei um ônibus e fui a Strovolos. Ao chegar, vi que Daskalos tinha algumas visitas, por isso esperei na Stoa até que saíssem. Mais tarde, fui até a sala de visitas onde encontrei Daskalos me esperando. Quando mencionei que tinha visto a moça judia e que ela estava muito bem, ele não demonstrou nenhuma surpresa ou interesse especial. “Eu sei”, disse ele sem dar maior importância. Daskalos curava com grande segurança no que estava fazendo e não sentia necessidade alguma de que confirmassem os efeitos da sua intervenção. Ao dizer a Hadas “você está curada”, ele não estava apenas tentando impressioná-la e criar nela um estado psicológico favorável a seu restabelecimento. O próprio Daskalos tinha absoluta convicção de que, objetivamente fa-

lando, ela estava curada, que os espíritos haviam sido exorcizados e que, portanto, ela nada tinha a temer. Eu tinha absoluta certeza de que Daskalos não estava encenando nada.

Não contei os detalhes da minha conversa com Hadas. Apenas mencionei que a tinha visto e que ela estava bem. Eu queria que, naquele momento, Daskalos me explicasse os detalhes do exorcismo.

— Este é um caso — começou Daskalos — que tenho encontrado em diversas ocasiões. Até agora seis ou sete judeus, homens e mulheres, vieram de Israel para serem libertados de “possessões”. — Então, recostando-se em sua cadeira, Daskalos continuou. — Estamos lidando com seres humanos mortos, que durante suas vidas cultivaram um ódio implacável por certas pessoas ou situações e que não foram capazes de fazer uma transição completa para o mundo psíquico. Em vez disso, viram-se oscilando entre o etérico do mundo de matéria densa e o mundo psíquico. Então, encontraram uma situação que lhes permitia entrar em contato com este mundo. De que forma? Possuindo um ser humano vivo que tenha certas fobias ou esteja num estado psicológico tal que possibilite a estes espíritos entrarem nele.

— Mas da maneira como entendo os fatos — interrompi —, as possessões também podem ser feitas por um demônio ou um elemental.

— Claro! — exclamou Daskalos. — Mas a possessão, seja por um demônio, um elemental ou um ser humano falecido, só poderá acontecer se houver razões, ou seja, quando o indivíduo vibrar de forma análoga ao que quer que seja, ou quem quer que seja, que tente entrar nele. Em outras palavras, a própria pessoa deve ter uma predisposição para prejudicar.

— Está sugerindo, Daskale, que a moça judia tinha tal predisposição?

— Aquela moça tinha certas fobias que, se não tivessem sido controladas, poderiam ter se avolumado, prejudicando determinadas pessoas. Para que a possessão aconteça, o esperma de algo semelhante deve existir na pessoa a ser possuída. Esses nazistas tentaram, gradualmente e por estágios, possuir o corpo da moça, e conseguiram. Esses espíritos a estavam levando à destruição. Você percebe? Eles não eram elementais feitos por ela mesma, que saíram e depois voltaram a ela. Tampouco eram elementais de magia negra mandados a ela por alguém que quisesse fazer-lhe mal. Assim, como pode ver, a possessão pode ser demoníaca, feita por seres humanos desencarnados ou por elementais. O tipo de

possessão com o qual é mais difícil lidar é o de pessoas falecidas. Elas têm uma persistência especial. Não é fácil mandá-las embora. E você não pode destruí-las ou dissolvê-las. Elas são seres eternos e não podem ser destruídas. Daí a dificuldade. Por exemplo, eu posso e tenho o direito de dissolver um elemental, não importa o quão poderoso e assustador ele seja. Neste caso, você notou a persistência desses espíritos?

Aparentemente, Daskalos esperava que eu desse uma resposta afirmativa, esquecendo-se, por um momento, que não sou um clarividente como ele e que não poderia notar o que ele estava vendo. Assim, devo ter feito o papel de bobo quando respondi: — Notado o que, Daskale?

— Você não notou que eles se recusavam a deixá-la? Eu os tirava de dentro dela e, então, eles voltavam. Eles me deram muito trabalho, para passá-los pelo fogo.

— É por isso que a chama se comportava daquela maneira estranha? — perguntei.

— Sim. Eu estava tentando passá-los pelo elemento do fogo para isolá-los e então empurrá-los para Erevos.

— Para onde? — perguntei, surpreso. Nunca tinha ouvido tal palavra.

— Para Erevos — disse ele, enfaticamente. — É uma espécie de abismo psicoonético que não chega a ser uma punição, mas um estado necessário, semelhante a, digamos, esquecimento, onde todas as lembranças são apagadas para que, ao recobrar a consciência, seja impossível lembrar de alguma coisa. Você vai ver que o que separa os vários mundos, o etérico da matéria densa, o psíquico e o noético é o véu de Erevos, ou abismo. Quando alguém entra lá, deixa de lembrar, não reage a nada e, ainda assim, sabe que existe. Com grande frequência, os seres humanos entram lá durante o sono profundo. Os gregos da antigüidade chamavam-no de “o resíduo da água”. É um estado necessário para forçar espíritos humanos que vibrem satanicamente a, digamos, esquecer.

— Mas o Karma — disse eu — não esquece.

— Não, claro que não. Eles vão voltar para ter suas experiências e pagar suas dívidas. Erevos é apenas uma expressão da Misericórdia Divina.

— Desta forma — continuou Daskalos —, tentei confiná-los em Erevos. Agora eles se encontram num estado de sono profundo. Eles não têm desejos, e nem o poder de fazer mal a ninguém. Por isso, a moça

judia nada tem a temer. Mas, por eles terem ficado dentro dela durante tanto tempo, causaram uma certa turbulência em seu subconsciente. Ainda há lembranças nela do que eles fizeram. Então, você se sente levado a perguntar por que eu não a levei a um estado tal que ela pudesse se esquecer de tudo? Teria sido muito perigoso. Ela precisa, gradualmente, repor essas lembranças por si. E ela, agora, *está* apta a se defender e perceber que foram *eles* que criaram esses pseudo-elementais nela. Assim, se eu tivesse extirpado essas lembranças, uma por uma, eu poderia ter prejudicado sua personalidade.

— Então, o que está dizendo, Daskale — interrompi-o —, é que esta moça poderá ouvir vozes de novo mas que, neste caso, serão elementais, deixados pelos seres pelos quais foi possuída. E a oração que você lhe pediu para rezar é para que ela própria dissolva esses elementais no momento em que os sentir por perto.

— Exatamente. Foi por isso que ensinei a ela um método que ela poderá aplicar para dissolver esses pseudo-elementais.

— É uma forma de auto-sugestão — disse eu.

— Precisamente. É bem isso. Mas, o que é auto-sugestão? É a construção autoconsciente de elementais para um propósito específico. Por conseguinte, aquela moça tem um caminho para se curar por completo, de acordo com seu próprio ritmo. Jesus, uma vez, disse que ao notarmos ervas daninhas crescendo em um campo onde acabamos de plantar sementes boas, não devemos arrancá-las de imediato. Devemos esperar até que a semente boa se desenvolva por completo.

— Daskale — perguntei —, o senhor estava conversando com aqueles espíritos e disse certas coisas como “você não são cristãos, você são porcos”. O senhor falou mais alguma coisa?

— Sim, muitas coisas, através do pensamento. Eu disse aquelas palavras em inglês, não para os espíritos, já que eu podia me comunicar com eles mentalmente, mas para que a paciente, a moça judia, entendesse o que eu pensava deles. Eu estava trabalhando em ambos os lados.

— Sobre o que mais vocês falaram? — perguntei então.

— Um deles disse: “Você é cristão. Por que se importa com os judeus? Eles são inimigos do Cristianismo. Nós somos cristãos.” Respon-di a eles: “Vocês não são cristãos porque passaram por cima de todos os valores cristãos.” Mas eles insistiram: “Somos cristãos, sim!” Naquele

momento, pude observar que, numa encarnação passada, eles haviam sido membros de uma seita protestante fanática.

— Desta forma — continuou Daskalos —, levei os dois a uma situação tal que os faria perceber que, não só eles não eram cristãos, como também eram porcos, como aqueles espíritos que Jesus mandou para junto da vara de porcos a fim de destruí-los.

— Quando o senhor disse, Daskale, que os havia empurrado para Erevos, o senhor quis dizer que criou elementais angélicos que os acompanharam até lá?

— Exatamente.

— E para fazer isso — continuei —, o senhor teve de passá-los pelo elemento do fogo?

— Sim, claro. E precisei passar a mim mesmo, como consciência, pelo fogo para conseguir levá-los a um estado hipnótico e vesti-los com Erevos. O Erevos onde eles se encontram é tríade. Primeiro, há o Erevos etérico, o qual eles não podem sobrepujar e, desta forma, descer até o plano de matéria densa. Depois, há o Erevos psíquico que vai criar condições psicológicas análogas ao seu restabelecimento, isto é, vai despertar neles aquilo que nós chamamos de consciência. Por fim, há o Erevos noético que os acalmará e colocará sob influência da razão, para que eles se tornem conscientes da maldade de seus pensamentos e ações. Se eu os tivesse colocado no Erevos do total esquecimento, eles não teriam recebido benefício algum. Coloquei-os no Erevos do esquecimento de incidentes e episódios específicos, mas os mantive alerta quanto ao seu modo de ser, para que a consciência pudesse produzir mudanças neles. Troquei as vibrações de ódio, aversão e outros sentimentos do gênero por vibrações de compaixão e, quando não de amor, pelo menos de tolerância. Desta forma, aqueles dois estarão pensando, através dos elementais que coloquei dentro deles. Como vê, não era apenas uma questão de ajudar à moça judia, mas também aos dois nazistas. Por isso, plantei dentro deles um elemental semelhante a um anjo punidor que não vai puni-los de verdade pelo simples gosto de punir; ao contrário, ele vai conscientizá-los de sua própria situação. Entende, agora, o que está acontecendo? Eu os cobri, em seus pensamentos, com um elemental que tem três dimensões em termos de vibrações. E a primeira dimensão, como eu lhe disse, é o etérico, de forma que não permita que eles se apossam de outro organismo humano, o que costuma ser feito através

do fígado e do baço. Por ali eles entram. No Erevos psiconoético, incidentes específicos serão esquecidos, mas o modo de ser, não.

— O que isso quer dizer, Daskale? — perguntei.

— Em outras palavras — respondeu Daskalos rapidamente —, a lembrança de que 'eu sou uma pessoa má porque odiei, tentei matar outra pessoa, tentei eliminar e destruir outra pessoa', permanecerá. E há episódios específicos com lugares, nomes, circunstâncias e assim por diante. Estes são postos de lado no Erevos psíquico e noético e nós invertemos os papéis. Em seus pensamentos, eles agora se tornam os perseguidos em vez de serem os perseguidores. Eles é que vão querer se proteger dos outros, que tentam prejudicá-los. Como vê, eu inverte os papéis. Afinal, é isso que o Karma faz, dia após dia. Eles não se lembram, em detalhe, de quem são. Apenas vivem como se estivessem no lugar de outros, como uma criança que vai ao cinema e depois, durante o sono, sonha que é o herói, fazendo isso e aquilo. Ela passa por certas experiências e depois acorda sem se lembrar das pessoas que pensou serem ela mesma. Uma das características da natureza humana é que as pessoas se identificam com o papel daqueles com quem se harmonizam ou que temem. Portanto, neste caso, removi a lembrança de que eles eram alemães lutando contra judeus, de forma que nenhum outro pensamento ou sentimento de nacionalismo estivesse presente. No lugar disso, coloquei dentro deles um elemental que, com o tempo, transformará o perseguidor em perseguido. O perseguidor não é real e sim um elemental. Por isso chamo-o de anjo punidor. Ele vai despertar neles a consciência, a fim de que se tornem capazes de diferenciar o bem e o mal, para serem capazes de ampliar o significado do bem. É assim que funciona o Karma.

— Parece — acrescentei — que eles estão numa espécie de purgatório.

— É isso mesmo. Eu criei as circunstâncias que os levarão ao purgatório que *eles próprios* criaram. O Plano Divino os colocará lá. Eu mesmo não estou criando Karma para eles. Simplesmente os tomei pela mão e acelerei a sua entrada na situação na qual eles devem viver, criada por eles mesmos. Agora, se eles a percebem como um inferno relativo ou purgatório, é problema deles. Eles a construíram e são os únicos responsáveis por ela. Entretanto, se eu tivesse consentido que permanecessem dentro daquela moça, eles não apenas a teriam destruído, mas

teriam perdido um tempo precioso criando um Karma pior para si mesmos. É provável que tivessem feito mais pessoas infelizes. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa. Essas pessoas que ficam possuídas não são o tipo de santos que, achamos, são atormentados pelos maus. Não acredito que alguém possa ser prejudicado por uma pessoa má se não tiver, dentro de si, algo análogo. Você entende, agora, o que está acontecendo? Entretanto, nunca devemos ser juízes de indivíduos e situações. Em vez disso, devemos intervir para modificar o mal e, no seu lugar, preparar as circunstâncias para que o significado do bem, da ajuda mútua e da criatividade desponte nos corações dos homens, no lugar do sentimento de destruição que o precedeu. Desta forma, quem quer que esteja trabalhando com esses assuntos deve, primeiro, livrar-se de seus próprios preconceitos e sentimentos sobre política, religião e questões sociais. Deve estar acima de tais problemas e, com imparcialidade e objetividade, avaliar cada caso de acordo com sua natureza. Se eu, por exemplo, tivesse uma preferência pelos alemães, e aversão pelos judeus, não teria sido capaz de ajudar aquela moça. Porque, se alguém tem sentimentos a favor ou contra um lado ou outro, esta pessoa fatalmente irá inventar razões racionais para condenar ou para desculpar. Como vê, nosso trabalho de Pesquisadores da Verdade é polimorfo. Lutamos contra a magia negra, fazemos exorcismos, curamos, lutamos contra as injustiças, lutamos contra maus elementais e os dissolvemos e colocamos, em seu lugar, elementais benéficos. Tudo isso faz parte do dever do auxiliar invisível.

— Daskale — perguntei —, o que estava fazendo enquanto desenhava a estrela de seis pontas com a caneta vermelha?

— Desenhei a estrela de seis pontas porque o método que usei foi tirado da cabala judaica. Empreguei o método mais apropriado para a moça, uma judia, e que pudesse exercer a maior influência possível sobre ela. Claro que a estrela de seis pontas é, também, o nosso símbolo.

— Mas o que, exatamente, estava acontecendo enquanto desenhava as linhas? — indaguei então.

— Não reparou? Eu falava com minha mente ou com palavras. Primeiro, procurei apanhar aqueles espíritos numa armadilha e colocá-los onde eu desejava que ficassem. Aí, coloquei-os num espaço-prisão simbólico, para que não pudessem reagir. Como vê, o espaço é para o corpo material denso. E para o corpo psiconoético? Lá o espaço existe como

significado, como concepção. Portanto, criei uma prisão simbólica e os coloquei ali. Então, depois de forçá-los a sair da moça e encerrá-los onde eu queria que ficassem, queimei a estrela de seis pontas para redimi-los e empurrá-los para Erevos. E, de novo, tive de passá-los pelo elemento do fogo para que este símbolo-prisão, por mim criado, não permanecesse no plano da matéria densa. A cabala, lógico, é muito complicada. Por exemplo, com a cabala egípcia precisamos seguir um método diferente. O mesmo ocorre com a cabala cristã.

— Daskale — disse eu —, parece-me que muito poucas pessoas são capazes de fazer o que fez com aquela moça outro dia. Imagine se ela nunca houvesse encontrado o senhor. Isso significaria que ela nunca poderia ser curada?

— Não. Há certos rabinos em Israel que poderiam tê-la ajudado.

— Então o senhor, realmente, se tornou um rabino naquele dia — comentei.

— Exato. Você não poderá ajudar a ninguém a menos que se torne semelhante àquela pessoa. Como reparou, eu pedi a ela que rezasse comigo em hebraico. O fato de eu ser um cristão é irrelevante. Se eu tivesse usado símbolos e preces cristãs ela não os teria aceitado. Ela não teria sido capaz de entender. E suas vibrações, que estavam em sintonia com o modo pan-hebraico de pensar, não teriam permitido que os elementais que eu estava enviando a ela entrassem em seu corpo. Por isso, precisamos começar com o “Shalom Alehem”, que quer dizer “a paz esteja convosco”. Você não reparou como as três mulheres ficaram surpresas ao me ouvirem falar as palavras em hebraico?

— Assim — continuou Daskalos —, com o “Shalom Alehem”, eu estava fazendo as pazes entre as três mulheres judias por um lado, e os espíritos alemães por outro. Por alguma razão, que não vem ao caso, o Karma colocou alemães e judeus lado a lado. Eu queria harmonizar as relações entre as duas partes. Queria tirar aqueles espíritos hostis da moça judia e isolá-los primeiro, mas precisava me certificar completamente de que as mulheres judias não se tornariam, elas próprias, as agressoras. Entende agora o que acontece?

— Se a moça fosse cristã — retomou Daskalos após breve pausa —, eu teria usado o círculo e a cruz. Também poderia ter usado a estrela de seis pontas e colocado cruces nos três triângulos superiores. Neste caso particular, não usei as cruces para que as judias não se opusessem.

Você poderia perguntar: por que colocamos essas cruzes? Na estrela de seis pontas, o triângulo superior simboliza o Absoluto. Os outros dois são o Espírito Santo e o Logos Cristo. Temos, então, os três triângulos inferiores que simbolizam a descida do eu inferior até a matéria.

Daskalos continuou a descrever as diferenças entre as várias cabalas. Depois disso, falamos a respeito de talismãs. Eu disse a ele que todos, e não só eu, ficamos surpresos com o fato de ele ter “visto” o talismã na moça judia. Ele explicou que o “viu” no instante em que bateu os olhos na moça.

— Porém — continuou —, não era um talismã muito poderoso. Era como um escudo que oferece apenas uma proteção parcial em volta do tórax. E o resto do corpo? O tipo de talismã que costumamos fazer é total, e protege não só todo o corpo físico, mas também o psíquico e o noético, como um traje de mergulhador, que envolve o corpo todo. É o que chamo de verdadeiro talismã. É o que os antigos egípcios costumavam fazer.

Nossa conversa terminou com a chegada de Loizos. Daskalos me informou que precisava ir ao hospital visitar alguns pacientes. Prometeu continuar a conversa sobre possessão em outra oportunidade. Deixou claro que, para ele, o assunto era inesgotável.

— Kyriaco — disse Daskalos, rindo —, você pode passar o resto da sua vida escrevendo, livro após livro, sobre esses assuntos.

Elementais

Iacovos telefonou-me certa manhã bem cedinho e disse que me contaria, com prazer, como se tornara membro do círculo secreto de Daskalos. Ele era um dos discípulos mais chegados e estava sendo treinado pelo mestre para sucedê-lo. Repetidas vezes, eu tinha expressado meu desejo de encontrá-lo e falar sobre sua vida mas, por um motivo ou por outro, nunca havíamos conseguido combinar um encontro. Já há três semanas eu não o via. Fiquei muito contente por ouvir sua voz. Apesar da pouca idade, ele parecia excepcionalmente bem instruído sobre os ensinamentos de Daskalos. E o mais importante: era um dos discípulos amados de Daskalos, e achei que, através do jovem iniciado, poderia ter um acesso ainda mais fácil ao mestre. Com o tempo, ambas as minhas previsões se tornaram verdadeiras.

Daskalos mencionara que, durante a invasão da ilha pelos turcos, em 1974, Iacovos fora levado prisioneiro para a Turquia, onde ficou por cinco meses. Durante esse tempo ele se mostrou um exemplo de coragem e, embora tivesse apenas quatorze anos, foi uma inspiração para os outros presos. Segundo contam, costumava postar-se à frente dos guardas, tentando impedir sua passagem todas as vezes que eles vinham à cela para maltratar alguns dos seus colegas de prisão. Como consequência dos seus atos, Iacovos foi espancado com brutalidade. Certa vez, ele disse a um dos guardas, enquanto este o espancava: "Você está batendo em você mesmo, mas não sabe." Daskalos comentara tratar-se de um "auxiliar invisível", que estava ajudando Iacovos durante sua penosa experiência. Era "Irmão Ismael", um mestre que, em sua última experiência corpórea, vivera como um turco.

Num café local, Iacovos me contou sobre seu relacionamento com Daskalos, que começou quando este curou seu pai de um tumor maligno no pescoço. Daquele dia em diante, Iacovos tornou-se um dos mais chegados discípulos de Daskalos. Ele começou a desenvolver seus poderes psiconoéticos antes de ser mandado para a Turquia. De lá, manteve contato com Daskalos através da clarividência e da exomatose, e informou seus colegas de prisão sobre acontecimentos em Chipre os quais, segundo Iacovos, foram mais tarde verificados.

— Você sabe — disse Iacovos —, a primeira vez que comecei a deixar o corpo conscientemente, fiquei muito confuso. Cheguei a um ponto em que eu não sabia qual mundo era mais real, o que nós estamos agora ou os vários planos psiconoéticos onde eu me encontrava durante a exomatose. Mais tarde, aprendi que, numa análise final, tanto este mundo quanto todos os planos psiconoéticos são ilusões e que a Realidade está além de todos os mundos.

A perplexidade de Iacovos me fez lembrar de uma lenda clássica chinesa que conta que Lao Tzu acordou, certa manhã, sentindo-se muito confuso. Ele sonhara ser uma borboleta, mas não tinha certeza se havia sonhado ser uma borboleta ou se ele era, na verdade, uma borboleta sonhando ser Lao Tzu. Será que Iacovos e Lao Tzu, perguntei a mim mesmo, tiveram uma experiência semelhante?

Iacovos recomeçou a falar. Contou que quando estava sendo levado à Turquia, ainda no barco, lembranças de experiências semelhantes de vidas passadas vieram-lhe à mente. — Enquanto os outros prisioneiros choravam e gritavam, eu, repentinamente, senti o Logos vindo até mim na forma de uma luz branca, e me senti em paz.

— Você encontrou alguma outra vez o Logos? — perguntei.

— Sim, exatamente na véspera de me tornar um iniciado no círculo secreto de Daskalos.

— Foi um sonho?

— Não. Eu estava perfeitamente acordado quando Cristo apareceu na minha frente, como uma visão. Ele me fez entender certas coisas sobre minha vida.

— E o que ele revelou a você? — perguntei, e reparei que Iacovos hesitava.

— Ele parou diante de mim — disse ele em voz baixa e triste —, e me mostrou as marcas da Crucificação em Sua mão.

— Qual era a mensagem? — perguntei, persistente.

— Que eu também terei de suportar uma cruz em minha vida — respondeu Iacovos com suavidade. Percebendo que ele não queria mais falar sobre o assunto, mudei a conversa para outros assuntos. Combinamos nos encontrar em Strovolos no dia seguinte, por ocasião da aula de Daskalos.

Cheguei à casa de Daskalos muito antes da hora marcada para a reunião. Antes de qualquer encontro formal com os alunos, Daskalos costumava se reunir com alguns dos amigos mais chegados e conversava, casualmente, sobre uma grande variedade de assuntos, desde política local até as diferentes técnicas de viajar fora do corpo. Quando cheguei à casa, Daskalos estava almoçando com Iacovos e Kostas, outro de seus amigos mais íntimos, um engenheiro de quarenta anos. Encontrei-os no meio de uma discussão sobre os gregos da antiguidade. Recusei, educadamente, seu insistente convite para participar do banquete, mas, com prazer, mergulhei no debate. Daskalos falava sobre o excesso de zelo que os místicos antigos tinham em guardar “seus segredos”.

— Eles deveriam ter tentado instruir o povo, sobretudo os filósofos — disse ele com veemência —, em vez de guardar egoisticamente o conhecimento para si.

— Mas e Platão? — perguntei. — Pelo que sei, Daskale, ele esteve envolvido com os mistérios eleusinos. Muito do que o senhor ensina sobre os mundos noéticos superiores me lembra o mundo de idéias de Platão.

— Há algumas semelhanças, mas nossos ensinamentos não são exatamente os mesmos. Eventualmente, Platão não estava envolvido com os mistérios eleusinos.

— É o que dizem algumas autoridades — observei.

— Eles se enganam. Platão foi ao Egito e se tornou iniciado nos mistérios egípcios. Por isso é chamado Platão.

— Não entendi — disse. — Aprendi na escola que ele era chamado assim porque tinha um tórax largo. O nome Blaton (Platão) deriva supostamente de uma palavra grega que significa “o largo” ou “o que tem ombros largos”.

— Isso não passa de uma bobagem histórica — zombou Daskalos. — Seu nome vem de Baal, que significa Deus, e Aton que, em egípcio antigo, significa “o Deus Invisível”. Baalaton foi reduzido para Blaton e, na tradução para o inglês, tornou-se Plato e para o português, Platão.

Daskalos contou, então, um caso semelhante sobre outro sábio da antigüidade, Pitágoras. Foi ele, segundo Daskalos, que introduziu a idéia de reencarnação entre os gregos.

— Pitágoras viajou à Índia e entrou assim em contato com o misticismo oriental. Ele tirou seu nome de uma palavra em sânscrito que quer dizer “aquele que foi iniciado no templo”.

Comentei que com toda probabilidade a interpretação dos nomes desses filósofos antigos faria muitos estudiosos estranhar. Daskalos não demonstrou o mínimo interesse pela minha afirmação. Suas informações, disse ele, baseavam-se nos Registros Akáshicos e não em interpretações históricas. Ele explicou que Registro Akáshico é o mesmo que Memória Universal. O que quer que tenha existido, exista ou vá existir está registrado nesse supercomputador pan-universal. Além do mais, um único átomo contém em si todo o conhecimento do cosmo. Assim, concentrando-se num único átomo, é possível obter informações sobre algo que tenha acontecido num passado longínquo. Isso se faz consultando os Registros Akáshicos exatamente como um estudioso que entra numa biblioteca para investigar um assunto em especial. Mas, assim como o estudioso, o místico precisa ter conhecimento anterior sobre o assunto que está investigando. Caso contrário, não será capaz de conseguir informação alguma. Por exemplo, se vamos usar os Registros Akáshicos para obter dados sobre a física do século XIX, devemos estar familiarizados com a física, antes de tudo.

— Ainda bem — comentei em tom jocoso — que na ordem natural das coisas há lugar para o estudo convencional. De outra forma, não teria sentido cursar universidades e ler livros.

Enquanto eu ainda estava falando, um Mercedes branco estacionou à porta da casa de Daskalos. Um homem alto, grisalho, de fina aparência desceu e com movimentos lentos entrou na casa. Os olhos de Daskalos iluminaram-se.

— Theophanis!? O que o traz à Nicósia? — Os três ficaram muito contentes em ver aquele homem que parecia ter a mesma idade que Daskalos, mais ou menos sessenta anos.

— Kyriaco — disse Daskalos —, deixe-me apresentá-lo a Theophanis, o “Mago de Pafos”. — Depois de um aperto de mãos disse a ele que tinha ouvido Daskalos e Iacovos falar muito nele, e que estava muito contente por conhecê-lo.

Muito provavelmente, Theophanis era o mais velho entre os discípulos e amigos de Daskalos. A amizade dos dois tinha com certeza mais de quarenta anos. Ele era de Pafos, um porto a sudeste da ilha, a cento e sessenta quilômetros de Nicósia. Ali São Paulo foi preso e chicoteado por pregar o Cristianismo aos pagãos. Os habitantes de Pafos eram conhecidos como devotos adoradores de Afrodite.

Theophanis tinha a reputação de fazer curas; contava com alguns discípulos mas, ao mesmo tempo, era também membro do círculo secreto de Daskalos. Devido aos longos anos de trabalho conjunto, um forte laço de amizade unia os dois velhos. Theophanis, contaram-me, cultivava uma devoção especial por Daskalos. Ao contrário deste, que tinha uma personalidade esfuziante, Theophanis era um homem quieto, que só falava se a ele fosse dirigida a palavra. Mais tarde fiquei sabendo que ele nunca se casou. Quando tinha vinte e cinco anos, ficara noivo de uma moça a quem amava loucamente e que morrera de tuberculose antes do casamento. Theophanis nunca se refizera completamente desta perda preferindo, em vez de pensar num futuro casamento, viver com a memória de sua amada. Dedicou toda sua vida a fazer curas e à sua profissão. Ocupava um alto cargo administrativo no movimento cooperativista, uma instituição tão desenvolvida e bem alicerçada na vida cipriota que servia de modelo para outras sociedades em desenvolvimento.

Enquanto conversávamos, Theophanis perguntou se Daskalos estava planejando uma viagem à Grécia, durante os meses de verão. No verão, Daskalos costumava passar várias semanas em Atenas dando “cursos intensivos” a seus discípulos de lá. Durante o resto do ano ele lhes mandava fitas. A invenção do gravador, disse Daskalos, fazia seu trabalho bem mais fácil. Ele podia, agora, alcançar um número maior de pessoas.

— Vou tirar uns dez dias de férias e gostaria de ir com você — disse Theophanis.

— Ótimo. Mas precisaremos viajar de navio. — Daskalos virou-se para mim e explicou que Theophanis tinha pavor do mar. Além disso enjoava muito facilmente com o balanço das ondas.

— Mas — acrescentou Daskalos —, não se preocupe com o enjôo. Vamos nos certificar de que o mar se acalme para que Sua Excelência possa ter uma viagem agradável.

Pensei que Daskalos estivesse brincando, ou falando por metáforas. Ledo engano. Ele falava muito a sério, embora houvesse uma grande dose de ironia e humor no que dizia.

— Espero que possa acalmar o mar como fez no ano em que fomos a Tinos — respondeu Theophanis, reparando na minha expressão incrédula. Certo verão, explicou-me ele, os dois tinham ido de navio a uma peregrinação à ilha grega de Tinos, conhecida por uma imagem da Virgem Maria que diziam ser capaz de fazer milagres. O mar ao redor de Tinos é famoso por sua constante turbulência. Daskalos, segundo Theophanis, usou seus poderes especiais e acalmou as águas. Quando desembarcaram, os pescadores e marinheiros do lugar estavam intrigados com a repentina tranqüilidade do mar.

— Como pôde fazer isso? — perguntei.

— Expressei minha vontade de que o mar se acalmasse por causa do meu amigo, Theophanis, e o mar me ouviu — respondeu Daskalos, com toda a seriedade.

— Mas como o senhor fez isso? — insisti eu.

— Lá vai você outra vez. Você continua me fazendo a mesma pergunta. Como fez isso, como fez aquilo... Imagine que você tenha Paganini, com violino e tudo, à sua frente e você lhe perguntasse: “Senhor Paganini, como é que o senhor toca seu violino?” O que acha que ele lhe diria? Acha que ele poderia explicar como ele toca seu instrumento? O mesmo acontece comigo. Eu faço, mas não me pergunte como. Não posso explicar para você.

Tais fenômenos, disse Daskalos, não deveriam nos escandalizar. São poderes latentes em todo ser humano. Além do mais, o próprio Jesus acalmou as ondas. Já que todo ser humano tem, dentro de si, o Logos Cristo, isso significa que todo ser humano é, potencialmente, capaz de usar tais poderes.

Já eram quatro horas da tarde e os discípulos de Daskalos estavam reunidos na Stoa, esperando seu mestre para a palestra marcada. Terminamos nossa conversa após uma pequena incursão pela atual confusão da política local. Parecia que ninguém em Chipre deixava de discutir a política local. Era o principal assunto, tanto entre os jovens quanto entre os idosos. Por ter de enfrentar forças de ocupação ao norte, a política adquiriu uma intensidade de proporções existenciais.

Elementais era o assunto da palestra de Daskalos. De início, ele resumiu muitas das idéias já discutidas em reuniões anteriores. Era seu método pedagógico repetir a matéria dada rotineiramente até que os alunos a tivessem digerido por completo.

— Elementais — explicou — têm vida própria, como qualquer outra forma de vida, e podem ter uma experiência independente daquela que os projetou. Qualquer pensamento e qualquer sentimento que um indivíduo projeta é um elemental. — A seguir, Daskalos explicou que há dois tipos de elementais: os produzidos subconscientemente, que ele chamou de elementais de “desejos-pensamentos”, e os construídos conscientemente, chamados “pensamentos-desejos”.

— Um indivíduo — continuou — pode vibrar através de pensamentos e de sentimentos. O modo como a pessoa vibra determina o tipo e a qualidade dos elementais que ela cria. Quando ela vibra, primeiro, através dos sentimentos, está sujeita ao impacto das emoções e desejos, tendo o pensamento um papel subserviente. Estes são os elementais de desejos-pensamentos. Quando o indivíduo está sob a influência do pensamento, ele constrói elementais feitos de substância noética e se torna um mestre do poder de visualizar imagens mentais. Um pesquisador da Verdade deve treinar-se para construir elementais poderosos mas benéficos, feitos de fortes pensamentos, dentro dos quais desejo e sentimento desempenham um papel de apoio. Esses elementais de pensamentos-desejos duram mais, são mais poderosos e tendem a completar muito mais rapidamente a tarefa para a qual foram construídos.

— Elementais de desejos-pensamentos são uma característica das pessoas comuns, que não têm entendimento sobre a natureza do pensamento e do desejo. Conseqüentemente, elas, com freqüência, são presas fáceis dos elementais que elas mesmas criaram. De acordo com a lei da Natureza, os elementais, uma vez projetados para fora, voltarão, no final, ao subconsciente da pessoa que os criou. Eles então afloram das profundezas da memória ao nível consciente para adquirir uma nova energia e retirar-se outra vez. O mesmo ciclo se repete até que tais elementais conseguem ficar no subconsciente da pessoa numa base mais permanente. Nesse caso, eles absorvem energia do duplo etérico do indivíduo e, desta forma, prolongam sua vida. É assim que se formam hábitos e obsessões tais como fumar, jogar e beber.

— A tendência que os elementais têm de voltar à fonte que os produziu é o que torna possível a lei do Karma. Um indivíduo, mais cedo ou mais tarde, será confrontado com os elementais que ele, consciente ou inconscientemente, criou.

Numa conversa que tive, certa vez, com Daskalos, ele afirmou que os elementais de desejos ardentes podem retornar à pessoa que lhes deu origem num momento em que ela menos desejar. Nessa ocasião, Daskalos contou que em uma encarnação anterior, quando era um italiano durante a Renascença, ele era obcecado pela idéia de inventar uma máquina de imprimir. O resultado final dessa obsessão foi passar a vida atual trabalhando como linotipista numa oficina de impressão do governo.

— Nossas personalidades atuais — continuou Daskalos — e as circunstâncias nas quais vivemos, são a somatória dos elementais que construímos desde nossa descida ao mundo tridimensional e o começo dos nossos ciclos de encarnação. Os elementais são formados pela mesmíssima substância com a qual a personalidade e os universos em geral são formados, ou seja, por matéria etérica dos mundos noético, psíquico e o de matéria densa.

— Examinemos — continuou Daskalos, enquanto um público de cerca de trinta pessoas escutava com atenção — o processo pelo qual se forma um elemental. Você vai notar que não é possível, para um ser humano, desejar algo antes que ele saiba da sua existência. Por exemplo, quando vejo um objeto, isso quer dizer que vibrações etéricas da luz incidiram em sua superfície e transferiram imagens e formas para os meus olhos. Elas causam uma irritação no nervo óptico e depois no cérebro, o que é gravado na mente como visão. Suponhamos, agora, que eu veja um objeto que os homens consideram precioso, digamos, um colar de brilhantes. Eu me intéiro da existência deste objeto pela visão. Imaginemos que eu seja uma pessoa com um grande desejo de ter um colar de brilhantes. O que acontece, então? Matéria psíquica se concentra em volta da imagem do colar. Forma-se o desejo. É precisamente a matéria psíquica que torna possível o nascimento de um desejo, que é seguido por pensamentos de como satisfazê-lo, neste caso, como conseguir o colar. Uma série de elementais está sendo formada em torno daquele objeto, tendo como principal objetivo a sua aquisição pela pessoa que os projetou. Apenas a consciência da sua existência e o desejo de possuí-lo não são suficientes. Para que tal elemental seja criado, de-

vem acontecer, então, pensamentos sobre o objeto. Subconscientemente, o indivíduo inicia o processo de visualização da imagem mental.

— Vamos imaginar que levamos esta pessoa a um lugar longe do cobijado colar e que peçamos a ela para trazê-lo à sua mente. É provável que ele seja recriado nos mínimos detalhes. Alguma outra pessoa que tenha visto o mesmo objeto, mas que não tenha se impressionado com ele, não será capaz de reconstruí-lo em sua mente de forma apurada. Portanto, concentração e desejo nos levam à construção de imagens feitas de matéria noética. Um pensamento é exatamente isso: a condensação de matéria noética. Começamos a ver aquele objeto através da luz noética. Agora, preste atenção. O que são, verdadeiramente, bens? São aqueles objetos que as pessoas comuns consideram reais? Ou são os elementais que construímos dentro de nós? Suponhamos que eu pegue um objeto precioso que possuímos e o tranque em um cofre. O elemental deste objeto está dentro de nós, é parte de nós. Existe em nossa memória e podemos trazê-lo à consciência quando desejarmos. É nosso. A você, entretanto, ele não parece real. E, ainda assim, se você não puder trazê-lo à lembrança, como pode saber sobre o objeto físico no cofre? Pense nisso. Deixe-me explicar de outra forma. Imaginemos que uma pessoa muito rica — que sabe que num cofre secreto guarda alguns objetos de grande valor — sofra de amnésia. Toda a sua memória se desfaz e some. Que valor você acha que os objetos fora da mente dela terão? Nenhum. Portanto, onde está a verdadeira fonte de valor das coisas? Preste atenção nesses pontos sobre os quais é preciso refletir. Caso contrário, não poderá penetrar e entender a natureza da Vida. O que é a Vida, na realidade, além de ser receber impressões e interpretá-las? Pense no mundo que o cerca. Você pode percebê-lo sem esses elementais?

— Você deve entender, agora, que o fato de percebermos o mundo como bom ou mau dependerá do tipo de elemental que construímos dentro de nós e projetamos para fora. Nada, absolutamente nada, tem valor algum no mundo das três dimensões se não tiver, também, um valor dentro de nós. O que tem valor dentro de nós confere valor ao que está fora de nós. O que quer dizer, por exemplo, “falta de interesse”? Quando um objeto externo a nós não tem sua contrapartida dentro de nós, ele não tem nenhum valor. Portanto, de onde vem esta condição? Do objeto ou de dentro de nós? Tudo está dentro de nós.

Daskalos parou de falar por alguns segundos e, então, começou a explicar a aparência física dos elementais, ou mais precisamente, sobre como os elementais são vistos por um clarividente como ele.

— Quando um elemental é criado, sua imagem aparece na base do nariz, bem no chakra que fica entre os olhos. Um clarividente consegue observar que ele aparece, primeiro, com o formato de um fundo de agulha. No momento em que é lançado para fora do duplo etérico da pessoa, começa a adquirir seu tamanho e forma naturais. Então, passa a se mover para os mundos psíquicos e faz um movimento cíclico, cujo tamanho vai depender da força do desejo. A seguir, volta até a pessoa. Neste momento, entra no corpo psíquico, mas não no mesmo lugar de onde saiu. Entra por um centro diferente, o de trás da cabeça.

— O formato de um elemental vai depender do seu tipo. Pode ser uma casa desejada, uma bicicleta ou um carro, e assim por diante. Estes são exemplos de imagens concretas de desejos-pensamentos que permanecem no subconsciente por um tempo relativamente curto. Isso acontece porque esses elementais, como eu disse, começam vida nova da mesma forma que um embrião procura comida. O elemental aparece, de novo, no disco entre os olhos, e procura uma saída. As vibrações análogas no corpo psíquico da pessoa recomeçam. Ele vai se lembrar e o desejo se torna mais forte. O elemental desprende-se uma vez mais e se move em sua trajetória cíclica. Um indivíduo comum não percebe o que está ocorrendo. O elemental tende a dominá-lo. Pode tornar-se tão poderoso que o indivíduo não consegue controlá-lo. Em tal caso, ele se torna um escravo do seu desejo que, às vezes, pode ser tão intenso a ponto de levá-lo ao hospício. É possível que tal elemental absorva tanta substância etérica do indivíduo que isso até lhe permita, literalmente, materializar-se. Não vamos falar desta triste manifestação por enquanto.

— E os estados insalubres que emergem como resultado direto do nosso egoísmo, tais como raiva, ostentação, ódio, sentimentos de mágoa e outros semelhantes? Esses elementais são construídos da mesma forma que os outros elementais. Repare que o egoísmo é, por si só, um elemental já formado dentro da personalidade autoconsciente. É o produto da repetição de vários elementais. É tão sensível, que a mais leve provocação o coloca em movimento. O egoísmo pode criar uma grande variedade de elementais. Por exemplo, baseados na experiência notamos que, quando um indivíduo tem pensamentos maliciosos e maus contra

alguém, os elementais que ele cria têm o formato de cobras de várias cores escuras, em geral de um verde pútrido. Eles saem do coração ou da base do nariz. Movem-se em direção à pessoa contra a qual, conscientemente ou inconscientemente, os dirigimos e tendem a grudar na aura daquela pessoa. Finalmente voltam a nós. Às vezes, esses elementais atingem o tamanho de uma sucuri, e, quando voltam a nós, sentimos um aperto no coração.

— Você já pensou quantos desses elementais são criados todos os dias pelas pessoas? Se elas fossem capazes de ver a forma dos elementais que projetaram, com certeza ficariam horrorizadas. Isso é o que comumente se chama de “mau olhar”. Certa vez, vi uma pintura de um homem confessando seus pecados e havia cobras saindo de sua boca. Não pense que eram fantasias do artista. Um clarividente consegue, literalmente, ver essas cobras. Com que frequência você vê tais elementais vindo até você durante o sono, assustando-o? Esses elementais são mandados até você por outros ou são sua própria criação. Também é possível que você os tenha atraído durante o sono, vindos do agregado de elementais que flutuam e vagam no mundo etérico. Elementais de desejos-pensamentos têm forma, poder e vida própria. Eles podem tornar-se cobras e ursos, ou outros animais. As crianças os vêem com frequência durante o sono e têm pesadelos.

Daskalos, então, explicou que podemos fechar as portas da percepção quanto a tais elementos fazendo auto-sugestões apropriadas, tais como rezar antes de dormir.

— Também podemos nos acalmar enviando pensamentos de amor até aqueles que não gostam de nós. Agindo assim os desarmamos. Eles não terão como mandar até nós elementais que nos assombram durante o sono.

— Daskale — interrompi —, por que os elementais de ódio e ciúme se parecem com serpentes e não com outra coisa qualquer? A forma é inerente à própria natureza do elemental?

— Os elementais de ódio e ciúme se parecem com serpentes porque, na nossa cultura, fazemos esta associação. Não há nada inerentemente mau nas serpentes ou em qualquer outro animal. A aparência de um elemental depende da linguagem da pessoa e do lugar de onde vem. Elementais são cargas de energia psicoéptica que podem assumir qualquer forma, dependendo de quem os cria. Um clarividente poderá vê-los em uma forma de acordo com sua formação.

— Nesse caso — continuei —, um clarividente proveniente de outra cultura poderá ver os mesmos elementais — na forma de, digamos, coiotes em vez de serpentes.

— Exato. Mas ambos verão a mesma ligação causal entre os elementais projetados e seus efeitos.

— Daskale — perguntou um senhor de meia-idade —, como podemos dissolver e neutralizar o poder dos elementais que nós próprios criamos subconscientemente?

— Você deve ter em mente — respondeu Daskalos — que o poder e a forma dos elementais não são dissolvidos até terem cumprido a tarefa para a qual foram construídos. Por essa razão devemos estar prontos para encarar as conseqüências de nossos pensamentos e ações. Um elemental nos manterá responsáveis não só nesta vida, mas também nas próximas encarnações. Portanto, o construtor de um elemental terá, mais cedo ou mais tarde, que se confrontar com os elementais que ele próprio construiu.

— Você poderá perguntar se, hoje, temos condições de evitar a influência de estados anteriores. Sim, uma vez que usemos uma força igual à dos elementais que havíamos construído. Mas precisamos de sabedoria e de um forte desejo de corrigir erros passados. Podemos resistir ao impacto de velhos elementais ou sucumbir a eles criando outros semelhantes e reforçando os velhos elementais.

— De que forma se pode lutar — perguntou alguém — contra elementais como o vício de fumar ou beber?

— Antes de mais nada, não se deve lutar contra esses elementais. O inimigo é invisível e tende a vencê-lo. Fazendo uma guerra aberta a esse elemental, nós o energizamos. O modo de neutralizar seus poderes é ignorá-lo. Deixe-me dar um exemplo. Na nossa sociedade, hoje, vemos um grande número de pessoas discutindo fanaticamente sobre política. As discussões políticas são muito comuns, muitas vezes levando até ao desmembramento de famílias. Isso é terrível e pode mesmo produzir um certo desequilíbrio nas pessoas. Conheci alguém assim que tentou, repetidamente, evitar as discussões sobre política, mas sem resultado. Ele sempre conseguia, não se sabe como, se meter em discussões políticas, e ficava tremendo de raiva. “Não posso ouvi-los falar assim”, ele me confidenciou certa vez. Como vê, o elemental do narcisismo era muito forte nele. Ele queria aparecer, provar que sabia mais do

que os outros e impor seus pontos de vista. Eu lhe expliquei que era uma fraqueza pessoal da parte dele, que ele poderia superar com a auto-análise. Aconselhei-o a não lutar contra essa necessidade, mas a, conscientemente, tentar ficar indiferente. “Amanhã”, sugeri, “quando for ao escritório e eles começarem a discutir política, você, com toda a certeza, vai querer participar. Neste momento, tente se lembrar de que deve evitar perder o autocontrole. O elemental dentro de você irá impeli-lo a intervir para mostrar seus conhecimentos e sabedoria. Ouça com cuidado, julgue e pondere os argumentos deles, mas não diga nada. “Mas não seria melhor eu, simplesmente, sair?”, perguntou ele. “Não, você não vai ganhar nada fugindo.”

— Naturalmente, ele teve dificuldade para fazer este exercício. No começo, não conseguia resistir à tentação. Mas, ao fim do dia, ele avaliou suas ações. Depois de três ou quatro tentativas, ele resolveu seu problema. Um dia, veio até mim e me agradeceu por ajudá-lo a reaver seus amigos.

— Com indiferença você extrai o poder dos elementais e os neutraliza. Eles se dissolvem ou flutuam na esfera etérica onde poderão ser apanhados por outras pessoas. Quando avançamos espiritualmente, tomamos consciência da nossa responsabilidade pela queda do nosso semelhante, como resultado de elementais por nós deixados no mundo cósmico. Você entende, agora, o que Cristo disse: “Não julgueis para não serdes julgados”? Porque você será julgado por seu próprio eu interior. Você criou tais elementais, não importando o fato de ter transcendido o estado que o levou a criá-los.

— Eu recomendo que vocês não se preocupem com o modo que os outros os julgam ou com o que eles pensam de vocês. Temam apenas o julgamento do seu próprio eu interior. Alguém, uma vez, me perguntou se eu tinha medo de Deus. Eu disse que não, eu amo a Deus e tento ser digno do Seu amor. E quanto às pessoas à sua volta? Insistiu meu interlocutor. Não, eu disse. Eu não os julgo e não me importo com a opinião deles sobre mim. Você não tem medo de nada? Eu tenho medo de mim mesmo porque não posso enganar a mim mesmo. Quando me sento para meditar e fazer minha análise, meu eu interior perguntará: “O que você disse? O que você fez? O que você deveria fazer e não fez?” Quando começamos a ouvir o nosso eu interior, estamos no caminho certo. Não mais criamos elementais maus que estarão flutuando nas es-

feras etéricas e atormentando aqueles que nos cercam. O Pesquisador da Verdade deve alcançar um estágio no qual ele não cria elementais de desejos-pensamentos mas, em vez disso, elementais construídos conscientemente, que estejam sob seu pleno controle. Quando os elementais saem dele, ele será capaz de governá-los e guiá-los, não importando a distância em que estejam. Tais elementais de pensamentos-desejos são mais concretos, mais eficazes e de maior duração. Por isso somos mais responsáveis por eles. Uma pessoa de pensamentos benévolos deve ter certeza de que o que ela constrói recebe as bênçãos das esferas mais elevadas. Nenhuma prece jamais ficou sem resposta e nenhuma imprecação ficou sem punição.

— O que acontece — perguntou alguém na sala — quando enviamos um pensamento bom a alguém que não é receptivo?

— Como já disse antes, segundo a Lei, qualquer elemental que projetemos irá, no final, voltar para nós. No caso de elementais maus, construídos consciente ou subconscientemente, a punição é inerente a eles. Quando voltam, eles adquirem maior força e extensão de vida. A pessoa contra quem projetamos um elemental mau será afetada se também vibrar na mesma frequência que nós. De outra forma, o elemental baterá na sua aura e voltará para nós com sete vezes a sua força original. Este é o tipo de elemental que um Pesquisador da Verdade deve aprender a não criar. Jesus chamou-os de “espíritos mudos e surdos” que saíram do ser humano e, sem encontrar descanso, voltam ao indivíduo, carregando consigo outros do mesmo tipo.

— De modo semelhante, quando projetamos um elemental bom e a pessoa não estiver preparada para recebê-lo naquele momento, este baterá em sua aura e voltará para nós. Só que neste caso, o elemental deixará sua marca na aura da pessoa. Aquela energia estará lá para beneficiar tal pessoa assim que ela esteja preparada para vibrar de forma análoga. Portanto, você deve sempre ter em mente que o bem nunca se perde. E se você ama alguém que a seu ver não merece, não desista ou se desespere. Continue mandando elementais de amor e de bondade. Mais cedo ou mais tarde estes produzirão o efeito na pessoa, nesta ou em próximas encarnações. Lembre-se do que Cristo disse: “Amai seus inimigos.” Tenha em mente que aqueles que julgamos ser nossos inimigos são, na realidade, pessoas ignorantes. Para nós, a palavra “inimigo” não existe. Não chamaremos aos desmiolados de nossos inimigos. Tenha

em mente que quando amamos quem nos ama, isto é algo compreensível e muito humano. Mas, quando amamos aqueles que nos odeiam, é um estado divino. Isso nos eleva espiritualmente. Quando ferimos a quem nos ama, isso é satânico. Infelizmente, coisas assim ocorrem com excessiva freqüência em nossa sociedade hoje em dia.

— Produzimos elementais quando dormimos? — alguém perguntou.

— Sim, claro. Quando dizemos que uma pessoa está adormecida, é apenas o seu corpo de matéria densa que dorme. Mas, como uma personalidade autoconsciente, ela está usando a Mente na forma de sentimentos e pensamentos abstratos. Ela os mistura e, subconscientemente, cria e projeta elementais. Devo acrescentar que, quando uma pessoa dorme, ela fica mais sujeita à influência dos seus próprios elementais do que quando está acordada e preocupada com os afazeres da vida diária. Procure observar como muitas coisas que deseja e das quais se esquece enquanto está acordado, vêm a você logo que adormece, ou durante o sono. Quando o indivíduo se encontra em tais estados receptivos ele fica sob o bombardeio do seu próprio eu, dos elementais que construiu anteriormente. Por esta razão uma das promessas dos Pesquisadores da Verdade é que, todas as noites, antes de dormir, se passe alguns minutos fazendo auto-análise. É exatamente neste ponto que as pessoas começam a se abrir e se tornar receptivas a seus próprios pensamentos e desejos. Não será difícil dragá-los da memória. Neste momento, torna-se mais fácil estudá-los, conhecê-los e dominá-los. Aprendendo a usar a Mente com propriedade, descobriremos quem realmente somos e começamos a distinguir nossos verdadeiros egos das situações que nos rodeiam e que nos mantêm escravos.

— Quero, agora, que se sentem confortavelmente — disse Daskalos.

Houve alguma agitação na sala enquanto todos tentavam acomodar as pernas. Daskalos se preparava para dar um exercício.

— Fechem os olhos. Quero que criem uma cobra com suas mentes. — Alguns segundos depois, Daskalos continuou, vagorosamente, com uma voz mesmerizante. — Segurem-na com ambas as mãos. Ela não é tão horrível quanto se imagina. É um elemental que pode obedecer-lhes. Imaginem que a estão segurando pela cabeça e pelo rabo. Ela se move. Ora, ora... — disse Daskalos, mostrando desapontamento. — Vocês estão apavorados! Se eu tivesse pedido para segurar uma cobra dourada, inanimada, não teriam sentido medo. Mas têm medo de segurar nas mãos

o sopro da vida. Muito bem. Segurem uma cobra dourada. Assim fica mais fácil para vocês — disse Daskalos, com jocosa ironia. — Quero que alguns de vocês lhe dêem vida agora. Ela não pode mordê-los ou machucá-los. É um inocente elemental. Coloquem-na no chão e digam com seu pensamento: “Nenhuma cobra vai, jamais, ser capaz de me ferir.” Eu lhes garanto: de hoje em diante, nada têm a temer em relação a cobras. Este elemental entrará em qualquer cobra que esteja prestes a feri-los e a acalmará. Este é um método que pode ser usado para domesticar os animais que os rodeiam. Não se esqueçam de que nós mesmos somos responsáveis por fazer dos animais nossos inimigos.

Em diversas ocasiões, Daskalos tinha falado sobre a maneira como o homem fez dos animais da Terra seus adversários; houve um tempo em que homens e animais viviam em paz e harmonia. Se você amar genuinamente um animal, disse ele, não importa qual seja, você nada tem a temer. É a nossa hostilidade em relação aos animais que faz com que eles nos ataquem. Daskalos disse que podia conversar com os animais, inclusive com as cobras. Certa vez, ele me contou que uma cobra veio acomodar-se em cima de uma tela que ele estava pintando; ele pegou um pouco de açúcar, colocou na boca e, após misturá-lo à saliva, convidou a cobra para comer diretamente de sua boca. A cobra aceitou o convite e lambeu o açúcar com sua língua. Houve uma testemunha ocular deste episódio que, segundo contam, quase desmaiou.

Em outra ocasião, aos dez anos de idade, Daskalos entrou furtivamente na jaula de um leão de circo e foi brincar com ele. Disse que o leão o havia convidado. Crescido, já avô, durante uma visita ao zoológico britânico, realizou um feito semelhante. De acordo com seu cunhado que o acompanhava, Daskalos, como uma criança levada, entrou de alguma forma no covil dos leões e brincou com os animais. Em determinado momento ele colocou a cabeça dentro da boca de um dos leões. Fez isso diante dos olhos horrorizados de espectadores e do administrador do zoológico; este ficou tão impressionado que quis contratar Daskalos na mesma hora.

— Uma vez que estejamos treinados a construir elementais vivos e poderosos — disse Daskalos — seremos capazes de conseguir tal feito. Foi assim que Daniel pôde acalmar os leões. Com sua mente, Daniel criou elementais de leões domesticados e os projetou dentro do covil de bestas famintas.

— Agora — continuou Daskalos enquanto todos estavam de olhos fechados —, imaginem que estão segurando na mão esquerda uma bela laranja. Imaginem o fruto tão perfeitamente quanto possível. Arranhem sua casca com a mão direita e cheirem-na. Podem cheirá-la. Segurem-na fortemente nas mãos e visualizem-na tão bem quanto possível. Vocês acabaram de criar o modelo etérico através do qual a laranja pode ter uma existência material. Até a próxima aula quero que criem um objeto com suas mentes uma ou duas vezes por dia, poucos minutos por vez. Concentrem-se nisso. Façam-no tão perfeitamente quanto possível. Primeiro, façam objetos tais como uma fruta ou uma flor. Depois, construam uma criatura viva, como um pardal ou uma pomba. Mas devo avisá-los: não cometam o mesmo erro que um aluno meu. Ele criou o elemental de um cachorro e não conseguiu mais controlá-lo. Esta pessoa ingênua aprendeu a construir elementais poderosos e achou, o idiota, que seria uma boa idéia criar um cachorro com matéria noética que vigiasse sua casa sem ele ter de alimentá-lo. Durante quarenta dias, através de intensa concentração, ele impregnou seu elemental com éter. Chegou a um ponto em que não mais podia controlá-lo. O elemental tornou-se tão poderoso que os vizinhos até o ouviam uivar à noite.

— Você deve saber que, quando tal elemental é construído, adquire as características da pessoa que o criou. Se esta pessoa tiver uma aversão por alguém, o elemental atacará. Da mesma forma, quando alguém tem pensamentos negativos ou sentimentos contra quem criou o elemental, ele também atacará. Foi exatamente o que aconteceu neste caso. Uma noite, esse meu aluno estava desesperado e veio até mim. “Salve-me”, implorou. Não podia mais controlar o cachorro e este até começou a atacá-lo. Com grande esforço, consegui dissolver o elemental. Não tive outra escolha: com grande pesar, fui obrigado a expulsá-lo de nossos círculos. Tirei a sua veste branca, por assim dizer. Só tirei o tecido. A veste branca sempre estará em volta dele, para guiá-lo através da eternidade.

— Deve-se ter sempre em mente que ao criar elementais de pensamentos-desejos, se está lidando com substância divina, e não com simples barro. A aquisição de tais poderes é uma grande responsabilidade. Devemos fazer experiências, mas devemos ser suficientemente sábios para criar elementais de pensamentos-desejos que beneficiem nossos semelhantes, e não para satisfazer desejos egoístas. O nosso objetivo é nos tornarmos psicoterapeutas e não feiticeiros de ma-

gia negra. Que o amor do Mais Amado esteja com vocês e em seus lares e com todo o mundo.

Depois que Daskalos terminou a aula, fiquei, por alguns minutos na Stoa, falando com Iacovos, enquanto a maioria dos outros conversava fora, embaixo da parreira de Daskalos. Uma mulher de meia-idade, que parecia conhecer bem Iacovos, voltou à Stoa e pediu que este a ajudasse. Ela estava prestes a ser internada num hospital para ser operada, e indagava se seria possível evitar a operação através da cura. Daskalos a aconselhou a não se preocupar e a fazer a operação. Ele, então, enviou-a a Iacovos para que este lhe desse alguma ajuda. Acho que isso era parte do método que Daskalos usava para treinar Iacovos na arte de curar, da mesma maneira que um cirurgião treina um residente.

Em poucas palavras, a mulher explicou a Iacovos o problema e o medo que tinha de se submeter ao bisturi do cirurgião. Iacovos tentou minimizar sua ansiedade com palavras confortadoras e, então, pediu a ela que se sentasse numa cadeira. Colocou as mãos sobre a cabeça dela, fechou os olhos e respirou profundamente. Permaneceu nesta posição por uns cinco minutos.

— Pense em mim quando estiver para ser operada, e eu estarei lá — disse Iacovos à mulher.

— O que, exatamente, você fez com ela? — perguntei, curioso, depois de a mulher agradecer e ir juntar-se aos outros no quintal.

— Apenas construí um elemental terapêutico — disse Iacovos com firmeza. — A paciente pensará em mim instantes antes da operação. Quando ela o fizer, o elemental que criei se tornará ativo e fará exatamente o que eu faria se lá estivesse em pessoa. O pensamento dela criará o contato entre mim e ela. O elemental absorverá energia do meu duplo etérico para agir.

— Em que você estará pensando naquele momento? — perguntei.

— Eu talvez sinta algum cansaço ou ficarei como que ocupado com pensamentos profundos. É difícil explicar.

— Como você formou aquele elemental? — tentei investigar ainda mais, enquanto reparava que a maioria dos alunos de Daskalos já havia ido embora.

— Usei certas propriedades da vitalidade etérica para formar um elemental que fosse apropriado para a situação dela.

– Você quer dizer que um elemental terapêutico difere de outro? – perguntei de novo.

– Claro! Diferem em termos de forma e da intensidade de desejo que possuem.

– O que, exatamente, você fez na hora em que a mulher pediu o seu auxílio?

– Criei uma bola de luz azul-clara, a qual projetei no corpo etérico dela. Aquela bola de luz se energizará no momento em que a paciente pensar em mim.

– Parece muito simples – observei com alguma ironia.

– Não é tão simples quanto parece. Você precisa usar uma concentração intensa para formar tal elemental. Caso contrário, ele se dissolverá.

– Venha! Daskalos está esperando por nós.

A Autenticidade da Experiência

Quando Zoé, grande amiga de Emily, soube do meu “projeto secreto”, ela comentou que tinha muita vontade de conhecer Daskalos. Mulher muito inteligente, de trinta e poucos anos de idade, escritora, tinha sido aluna de Piaget na Suíça. Zoé, imbuída do pensamento contemporâneo e da cultura franceses, rejeitava toda e qualquer forma de fé religiosa. Embora aceitasse a possibilidade de os seres humanos terem poderes latentes, encarava os conceitos de alma, de vida depois da morte e de reencarnação como verdadeiros absurdos. Queria conhecer Daskalos mais por curiosidade, do que por desejo de procurar um mestre.

No começo da noite fui até a casa de Daskalos acompanhado por Zoé. Emily nos encontraria mais tarde, junto com Stelios, um amigo meu, e sua mulher. No caminho, Zoé me pareceu um pouco apreensiva e nervosa. Quando criança, ela me confessou, ficava apavorada todas as vezes que seus pais mencionavam o nome de Daskalos. Ela sabia que seu pai o conhecia, mas não tinha certeza até que ponto. Desde a infância, tinha medo de Daskalos por causa de um episódio que corria entre os amigos da família, segundo o qual Daskalos fizera uma tesoura mover-se sozinha para pregar uma peça em alguns amigos. Isso acontecera no meio da noite, enquanto todos dormiam. A tesoura voou pelo quarto e se fincou no chão. Essas lembranças de infância ainda causavam certo mal-estar em Zoé. Garanti a ela que a fama de feiticeiro assustador — tão comum em alguns círculos — era totalmente infundada e que, uma vez que ela o conhecesse, ficaria completamente à vontade. Ela também achava seu medo de todo irracional.

Daskalos foi excepcionalmente amável com Zoé e, após os cumprimentos de praxe, mencionou de passagem que o pai dela, um eminente arquiteto e antigo ministro de Estado era, há muitos anos, seu aluno. Tal revelação deixou-a chocada. Neste meio tempo chegaram os outros e, nós cinco, aguardávamos ansiosos pelo que, esperávamos, seria uma noite encantada.

— Daskale — comecei —, outro dia tive uma conversa com Zoé sobre a natureza do misticismo e a relação entre corpo e mente. Ela diz que aceita a possibilidade da existência de fenômenos paranormais, mas não a idéia de que corpo e alma sejam duas realidades distintas. Talvez, esta noite, possamos começar nossa conversa por esse assunto.

Daskalos parecia muito bem disposto e dava a impressão de ter gostado de Zoé. Em outra ocasião, ele me disse que preferia discutir questões espirituais com ateus bem intencionados do que com pessoas fanaticamente religiosas. Com um ateu dotado de espírito crítico, explicou, pode-se ter uma conversa racional. O mesmo não ocorre com os supersticiosamente religiosos.

— Você sabe o que é matéria? — começou Daskalos, num tom dogmático, olhando intensamente nos olhos de Zoé. Sem esperar por uma resposta, continuou: — Você acha que os químicos, com suas fórmulas elaboradas, sabem o que é matéria? Para nós não existe matéria. Só existe a Mente. — Zoé fez diversas perguntas, tentando entender a linguagem de Daskalos e desafiando o seu descaso pela matéria.

— O que há de errado com a matéria? — protestou ela.

— Ter a matéria como mestre é ruim. Ter a matéria como servo é uma bênção — respondeu Daskalos e, por algum tempo, explicou o que ele entendia por matéria.

— Qual é a finalidade da matéria? — perguntou Zoé, que vencera sua reserva inicial em relação a Daskalos.

— Sua finalidade é fazer com que nós, como entidades eternas, possamos adquirir experiência. Trata-se de uma manifestação do Absoluto que nos possibilita o desenvolvimento da autoconsciência.

Daskalos, então, fez um resumo da sua filosofia sobre a natureza do Ser, a natureza do pensamento, os elementais, a diferença entre personalidade permanente e personalidade atual e assim por diante. Ele explicou que a matéria não é o que parece ser. Pensamos que algo é sólido apenas porque vibramos na mesma frequência que este objeto.

— É possível — continuou Daskalos — construir uma cidade sem um arquiteto? É possível construir uma casa sem uma planta? — Após levantar a questão, ele argumentou que há inúmeras leis, causas que existem no plano noético superior, o mundo das idéias. Essas idéias arquetípicas são as causas reais dos fenômenos.

— Acho muito difícil — comentou Zoé — aceitar que meus pensamentos e sentimentos possam ser ouvidos por qualquer outra pessoa além de mim.

— Muitos dos meus alunos me fazem mais cedo ou mais tarde a seguinte pergunta. “Será que o Absoluto sente, vê e ouve como nós? Estará Cristo nos ouvindo agora, enquanto falamos um com o outro? Será que Ele sabe da aula que estamos tendo neste exato momento?” Minha resposta é um categórico sim. Ele ouve e sente esta aula tanto do Seu próprio ponto de vista, como o Logos Pan-Universal, quanto do ponto de vista de cada um de nós, do modo como nós mesmos compreendemos e sentimos a aula. Por quê? Porque Ele é a Luz que ilumina cada homem que veio à Terra. É esta luz que nos permite ter nossa própria inteligência autoconsciente. Jamais houve qualquer conversa entre seres humanos que Ele não tivesse ouvido. Nunca pensamento ou idéia qualquer foram concebidos pela inteligência humana sem que Ele soubesse. acredite em mim, não há segredo que não vá ser revelado algum dia pelo Karma, porque nós, como fenômenos da vida, não existimos dentro da matéria morta. O Universo não é uma máquina sem vida. Matéria morta não pode criar vida. Mais cedo ou mais tarde, cada um de nós entenderá que, como inteligências humanas num certo estágio da nossa evolução, vivemos, simultaneamente, dentro de uma Superinteligência. Seria temerário pressupor que o criador dos olhos e dos ouvidos não possa ver nem ouvir. E seria igualmente irracional concluir que aquele que nos deu a capacidade da auto-análise não esteja consciente de si mesmo.

Ouvíamos com atenção enquanto Daskalos continuava seu diálogo com Zoé. Não mais se sentindo apreensiva, ela continuava a questionar Daskalos como uma boa investigadora. Parecia que a aula estava sendo dada, em primeiro lugar, para ela.

— Que prova tem — perguntou ela — de que o senhor possui uma alma e de que o mundo que descreveu para nós é real e não uma ilusão ou alucinação?

Aparentemente, a pergunta de Zoé era do tipo que Daskalos esperava e propiciou uma resposta prolongada. Eu tinha certeza de que não era a primeira vez que Daskalos se confrontava com tal pergunta.

— Talvez — disse Daskalos, após se recostar na cadeira com um sorriso nos lábios — o melhor modo de responder a esta pergunta seja contar algumas experiências pessoais.

— Certa vez, eu estava viajando de navio para a Grécia. Chovia muito e fui para a cabine me deitar. Saí do meu corpo. Expandi-me por todo o navio. Vi tudo o que se passava naquela embarcação. Vi o que acontecia na cabine do capitão, na cozinha, na sala de jantar, no convés. Então, parei mais alto e me expandi por sobre uma área mais extensa. Vi gaivotas seguindo o navio. Penetrei no oceano e lá observei vida. Experimentei o gosto do mar. Eu e o navio éramos um. Me expandi para mais longe e para mais alto e vi uma ilha à frente. Podia ver os mínimos detalhes da ilha, a água dos riachos, os coelhos correndo morro acima, as árvores. O navio, lá de cima, parecia uma caixa de fósforos. Imagine se ele afundasse e todos morressem afogados, o que teria acontecido comigo? Nada. Eu não sentiria coisa alguma. Foi isto, na realidade, o que Cristo quis dizer quando falou que aqueles que o seguissem não experimentariam o gosto da morte. Cristo costumava levar seus alunos aos bosques de oliveiras e lá dava a eles exercícios e experiências em exomatose.

— Quando voltei ao meu corpo — continuou Daskalos —, saí da cabine e andei pelo convés. A chuva já tinha passado e o sol havia surgido. O capitão, um ateniense, estava lá, em pé, olhando para o horizonte. Perguntei a ele se havia uma pequena ilha à nossa frente. “Sim, Daskale”, respondeu, “a uns poucos quilômetros à frente. O senhor a viu?” Perguntei a ele, surpreso, como sabia o meu nome. Ele disse que seu irmão era meu aluno e que, por coincidência, ele trazia em sua cabine dois volumes mimeografados sobre minhas palestras. Mais tarde, passamos pela ilha que eu tinha visto em exomatose. Era igualzinha como eu a havia visto. — Daskalos parou de falar e dirigiu-se exclusivamente a Zoé.

— Agora, diga-me, é alucinação ou experiência verdadeira que confirma a realidade do meu mundo?

— Neste caso — comentou Stelios do canto onde estava —, o senhor pôde confirmar sua experiência porque o que viu estava no plano

material. Como o senhor poderá confirmar experiências que não são deste mundo, quando as pessoas com um entendimento comum não têm acesso a elas?

— Também é possível verificar o que você experimenta no nível psicoonético.

— É possível que duas pessoas tenham na dimensão psíquica experiências idênticas que possam ser confirmadas por ambas? É possível que elas vejam a mesma coisa? — perguntou Stelios, de novo.

— Elas podem ver a mesma coisa de modos diferentes. Imagine que eu leve dez pessoas para olhar uma paisagem e depois as traga de volta e peça a elas que descrevam o que viram. Você acha que irão descrever a paisagem do mesmo modo? Ou será que elas vão observar e notar o que mais lhes chamar a atenção? Elas verão a paisagem. Mas não a descreverão do mesmo modo, a menos que tenham interesses idênticos. Quando dois Pesquisadores da Verdade, com as mesmas preocupações, se acham dentro de um subplano psíquico, eles vêem e observam, com muitos detalhes, a mesma paisagem. Neste caso, confirmamos a autenticidade das nossas experiências psíquicas que não podem ser comprovadas através dos cinco sentidos. — Nesse momento, Daskalos virou-se para Zoé e começou a contar outra de suas experiências psíquicas.

— A seis quilômetros de Strovolos há uma fazenda de propriedade de um amigo meu. Um dia, ele me convidou para passar o fim de semana com sua família e se ofereceu para me levar de carro. Prefiri ir a pé até a casa dele. Na manhã seguinte, pouco antes de levantar, me desdobrei e fui pesquisar o território entre a minha casa e a fazenda do meu amigo. Notei que na estrada que corria ao lado da propriedade duas cobras brigavam. Vi a cobra grande perseguindo a pequena. Ela agarrou o rabo da outra, mordeu-o e vagorosamente a engoliu. Logo depois, ao atravessar a rua, um carro que vinha de Tseri a atropelou e esmagou-lhe o pescoço. Vi a cobra se contorcer convulsivamente e, com movimentos espasmódicos, rastejar até uma vala.

— Neste meio tempo, levantei-me, vesti-me e comecei a andar até a fazenda. Levei mais ou menos uma hora para chegar ao lugar onde eu tinha visto a briga entre as duas cobras. Ao me aproximar, um carro parou e quatro pessoas desceram. Ri comigo mesmo. Eles deviam ter visto a cobra morta. “Estão olhando a cobra preta?”, perguntei, aproximando-me. Um deles virou-se para mim, espantado. “Como sabe que

há uma cobra preta?”, perguntou. “Para falar a verdade”, repliquei divertido, “há uma cobra amarela dentro da preta.” Incrédulo, o sujeito perguntou desconfiado: “O que está dizendo? Há outra cobra dentro desta?”

— Como vê — continuou Daskalos —, eu era bastante ingênuo naquela época e falava abertamente sobre minhas experiências. Admito agora que aquilo foi um erro.

— Descrevi com detalhes o acontecido e como um carro havia atropelado a cobra, amassando-lhe o pescoço, como ela tinha rastejado até a vala, e assim por diante. De repente, o sujeito puxou um canivete, colocou o pé sobre a cabeça da cobra e cortou-lhe a barriga ao meio. Ali encontrou a cobra amarela e olhou para mim horrorizado. “O senhor é Spyros Sathi?”, sussurrou. “Sim”, confirmei. “Saia daqui! Você é o Diabo”, disse, o dedo em riste. “Por que o senhor pensa que sou o Diabo?”, protestei. “Como soube que havia uma cobra amarela dentro da cobra preta?”, perguntou ele, com voz trêmula.

— Eu poderia explicar a ele como eu sabia? — disse Daskalos, com um pouco de desespero na voz. — Você acha que ele entenderia? Limitei-me a dizer: “Tive a impressão que isso tinha acontecido.” Mas o sujeito replicou de pronto: “O senhor não teve a impressão, o senhor é o Diabo”, e começou a fazer o sinal da cruz. Mais tarde, fiquei sabendo que ele falara com os padres, dizendo-lhes que tinha encontrado Satanás; e narrara o episódio das cobras.

— Precisamos ser muito cuidadosos com esses assuntos. Ao mesmo tempo, essas experiências me permitem ter firme convicção sobre a realidade do meu mundo. Agora você entende? Tenho, continuamente, experiências como esta que me provam que o mundo no qual vivo não é nem uma alucinação e nem uma ilusão.

— Há algum tempo — continuou ele —, um idiota me pediu emprestado o meu binóculo e o perdeu durante uma viagem às montanhas Tróodos. Depois de pendurá-lo num pinheiro, esqueceu-se em que árvore o tinha deixado e nem se deu ao trabalho de procurá-lo, entrou no carro, desceu até Nicósia e, com a maior das audácias, me comunicou: “Sabe, Daskale, aquele seu binóculo sumiu, desapareceu.” Chateado com tamanha displicência perguntei: “O que você quer dizer com desapareceu?” O sujeito me explicou então que não conseguia absolutamente lembrar-se de onde o colocara. “Como não se lembra?”, respondi

exasperado. “Aquele binóculo é excelente e caro, desses que não se acham mais hoje em dia.” “Mas o que posso fazer, Daskale? Eu simplesmente o perdi.” “Você tem de voltar e achá-lo”, retruquei. “E como posso fazer isso?”, perguntou-me, desconsolado. “Espere um pouco”, eu disse. “Deixe-me descobrir onde ele está e então, você vai buscá-lo. Para onde você foi?”, perguntei. “Fui a muitos lugares, Troodidissa, Platres, andei por toda a montanha. Fomos...” Interrompi sua exposição. “Posso descobrir onde meu binóculo está porque minha aura está entranhada nele.” Fechei os olhos. “Você passou por uma estrada assim e assado?”, perguntei. “Sim”, foi a resposta. “Você subiu tal morro?” A resposta, afirmativa, surgiu com relutância “. . . e eu não tinha nem papel. . . fui lá fazer esse trabalho e...” Daskalos riu às gargalhadas e continuou sua história.

— “Fui” — Daskalos continuou — “atrás do morro para que eles não me vissem enquanto eu fazia uma necessidade.” A essa altura ele me interrompeu: “Não me diga mais nada. Não me diga que eu me limpei com pedras.” Tranquilizei-o: “Não me importa como você limpou o traseiro. O que me interessa é o meu binóculo, que você esqueceu pendurado naquele pinheiro. Você vai ter que ir imediatamente para lá e trazê-lo de volta.” Ele prometeu: “O senhor tem absoluta certeza? Está bem, então eu vou.” Entrou no carro, viajou cento e sessenta quilômetros para ir e voltar até as montanhas, subiu o morro, achou meu binóculo pendurado naquela árvore, e o trouxe de volta no mesmo dia. “Puxa vida”, comentou ao chegar, “eu me esqueci que o tinha colocado lá.”

Daskalos interrompeu a sua narrativa e disse, em voz baixa, que esses fenômenos não eram mais permitidos. Antes, admitiu ele, tais incidentes lhe escapavam e, com frequência, causavam muitos problemas, especialmente com a Igreja.

— Como posso não me convencer? — continuou ele. — Esta é a minha vida, a realidade do meu dia-a-dia. Como pode alguém que não compartilhe experiências semelhantes me convencer de que o meu mundo e a minha realidade são ilusórios? Qualquer um tem o potencial para tais experiências.

— Em ciência, Daskale — disse eu após alguns instantes —, um cientista pode verificar os resultados e as observações de outro cientista. . .

Daskalos compreendeu o que eu ia dizer e começou a responder à minha pergunta antes que eu completasse a sentença.

— Você também pode verificar essas experiências. Se não fosse assim, você não acreditaria. Estou falando de planos e subplanos psíquicos. Não sou o único a falar sobre tais domínios. Outros vêem e experimentam as mesmas coisas que eu. O trabalho que eu faço, outros também fazem. Pode ser que eles não se lembrem de tudo, mas lembram-se de muito. Você entende? Veja Mários, meu neto de três anos. Quando tinha dois anos, ele queria fazer exomatose comigo.

— Foi a própria criança quem pediu? — perguntei.

— Sim, foi — respondeu Daskalos e continuou: — Eu estava conversando com Theophanis e com o prefeito de Pafos. Mários também estava lá. Ele parecia ansioso. Pedi aos outros que esperassem enquanto o levava para “dar uma volta”. Eles me entenderam. Eles entendiam esses assuntos. “Venha, querido”, disse a Mários. “Venha e eu o encontro já.” Ele fechou os olhos e começou a respirar profundamente, enquanto eu continuava a falar com os outros. Neste meio tempo, ele voltou. “Vovô, venha, estou esperando. Quando é que você vem? Venha logo”, disse ele. “Está certo, querido. Volte que eu o sigo já.” Vi-o sair do corpo e ficar parado bem à minha frente, esperando. Pedi licença e me deitei no sofá. Saí do meu corpo e me juntei a Mários. Fomos, num piscar de olhos, à costa sudoeste, perto de Limassol, em algum lugar entre a cidade e as bases britânicas. Há alguns grandes penhascos beirando o mar. Mários gostava de lá. Ele gostava de ficar perto do mar, olhando a terra e as rochas. Enquanto andávamos por lá vimos uma cobra grande vindo em direção ao precipício. A cobra nos viu. Animais são clarividentes, como você sabe. Meu neto foi em direção à cobra e brincou com ela. Ele se pôs em seu caminho, tentando evitar que ela fosse à frente. A cobra levantou a cabeça e começou a sibilar. — Como um bom ator, Daskalos imitou a cobra e continuou.

— Fiquei por ali, olhando e rindo. Mários passou sua mão eté-rica pelo corpo da cobra, que continuava a sibilar. “Venha, querido”, eu disse a ele, “precisamos voltar porque temos visitas.” Eu acordei primeiro, rindo e contei aos outros sobre a experiência, enquanto Mários ainda estava fora do seu corpo. Ele acordou em poucos minutos. Theophanis perguntou a ele: “Onde você foi, meu querido?” “Para o mar, onde tem pedronas”, ele respondeu. “E o que você viu lá?”, perguntou Theophanis a ele. “Vimos dona cobra. Ela ficou em pé e disse Sssss. . .” — Daskalos imitou o modo como o pequeno Mários descreveu o comportamento da cobra. Então, se recostou e olhou para Zoé.

— Bem — disse ele —, isso não é uma prova para mim? Não é uma confirmação da realidade da minha experiência? Você pode perguntar: Todos os que são capazes de exomatose consciente se lembram de suas experiências? Eu diria que uns lembram mais, outros menos. Para lembrar suas experiências completamente, você precisa de muita prática. Então, chegará a um estágio onde estará em pleno controle.

— Como alguém começa a desenvolver essas capacidades? — perguntou Stelios.

— Através de alguns exercícios de meditação.

— Por que eles são necessários? — insistiu Stelios.

— Diga-me uma coisa — respondeu Daskalos com uma pitada de ironia na voz: — É possível tocar violino sem praticar? Exatamente o mesmo se dá com o desenvolvimento dos poderes psiconoéticos de uma pessoa.

— Mas não se nasce com tais capacidades?

— Sim. Mas você precisa ter desenvolvido esses poderes de alguma forma, em algum tempo no passado. Se nasceu com tais capacidades, isso quer dizer que você as trouxe de vidas anteriores.

— Como se deve começar a praticar? — perguntou Zoé.

— Com concentração — disse Daskalos, vagarosa e enfaticamente. — Deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Em quantas coisas você se concentra em sua vida diária usando toda a sua percepção? Em muito poucas. Quando você treina de se concentrar, percebe muito mais coisas em sua vida. No início, você dedica um quarto de hora todos os dias. Nesse intervalo de tempo, pode dar um passeio e reparar em tudo à sua volta. Nada deve escapar à sua atenção. Nada. Pode ser que se sinta cansado no início, porque não está acostumado a prestar atenção em tudo que o cerca, na formiga andando, nas flores, nos sons, nas vozes. Você percebe tudo, sente tudo. Ao começar este exercício, você nota que, durante aquele quarto de hora, vive muito mais plenamente, muito mais intensamente do que em qualquer outro momento da sua vida. Vai descobrir que o que se considera, em geral, estar acordado é, na realidade, uma forma de semi-hipnose. Vai descobrir que a sua percepção do mundo aumentará dez vezes durante aquele quarto de hora. Você não costuma reter na memória mais do que uma pequena fração das impressões do dia, recebidas no mundo da matéria densa. Por isso, quanto espera trazer e se lembrar de experiências que teve no mundo psíquico? Em

consequência, a pessoa precisa começar a se exercitar no mundo de matéria densa e, então, continuar a se exercitar no plano psíquico. É uma questão de prática. Entende agora? O homem de hoje não sabe como viver, como se concentrar, como se expressar nos domínios da Criação. Você diria que uma pessoa que sabe como se concentrar é superior às outras? Não. Eu não o considero nem um pouco mais hábil do que uma pessoa que toca Paganini ao violino, ou Beethoven ao piano. É uma questão de treino e prática. O “eu sou eu” da pessoa que vive na ignorância não difere daquele do místico. Você entende o que eu quero dizer? Não é uma questão de descobrir o “eu”, mas de expressá-lo. Este é o propósito dos Pesquisadores da Verdade: descobrir quem você é e se expressar como deveria. Eu lhe digo, você não ficará nem maior, nem menor. O campo de visão, no que diz respeito a receber impressões, pode aumentar, mas você é como sempre foi.

Assim que Daskalos completou a sentença, o telefone tocou. Ele subiu para o andar de cima e o ouvimos conversando, em voz bem alta. Parecia que a ligação era interurbana, provavelmente de Atenas. Quando voltou, dez minutos mais tarde, estava sério. Explicou que uma mulher de Atenas queria descobrir quem havia roubado de sua casa quarenta mil dracmas. Daskalos explicou que não poderia dizer isso a ela. Não seria apropriado dizer coisa alguma, e nem ele tinha o direito de “ver”.

— Mas, sem que intencionalmente tentasse ver, eu vi. Como poderia dizer a ela que o filho de dezessete anos e o marido dela eram os responsáveis pelo roubo do dinheiro? Limitei-me a dizer que não tinha sido um estranho.

Depois desta pequena interrupção, Zoé perguntou sobre os famosos poderes de Daskalos. Em especial, ela queria saber o que havia acontecido, exatamente, no caso da tesoura que a fizera sentir tanto medo durante a infância. Daskalos deu uma gargalhada, admirado por ela se lembrar do episódio. Sem hesitar, como se aquilo tivesse acontecido há pouco tempo, Daskalos começou a contar.

— Um jovem médico de Famagusta veio até mim, um dia, e me contou que tinha perdido uma tesoura de alfaiate. Ele a havia procurado durante meses, mas em vão. Era uma tesoura de estimação por ser a única herança de seu falecido pai, um alfaiate. Ele suspeitava da irmã que, entretanto, teimava em se dizer inocente. Discutiu com a irmã diversas vezes e chegaram a trocar palavras amargas. Ele contou que já

não falava com ela há cinco meses. Sua mulher permanecia neutra nessa briga, mas também suspeitava que a cunhada tivesse roubado a tesoura, aproveitando-se de uma bebedeira do irmão.

— Ele me pediu para ajudá-lo a encontrá-la. De início, recusei e o mandei embora. Achei a situação toda uma bobagem, e não se deve fazer mau uso desses poderes. Mas, depois que ele saiu, mudei de idéia. Percebi que não se tratava de uma tesoura, mas de uma briga entre duas pessoas, irmão e irmã. Quando fui para a cama, este assunto ainda estava em minha mente. Fechei os olhos e vi a tesoura em cima de um armário, sob um cobertor de algodão dobrado. Ele devia tê-la colocado lá e se esquecido. Alguns minutos mais tarde, recebi um telefonema. Ele me perguntou se eu não tinha mudado de idéia. Só queria saber se a irmã tinha roubado a tesoura ou não. “Não me diga que ela não roubou”, ele disse, “caso contrário a tesoura estaria em casa.” Garanti a ele que a tesoura estava na casa, mas não especifiquei o lugar. Aconselhei que fosse para a cama e disse que logo ele saberia. Então, saí do corpo e viajei até a casa dele, a sessenta e quatro quilômetros de distância. Pensei em materializar uma mão para puxar a tesoura de onde estava e empurrá-la para o chão.

— Por que não disse a ele onde estava a tesoura? — perguntei.

— Queria fazer uma experiência, ser brincalhão. Cometi um erro. O armário se encontrava num quarto e a cama no outro. Os dois quartos eram ligados por uma porta, que estava aberta. A distância do móvel à cama deles era de uns cinco metros. O chão era de madeira. Materializei uma mão, puxei a tesoura e deixei-a cair no assoalho. Presumi que cairia em frente ao armário. Mas eu era inexperiente naquele tempo e calculei errado a força que apliquei de uma dimensão para a outra. A tesoura se abriu, voou até o outro quarto e, como uma faca, fincou-se no assoalho, perto da cama deles. O barulho os acordou. A tesoura estava a apenas noventa centímetros do corpo dele. Eu poderia tê-lo matado. Ele ficou muito nervoso, puxou a tesoura do assoalho e me telefonou. Eram onze e meia da noite. “Daskale”, ele disse, “você quase me matou. Onde encontrou a tesoura e por que a atirou tão perto do meu corpo?” Expliquei o que havia acontecido, mas ele não acreditou em mim. Pegou o carro e veio até Nicósia com a tesoura. Insistiu em afirmar que sua irmã era a ladra e que eu tinha desmaterializado a tesoura na casa dela materializando-a novamente no quarto dele. Levei algum tempo para fazê-lo aceitar o que tinha acontecido.

— Tais fenômenos não são mais permitidos — repetiu Daskalos. — O poder deve ser usado apenas para fazer curas. Quando se usa “materialização” para mover objetos, é preciso ser extremamente cuidadoso. A intensidade da força aplicada pode ser dez vezes maior do que quando se usam as mãos materiais.

— Por que isso acontece? — perguntei.

— Não sei. Você pode ver isso em sessões espíritas. Objetos pesados são movidos pela concentração de vários indivíduos.

Zoé escutava, atenta, a história de Daskalos. Havia um olhar de fascinação em seus olhos, enquanto ela tentava avaliar a experiência dele. Ainda assim, como que para tranquilizar-se, ela murmurou que, na sua opinião, a realidade ainda residia na matéria.

— É a única coisa que sei que existe. É o que eu posso sentir, tocar, ver, cheirar.

— Lá vem você de novo — disse Daskalos rindo. — Você pensa que para existir precisamos comer, beber e ir ao banheiro. Não há nada mais enganoso do que os cinco sentidos.

— Não entendi muito bem a relação entre a alma, a personalidade permanente e a personalidade atual — comentou Zoé, depois que paramos de rir.

— A alma — explicou Daskalos — é aquela parte de nós pura e imaculada pela experiência terrena. A alma está além da Idéia do Homem, além de toda manifestação. Ela nunca nasceu e nunca morrerá. É aquela parte de nós que, qualitativamente, é idêntica ao Absoluto. Se o Absoluto for o oceano, nós, como almas, somos gotas no oceano. Qualitativamente, somos como o oceano. A alma é a nossa essência imutável e eterna. A personalidade permanente é aquela parte de nós sobre a qual as experiências de reencarnações são registradas de uma encarnação a outra. A personalidade atual é composta pelos corpos noético, psíquico e de matéria densa. É o que as pessoas comuns consideram suas personalidades. A personalidade atual é a mais baixa expressão de nós mesmos, encontra-se em constante evolução e tende a se tornar uma com a personalidade permanente.

— Vamos pressupor — disse Daskalos — que a personalidade permanente seja um grande círculo. Imagine outro círculo externo, sem contorno. Chamamos a isso de alma, que está em Deus, no infinito e no ilimitado. É sempre pura e imaculada. Há também um círculo pequeno,

interno aos outros dois, ao qual chamo de personalidade atual autoconsciente. Todos os três círculos têm o mesmo centro. À medida que o círculo pequeno se expande, a distância entre a circunferência do círculo pequeno e a do círculo grande diminui até que os dois se tornam um, sendo o círculo pequeno absorvido pelo grande. O ponto onde a circunferência do círculo pequeno fica é o grau de perfeição da pessoa. O centro da personalidade atual e da permanente, assim como o da alma autoconsciente, é o mesmo. “Eu existo”, diz a personalidade atual. “Eu existo”, diz a personalidade permanente. Se você perguntar a ambas qual das duas diz “Eu existo”, ouvirá uma voz dizer “Eu”. Mas qual “Eu”? É a mesma voz e seu eco. Na verdade, é a totalidade da autoconsciência que diz “Eu existo”. E foram as experiências na matéria densa que causaram a separação das duas dentro de nós.

— Quanto mais a personalidade atual autoconsciente se expandir, aumentando o raio do círculo, mais a personalidade permanente penetrará na personalidade atual. Quanto mais se evolui no caminho espiritual, maior será o controle e a influência do eu interior sobre a personalidade atual. Costumamos dizer, por exemplo, que este homem tem consciência enquanto aquele outro não tem. Na verdade, não há ser humano que não tenha centro. O nível de consciência de um indivíduo depende de quanto a personalidade atual se ampliou dentro dos limites da personalidade permanente.

Já era tarde da noite. Ainda assim, a vivacidade de Daskalos estava no auge. Discussões como esta pareciam energizá-lo. Muitas vezes, o vi criar vida nova com o começo de uma conversa. Ele podia parecer exausto no fim de um árduo dia de trabalho; bastava, porém, uma discussão sobre assuntos metafísicos para que ele, literalmente, se transformasse.

Levantamo-nos, prontos para sair, quando meu amigo Stelios perguntou se seria possível criar, com a nossa mente, o que quer que desejássemos.

— Sim — respondeu Daskalos —, pressupondo-se que você fique dentro dos limites da possibilidade e da potencialidade. Um iogue pode plantar uma semente de laranjeira e, através de preces e de meditações, ser capaz de fazê-la crescer bem mais rapidamente do que o comum. Entretanto, ele não pode plantar uma semente de laranjeira e, com sua mente, fazê-la se transformar num eucalipto. Você não pode agir fora do mundo das idéias, leis e causas. No entanto, é possível fazer outra

coisa. Antes de mais nada, mudar a composição nuclear de uma semente de laranjeira e fazer com que se transforme numa semente de eucalipto, e então plantá-la e conseguir um eucalipto. Isso é diferente. Está no campo das possibilidades e das potencialidades.

— Tenho uma última pergunta — disse meu curioso amigo, enquanto os outros se dirigiam para o carro. — Qual é o objetivo da meditação e do exercício?

— O objetivo imediato é desenvolver nossos poderes psiconoéticos para que possamos prestar serviço aos nossos semelhantes. A capacidade de fazer exomatose é um instrumento da psicoterapia e não um fim em si. O objetivo final é descobrir quem você é, tornar-se um com Deus, tornar-se um deus. É o que chamamos de Teose. Nós somos deuses — explicou Daskalos —, mas não temos consciência disso. Sofremos de uma amnésia auto-imposta. O objetivo — reiterou ele — é redespertar o que sempre fomos e sempre seremos. Este é o princípio da Procura da Verdade.

— Se é assim — acrescentei —, então o fato de termos autoconsciência de sermos deuses deve ser algo diferente de uma forma de bem-aventurança inconsciente. Se não estou enganado, o conceito oriental de Nirvana costuma ser interpretado dessa maneira.

— Isso é bobagem — afirmou Daskalos com veemência. — A idéia de redenção ou libertação é algo indesejável para muitos porque, presume-se, implica em estar num estado de bem-aventurança incognoscível. Como um bom clérigo e amigo me disse certa vez, esse estado pouco difere de uma forma de apatia e inércia. “Já que não poderei entender coisa alguma”, disse ele, “vou me sentir feliz.” Era assim que ele imaginava o paraíso e a libertação. Isso está longe de ser verdade. Libertação quer dizer conhecimento e assimilação da Verdade através da experiência. Significa a aquisição de capacidades e poderes psiconoéticos. Os mundos tomam-se abertos para nós, quer desejemos ter impressões e experiências, quer desejemos fechar as portas da percepção externa e nos trancarmos em nós mesmos, em nossa divina auto-suficiência. A felicidade plena e a divina auto-suficiência estão longe de ser um estado que lembre a inércia e a estupidez, como muitos fantasiam.

— Quando você alcança a Teose — continuou meu amigo —, isso significa que nunca mais voltará a reencarnar?

— Você pode reencarnar, se assim escolher.

– Nesse caso, terá de começar tudo de novo? Terá de passar pelos ciclos da reencarnação?

– Claro que não! Isso não teria sentido. Se escolher voltar, você volta como o capitão do navio e não como um marinheiro comum – respondeu Daskalos rindo. – Os mestres que alcançaram a Teose poderão decidir reencarnar na matéria para ajudar seus semelhantes a evoluir. Eles não são obrigados pelo Karma a retornar. Eles já alcançaram sua libertação. Falaremos sobre este assunto, com mais detalhes, em outra ocasião. Acho que sua mulher está ficando impaciente de tanto esperar no carro.

Agradecemos Daskalos pela noite agradável e Zoé disse que gostaria de voltar a conversar.

– Nesse meio tempo, vou bater um longo papo com meu pai – afirmou ela, em voz baixa.

Entramos todos no carro e decidimos terminar a noite num café local.

Karma

— Daskale — perguntei —, é possível evitar o Karma?

— Sim, sem dúvida — respondeu Daskalos, sem hesitar. — Podemos observar isso muito bem no caso de Jonas. Deus diz ao profeta que Nínive tornou-se tão pecadora, a ponto de criar elementais tão maléficos, que deverá ser destruída em três dias. O profeta foi ter com os ninivitas e lhes deu a má notícia. As pessoas choraram e se arrependeram. No fim de três dias, Nínive não foi destruída. O profeta ficou amargurado. “Deus”, ele disse, “o senhor me fez passar por mentiroso aos olhos dessas pessoas.”

— De acordo com a lei do Karma, Nínive deveria ter sido destruída. Até certo ponto, Jonas estava certo. Mesmo assim, a cidade não foi destruída. O povo se arrependeu. Eles aprenderam o que tinham de aprender. Mais tarde, Jonas teve aquele belo diálogo com Deus, depois de encontrar, certa noite, sua aboboreira no chão, comida por uma lagarta. “Deus”, suspirou Jonas, “minha aboboreira está arrebitada e eu me sinto triste.” Então Deus respondeu: “Você está triste porque perdeu uma aboboreira. Como eu deveria me sentir ao perder toda uma cidade? Será que eu deveria deixar a lei do Karma destruir minha cidade?”

— A grandeza da Misericórdia Divina não pode ser concebida por nossos cérebros. Isso não quer dizer que não exista a lei de causa e efeito. Quando não há arrependimento que permita a intervenção da Misericórdia Divina, o pagamento deverá ser feito em sua totalidade, mais cedo ou mais tarde. Poderá levar séculos, mas virá. Cristo disse muito bem quando afirmou que até um único copo de água que oferecemos a alguém, no final, nos será devolvido.

Depois de uma curta pausa durante a qual Daskalos me pareceu pensativo, ele continuou com voz séria.

— Nós, cristãos, católicos e ortodoxos, temos o hábito de nos expormos ao ridículo, a nós e a Deus. Temos a audácia de, ao acender três velas na igreja, exigir até o Reino dos Céus. O que oferecemos e o que pedimos de volta? Eu lhe digo que respeito e prefiro um ateu que divide ao meio o único pão que tem e oferece um pedaço a um estranho faminto sem esperar recompensa alguma. Vejo este ateu muito mais perto de Deus e do Logos Cristo do que alguém que talvez dê muito mais, mas que esteja negociando com Deus. A maior parte das caridades feitas hoje em dia me parece mais uma expressão de egoísmo que de bem. Vemos muitas pessoas aparentemente caridosas mas que, na verdade, assim se mostram para humilhar seus semelhantes e provar, a si mesmas e aos outros, que são superiores. Seja lá qual for a caridade que se faz, esta deve ser feita secretamente. Mande um envelope anônimo a alguém necessitado, coloque trinta libras dentro e escreva apenas “com meu Amor”. Devemos tentar nos livrar completamente do nosso egoísmo.

Por alguns instantes fez-se silêncio, durante o qual todos pareciam pensativos, meditando, creio eu, sobre o que Daskalos havia acabado de dizer. Emily, sentada ao lado de Daskalos, rompeu o silêncio.

— Daskale — perguntou ela —, como o senhor convenceria alguém de que o esforço para ensinar a lei da causa e efeito não é uma tentativa de impor um sistema de ética para que os seres humanos se tornem melhores? Como o senhor vai persuadir tal indivíduo de que o Karma não é outro sistema ético?

— Já me perguntaram isso antes. Esta foi minha resposta: estude suas ações, veja o que você paga, olhe à sua volta e veja o que acontece; então tire suas próprias conclusões. As coisas são tão claras à nossa volta, em nossa sociedade, que este sofisma se torna bem superficial. Se não puder ver hoje, você verá amanhã ou depois de amanhã.

— Mas o senhor não respondeu ao argumento racional desta pessoa — insistiu Emily.

— Espere um pouco — respondeu Daskalos —, as grandes verdades nem sempre podem ser respondidas com palavras, com lógica. Você poderá responder a tais perguntas através da sua experiência, pela observação dos resultados das suas ações. Não há como evitar a observação dos resultados das suas ações. Mais cedo ou mais tarde, você os observará.

Não acredita em Karma? Quando levar duas ou três lambadas do chicote do Karma aprenderá, porque vai sentir a dor.

— Esta pessoa — continuou Emily — vai apresentar o seguinte argumento: “Eu posso não acreditar no seu Deus e no sistema ético ao qual você chama de Karma, mas acredito na humanidade.”

— Você pode perguntar-lhe o seguinte — respondeu Daskalos sem hesitar: — Por que acreditaria na humanidade?

— Porque — replicou Emily — ele também acredita que o mundo deveria tornar-se melhor.

— Por quê? — continuou Daskalos, com um olhar quase travesso. — Por que iria o mundo melhorar? Nesse momento, eu posso guiá-lo até onde quero que ele chegue. Por que alguém deveria acreditar nisso?

— Porque ele acredita no bem — disse Emily.

— Você poderá persuadir tal indivíduo com sua própria lógica e argumentos — disse Daskalos. — Eu posso ver o Divino dentro de um ateu que não acredita num deus imaginário, como a maioria das pessoas.

— Talvez — continuou Emily — o senhor possa ver em tal pessoa um Pesquisador da Verdade que, no entanto, está pesquisando um caminho diferente.

— Muito verdadeiro — observou Daskalos. — Há muitos caminhos na nossa ascensão até Deus. Não só os que foram iniciados nos mistérios estão procurando. Eu lhe asseguro que há gente que nunca ouviu falar em Pesquisa da Verdade e que pode até ser atéia; ainda assim, pode estar num degrau mais elevado do caminho espiritual que muitos de nós. Devemos julgar as pessoas não baseando-nos no que elas acreditam, mas sim em suas ações. No entanto, é preciso acrescentar o seguinte: Não conheço ninguém que, sinceramente, lute para alcançar a Verdade que não tenha, no final, sido iluminado. Lembre-se das palavras de Cristo: “Pedi e recebereis, batei e a porta servos-á aberta.” — Então, com uma brusca mudança no tom de voz, como se tivesse lembrado de algo, Daskalos disse: — Deixem-me contar a vocês sobre um encontro que tive com um conhecido filósofo inglês que tinha a fama de ser ateu. Na correspondência que mantivemos por algum tempo, descrevi a ele, com muitos detalhes, a natureza dos elementais. Certa vez, ele me escreveu: “Nos deuses dos padres, sejam lá de que religião forem, eu não consigo acreditar. Você nos explicou que tais deuses, como elementais, são poderosos. Isso eu aceito. O pensamento deve ser uma forma de po-

der. Mas os deuses produzidos pelo pensamento do homem, esses eu não posso aceitar como deuses. Posso aceitá-los como apoios criados pelos homens para enfrentar suas dificuldades. Mas o senhor pergunta: quem criou o Homem que cria os deuses? O senhor já nos explicou muitas coisas sobre o que chama de Absoluto Existir. Mas por que não chamá-lo de Ser Absoluto?" Respondi o seguinte: "A palavra Ser Absoluto implica limites." O que você acha que ele respondeu? "Eu acredito neste seu Absoluto Existir que não é Deus, mas o Existir em você e em mim. A sua expressão é a bondade e tudo o que acreditamos e entendemos ser o bem. O senhor, agora, pode mostrar um deus que está longe do testemunho dos homens. Porque todos os deuses criados pelos homens têm características humanas, tais como a fraqueza e o mal. Agora o senhor mostra um deus ao qual chama de Realidade, que chama de Vida. Nisto eu acredito. Mas por que chamá-lo de Deus? Sim, eu gosto da expressão Absoluto Existir."

— Diga-me: este homem é um ateu? Responda! — perguntou Daskalos de uma forma um tanto incisiva.

— Mas ele tem fama de ser ateu! Ele escreveu eloqüentes apologias sobre o assunto — respondi.

— Porque ele rejeitava todos esses deuses e cristos criados pelo homem: Em frente, bons soldados de Cristo, marchando para a guerra — disse Daskalos gesticulando, em tom de brincadeira.

— O homem não podia tolerar tais coisas. Ele era um pacifista. Ele acreditava no Amor. O que consegui foi ajudar esse filósofo a aceitar o "Absoluto Existir", que é Vida, que é Amor. Em sua última carta, escrita pouco antes de sua morte, ele me disse: "Você é o único ser humano que acendeu a Tocha da Realidade e da Luz, e da Sabedoria. Pelo Absoluto Existir, segure-a no alto e ilumine o Mundo."

Assim que Daskalos parou de falar, um carro estacionou lá fora e logo ouvimos alguém bater à porta. Não me lembro de alguma vez ter ido à casa de Daskalos sem que pessoas chegassem à procura de ajuda.

Abri a porta e convidei os estranhos a entrar. Era um casal de meia-idade, de Larnaca. Pediram a Daskalos que diagnosticasse o problema de um parente que estava com uma doença incurável.

— Por acaso têm uma fotografia dele? — perguntou Daskalos.

Com toda probabilidade eles conheciam o método de trabalho de Daskalos; num piscar de olhos, surgiu em suas mãos uma foto do paciente. Das-

kalos pegou a fotografia, segurou-a firmemente na mão direita e fechou os olhos. Depois de cerca de um minuto de concentração ele abriu os olhos.

— O problema — disse ele — está no cérebro. Há alguma coisa lá que deve ser removida.

— O médico — contou o homem, enquanto guardava a fotografia — não disse coisa alguma sobre um tumor no cérebro.

— Há algo lá — insistiu Daskalos, categórico. — Ele deveria fazer um eletroencefalograma. — O casal agradeceu a Daskalos, desculpou-se por ter tomado o seu tempo, e se retirou.

Depois que Daskalos voltou à sua poltrona, enquanto se preparava para continuar nossa discussão, perguntei a ele se o problema daquele homem se devia a débitos kármicos.

— Todas as doenças são devidas ao Karma — respondeu Daskalos. — Podem ser o resultado dos seus próprios débitos, ou dos débitos de outros a quem você ama.

— Eu entendo que se pague pelo próprio Karma, mas o que significa pagar pelo Karma de alguém que você ama? — perguntei.

— O que você acha que Cristo quis dizer quando nos recomendou insistentemente que carregássemos o fardo uns dos outros? O Karma — explicou Daskalos — deverá ser liquidado de uma forma ou de outra. É a lei do equilíbrio universal. Assim, quando amamos alguém, podemos ajudar a essa pessoa, pagando parte de seu débito. Mas isso só é possível depois de a pessoa ter “aprendido a lição”, quando então não será mais necessário o pagamento total do débito. No momento em que a maior parte do Karma tiver sido liquidada, uma outra pessoa poderá assumir o fardo restante e livrar a pessoa em questão da dor. Quando estamos dispostos a fazer isso, o Logos assume nove décimos do débito restante e nós, na verdade, assumimos apenas um décimo. Desta forma, o débito final a ser pago será muito menor e a dor necessária consideravelmente reduzida. Essas porcentagens não são arbitrárias — explicou Daskalos — mas parte da natureza das coisas.

— Imagine — continuou Daskalos — que alguém que tenha matado muitas pessoas em várias de suas encarnações seja amado por outra pessoa. Um laço de amor se estabelece entre eles através dos séculos. Se quiser, aquela pessoa pode, consciente ou inconscientemente, aceitar parte do Karma da pessoa amada, pressupondo-se que a maior parte do débito tenha sido liquidada pela outra pessoa que, neste meio tempo, aprendeu a lição necessária. Caso contrário, isso não será permitido.

— O que quer que aconteça conosco — disse Daskalos, vagarosa e enfaticamente —, que nos cause dor nesta vida, é o resultado das nossas próprias dívidas ou então o resultado da nossa boa vontade em liquidar as dívidas das pessoas amadas que têm um Karma excessivamente pesado para carregarem sozinhas. Quando se tornarem mestres, capazes de ficar em sintonia com o Bem universal, vocês estarão na posição de assumir o Karma não só das pessoas a quem amam, mas também das pessoas que são consideradas inimigas. Como mestres, vocês serão capazes de fazer cessar a dor em seu próprio corpo mas não farão isso, porque, ao narcotizar a dor no seu corpo, vocês, automaticamente, devolverão a dor à pessoa por quem assumiram o Karma. Cristo nos mostrou o caminho quando foi crucificado e sofreu na Cruz como uma pessoa qualquer.

— Quando você alcança um ponto mais alto em sua evolução — continuou Daskalos —, o Logos pode pedir que faça exatamente isso, que suporte o Karma de outros, até mesmo dos seus inimigos. Você é o canal do Logos e *deveria achar* uma honra ser sobrecarregado de tal forma. Você, talvez, pergunte: “E qual é a minha recompensa por isso?” Fazer tal pergunta significa que o seu egoísmo está vivo e é muito perigoso. A honra que está sendo oferecida a você, colocar seus ombros sob os do Logos, é a maior das recompensas.

— Daskale — perguntei —, poderia nos dar um exemplo, baseado em sua própria experiência pessoal, de como o senhor assumiu o Karma de alguma outra pessoa?

— Karma é o que há de mais difícil de se entender — respondeu Daskalos. — Eu sempre fico intrigado. — Então, ele começou a narrar uma experiência pessoal.

— Há vários anos, um sobrinho meu me perguntou se eu achava que ele deveria se casar com uma certa viúva. Eu lhe disse: “Você terá minha bênção se amar verdadeiramente não só à viúva, mas também à sua filha”, que naquela época tinha sete anos de idade. Ele assegurou-me que, sem dúvida, amava a menina e achei que estava falando a verdade. Fui seu padrinho de casamento. Um ano depois, o casal teve um filho, mas este apresentava um sério defeito congênito que os médicos não conseguiram corrigir. O bebê nascera com as duas pernas grudadas no tórax. Vieram me ver. Peguei a criança no colo e logo compreendi quem ele era. Theophanis estava comigo naquele dia e ele também com-

preendeu. Eu lhe pedi para não comentar nada com os outros e disse aos pais que me dedicaria à cura da criança. Muito, muito aos poucos consegui livrar as pernas e as coloquei no gesso. Sempre, depois de poucas semanas, tirávamos o gesso, massageávamos as pernas e engessávamos de novo. O menino foi ficando bom e o pai me pediu para batizá-lo. Ele tinha três meses de idade naquela época.

— Neste meio tempo, certa manhã, enquanto eu andava de minha casa até o Santuário, pisei em alguma coisa e senti dor. Quando fui para o quarto, tirei o sapato para ver o que tinha acontecido. Minha neta estava comigo. Ela disse: “Vovô, olhe. Seu pé está preto.” No mesmo instante, entendi o que havia acontecido. Eu estava liquidando o Karma da criancinha. Minha neta correu até sua mãe. Esta veio imediatamente e me levou de carro até o hospital. O chefe dos cirurgiões examinou a minha perna e fez seu diagnóstico: gangrena. A perna teria de ser amputada. Dei minha permissão. A gangrena já havia chegado até o joelho. A operação seria no dia seguinte. Pedi para ser internado num quarto que dava para o rio e, na véspera da operação, disse ao médico que precisava ficar cerca de uma hora e meia sozinho no quarto porque, como fazia todas as tardes, iria meditar. O médico não se opôs. Assim, fui deixado só. Sentei-me na cama, olhando para a porta que dava para o rio. Sorri e me dirigi ao Logos: “Se pensa que vou implorar que salve a minha perna, tire isso da cabeça. Esta é a minha perna e ela é sua” — e Daskalos apontou para a sua perna direita. — “Se acha que ela deve ser curada, que seja curada. Se acha que deve ser cortada, que seja cortada. Que Vossa Vontade seja feita, meu Amado.” Naquele momento, quando eu terminei minha sentença, senti algo semelhante a uma brisa beijando minhas têmporas. De repente, vi um anjo sentado na beira da cama, segurando minha perna doente com uma mão e alisando-a com a outra.

— Se houvesse alguém mais naquele quarto — perguntei —, acha que também teria visto o anjo?

— Não sei — respondeu Daskalos, dando de ombros. — Pode ser que sim, pode ser que não. *Eu* o vi, com certeza. Ele me pareceu um rapaz muito bonito, todo vestido de branco, sem asas ou penas. Não prestava a mínima atenção em mim; apenas massageava a minha perna sem parar. Depois disso, ele desapareceu, e a gangrena também. Na manhã seguinte, os médicos vieram, prontos para a operação. Olharam sur-

presos para a minha perna. Só restava uma pequena marca preta na ponta de um dedo do pé. Em mais um dia, toda a gangrena havia desaparecido.

Daskalos começou a explicar a ligação kármica entre ele e o bebê, cujo batizado teve de ser adiado por uma semana, até que Daskalos estivesse recuperado de sua penosa experiência.

— Há vários séculos — começou Daskalos —, este bebê era um marinheiro da marinha bizantina. Era um pobre homem que tinha de passar meses, e às vezes até anos, longe de sua esposa, uma mulher muito bonita. Durante uma de suas viagens, um aristocrata bizantino se encantou com a mulher, e começou um caso com ela. Quando o marinheiro voltou, ela o abandonou pelo amante. Amargurado e furioso, ele se juntou a um grupo de piratas os quais acabaram tornando-o seu líder. Com três navios eles se transformaram numa ameaça constante aos navios de Bizâncio, assim como aos outros.

— Naquele tempo, eu era um italiano, filho de um encarregado de negócios de Veneza em Constantinopla. Vivía em Veneza com minha mãe, que era separada do meu pai. Por isso, a cada dois anos, eu fazia a viagem de Veneza a Bizâncio para vê-lo. Em minhas viagens a Constantinopla, eu era sempre acompanhado por minha governanta, uma senhora gorda e idosa. Durante uma dessas viagens, ao voltarmos para casa, exatamente quando nosso navio estava passando pela Sicília, fomos atacados por tais piratas. Na época eu estava com dezesseis anos de idade. Os piratas bizantinos tiraram minhas roupas, que eram bordadas a ouro, e me vestiram com trapos. Minha governanta foi morta, assim como os outros passageiros de idade. Eles não tinham utilidade para os piratas. Os que tinham aparência forte e jovem foram levados à fortaleza dos fora-da-lei para serem vendidos como escravos. A base deles era uma cidade na costa marroquina onde tinham sua torre. Era um mercado de escravos para homens e mulheres. Um árabe negro me comprou, depois de examinar meus dentes para verificar se eu tinha boa saúde. Quando estava sendo levado, olhei para trás e senti afeição por aquele pirata bizantino. Não posso explicar por quê.

— Fui escravo durante três anos. As condições de vida eram deploráveis. Meu cabelo começou a cair. Fiquei pálido e perdi vários dentes. Fiquei muito doente. Quando os navios piratas chegaram novamente, meu senhor árabe levou-me ao pirata bizantino e pediu seu dinheiro de volta. O pirata protestou dizendo: “Não foi neste estado que o vendi

ao senhor. Eu esperava que o senhor o usasse como seu criado pessoal e não que o deixasse ficar doente assim.” Os dois discutiram por algum tempo e, então, o pirata bizantino deu algo ao árabe e me levou de volta. Sentei-me numa pedra e apoiei meu corpo num muro baixo. Olhei nos olhos do pirata e perguntei: “Como você pôde fazer isso comigo, que sou um cristão como você? Por que você nem ao menos me levou como seu criado pessoal? Como pôde um cristão como você vender a mim, outro cristão?” Ele gritou, bravo: “Você não é cristão. Você é um franco (católico)”, e me bateu na cara. Na sua fúria ele fez um sinal a seus homens para acabar comigo. Quando eles se atiraram sobre mim, atravessando minha barriga com suas espadas, o pirata mudou de idéia. Aparentemente, sua consciência despertava devido ao que eu tinha falado. Ele se apressou a impedi-los de fazer o que estavam fazendo, mas era tarde demais. Eu partira. Então, ele pegou meu corpo, dobrou o trapo que eu estivera usando, beijou-o e colocou-o junto ao peito. Depois disso ele me embrulhou em roupas brancas e limpas, e me levou a um padre ortodoxo, para ser enterrado. Os piratas bizantinos — explicou Daskalos —, costumavam fundar suas próprias colônias ao longo da costa marroquina e tinham, entre eles, padres que haviam sido afastados da Igreja ou que, de uma forma ou de outra, eram rebeldes.

— Este padre se recusou a seguir os ritos de sepultamento porque eu era “um franco”. O próprio pirata resolveu então me enterrar e leu todas as orações apropriadas. Colocou uma cruz na minha sepultura e ficou de vigília por toda a noite. Depois disso, decidiu desistir da pirataria. Apanhou o que pôde carregar em jóias e em dinheiro, e pediu a um de seus homens que tomasse a liderança. Explicou que estava cansado da pirataria e que tinha decidido sossegar. Pude vê-lo do mundo psíquico e senti compaixão por ele. Procurou outro padre ortodoxo, na Sicília, e se confessou. Pediu ao padre que lhe desse um manto porque havia decidido tornar-se um eremita. Pegou o manto e saiu. Ele usava minhas roupas como travesseiro todas as noites. Um ano e meio depois, ficou doente. Sua barriga inchou e ele morreu. Não o encontrei mais desde então.

— Pelo que sei, aquela foi a primeira vez que o encontrei. Só vim a revê-lo naquele bebê. Só Deus sabe quanto Karma ele já deve ter pago pelo caminho, com todos os assassinatos e saques que cometeu como pirata.

— Quando o batizei — continuou Daskalos —, o bebê se comportou de modo muito estranho. Segurou o meu dedo e não o soltou, chorava sem parar e olhava em meus olhos. Até pressionou os lábios contra minhas têmporas enquanto eu o segurava junto a mim. Seu pai disse que foi o primeiro beijo de seu filho.

— Repare como o Karma funcionou neste caso — disse Daskalos, ao concluir sua história. — Um dia, ele gritou comigo dizendo que eu não era um cristão, e mandou que seus homens me matassem. Nesta vida, assumi parte do seu Karma, curei-o e me tornei seu padrinho de batismo.

— Que justiça perfeita! — exclamei.

— Você suporta o Karma de seu semelhante somente quando você o quiser — repetiu Daskalos.

Então, da maneira que o caracterizava, Daskalos começou a contar uma outra experiência pela qual tinha passado, para exemplificar como um mestre pode assumir o Karma de outra pessoa.

— Há seis anos, um parente meu estava prestes a ter uma mão amputada. Ele tinha mulher e quatro filhos. Pouco antes da operação, senti uma estranha dor em meu braço. Theophanis se encontrava em Pafos na ocasião; ele sentiu a minha dor, pegou o carro e veio me ver. Eu estava de novo com gangrena, desta vez na mão. Depois dos exames de sangue, o médico concluiu que ela deveria ser amputada. Theophanis pediu licença no trabalho e ficou sentado à minha cabeceira dia e noite. Lembro-me de um dia em que a esposa de um alto comissário britânico se encontrava em minha casa (ela costumava vir por causa de um de seus parentes), e eu estava deitado na cama quando alguém bateu à porta. Uma mulher turca entrou, arrastando-se com dificuldade porque não conseguia andar direito. Ela disse: “Ouvi dizer que Spyro Efendi (mestre em turco) está muito doente e vim aqui para ele me curar antes que ele morra.” Tentaram mandá-la embora, mas quando me contaram o caso pedi que a deixassem entrar. Ela subiu as escadas com dificuldade e veio até o quarto. Coloquei minha mão sobre ela e pedi que ficasse em pé e andasse. Ela fez o que mandei e começou a andar direito. “Efendi”, disse ela, “agora estou bem. Agora o senhor pode morrer, se quiser” — e Daskalos ria a mais não poder ao se lembrar do incidente.

— Assim que a mulher turca saiu — continuou Daskalos —, pedi a Theophanis que cobrisse minha mão com o lençol branco. Em seguida,

coloquei a mão boa sobre a doente e comecei minha própria cura. Primeiro rezei ao Logos. Depois, passei repetidas vezes a mão boa por sobre a doente, outra e outra vez — Daskalos mostrou como tinha feito, passando a mão esquerda sobre a mão direita.

— Fiquei desmaterializando e materializando tecido após tecido, até ter criado uma mão inteiramente nova. Então tirei o lençol e mostrei a mão a Theophanis. Minha mão estava de todo curada. Theophanis começou a chorar, ajoelhou-se e beijou o meu braço. O médico veio na manhã seguinte. Examinou minha mão e balançou a cabeça. “Você de novo”, disse, não sabendo o que fazer comigo. Minha mão não foi amputada. O Karma havia sido pago e a mão do meu parente estava a salvo.

Depois de nos contar essas histórias, Daskalos mencionou que planejava assumir outro Karma que poderia lhe custar a vida. Protestei. Ele me disse:

— Se soubesse de quem se trata, você entenderia. Eu lhe digo mais tarde — disse ele, deixando transparecer que não queria conversar comigo a respeito disso na frente dos outros.

Levantamo-nos para sair, agradecemos a Daskalos pela aula e nos dirigimos à porta. Quando estávamos saindo ele me pediu para ficar porque tinha alguma coisa para me dizer. Os outros já estavam no carro, esperando. Daskalos disse que a pessoa em questão era seu genro. Os médicos descobriram uma moléstia no fígado que podia lhe custar a vida. Ele contraíra a doença de um amigo. Este amigo, que morava em Londres, telefonara a ele implorando por ajuda, pois estava com uma séria moléstia no fígado. Seu genro tranqüilizara o amigo: “Não se preocupe. Faremos tudo o que pudermos para salvá-lo e, se não for possível, então assumirei o seu Karma!”

— Eu estava acompanhando a conversa — disse Daskalos — e quando o ouvi dizer isso gritei para que se calasse, mas era tarde demais. Agora você entende — continuou Daskalos — porque preciso assumir este Karma? Não posso deixar que minha filha fique viúva tão jovem e que meus netos fiquem órfãos. Meu genro tem trinta e seis anos. Eu tenho sessenta e seis. Faz muito mais sentido que eu vá, se houver escolha. — Daskalos parecia triste com a idéia de ver sua filha ficar viúva. Ele disse que já havia começado as orações no Santuário.

— Se Deus quiser — continuou ele —, Yohannan vai assumir este peso e eu não terei de ir ainda. — Ao se despedir, Daskalos pediu com

insistência para eu não mencionar coisa alguma a Iacovos, caso contrário ele tentaria impedi-lo, assumindo ele mesmo o Karma que tinha de ser pago. — Entretanto — continuou Daskalos —, receio que ele esteja começando a suspeitar de algo.

Quando Theophanis chegou no dia seguinte, pedi a ele para me descrever, exatamente, o que tinha acontecido no dia em que Daskalos havia se curado. Ele repetiu a mesma história, inclusive o incidente com a mulher turca. Daskalos não presenciou esta minha conversa com Theophanis.

Lembranças

Daskalos e Iacovos chegaram à nossa casa no começo da noite para jantar conosco. Não tínhamos programado discutir nenhum assunto específico, mas eu sabia que, com a presença de Daskalos, era impossível ter uma conversa desinteressante. Lembro-me do quanto ri uma noite em que Daskalos contou uma seqüência de histórias muito engraçadas. Eu ainda estava rindo quando cheguei em casa, e as gargalhadas irritaram muito minha garganta.

Era sexta-feira, três semanas antes da Páscoa. Eu havia me esquecido completamente de que, na religião ortodoxa grega, esta era uma época de jejum. Os fiéis deveriam evitar carne e seus derivados, frango, peixe e até leite, queijo e ovos. Eu me perguntava se Daskalos seguia tais regras de nutrição da Igreja Ortodoxa, já que o jantar que havíamos preparado nada tinha de vegetariano.

— Um padre, enquanto comia frango durante a Semana Santa, foi surpreendido por um bispo — contou Daskalos, ao comer uma crocante asa de frango assado. “Vossa Excelência Reverendíssima”, disse o padre ao contrariado bispo, “a cada domingo eu transformo pão e vinho no corpo e no sangue de Cristo. Por que não posso transformar um frango em verdura?”

Esta história fez Daskalos lembrar-se do seu turbulento relacionamento com a hierarquia greco-ortodoxa. Há vinte e cinco anos, Daskalos era rotulado pelos bispos cipriotas, instigados por vários teólogos gregos, de instrumento do diabo, e chegou a ser trazido a um tribunal religioso para ser excomungado. O tribunal era composto pelos bispos e por seis teólogos vindos da Grécia. O arcebispo encontrava-se em viagem pelos Estados Unidos e pela Europa.

— Eles me acusaram de usar poderes satânicos para fazer passes de mágica. Chegaram a argumentar que eu teria forçado minha filha a dançar numa corda bamba. Aqueles bispos e alguns arcebispos ajoelharam-se em frente ao Santo Altar dia e noite excomungando o meu nome. Durante o processo, um dos bispos me perguntou se eu mantinha contato com espíritos. “Sim. O que há de errado nisso? Se o senhor tivesse estudado bem a Bíblia saberia que não há nada de errado em entrar em contato com os espíritos.” Então pediu-me para levantar o braço direito e repetir o que ele dizia. “Acredito num só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra e de todas as coisas visíveis e invisíveis. . .” Eles achavam que, se eu fosse o diabo, não seria capaz de recitar a oração e mencionar o nome de Deus. Levantei o braço como me disseram que fizesse e repeti a oração. Depois que acabei, perdi a paciência. “Esses loucos”, explodi e apontei o dedo para os rostos severos dos seis teólogos, “estão envenenando nossa Igreja. Seria melhor que os senhores os mandassem de volta para o lugar de onde vieram porque o que aconteceu hoje é uma desgraça para a Igreja.”

Felizmente para Daskalos, o arcebispo Makários cancelou o processo. Quando ele ficou sabendo o que os bispos estavam fazendo durante a sua ausência (naquela ocasião ele se encontrava nos Estados Unidos), mandou um telegrama instruindo-os para “parar as bobagens” até a sua volta.

— O arcebispo me disse, mais tarde, para não me importar com aqueles “bispos meio-loucos e analfabetos”.

— Por que o arcebispo iria interferir a seu favor? — perguntei.

— Ele era meu amigo — explicou Daskalos, com um sorriso ladinho. Então, nos revelou que o arcebispo recebia regularmente conversas gravadas e mensagens dele.

Depois do relato sobre sua aventura com o clero local, a conversa mudou para a juventude de Daskalos. Seu pai, fiquei um pouco surpreso ao descobrir, era meio escocês e meio grego. Após uma bem-sucedida carreira como almirante na Marinha britânica, o rei concedera-lhe o título de cavaleiro. Daskalos herdou este título aristocrático, mas o repudiou, devolvendo-o ao trono britânico como protesto contra os maus tratamentos infligidos aos greco-cipriotas pelas autoridades coloniais britânicas durante a guerra de guerrilhas dos anos 50.

— Meu pai era um homem severo e rígido, que pouco demonstrava afeição por mim. Ele queria fazer de mim um oficial militar bri-

tânico e exigia que todos'os membros da família falassem inglês em vez de grego. Eu me ressentia com esta pressão, mas, procurando desesperadamente a afeição e a aprovação dele, entrei para a Marinha britânica e me tornei oficial. Lembro-me do dia em que completei o treinamento e voltei para casa usando o uniforme. Todos comentaram como eu era um oficial alto e bonito. Olhei-me no espelho e o que pude ver foi uma mula usando um cinto — concluiu Daskalos, dando uma portentosa gargalhada.

— Naquela ocasião, fui visitar meu pai no escritório. Eu esperava uma recepção calorosa mas, em vez disso, recebi frias instruções de sua secretária para que esperasse por ele. Quando entrei no escritório, uma hora depois, ele estava tão distante e inatingível como sempre. Pediu-me para sentar e me ofereceu um cigarro. Fiquei muito embaraçado quando ele começou a me chamar de “capitão”. “Pegue um cigarro, capitão.” “Não, obrigado. Não fumo na frente do meu pai”, respondi. Logo que cheguei em casa disse à minha mãe que, no que me dizia respeito, meu pai estava morto. Fiquei trancado em meu quarto, tirei o uniforme e os cintos, joguei tudo no chão e comecei a pisotear de raiva. Quando meu pai voltou para casa, ele veio até o meu quarto. “Olhe o seu capitão”, disse eu soluçando e apontando para a desordem no chão. “Comporte-se, capitão”, ele respondeu, sem nenhuma demonstração de emoção. Que iceberg britânico, pensei comigo mesmo. Apesar de tudo, eu ainda o amava. Tê-lo como pai era como passar por seis encarnações — acrescentou Daskalos, rindo.

— É difícil identificar qualquer traço de educação inglesa na sua personalidade — comentei admirado.

— Isso mostra — respondeu Daskalos — que o meio ambiente não tem um papel determinante na formação da personalidade, como a maioria de vocês, cientistas sociais, pressupõe.

Daskalos afirmou ser particularmente contrário às pretensões aristocráticas de seus pais. Sua mãe, embora de origem grega, comportava-se como uma senhora inglesa, e o círculo de relações do casal girava em torno da mansão do governador britânico. Para escapar à atmosfera sufocante de sua casa, durante a adolescência Daskalos passava os verões no mosteiro de Stavrovouni, uma antiga cidadela renomada por sua austeridade e localizada bem no topo de uma montanha escarpada. De acordo com a lenda, Santa Helena, mãe do Imperador Constantino, deixara

na ilha, após a sua visita, um pedaço da Santa Cruz. Daskalos tinha acesso ao mosteiro porque o abade era seu tio.

— Um dia, em julho, meus pais foram lá me visitar. Queriam saber como eu passava o tempo. Naquele dia eu estava fora, nos campos, trabalhando com os outros monges. Eu vestia um hábito preto surrado e meu corpo estava coberto de suor misturado com poeira. Disseram a meus pais onde me encontrar. Eu trabalhava com um arado puxado por dois bois quando os avistei, vindo na minha direção. A princípio não me reconheceram, porque eu usava um chapéu que me escondia o rosto. Ambos estavam impecavelmente vestidos. Minha mãe usava um chapéu caro e sapatos de salto alto. Eles esperavam me encontrar confortavelmente sentado à sombra de uma oliveira, lendo um livro. Quando levantei a cabeça e minha mãe percebeu que era eu, desmaiou nos braços de meu pai. Ali mesmo expliquei que não poderia mais continuar com o modo de vida deles, para mim sem nenhum sentido. Por sorte, tive o bom senso de não entrar para o mosteiro. Não teria agüentado tanta imundície.

— Uma antiga tradição em Stavrovouni exigia que os monges nunca se lavassem; caso contrário, tirariam o óleo sagrado com o qual haviam sido ungidos no batismo. A limpeza do corpo era feita provocando suor em excesso e esfregando-se com toalhas. Dizia-se que o arcebispo se recusava a fazer uma visita formal ao mosteiro até que todos os monges se lavassem. O abade prometeu satisfazer seu desejo. Quando o arcebispo chegou, ele cumprimentou-o no portão: “Veja, Vossa Excelência Reverendíssima, agora eu estou limpo.” Dizendo isso, colocou os dedos numa bacia com água que um ajudante estava segurando e, de leve, respingou o rosto com algumas gotas do líquido.

Quando terminamos de jantar, fomos para o terraço coberto por jasmineiros e que dava para um pequeno bosque de eucaliptos. Coloquei uma sinfonia de Beethoven, o compositor favorito de Daskalos, enquanto Iacovos se oferecia para preparar café turco.

— Daskale — comecei, antecipando maiores revelações sobre a sua vida —, fiquei muito surpreso ao saber que tomou parte no movimento anticolonialista contra os ingleses. Acho que um psicólogo diria que foi uma expressão de hostilidade latente contra seu pai que, afinal de contas, fez o que pôde para transformá-lo num perfeito inglês. Mas o que realmente me intriga é o fato de uma pessoa que faz curas e um

homem de Deus como o senhor ter participado de um movimento rotulado pelos britânicos de terrorista.

— Você acha que eu me juntei ao movimento por motivos patrióticos? — respondeu Daskalos com ironia. Nesse momento, ele me lembrou que um Pesquisador da Verdade só pode se envolver em política para servir a uma causa mais elevada. Ele jamais deve participar da vida política por interesse pessoal ou pelo que as pessoas comuns chamam de patriotismo.

— Meu envolvimento com a EOKA (a organização guerrilheira mantida pela Igreja que lutou contra os ingleses de 1955 a 1959) era, na verdade, encenação. Alistei-me para salvar tantas vidas quantas fosse possível. Maior número de ingleses, gregos e turcos teriam sido mortos se eu tivesse permanecido indiferente.

Daskalos narrou, então, as diversas maneiras pelas quais ele interveio para salvar vidas. Era uma tarefa extremamente difícil e arriscada que, com frequência, criava grande ansiedade e dilemas morais para ele. Um incidente em particular causou tanta angústia que, por algum tempo, Daskalos ficou confuso sobre a questão do certo e do errado. Essas diferenças tornaram-se turvas em sua mente, garantiu ele.

— Quando fiquei sabendo que vários chefes guerrilheiros que eu conhecia estavam tramando o assassinato de um homem que, presumia-se, era um informante, tive de intervir vigorosamente e os fiz mudar de idéia. Vários anos depois, logo após termos conseguido a independência, esta mesma pessoa matou diversas outras. O sujeito acabou preso e enforcado. Fiquei numa confusão psíquica profunda durante vinte dias, sem saber se tinha agido corretamente ao salvar-lhe a vida. Finalmente, uma tarde, enquanto meditava no Santuário, ouvi a voz de Yohannan: “Quando você faz o bem a um ser humano, você não está negociando com ele sobre seu comportamento futuro. Somente ele é o responsável pelas suas ações. Suas intenções foram boas. Você fez o bem. Não cabe a você julgar o futuro. Isso pertence a Deus e ao Karma.”

Quando a disputa étnica entre gregos e turcos começou, em 1963, três anos depois da declaração da independência, Daskalos novamente se viu no meio do tumulto.

— Por ter tido treinamento militar, fui designado para um pequeno contingente de soldados que integrava a defesa grega. Eu estava com Pashie (gordo) Kostas, o antigo chefe de polícia, em Omorphita (um

subúrbio de Nicósia, onde graves ataques aconteceram durante o período de Natal de 1963). Levava uma pistola no meu cinto e tinha uma metralhadora dentro do carro.

— O senhor quer dizer que teria usado essas armas contra os turcos? — perguntei, sem tentar esconder minha incredulidade. Por algum motivo, a imagem de Daskalos perambulando pelas ruas de Omorphita com uma pistola na mão não me parecia muito provável.

— Eu nunca usaria uma arma contra quem quer que fosse — respondeu Daskalos rindo.

— E se o senhor fosse atacado?

— De fato, eu me encontrava sozinho com Pashie Kostas num determinado lugar quando fomos cercados por quarenta rapazes turcos. Depois de uma longa perseguição, para nos salvar tivemos que pular um muro alto, tentando nos livrar de um mar de balas. Por ser muito gordo, Pashie Kostas teve dificuldade em pular o muro. Costumávamos brincar e chamar um ao outro de “capitão”. Que farsa trágica! “Bem, capitão, o que vamos fazer agora?”, perguntei quando me parecia que estávamos encurralados atrás daquele muro. Começamos a dar tiros para o ar na esperança de assustar os turcos e afugentá-los. Eu jamais atiraria neles. Por fim fomos salvos por Atanásia, uma mulher rebelde do lugarejo de Kythrea. Ela veio com seus “meninos” e colocou os turcos em fuga.

— Por que o senhor não usou seus poderes especiais para se defender? — perguntei.

— Os poderes psíquicos não devem ser usados em assuntos, digamos, mundanos. Os mestres invisíveis não permitem. Usei a clarividência uma única vez durante aqueles conturbados dias, e para salvar vidas. Dei ordens estritas aos meus homens que nunca atacassem e jamais atirassem contra alguém, a menos que suas vidas estivessem em perigo iminente.

— Um pretensioso oficial grego veio até nossas posições e ordenou que meus homens atacassem uma fortaleza turca porque ele acreditava, o idiota, que os turcos estivessem dormindo ou não estivessem lá. Discuti com ele por alguns instantes e tentei mostrar a ele que o que estava sugerindo era loucura. Ameacei denunciá-lo a seus superiores por estar pondo em perigo a vida daqueles homens. A meu modo, vi que os turcos estavam completamente alertas e, se atacássemos, haveria

uma chacina. “Por que não joga algumas pedras contra aquelas posições e vê o que acontece?”, sugeri. Foi o que fez. Os turcos, pensando que estivéssemos atacando, abriram fogo cerrado. Mais tarde, abandonaram suas posições e bateram em retirada. Eu, então, disse ao oficial grego: “Agora o senhor pode tomar o forte e ficar com o crédito. Nós não estamos interessados.”

— Quando os distúrbios terminaram, Makários, numa reunião formal à qual eu estava presente, elogiou-me por ser “um verdadeiro patriota grego e um cipriota”. “Espere um instante, Excelência Reverendíssima”, protestei, “não sou nem um patriota e nem um grego, e menos ainda um cipriota. A única razão pela qual eu me encontrava na linha de frente era para proteger nossas mães e irmãs. Nada mais do que isso.” Esta é outra forma de loucura — emendou Daskalos rindo —, mas ao menos não é tão boba quanto o patriotismo.

— Nessa mesma noite — continuou Daskalos —, uma conhecida filóloga que havia tomado parte na luta contra os ingleses levantou-se e, com muito orgulho, disse: “Nós mulheres, Excelência Reverendíssima, também demos nosso sangue por este país.” Não pude resistir à tentação. Inclinei-me na direção de Makários e murmurei ao seu ouvido: “Sim, Excelência Reverendíssima, elas deram o sangue uma vez por mês.” O arcebispo recostou-se na poltrona e colocou as mãos no estômago, como que para evitar que este estourasse enquanto ele ria até não poder mais. — A filóloga recusou-se a falar comigo nos cinco anos seguintes. Agora somos bons amigos e sua irmã é membro dos meus círculos.

— Tive problemas com patriotismo — continuou Daskalos — desde criança. Lembro-me de um dia em que nosso professor estava dando uma aula sobre História grega. Ele contou como o imperador bizantino Vasilios Vulgaroktonos arrancou os olhos de mil prisioneiros búlgaros, com a exceção de um, que ele deixou com um só olho para que guiasse seus compatriotas de volta para casa. Disse-nos que era uma forma de aterrorizar os búlgaros, a fim de que eles parassem seus ataques contra Bizâncio. Quando ouvi aquela história levantei-me e gritei: “Que vergonha!” “Você quer dizer que a História grega é vergonhosa?”, perguntou meu professor, bravo. “Que vergonha, que vergonha!”, gritei de novo, o mais alto que podia. Ele me pegou pela orelha e me mandou sair da sala. Quando o diretor ouviu falar do incidente, mandou

que eu fosse dispensado daquele curso. Ele, pessoalmente, me deu aulas sobre o assunto e me livrou da História grega. Eu não podia tolerar o fato de feitos tão horríveis serem apresentados como atos de patriotismo.

Daskalos, então, ficou em pé, levantou a camisa e nos mostrou uma velha cicatriz nas costas, resultado de um tiro recebido durante os dias críticos de 1963. A bala ainda estava no corpo. Coloquei a mão no lugar do ferimento e pude senti-la. Daskalos não se preocupava em tirá-la porque não o incomodava. Havia gordura em volta da bala, o que afastava o perigo de uma infecção. — Além disso — acrescentou ele em tom de brincadeira — quando eu morrer, gostaria de levar esta bala como um presente para Deus. Direi a ele: “Senhor, aqui está uma prova da loucura do homem.”

— O falecido Muftizate, um conhecido turco-cipriota — continuou Daskalos —, chamou-me um dia: “Spyro, vamos ao Tekke (uma capela muçulmana). O *hojah* diz que é capaz de fazer feijões dançarem sem a interferência de ninguém.” Fomos de carro até Larnaca, para o Tekke, juntos. O *hojah* estava muito agitado. Ele fez um círculo no meio do pátio e colocou em seu centro um punhado de feijões. Em seguida, recitou algumas orações. Os feijões começaram a dançar. Ele não sabia o que estava acontecendo. Eram espíritos da natureza, vindos do jardim, que brincavam com os feijões. Eu me comuniquéi com aqueles espíritos e pedi-lhes que viessem até mim. Os feijões vieram e dançaram ao redor do meu rosto. O *hojah* ficou aterrorizado. “Fique longe deste Giavour (termo pejorativo turco para a palavra grego)”, ele disse ao meu amigo, “ele tem poderes satânicos” — e Daskalos deu uma risadinha.

- O que os espíritos da natureza estavam fazendo lá? — perguntei.
- Eram espíritos da natureza do jardim.

Daskalos explicou que cada planta tem um anjo, que é uma projeção de uma fonte arcangélica. Trata-se de um espírito que mantém viva a planta. Quando a planta morre, este anjo transfere a experiência da planta para o arcanjo. É assim que a informação passa de uma geração da espécie para a outra.

— Os espíritos da natureza são brincalhões, como crianças pequenas. Se você não souber como lidar com eles, eles podem prejudicá-lo, mas não por mal. Como criancinhas, podem prejudicá-lo de maneira inocente. Quando nos comunicamos com uma planta ou um animal,

nós realmente nos comunicamos com o anjo encarregado daquela planta ou animal.

— Eu me diverti tanto com meus amigos turcos — disse Daskalos com tristeza. Na verdade, antes do início da violência entre povos, Daskalos tinha um círculo de alunos no lado turco. Ele sabia falar turco e até passou nos exames vestibulares da Universidade de Istambul, os quais prestou só pelo prazer de fazê-lo. As lições para seus alunos turcos baseavam-se nas tradições Sufi, e Daskalos, em vez de usar o Novo Testamento, usava de forma extensiva o Alcorão. Em diversas ocasiões ele me falou o quanto prezava sua amizade com vários turcos, inclusive com alguns dos seus líderes. Muitos turcos acreditavam que “Spyro Efendi” era, na verdade, um profeta muçulmano enviado por Deus aos gregos infiéis para a salvação destes. Em melhores dias, muitos greco-cipriotas vinham até Daskalos em busca de uma cura.

Ele contou diversos outros episódios sobre o seu envolvimento no conflito étnico na ilha. Há muito, eu havia percebido que sempre que Daskalos descrevia uma experiência pessoal, de natureza séria, cômica, ou ambas, ele estava ao mesmo tempo tentando ensinar algo aos que o ouviam. Sempre havia uma moral em cada história.

— Enquanto eu patrulhava com meus homens o setor turco — continuou Daskalos — ouvi um choro de criança que continuou por quase dois dias. Descobri que uma mãe turca e seu bebê estavam presos numa casa, em algum lugar entre os dois setores. A comida tinha acabado e não havia leite para o bebê. Peguei um alto-falante, levantei uma bandeira branca e tentei entrar em contato com os turcos do outro lado. “É o senhor, Daskale?”, ouvi alguém gritando. Reconheci a voz. Era Fikret, um dos meus alunos turcos. “Fikret”, gritei para ele, “é você?” “Sim, sim, Daskale. Vê o que os figurões fizeram conosco?” Descobri que Fikret comandava o grupo de turcos em frente à nossa posição. “Fikret”, eu disse, “vou pegar leite para a mãe turca. Diga a seus homens que não atirem.” Fikret gritou: “Daskale, venha sozinho, está bem?” “Combinado.” Comprei três latas de leite, peguei uma bandeira branca e fui para baixo da sacada da casa onde a mulher com o bebê estavam em apuros. Ouvi Fikret dando ordens a seus homens, dizendo que se alguém atirasse em mim ele mesmo mataria o responsável. A mulher turca veio até a sacada e eu joguei as latas de leite para ela. “Obrigada, obrigada, Daskale”, ela disse, “Deus esteja com o senhor.” Aparentemente,

ela havia aprendido o meu nome enquanto eu falava com Fikret. Assim que comecei a voltar para as nossas posições, um turco enorme apareceu na esquina, com uma metralhadora nas mãos. A mulher gritou para que eu tomasse cuidado. Tentei me esconder mas ele atirou e diversos pequenos projéteis me atingiram. Caí no chão. Imediatamente ouvi tiros. Era Fikret que feria seu compatriota. Ele correu até mim e perguntou se eu estava bem. Queria me levar para o hospital turco. Disse a ele que preferia ser levado para um hospital no lado grego. Fikret, então, se ofereceu para me acompanhar de volta até as nossas linhas. Ordenei a meus homens para não atirarem. Fikret me ajudou a andar. Meus ferimentos não eram graves. Quando chegamos às linhas gregas, apresentei Fikret aos outros e pedi-lhes que lhe apertassem a mão. Apresentei-o como um dos meus alunos. Neste instante, apareceu o maluco Sampson (um excelente atirador). Ele ficou perturbado por eu ser amigo de um turco e murmurou palavras inconvenientes. Pedi que ele e Fikret apertassem as mãos. Ele se recusou. “Aperte a mão, seu asno”, gritei para ele. Com a cara amarrada ele estendeu a mão. Então disse a todos os presentes que suspendessem o fogo e deixassem Fikret voltar para seu posto. Antes dele sair, fizemos um pacto: o que quer que acontecesse em outros setores da cidade, não atiraríamos uns nos outros. Nenhum turco ou grego morreu naquela área.

Dez anos depois do episódio descrito acima, quando o exército turco invadiu Chipre, Daskalos novamente se encontrava no meio dos acontecimentos. Sua casa esteve cheia de refugiados por várias semanas e mães se apinhavam em Strovolos com fotografias de filhos desaparecidos.

— Um dia — lembrou Daskalos —, uma mulher veio até mim com a fotografia do filho. No instante em que peguei a foto na mão, senti que ele estava morto. Não queria contar a ela porque ela parecia extremamente angustiada. Limitei-me a dizer: “Senhora, estou realmente cansado hoje e não consigo me concentrar.” A mulher se descontrolou e começou a chorar. “O senhor está mentindo, Daskale. Meu filho está morto. Ontem à noite eu o vi em sonho e ele me acenava. Adeus, mãe. Estou partindo para uma longa viagem e não sei quando a verei de novo.” O filho morto a visitara com o corpo etérico exatamente antes de ascender aos planos psíquicos onde ficará até a próxima encarnação.

— Em outra ocasião — continuou Daskalos —, com a ajuda das Nações Unidas, consegui contatar um oficial turco que, eu acreditava, tinha informações sobre o paradeiro de um greco-cipriota desaparecido.

— Diversos soldados turco-cipriotas que estavam na barricada e puderam ouvir nossa conversa perguntaram se eu era turco. Eles não podiam entender o que um turco estava fazendo no setor grego. Eu lhes respondi: “Que diferença faz se eu sou grego ou turco?” “Um grego é um grego e um turco é um turco”, alguém gritou. “Não”, respondi. “Tanto os gregos quanto os turcos são anjos.” “Anjos, Efendi?”, perguntou um soldado turco. “Sim, anjos”, respondi. Segurei o seu rosto entre as palmas das mãos e disse: “Você é um anjo, meu querido.” “Eu? Um anjo?” “Sim, você.” Eles descobriram que eu era “Spyro Efendi” e ficaram entusiasmados. Um deles me pediu para abençoá-lo. Recitei uma oração muçulmana, coloquei minha mão em sua testa e disse: “Que nenhuma bala jamais o fira.” Ele beijou a minha mão. “Spyro Efendi”, disse ele, “nunca mais vou atirar em meus irmãos gregos. Se alguma vez me mandarem atirar, apontarei por sobre suas cabeças.” Então, atravessei as barricadas e voltei para o lado grego — concluiu Daskalos, e se recostou em sua cadeira.

— Há algum tempo — Daskalos recomeçou a falar contando outra história —, uma moça de vinte anos, uma refugiada da aldeia de Vatile, pediu minha ajuda. Ela estava grávida e o marido era um habitante da aldeia, um turco. Ela me contou que, durante a invasão, instantes antes dos tanques turcos entrarem na aldeia, todos os gregos fugiram para o sul em ônibus, carros e tratores. Na confusão, ela fora deixada para trás. Orchan, um turco-cipriota que ela conhecia, levou-a para casa e lhe deu proteção. Ele morava com os pais, e os três foram muito bons para ela. Mantiveram-na escondida durante várias semanas. Mas seu segredo começava a transparecer e eles temiam que, se a descobrissem, os oficiais turcos pudessem vir a molestá-la. Orchan sugeriu que eles se casassem, no papel, até acharem uma maneira de mandá-la para o sul. Presumia-se que com o casamento os oficiais turcos jamais poderiam importuná-la. A moça aceitou e eles se casaram segundo a cerimônia muçulmana de casamento. Mas viviam separados. Orchan manteve a promessa e nunca encostou um dedo nela. O arranjo, entretanto, não deu certo. O oficial turco encarregado da vila cobijava a moça, e suspeitava que o casamento era uma farsa. Enquanto isso, uma forte

ligação de amor cresceu entre a moça grega e Orchan. Uma noite ela entrou no quarto dele de camisola. “Eu sou a sua esposa”, ela lhe disse, “faça-me sua.” Daí em diante eles viveram como marido e mulher. Nesse meio tempo, porém, o governo de Chipre e as forças de ocupação turcas fizeram um acordo. Este especificava que todas as mulheres gregas que estivessem presas no norte deveriam ser mandadas para seus parentes no sul. Sob o amparo de uma determinação governamental, o oficial turco no comando separou, à força, o casal e mandou a moça para o setor grego. Foi então que ela me visitou. Depois de muito empenho, consegui entrar em contato com Orchan pelo telefone. Ele estava desconsolado e me implorou que cuidasse de sua mulher e de seu filho que estava para nascer. Ele não tinha esperança de conseguir sua mulher de volta. Disse a ele que iria fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para uni-los novamente. Algumas pessoas podem pensar que o que fiz foi traição. Eu disse à moça: “Orchan é seu marido. Vá para ele e viva entre os turcos. Agora eles são o seu povo.” Eu sabia que ela sentia um profundo amor pelo marido. Consegui uma licença especial e mandei-a de volta, com um acompanhante das Nações Unidas.

Ao fim do relato, Daskalos lamentou o triste modo de pensar que prevalece atualmente entre os gregos e os turcos da ilha. Um dia, ele pediu insistentemente a eles que não vissem os turco-cipriotas como inimigos.

— Procurem dentro de vocês mesmos — disse ele — e ali encontrarão o verdadeiro inimigo.

O que quer que aconteça a um povo não é acidental, mas o resultado do Karma coletivo. Se, por exemplo, ao longo de sua história uma tribo tem guerreado e saqueado outras nações, mais cedo ou mais tarde os elementais de destruição que tiveram origem no tempo passado alcançarão essa tribo em circunstâncias históricas diferentes. Assim como há Karma individual, há também Karma coletivo, e as pessoas que vivem num grupo ou nação sofrem os débitos kármicos dessa nação.

— É imperativo — advertiu Daskalos — que quebrems o círculo vicioso da criação de elementais destrutivos. Para tanto, é de importância primordial que o greco-cipriota não acalente má vontade em relação aos compatriotas turcos, mas sim estenda a eles a mão da genuína amizade.

— Daskale, o senhor poderia nos dizer quem mais o influenciou nesta vida? — perguntei, assim que terminamos uma breve discussão sobre a política local e as relações greco-turcas.

Daskalos refletiu por um instante e, então, assegurou-me que, durante toda a sua vida, ele havia sido guiado por mestres invisíveis tais como Pai Yohannan, Pai Hilarion e Pai Dominico. Entretanto, houve um homem que Daskalos conheceu quando tinha uns vinte anos e que, aparentemente, o ajudou em seu caminho espiritual. Era um coronel indiano, um cirurgião que serviu em Chipre durante a época da Segunda Guerra Mundial. Daskalos dizia que os mestres “do outro lado” literalmente o haviam feito encontrar esse médico indiano e tornar-se, por algum tempo, seu assistente na sala de operações.

Ainda assim, o relacionamento mais caro a Daskalos em sua vida atual era uma amizade de infância, um amigo morto pelos alemães em Casablanca durante a Segunda Guerra Mundial. Essa amizade se firmou quando Daskalos estava no primeiro grau da Academia Americana em Larnaca, uma escola secundária fundada por missionários americanos. Phivos era três anos mais velho e fazia o papel de protetor do amigo mais jovem e menos robusto. Daskalos nos descreveu como, em várias ocasiões, Phivos o livrou de levar surras e de ser maltratado pelos outros meninos.

Convidado por um tio exilado, Phivos acabou emigrando para os Estados Unidos a fim de estudar literatura. A amizade entre eles era tão grande que Daskalos chegara a fazer planos de também emigrar para os Estados Unidos.

— Costumávamos dizer — contou ele —, em tom de brincadeira, que iríamos nos casar com duas irmãs para podermos estar sempre perto um do outro.

Mas não era para ser assim. Phivos foi convocado pelo exército norte-americano e mandado para Casablanca, onde encontrou a morte. Daskalos disse que sentiu a morte do amigo no instante que este morreu. Numa visão, ele o viu deitado no chão, todo ensanguentado. Então Phivos foi ter com Daskalos com seu corpo etérico.

— Ele veio e ficou em pé ao lado da minha cama. “Spyro”, ele disse, “vim lhe dizer adeus. Não nos veremos por um longo tempo.” Com essas palavras, ele desapareceu. Sentei-me na cama e comecei a chorar e a lamentar a perda do amigo. Para aliviar a dor, fiz um poema naquela mesma hora.

— O senhor se lembra dele? — perguntei sério.

— Lembro-me tão bem como quando o fiz, embora nunca o tenha posto no papel.

A meu pedido, Daskalos começou a recitar vagarosamente o poema, uma homenagem ao seu amigo de infância. Era como se ele nos permitisse conhecer a dor por ele sentida há quase quatro décadas.

*Noite de inverno, triste e sombria,
deixe a tempestade e a ventania
inundar o seu céu de chumbo.
Um amor está morrendo esta noite
o brilho da chama,
fraca e tremulante,
chegou a hora de morrer.
Ventos e trovões açoitam o céu,
os pingos de chuva permanecem
nos cantos dos olhos.
Dentro de mim, um desespero horrível
apaga sonhos e esperanças.
Morte noturna!
A escuridão pesada e opressiva
me sufoca com os fios da morte.
Um amor está morrendo esta noite.
Ao seu lado, de luto, uma vela queima.*

— O senhor mantém contato com seu amigo falecido? — perguntei, depois de alguns momentos de silêncio.

— Sim. Ele está aqui, nesta sala — respondeu Daskalos com um sorriso. Achei que ele queria dizer que Phivos, como um espírito que vivia no mundo psiconoético, estava, de alguma forma, em sintonia e em comunicação com Daskalos. No entanto, compreendi de imediato que Daskalos apontava para Iacovos. Este, a muito custo tentava esconder alguns vestígios de lágrimas resultantes do impacto emocional provocado pelo poema de Daskalos.

— É Phivos? — perguntei incrédulo, enquanto olhava para Iacovos.

— Sim, é Phivos — disse Daskalos sem hesitar. — Quando olho para ele, não vejo apenas Iacovos. Para mim ele é também Phivos, Giovanni, Omar, Rasadat e muitos outros.

Daskalos afirmou ter estado com Iacovos por mais de vinte encarnações. Em diversas ocasiões, ele havia feito alusão a um tempo, no Egi-

to antigo, durante o qual os dois tinham sido hierofantes. Eu tinha a certeza de que na mente de Daskalos não havia dúvida alguma quanto à veracidade das suas lembranças sobre encarnações passadas. Certa vez, ele me confidenciou que podia ler suas vidas passadas como se fossem páginas de um diário pessoal.

— Talvez possamos falar sobre o Egito antigo em alguma outra ocasião — disse Daskalos referindo-se ao meu pedido. — Mas já é tarde e o trabalho nos espera.

Da Morte ao Renascer

Eram quase três horas da tarde quando Iacovos e eu tomamos um ônibus para Larnaca, o porto de mar a sudeste da ilha, onde Daskalos deveria realizar sua reunião mensal com um círculo de discípulos. Eles haviam planejado reunir-se às sete horas da noite, na casa da “irmã Theano”, a “bruxa de Larnaca” segundo carinhosa expressão de Daskalos, que também era membro de seu exclusivo círculo secreto. Daskalos já tinha ido a Larnaca de manhã cedo para visitar vários pacientes no hospital local.

Quando entramos no ônibus, na Praça da Liberdade, o centro de Nicósia, uma chuva fina começou a cair. Eu estava cansado das atividades do dia e, não querendo chegar a Larnaca exausto, fechei os olhos e pratiquei uma técnica de “concentração-relaxamento” que Daskalos me havia ensinado. Iacovos sentou-se em silêncio ao meu lado, enquanto eu tentava manter minha mente alheia ao mundo exterior.

→ Procurei a posição mais confortável possível e trouxe à mente as instruções de Daskalos. À medida que inspirava profundamente e expirava, eu me concentrava em todo o corpo. Comecei a perceber e a relaxar cada músculo, do topo da cabeça até os dedos dos pés. Tentei evitar que qualquer outro pensamento ocupasse minha mente. Depois de respirar profundamente por mais ou menos três minutos, focalizei minha atenção nos dedos dos pés e comecei a mover com muito vagar o meu foco de concentração corpo acima, até alcançar o umbigo e o plexo solar, onde mentalizei uma grande bola azul-clara na região abdominal, dentro e fora do corpo. Tentei manter meus pensamentos fixos naquela região por cerca de três minutos. Inspirei calma e profundamente algumas

vezes e, sem perder a imagem mental da esfera azul-clara, mudei minha concentração para ainda mais acima, para dentro do peito, perto do coração. Imaginei outra bola de luz, de tamanho menor, irradiando uma luz branca-rosada, com o centro perto do coração. As duas esferas tinham as bordas sobrepostas, mas mantinham suas diferentes cores. Fiquei naquele estado por mais três minutos, observando a luz azul-clara que cobria a parte inferior do meu corpo e uma luz rosa-clara na parte superior, perto do pescoço. Então, transferi a concentração para o centro do crânio e mentalizei uma esfera dourada, menor que as outras duas, cobrindo-me a cabeça e estendendo-se mais uns quinze centímetros em todas as direções. Concentrei-me em cada parte da minha cabeça, assim como no seu interior, por outros três minutos. Mentalizei, então, todo o meu corpo dentro de uma aura branca, do formato de um ovo luminoso. Depois de focalizar de novo cada parte do meu corpo, fiz mentalmente a seguinte auto-sugestão: "Que a paz possa reinar dentro de todo o meu corpo material, e que a harmonia reine dentro do meu corpo psíquico. Que a tranqüilidade absoluta prevaleça em meus pensamentos." Antes de sair da minha meditação, passei mais três minutos respirando profundamente.

Daskalos afirma que este exercício de meditação, quando praticado com regularidade, de preferência pela manhã, terá efeitos benéficos sobre a personalidade. A cor azul-clara pode manter nosso corpo material com boa saúde, enquanto a cor rosa-clara e a dourada tendem a purificar e a manter em harmonia nossos corpos psíquico e noético, respectivamente. Baseado em minha própria experiência, posso afirmar que este exercício e outras práticas semelhantes de meditação que Daskalos me ensinou têm o efeito de relaxamento imediato. Quando abri os olhos naquela ocasião, minha fadiga tinha passado e eu me sentia refeito. A chuva havia parado e um arco-íris decorava o horizonte à nossa frente, como um majestoso ornamento. Estávamos em meados de março e os campos cipriotas viviam seu período mais bonito, cobertos de flores do campo amarelas e vermelhas.

Chegamos a Larnaca em cerca de uma hora. A casa de Theano era um velho sobrado que dava para o mar. Era uma senhora muito afetuososa, de sessenta e muitos anos, que nos recebeu com um abraço e um beijo, como se fosse nossa avó. O fato de estar com Iacovos e de ter o apoio de Daskalos quanto ao que estava fazendo bastava para que

eu me tornasse, automaticamente, um “irmão”. Theano, Daskalos me dissera antes, tinha sido sua mãe em quatro encarnações anteriores. “Por isso ela é tão maternal para comigo toda a vez que me vê”, explicou Daskalos, rindo. De fato, como qualquer mãe que adora seus filhos, Theano costumava chamar Daskalos de “meu menino de ouro”.

Sentamos na sala, esperando que Daskalos e os outros alunos chegassem. Enquanto comia um pedaço de bolo e tomava limonada, Theano falou, primeiro, de Pavlos, seu falecido marido, e de como, através dele, ela se tornara uma aluna de Daskalos e um membro do seu círculo secreto.

Pavlos era um poeta que passara a maior parte de sua vida em Paris, onde se interessara pelo misticismo. Certo dia, em visita a uma médium famosa, ele pediu informações sobre certas questões metafísicas. A médium disse a ele que as perguntas seriam respondidas, uma por uma, pelo seu futuro mestre. Ele nascerá, disse a médium a Pavlos, no dia 12 de dezembro de 1923, a data do aniversário de Daskalos. Na ocasião, a vidente fizera um esboço de Daskalos já como homem adulto, escrevera as iniciais dele no desenho e o dera a Pavlos.

Muitos anos se passaram. Pavlos saíra de Paris, voltara a Chipre e se casara com Theano, vinte anos mais moça. Ele guardava o esboço que a médium lhe havia feito décadas antes. Quando, casualmente, encontrou Daskalos durante uma reunião social, Pavlos, de acordo com sua mulher, ficou boquiaberto. As feições de Daskalos coincidiam com o retrato desenhado pela médium. Os dois tiveram uma conversa particular e quando Pavlos ficou sabendo da data de nascimento de Daskalos e de outros detalhes, ele o abraçou, com lágrimas nos olhos. “O senhor é o mestre por quem eu estive esperando há tantos anos.” Conta-se que Daskalos respondeu: “O senhor também é um mestre.” Pavlos, duas décadas mais velho que Daskalos, entrou para o círculo secreto naquele mesmo ano e, até a sua morte, foi um dos mais dedicados discípulos de Daskalos. Contaram-me que ele era um místico intelectual. Ao contrário de Iacovos, de Kostas e de Theophanis, suas capacidades psíquicas permaneceram adormecidas. Ainda assim, era um homem de elevada estatura espiritual e dotado de grande senso de humor. Um dia, contou Theano, seu marido estava sentado com um amigo num banco, embaixo das palmeiras, olhando para o mar. De repente Pavlos se levantou, tirou o chapéu, inclinou a cabeça e disse: “Bom dia, Daskale.” Seu amigo, intrigado, pediu uma explicação. “Bem”, respondeu Pavlos casual-

mente, "... acabo de ver Daskalos fora de seu corpo indo visitar alguns pacientes." Daí a pouco o amigo se levantou, tirou o chapéu e disse: "Até logo, Daskale." Quando Pavlos pediu uma explicação, o amigo respondeu: "Ah... acabo de ver Daskalos correndo de volta para seu corpo."

Theano afirmava estar em constante comunicação com o falecido marido, e outros me contaram que ela também tinha o poder de curar. Ela mesma contou-me, em grande segredo, que precisava ser muito cuidadosa, caso contrário o clero local iniciaria uma guerra contra ela. Por isso ela tentava manter relações de amizade com o bispo local. "O que vamos fazer?", exclamou, pondo as mãos para cima. "As pessoas podem muito bem nos entender mal."

Theano tinha grande orgulho de seu marido e me deu de presente vários volumes da sua coleção de poemas, alguns escritos em grego, a maioria em francês, e todos fortemente influenciados pelo romantismo francês. Daskalos contou-me mais tarde que Theano e Pavlos eram um dos casais mais harmoniosos que ele já conhecera e isso se devia à sua longa ligação através dos séculos. Tratava-se de almas muito velhas, explicou Daskalos, e os dois vinham formando juntos um casal repetidas vezes através da eternidade. Uma vida, Daskalos me disse em várias ocasiões, não costuma ser o suficiente para se ter um bom casamento. As pessoas precisam vir juntas, formando um casal, repetidas vezes antes de se tornarem compatíveis, através da experiência e do amor.

Os alunos de Daskalos chegaram, um depois do outro, num total de mais ou menos vinte e cinco, com idades variando entre vinte e cinco e setenta anos; os sexos estavam igualmente representados. Como nos círculos de Nicósia, eles vinham dos segmentos mais cultos da sociedade. Daskalos chegou por último, acompanhado por Kostas, que veio de carro de Limassol para assistir à reunião. Iacovos e Kostas costumavam estar presentes em todas as conferências que Daskalos dava nas várias partes da ilha e sempre se sentavam ao lado do mestre, como que para lhe oferecer apoio emocional durante a aula.

Antes de a reunião formal começar, Daskalos sentou-se na sala de visitas, tomou café e contou algumas piadas. Dirigiu-se, então, à outra sala e conversou em particular com alguns dos que estavam em tratamento. Para essas pessoas, Daskalos não era apenas um professor, mas um confessor e conselheiro quanto a seus problemas pessoais.

Depois de todos terem se reunido numa sala maior, Kostas acendeu incenso num recipiente especial, do tipo usado nas igrejas gregas. Daskalos levantou-se e todos seguiram o seu exemplo. Ele segurou no alto o recipiente com o incenso queimando e, com ele, fez o sinal da cruz. Em seguida, rezou uma curta oração.

— Na aula de hoje — começou Daskalos, depois da oração — reexaminaremos algumas questões relativas aos mundos psiconoéticos. Notei que alguns de vocês têm dúvidas a respeito da natureza desses domínios. Podem perguntar. Pai Yohannan está pronto para responder todas as perguntas.

Kostas, sentado à esquerda de Daskalos, servia de mediador. A primeira pergunta foi abrangente:

— O que acontece a uma pessoa do momento de sua morte até o momento da reencarnação?

Kostas repetiu a pergunta para que todos pudessem ouvir claramente.

Daskalos começou a responder dando, primeiro, uma definição da morte e explicando a transformação da personalidade autoconsciente depois da morte.

— Dissemos antes que o corpo de matéria densa não pode se manter sem o seu correspondente duplo etérico. Desta forma, a morte significa a separação e a desintegração do duplo etérico do corpo de matéria densa. Normalmente são necessários quarenta dias para ocorrer a dissolução do duplo etérico de um morto. Por isso, na nossa religião, mantemos, sobre o túmulo do morto, uma vela acesa durante esse período. O fogo acelera o processo de dissolução do duplo etérico.

Daskalos ressaltou que o duplo etérico de uma pessoa morta é altamente maleável e pode ser arrebatado por um feiticeiro de magia negra, que pode usá-lo com propósitos maléficos. Portanto, o costume, na Índia, de queimar os corpos dos mortos é preferível.

— As pessoas comuns presumem que a morte seja assustadora e dolorosa. Na verdade, é o oposto. O processo da morte não é diferente de um sono agradável depois do cansaço de um dia de trabalho. Podemos estar com uma doença séria mas, no momento da morte, não experimentamos dor alguma. Um grande místico disse certa vez: “Jamais os lábios humanos provaram um beijo mais doce do que o dado pelo anjo da morte.” Sei disso por experiência própria. No momento em que

a pessoa começa a abandonar o seu corpo, sua face adquire uma quietude serena e ela não mais sente dor alguma.

— Depois da morte, um indivíduo vai começar a viver de forma plenamente consciente num dos subplanos do mundo psiconoético, levando com ele seus vícios e virtudes, objetivos e aspirações. Sua personalidade não passa por mudança alguma. Apenas a realidade do espaço muda. O indivíduo entra num estado em que o espaço como o conhecemos no plano da matéria densa, não existe. Ele compreende o espaço como significado, como conceito. — As últimas observações de Daskalos ocasionaram várias perguntas para melhor entendimento.

— Imaginem — continuou ele — que eu os traga para esta sala enquanto estão dormindo e lhes dê uma determinada aula. O lugar lhes parecerá o mesmo em que estão agora. Quando me virem no dia seguinte provavelmente me dirão: “Daskale, viemos à Stoa e cada um de nós sentou-se no lugar de sua preferência.” A pergunta que lhes faço é a seguinte: Vocês terão realmente vindo a esta sala para ouvir a minha conversa? No estado em que estarão, qualquer um que viva no mundo psiconoético, não importa a distância, será capaz de ouvir a mesma lição através da sintonia. No mundo psíquico, somos como estações de televisão; qualquer um pode ligar o seu aparelho e assistir o que quer que estejamos apresentando. Quando deixamos nossos corpos, quer através da morte quer através da exomatose, nós, na verdade, entramos para dentro de nós mesmos. A comunicação, então, assim como todas as outras experiências, acontece vinda de dentro. Tudo está lá. Há algum tempo, nosso mestre nos mencionou uma grande verdade: “O abismo dentro de nós não é de forma alguma menor que o abismo fora de nós.”

— Talvez possam entender mais facilmente o que estou dizendo se lhes apresentar o seguinte caso concreto. Três irmãos, em sua ânsia de se comunicar com o pai falecido, decidiram fazer uma experiência psíquica. Um deles estava na Austrália, outro em Londres e o terceiro nos Estados Unidos. Usando três médiuns diferentes e capazes conseguiram, simultaneamente, contactar o pai. Queriam trazer o pai “para baixo”, disseram. Pressupunham, na verdade, que o pai estivesse em algum lugar “acima”. Ele lhes falou sobre certos assuntos de família dos quais nenhum deles tinha conhecimento e que, mais tarde, foram confirmados como verdadeiros. Ainda assim, os três chegaram à conclusão que não haviam conversado com o pai, mas com o diabo. Na verdade,

como poderia ter sido o pai, concluíram, uma vez que eles estavam em três lugares diferentes do planeta enquanto se comunicavam com ele ao mesmo tempo? Eles supunham que o pai estivesse numa condição semelhante, depois da morte, àquela do mundo material.

— Os três vieram a Chipre e, por meu intermédio, contactaram o pai mais uma vez; este confirmou ter falado com os filhos no contato anterior. “Não prestei atenção aos lugares onde vocês estavam, mas falei com todos os três. Até os toquei”, ele lhes disse. “Como o senhor pôde fazer isso, pai, uma vez que estávamos tão longe uns dos outros?”, perguntaram os três.

— Eu os alertei para o fato de que, caso continuassem duvidando, poderiam criar confusão na mente dele. Só porque ele estava do outro lado não queria dizer que havia transcendido a realidade dos fenômenos. Garanti a eles que não se tratava de coisa do diabo, mas que era realmente o pai deles quem lhes falava. Esclareci que, nos domínios psíquicos, a comunicação se faz através de vibrações em frequências semelhantes.

— Suponhamos — disse a eles — que eu tenha vários aparelhos de rádio capazes de sintonizar qualquer estação, em qualquer lugar do planeta. Se eu colocar esses rádios em diferentes partes da Terra e os sintonizar na nossa frequência, não receberão todos a mesma transmissão? A comunicação no plano psíquico é, de algum modo, análoga. Nenhuma consciência humana jamais se misturará ou se confundirá com outra. Desde a descoberta do rádio e da televisão ficou muito mais fácil para os seres humanos comuns entender a natureza dos mundos psíquicos.

— Vocês precisam compreender que os planos e subplanos dos mundos psíquico e noético ocupam o mesmo espaço. E este espaço é o centro da Terra, todo e qualquer lugar do planeta, a circunferência do planeta e o espaço ao redor do planeta. Não imaginem que esses planos e subplanos psiconoéticos estejam justapostos uns sobre os outros. Neste exato momento, dentro de uma cabeça de alfinete, neste espaço e em todo lugar, existem todos os planos e subplanos dos mundos psiconoéticos. É um estado da existência, de vibrações e um método de sintonizar com eles.

— Dentro do mundo psíquico você, como personalidade autoconsciente, estará onde quer que queira focalizar sua atenção. Por isso,

quando tem um sonho nítido e se vê transpondo instantaneamente, grandes distâncias, você conclui que tais experiências são irreais, são ilusões. Nada disso. Quando, algum dia, você se encontrar no mundo psíquico, verificará que tais mundos são mais concretos do que a matéria densa. Você começará a viver com maior intensidade, com maior descontração. Ainda assim, o mundo no qual você se encontrará, em muitos aspectos, será semelhante ao que você conhece agora. É uma questão de capacidade de receber impressões e vibrações psico-óéticas. Com base em seus interesses e predisposições, você estará, depois da morte, num estado psíquico análogo. Você se encontrará num inferno, num purgatório ou num paraíso, igual ao estado psíquico em que se encontra agora, neste exato momento.

— Há, entretanto, uma importante diferença entre o domínio material e o psíquico. Quando nos encontramos no meio psíquico, os sentimentos adquirem maior intensidade. Por exemplo, sentimentos de ódio e de ciúme podem tornar-se semelhantes ao fogo queimando. Nesta vida, tais sentimentos podem ser moderados pelas limitações do cérebro material. No plano psíquico, os limites não existem. Por isso vive-se nos mundos psíquicos com tanta intensidade. Mas você jamais deve pressupor que o chamado inferno seja uma espécie de câmara de tortura psíquica. Os infernos e purgatórios são escolas e oficinas onde se adquire experiência, para que as entidades humanas possam ascender em direção à perfeição. Na realidade, não há punição. Só há experiência. Se há sofrimento, não é porque o Absoluto deseje nos punir por nossas transgressões, mas para que descubramos quem realmente somos. O propósito de tais experiências é ajudar-nos a nos livrar de ilusões e da ignorância.

— Céu e inferno são palavras relativas. O inferno de uma pessoa pode ser o paraíso de outra. Por exemplo, para ajudar alguém no plano psíquico a sair do seu inferno, precisamos mostrar-lhe um estado alternativo, diferente daquele onde ele se encontra. Se durante a sua vida na Terra, tiver sido uma pessoa queixosa, ele se encontrará numa situação semelhante quando sair do corpo. Para ajudá-lo, devemos mostrar-lhe o estado imediatamente melhor para onde ele possa se mudar. Se não for receptivo às nossas sugestões, devemos deixá-lo ficar onde está. Ele mora em seu paraíso, muito embora possa ser o pior dos infernos. Deixeme dar um exemplo. Tentei ajudar alguém que, durante a sua vida,

havia sido um jogador, uma pessoa muito queixosa que morreu de tuberculose, há quarenta e cinco anos. Desde então, ele vivia no mundo psíquico exatamente do mesmo modo que vivia quando se encontrava no plano de matéria densa. Ele criou, junto com os amigos, um ambiente análogo ao que tinham na Terra: janelas, roupas e mesas sujas, brigas, discussões, tudo exatamente igual ao ambiente dos cafés que tinham conhecido antes. Nem ao menos tiveram a imaginação de construí-los um pouco melhores. Um dia, eu lhe disse: “Venha, meu amigo, vamos a um lugar.” Tirei-o de onde estava e criei as vibrações de uma sinfonia de Beethoven, da qual gosto muito, mais especificamente a da Alegria. Disse a ele: “Charilae”, este era o nome dele, “veja!” Mostrei uma linda floresta, com cores, água, flores, tudo. Harmonizei os sons com a paisagem e criei para ele o que eu considerava um paraíso. Ele me fitou por algum tempo e então disse: “Não está cansado? Vamos voltar e jogar uma partidinha de pôquer com alguns amigos. Por quanto tempo vai me deixar aqui, ouvindo este seu barulho de lata?” O que eu poderia dizer? Ele vivia em seu paraíso, que para mim era um inferno intolerável. Como explicar àquele homem a diferença entre inferno e paraíso?

— Aqui está outro caso. Uma mulher rabugenta passou toda a vida acusando, fazendo fofocas e praguejando contra seus vizinhos. Ao morrer, ela continuou o mesmo estilo de vida, só que de maneira mais intensa. No lugar dos seres humanos reais, que deixara para trás, ela criou e passou a brigar com os elementais deles, que trouxera com ela: os elementais de Maria, de Eleni, de Efterbe. Tentamos, em vão, mostrar-lhe que vivia num inferno e que tinha de dissolver tais elementais para poder ver com maior clareza. Só depois de ficar exausta com tal situação ela pedirá voluntariamente uma mudança. Aqueles entre vocês que, um dia, se tornarão auxiliares invisíveis, encontrarão tais dificuldades. É bom ter em mente que, a menos que uma pessoa procure, ela mesma, uma mudança, não poderá ser ajudada. Cada pessoa se desenvolverá aos poucos. O máximo que podemos fazer em tal circunstância é criar um elemental benéfico e colocá-lo na aura da pessoa a quem queremos ajudar. Quando ela estiver pronta para uma mudança, o elemental lá estará para ajudá-la.

— Daskale — perguntei —, os planos e subplanos psicoonéticos têm uma existência objetiva independente da percepção subjetiva que o indivíduo tem deles?

— Eu disse antes que os mundos psíquicos têm árvores, montanhas, oceanos, rios, tudo o que existe no planeta, tudo o que já existiu e tudo o que possa existir. O que você pensa ser o mundo real é, na verdade, uma sombra ou reflexo de outros mundos mais luminosos, dentro dos quais tudo o que for material e que for considerado real existe. Nos vários planos e subplanos dos mundos psíquicos existe não só o que há neste planeta que tenha sido criado por forças arcangélicas, como a água, as montanhas e as florestas, mas também tudo o que os seres humanos criaram, não só enquanto estavam vivos como depois que se foram. O mundo psíquico é um mundo muito mais rico. Não obstante, a maioria das pessoas que lá vivem observam-no através dos elementais que elas mesmas criaram. Nos mundos psíquicos, por exemplo, não há sol que nasça e se ponha a cada dia, a menos que nós mesmos criemos um. Mas o sol que criamos estará dentro do nosso mundo psíquico individual e subjetivo, e não no mundo exterior. Portanto, quando um ser humano abandona seu corpo de matéria densa, ele começa a viver, simultaneamente, em dois planos de existência, o plano psíquico real e o seu próprio mundo psíquico subjetivo. A maior parte dos seres humanos encontra-se tão absorta no interior de sua própria concha subjetiva, que não tem consciência da natureza do plano psíquico dentro do qual ela vibra. É como se, por exemplo, estivéssemos em viagem mas, por causa das nossas paixões e da nossa confusão psíquica, não nos inteirássemos da beleza da paisagem ao redor. E deixem-me dizer algo que parece uma blasfêmia: baseado em minha própria experiência pessoal, o que pode ser considerado um inferno intolerável é, na realidade, um espaço lindo, pressupondo-se que você possa sintonizar sua consciência com o plano psíquico real. A nossa predisposição vai nos deixar ver ou vai impedir que vejamos tal beleza.

Daskalos continuou, dizendo que a evolução de um Pesquisador da Verdade implica o desenvolvimento da capacidade de distinguir entre o mundo psíquico real e o ambiente psíquico subjetivo que as pessoas constroem ao seu redor com os elementais que trazem junto com elas, quando lá entram. O que é feio nesses planos psiconoéticos é o que cada indivíduo esconde dentro de sua concha subjetiva, seu próprio mundo psíquico, que lhes dá vibrações do mal, do ódio e da vulgaridade.

— Onde fica esta concha? — perguntou alguém.

— Você quer dizer em termos de espaço? Outra vez, em todo e em nenhum lugar. Mas a pessoa que constrói sua própria concha e nela vive, sabe que tem limites bem definidos dentro dos quais se encontra confinada e pode agir. As pessoas constroem suas vilas, suas igrejas, seus campos exatamente como os tinham no mundo de matéria densa. Podemos entrar em suas conchas psíquicas quando nos sintonizamos com elas e entendemos o modo com o qual vêem seus mundos psíquicos de dentro.

Em outra ocasião, Iacovos tinha me dito que ele se encontrava regularmente com seu avô, morto há vários anos. Conforme ele disse, seu avô ainda estava preocupado com as mesmas coisas que o haviam preocupado em vida. Ele cuida de suas laranjeiras, as cultiva, vende as frutas e se preocupa com a chuva!

— Nos níveis mais baixos do mundo psíquico, aos quais chamamos de inferno e purgatório, há menos luz do que nos planos mais elevados. A Misericórdia Divina coloca as vibrações de luz dentro de lindas paisagens, o que faz estes subplanos equivalerem a casas de repouso. É semelhante ao que em geral fazemos quando cuidamos de uma pessoa doente. Mantemos as janelas fechadas e o quarto pouco iluminado para que o sistema nervoso do paciente possa se acalmar. De modo análogo, o Absoluto fez todas aquelas paisagens magníficas para aquelas personalidades doentias que se encontram lá, para que possam se recuperar e evoluir. À medida que nos movemos dos planos mais baixos para os mais altos, observamos que há cada vez mais luz, de forma semelhante ao modo pelo qual uma paisagem é iluminada, à medida que o sol nasce no horizonte. Paraísos, que são os planos psiconoéticos mais elevados, encontram-se mergulhados em luz de grande intensidade.

— Vejam — continuou Daskalos — que uma qualidade importante do mundo psíquico é que cada átomo da matéria emite sua própria luz. É diferente do mundo tridimensional, onde a luz provém de um sol ou de alguma fonte artificial.

A última observação de Daskalos me fez lembrar a descrição de Castañeda, de uma experiência que ele teve durante seu período de aprendizagem com Don Juan. Castañeda conta que, numa noite sem luar, enquanto caminhava vagorosamente, devido à escuridão, pelo deserto com Don Juan, viu de repente toda a paisagem se iluminando, como se o sol tivesse surgido. Ele podia ver tudo com muita clareza, confor-

me disse, como se fosse 'dia. Além disso, podia dialogar com um coioete que por acaso estava lá. Assim, eu me pergunto: teria Castañeda entrado naquele momento num estado que Daskalos chamaria de contrapartida psíquica daquele lugar? Quando eu fiz esta pergunta, mais tarde, ele disse que provavelmente foi isso o que aconteceu.

— Deixe-me, agora, fazer a seguinte pergunta — continuou Daskalos. — Podemos nos comunicar com uma flor ou uma planta? As pessoas comuns, gostem ou não de flores e de plantas, não podem conscientemente comunicar-se com elas. Elas as vêem como objetos, fora delas mesmas. Um poeta pode ser inspirado pela beleza de uma flor, mas será que é capaz de incorporar à sua consciência a semiconsciência de uma flor? No mundo psíquico é muito diferente. À medida que progride, você será capaz de se comunicar com todas as formas de vida. Todas as coisas estão vivas e têm sua própria linguagem, suas próprias vibrações e luminosidade, as quais você pode sentir no seu corpo psíquico.

— No mundo psíquico — disse Daskalos mais tarde —, não pensamos com o nosso cérebro. Nós o temos, mas não precisamos dele. Cada célula do corpo psíquico é um centro de consciência que recebe impressões. Temos olhos mas pela mesma razão não precisamos deles. Dentro do mundo psíquico, não há separação entre nós e um objeto fora de nós. Quando nos sintonizamos e focalizamos algo somos, simultaneamente, nós e o objeto, uma coisa só. Estamos dentro dele e à sua volta. Mas podemos fazer isso pressupondo que estejamos, de fato, dentro do mundo psíquico real e não dentro das nossas conchas, que criam para nós nosso próprio mundo psíquico. Sob tais circunstâncias colocamos tudo através dos nossos preconceitos e impressões.

Respondendo à pergunta feita por alguém sobre a natureza do movimento nos planos psíquicos, Daskalos disse que este é radicalmente diferente do modo pelo qual estamos acostumados a nos mover na Terra.

— Não nos locomovemos andando, tomando um ônibus ou guiando. Mas podemos nos ver, assim como ver os outros, como se estivéssemos andando ou guiando. É só uma percepção, e uma percepção ilusória. Quando nos encontramos fora dos nossos corpos e nos movemos aqui e ali dentro do mundo psíquico e do etérico do mundo de matéria densa, podemos ter a impressão de estar voando. Às vezes, durante um sonho, temos essa sensação. Você já se perguntou como isso é possível? Somos pássaros capazes de voar? No mundo psíquico, o movi-

mento pode acontecer instantaneamente. É um caso de transporte da nossa consciência através de sintonia. Podemos estar em Londres, por exemplo, em fração de segundos, sem termos de “voar” pela Europa. Algum dia vocês aprenderão a transportar sua consciência através de grandes distâncias instantaneamente, enquanto ainda se encontram no plano de matéria densa.

— O senhor pode nos dizer como isso é feito? — perguntei.

— Posso lhe dizer, mas não terá significado algum para você, neste estágio. Você terá de criar em sua mente a imagem do lugar para o qual quer ir, viver intensamente dentro de tal imagem, mantê-la em sua mente sem se distrair, sintonizar-se com tal lugar e, então, você estará lá. E se, naquele momento, por acaso existir um clarividente no lugar para onde você transportar sua consciência, ele será capaz de vê-lo. Quando se desenvolver mais, você será capaz de realmente se materializar naquele lugar e ser visto por pessoas que não sejam clarividentes.

— Quando o senhor faz isso — perguntei, — o que acontece com seu corpo material?

— Mais uma vez, isso depende de quão adiantado você estiver. Seu corpo pode estar num estado de sono profundo. Mas é possível atingir um ponto no qual tudo isso pode ser feito enquanto você se encontra completamente acordado. Com o tempo, você pode desenvolver uma autopercepção superconsciente e estar em diversos pontos da Terra, totalmente consciente e sintonizado.

Confesso que tive dificuldade para entender o que ele queria dizer. Estar em vários lugares ao mesmo tempo!

— Esses assuntos são difíceis — continuou Daskalos, — mas o tipo de pergunta que você fez me obrigou a dar uma resposta abrangente. Não se preocupe, por enquanto. Trata-se de grandes verdades que você tem dificuldade em entender porque está familiarizado com situações dentro do tempo e do espaço.

Daskalos, mencionou então que os mundos da “separação” são os mais pobres, embora nos dêem os maiores paraísos e os maiores infernos.

— Os mundos da separação incluem não só o mundo material, mas também o psíquico e o noético. Trata-se de mundos de formas, imagens, impressões. Nós os chamamos de mundos de separação porque a pessoa se vê como uma entidade separada, que recebe impressões

e as interpreta. É algo diferente do eu real. Há, entretanto, outros mundos onde a separação é transcendida. Existem, por exemplo, os mundos noéticos mais elevados, os mundos das idéias, leis que estão além das formas de pensamento concretas. Há também o mundo da luz eterna, dos sete céus. Falamos apenas de três, o de matéria densa, o psíquico e o noético. Além desses, há o que nossa religião chama de reino dos céus, que está dentro de nós.

— Essas lições — continuou Daskalos vagarosamente, depois de uma pausa de poucos segundos — foram ensinadas pelo Mais Amado aos seus discípulos, embaixo das oliveiras no jardim de Gethsemani. Ele lhes ensinou exomatose, materialização, desmaterialização e muitos outros segredos. Na essência do Cristianismo não existe nenhuma barreira quanto ao conhecimento, embora padres vestidos de preto tenham imposto limites e restrições. Nós, como Pesquisadores da Verdade, queremos saber através da razão, da investigação e da concentração. Levamos a sério o conselho de Cristo: “É a Verdade vos libertará.” Foi para isso que Cristo veio a este mundo, para nos dar algumas aulas e nos mostrar o caminho que nos leva para longe dos infernos nos quais nos encontramos, e para nos guiar ao Seu paraíso, e ao nosso. Infelizmente, muito poucos homens aprenderam seus ensinamentos.

Daskalos interrompeu seu monólogo e esperou alguns instantes aguardando outras perguntas. Então, enfatizou mais uma vez que os planos psíquicos são escolas onde os seres humanos entram para receber as aulas necessárias e tirar as conclusões apropriadas, baseadas em suas experiências na Terra.

— O indivíduo irá, então, para planos mais elevados e mais luminosos e, após alcançar um certo ponto, receberá ordem dos grandes mestres do Karma para voltar à Terra a fim de ter outras aulas. Em resumo, os planos psíquicos são casas de repouso para a personalidade autoconsciente, até que o novo ano letivo se inicie. A menos que, claro, sejamos reprovados nos exames e tenhamos de repetir de ano.

Com essas observações, Daskalos deu uma boa gargalhada, e todos riram com ele.

— Pode-se entrar numa classe mais atrasada? — perguntou alguém em tom de brincadeira.

— Nunca! É possível permanecer na mesma classe, onde nos tornamos alunos mais experientes. Uma entidade autoconsciente reencarnará

num ambiente análogo, junto com outros espíritos afins, que vibrem na mesma frequência. As pessoas chamam a isso de hereditariedade. Não existe tal coisa. Em vez de hereditariedade eu diria que há a onisciência do Absoluto que une os que devem ser unidos para avançarem juntos em direção ao amor. O ódio, na verdade, não existe. É uma ilusão baseada na ignorância. Esses assuntos, claro, exigem profunda reflexão e estudo.

— A alma conhece seu destino e as experiências que irá adquirir na encarnação futura? — perguntou uma mulher de meia-idade, vestida de preto.

— Não em detalhes. Entretanto, subconscientemente, a alma permanente autoconsciente sabe. Só que não traz tal conhecimento até o nível consciente da personalidade atual. Por exemplo, uma criança coloca a mão no fogo e queima o dedo. Ela vai esquecer os detalhes sobre o acidente mas, quando estiver de novo perto do fogo, tirará a mão. Não vai ser necessário lembrar com maiores detalhes a experiência anterior.

— Devemos assumir, portanto, que as experiências adquiridas numa dada encarnação são predeterminadas?

— Não. A alma autoconsciente só sabe possibilidades e probabilidades. A personalidade atual tem liberdade para agir. Caso contrário, os seres humanos nunca seriam nada além de robôs. A maneira como um indivíduo liquida seus débitos é sua própria escolha. É como se, neste exato momento, me mandassem embarcar num navio para Nova York. Meu destino é predeterminado. O tipo de vida que eu levo no navio é problema meu. O que está predeterminado é o meu destino, Nova York.

— Então tudo se baseia no Plano Divino — insistiu a mulher.

— O Plano Divino significa nascimento e morte, e só — respondeu Daskalos em voz alta e séria, que traía sua impaciência. — Tudo o mais é problema seu. Não vamos entender errado esta questão e presumir que o que acontece conosco é inevitável. Caso contrário, nos tornaríamos fatalistas absurdos e deixaríamos de ser Pesquisadores da Verdade. Predeterminado é o fato de que você desce para nascer, completar um ciclo de vida e, então, morrer. Isso não pode ser evitado. Tudo o mais na vida baseia-se no que você trouxe de vidas anteriores e na forma como você escolher, na vida atual, desenvolver ou expressar isso.

— Repito, predeterminada é a nossa descida à matéria depois de termos passado, pela primeira vez, através da Idéia do Homem. Então, por repetidas encarnações, nosso destino é voltar para o lugar de onde viemos. Esta é a regra geral das encarnações. Descemos à matéria com o objetivo final de ascendermos de volta à fonte. O tempo necessário para isso é problema nosso.

— Por que é necessário uma alma encarnar e depois voltar? — perguntei.

— Para entender, talvez, quem somos e adquirir autoconsciência.

— O senhor quer dizer que no interior da Mônada Sagrada não há autoconsciência?

— Há, mas não a reconhecemos. Deixe-me dar um exemplo simples. Suponha que você nasceu num quarto bem iluminado e que eu lhe pergunte: “Você sabe o que é luz?” Acha que saberia? Por outro lado, se eu apagar as luzes ou o levar para fora do espaço luminoso, você será capaz de saber o que é luz. Como entidades eternas, não nos tornamos nada que já não sejamos. Entretanto, minha personalidade permanente autoconsciente, que é a soma total de todas as encarnações pelas quais eu passar, desenvolve, ao redor do meu eterno existir, minha individualidade distinta. O existir e a individualidade não são idênticos. Eu existo mesmo antes de passar pela Idéia do Homem. Uma vez que eu passe e adquira as experiências da matéria densa, estou em posição de entender que existo. Portanto, o que nós ganhamos é individualidade dentro do existir. Tornamo-nos conscientes do nosso existir. Se este não fosse o objetivo último, a descida à matéria densa, seguida pelos ciclos de encarnação, seria sem sentido. Na parábola do filho pródigo, Cristo revelou, de uma maneira oculta, à humanidade o propósito da sua existência.

— Cristo narra como um dos dois filhos decidiu sair do palácio do pai. Ele pediu sua parte da herança, para que pudesse sair e experimentar o mundo. Se não fosse parte do Plano Divino, o pai onisciente poderia ter recusado. Mas o plano era deixá-lo ir, sofrer as agruras, adquirir conhecimento e depois voltar. Foi dado ao filho o que ele pediu, na verdade a razão, o sentimento e um corpo material, ou seja, sua personalidade atual. Ele pegou a sua parte e saiu. Alguns podem chamar a saída do palácio e descida à matéria de queda ou pecado. Prefiro chamá-la de experiência. Nesta nova situação, o filho fez mau uso da sua herança e, conseqüentemente, foi transformado num guardador de por-

cos. Na verdade, ele criou elementais, levou-os a pastar e se alimentou com o mesmo alimento, ou seja, com a expressão mais baixa da sua mente. Os porcos, na parábola, simbolizam os elementais que os homens criam sem cessar.

— Um dia ele se rebelou e questionou a vida que estava levando entre os porcos, ou seja, no mundo dos elementais. Decidiu voltar ao palácio do pai, onde até os criados eram tão felizes. Ele pediu: “Pai, eu pequei. Faça-me um de seus servos.” O filho deu um passo à frente, o pai deu dez. Onde está o castigo? Vocês notaram qualquer recriminação ou castigo na parábola? O pai abriu os braços, abraçou seu filho e o trouxe de volta ao palácio. No lugar da punição, ele o recompensou colocando um anel em seu dedo, ou seja, o símbolo da eternidade. Vida é movimento. Quando giramos o anel em qualquer direção, não podemos parar. Não há começo nem fim. Só existe o movimento eterno, simbolizando a eternidade. O outro irmão, que nunca saiu do palácio, vive no eterno presente. Ele não tem consciência da eternidade. Por outro lado, através das experiências do criador de porcos, o homem experimentou o tempo como passado, presente e futuro. O pai, de acordo com a parábola, enfeitou o Filho Pródigo com a roupa do seu irmão, ou seja, o Filho Pródigo não perdeu nada do que ele tinha tido. O pai, então, matou o bezerro gordo, um símbolo do corpo material. O outro filho protestou. “O que o senhor tem feito por mim, que tenho sido leal ao senhor o tempo todo?” Mas aquele filho, o arcanjo, nunca esteve dentro de um corpo material. “Tudo o que tenho é seu, meu filho”, respondeu o pai. Eu lhe pergunto agora: quem está em melhor situação? O arcanjo, que nunca pisou fora do palácio, que é bom, mas que não conhece nada mais? Ou o Filho Pródigo, que voltou e que tem tudo o que o outro irmão tem, mais a autoconsciência? Considere isso um axioma: em Teose (volta ao palácio), a situação do homem é muito superior a todos os sistemas arcangélicos. Portanto, numa análise final, não há nenhum castigo eterno. Há apenas a aquisição de experiência dentro da matéria, que nos revela nossa autoconsciência. Nas palavras de São Paulo: “Morte, onde está sua vitória? Morte, onde está seu aguilhão?”

Quando Daskalos terminou sua análise da parábola de Cristo, os presentes fizeram outras perguntas sobre reencarnação, aparentemente um assunto de grande interesse para os presentes. Alguém perguntou sobre o aumento da população e reencarnação. Ele queria saber de onde

vêm as almas novas. Daskalos respondeu, rapidamente, que há uma comunicação contínua entre os níveis noético, psíquico e o mundo de matéria densa. Seres humanos que nascem agora, podem vir de outras dimensões da existência. Aqueles que morrem mudam-se para esses outros universos. Não devemos considerar isso um problema, ele disse, já que sabemos como acontece uma primeira encarnação, ou seja, pela passagem através da Idéia do Homem de uma emanção proveniente de uma Mônada Sagrada. Este é um processo eterno e contínuo.

— Quanto tempo um ser humano fica nos mundos psíquicos antes de reencarnar?, eu perguntei.

— Os rosa-cruzes afirmam que é por cento e quarenta e quatro anos. Outros dizem cinqüenta anos, outros quinhentos. Ainda outros insistem que leva mil anos até um novo nascimento. Eu digo que isso é bobagem. Não há tempo fixo. Trata-se de um assunto pessoal. Sei de um místico, por exemplo, que permaneceu no mundo psíquico por apenas dez meses antes de reencarnar.

— Quem decide — perguntou alguém — quando alguém vai voltar à Terra?

Daskalos respondeu que, depois de algum tempo no mundo psíquico, quando o indivíduo já assimilou as experiências da vida anterior, ele chega a um ponto onde a vontade de ter mais experiências na Terra voltará a se manifestar. A pessoa, então, procurará um espírito afim, para encarná-lo. Daskalos disse que uma pessoa clarividente pode ver o espírito da entidade a se encarnar grudado na aura do provável pai ou da provável mãe, esperando a oportunidade de ser concebido. Ele, em geral, oscila entre as auras do pai e da mãe.

— O senhor está sugerindo, Daskale — indaguei —, que quando se está no nível psíquico procura-se voluntariamente por alguém para encarná-lo?

— Naturalmente.

— Mas esses assuntos não são determinados pelos Mestres encarregados das encarnações?

— Os mestres colocarão vocês, junto com outros, num cercado. Será, então, problema seu encontrar uma casa para entrar. Suponhamos que, através dos séculos, você tenha estabelecido íntima amizade com quarenta ou cinqüenta pessoas, cuja aura seja igual à sua. Você as ama. Elas poderiam fazê-lo seu filho. Onde quer que se acomode, você po-

derá entrar. Há seres tão unidos que sempre que são colocados no mesmo cercado se encontram. Mas há os que se unem às cegas, porque semelhante atrai semelhante. Está entendendo o que acontece? Imagine que tenhamos uma peneira de vime, cheia de furos de tamanhos diferentes. Quando colocamos nela vários objetos e sacudimos bem, os que são maiores que um determinado furo ficarão em cima, outros passarão por ele. Os que ficarem tentarão encontrar outro furo por onde passar. É possível que um grande amor entre indivíduos, desenvolvido através dos séculos, crie fortes atrações magnéticas, de forma que duas almas passem através do mesmo furo. Esse processo de encarnação é um assunto muito complexo, que requer estudo cuidadoso.

– Pelo que o senhor diz, parece que, até certo ponto, é responsabilidade nossa encontrar o furo apropriado por onde passar – acrescentei.

– Claro, supondo-se que o Karma lhe permita fazer isso, a escolha é sua. Você pode decidir passar por qualquer dos furos cujos tamanhos lhe sejam apropriados. Preste atenção a este ponto: entre todos os milhares de furos, você poderá passar por, digamos, apenas duzentos. É natural que, entre os duzentos, você passe pelo furo que esteja mais próximo quando a peneira for sacudida, com o qual você tenha semelhanças, onde as vibrações sejam iguais, e o Karma semelhante.

– Mas o furo escolhido pode nos causar problemas. . . – comecei a falar.

– Isso é outro assunto. Nós, com certeza, temos problemas. Mas as vibrações combinam. Temos de pagar nossos débitos juntos. Não podemos evitar os problemas. O Plano Divino é semelhante. Todas as encarnações que eu estudei mostram que a lei funciona sem clemência. Não é possível transcendê-la. Por que combinamos? Combinamos no que se refere a dar e receber. Pode ser que tenhamos algumas tarefas do passado a completar, que devem vir à tona para nos atormentar, a fim de que possamos evoluir. Ou para, involuntariamente, atormentar outros, para que estes, assim como nós, evoluam. Você pode dizer, por exemplo: “O que tenho em comum com este progenitor deprimente e opressivo?” Ou, se você for um progenitor: “Por que ele tinha que vir para a nossa família e nos tyrannizar, a nós, pessoas tão boas?” Você entende agora? É o dar e receber, dentro do Karma. É também possível para o Mestre do Karma segurar alguém e colocá-lo no furo certo,

porque pode ser melhor para a pessoa pagar os débitos desta forma. Agora, como esses quatro Mestres do Karma trabalham, eu não sei.

— Quatro?

— Eles são os Mestres dos quatro elementos. São entidades arcan-gélicas eternas, leis. São uma certa classe de Miguel, uma certa classe de Rafael, uma certa classe de Ouriel e uma classe de Siamael. Os Siamael são os que nos dão o significado do mal. Temos Satanás através deles. Todos os quatro cooperam quanto ao lugar onde um indivíduo irá en-carnar. Eles tecem seu corpo psiconoético. É muito difícil para nós enten-dermos como trabalham através das células, do magnetismo, da energia. É uma questão complexa, o modo como um ser fica acuado, preso nesse redemoinho que o traz de volta à Terra.

— Que argumentos racionais o senhor poderia nos apresentar a fa-vor da reencarnação e que prova o senhor tem de que não se trata de uma ilusão, mas de uma realidade? — indaguei.

— Antes de mais nada, há argumentos religiosos e históricos que, embora não sejam por si só provas, comprovam a idéia de reencarnação. Segundo, há casos que mostram claramente que a reencarnação é uma realidade e não uma fantasia. E a terceira e melhor prova da realidade da reencarnação de um indivíduo é quando ele desperta para lembranças de vidas passadas. Mas vejam um argumento por vez.

— Em nosso mundo, um grande número de pessoas, quando não a maioria, aceita a reencarnação como um fato. Na maioria das religiões do planeta a reencarnação é claramente aceita, ou está implícita. Nas tradições esotéricas do Budismo, Taoísmo e Hinduísmo, a reencarna-ção é dada como certa. Para aqueles que entendem o Islão, e eu me re-firo aos Sufis, a reencarnação também é uma realidade. Nas religiões orientais, claro, a idéia de reencarnação é aceita com muito maior faci-lidade porque, nelas, há um contato direto maior com as esferas psíqui-cas. Ao contrário do que acontece nas sociedades ocidentais, há um contínuo contato, no Oriente, com os que já se foram e com as enti-dades que vivem em outras dimensões. Portanto, eles estão mais aten-tos às realidades dessas dimensões. No Cristianismo, a reencarnação foi amplamente aceita até que os padres da Igreja a retiraram das escrituras.

Daskalos continuou, explicando que a idéia da condenação eterna é uma doutrina cruel e tirânica, preparada pelos padres para aterrorizar os crentes e fazê-los submissos. Desta forma, uma pessoa tinha uma única

oportunidade de obter o reino de Deus, e só poderia fazê-lo submetendo-se à autoridade da Igreja e do clero.

— Essa doutrina é, ao mesmo tempo, uma idiotice e um insulto ao “Deus misericordiosíssimo”, que os padres louvam em suas igrejas. Sabemos que até os cristãos ortodoxos aceitavam a reencarnação. Encontramos tais idéias nos trabalhos de Orígenes e de muitos outros. No próprio Novo Testamento, dentre as coisas que sobreviveram à censura do clero, ouvimos Jesus Cristo perguntando a seus discípulos: “Quem dizem ser o filho do Homem?” E eles respondem: “Elias ou um dos profetas que veio dos mortos”, ou seja, reencarnação. Cristo poderia ter-lhes dito: “O que estão dizendo é bobagem, isso não existe.” Em vez disso, Ele respondeu que, na verdade, era Elias, mas eles não o tinham reconhecido. Eles perguntaram a João Batista se ele era Elias. Muito corretamente, ele respondeu: “Eu não sou Elias. Agora sou João.” “E quem é você?” eles perguntaram. “Uma voz que clama no deserto”, ou seja, uma situação semelhante àquela na qual o próprio Elias se havia encontrado no deserto. Vemos em João Batista as características de Elias, com as mesmas virtudes e as mesmas fraquezas.

— E o que o senhor me diz da epístola de São Paulo aos Coríntios, quando ele disse que “seus filhos os precederam”? Isso implica a idéia de reencarnação? Entretanto, há melhor prova sobre a realidade da reencarnação do que recorrer às Escrituras. Não é uma prova quando uma criança, de repente, começa a falar fluentemente uma língua estrangeira sem jamais tê-la estudado? Além disso, não é uma prova quando ela afirma ter sido uma outra pessoa, cujos parentes foram localizados? Há inúmeros casos como esses, muito bem documentados.

— E uma prova ainda mais evidente para o Pesquisador da Verdade é quando ele, afinal, consegue entrar em seu subconsciente e se torna ciente de suas próprias vidas passadas. Acredite em mim, não há maior prova do que esta.

— Por que nós todos não nos lembramos das nossas vidas passadas? — perguntou alguém.

— Você não se lembra para o seu próprio bem. É parte da Misericórdia Divina, para que tenha a oportunidade de progredir no seu caminho sem permanecer vinculado a velhos hábitos e desejos. Imagine, por exemplo, que, em sua vida atual, um indivíduo tenha uma conduta impecável. Ele alcançou um certo ponto em sua evolução onde o álcool

não representa um problema para ele, como representou em encarnações anteriores. Dentro da Memória Universal, entretanto, a parte alcoólatra dele está viva. Se tais memórias forem despertadas nele nesta encarnação atual, ele poderá regressar ao seu velho hábito e se tornar de novo um alcoólatra. O próprio Cristo afirmou isso, quando disse que todo aquele que colocar a mão no arado deverá olhar para a frente, para o sulco a ser criado, e não para o sulco já feito pelo arado.

— Daskale, quando o senhor diz que a parte alcoólatra ainda está viva, o senhor está sugerindo que ela existe como um elemental? E é possível para um mestre fazer contato com tal elemental? — perguntei.

— Tudo o que foi impresso na Mente Universal sempre existirá. Imagine, por exemplo, que eu queira entrar em contato com um mestre que viveu há quatro mil anos, digamos, que tenha vivido no Egito, com o nome de Rasadat. Desde aquele tempo, a entidade que se manifestava como Rasadat já encarnou mais de vinte e cinco vezes. Neste momento, Rasadat está vivo ou ele é uma entidade morta? Rasadat, assim como todas as suas outras encarnações, está vivo dentro da Memória Universal. Subconscientemente, estamos ligados a todas as nossas encarnações e qualquer encarnação que trouxermos à consciência é uma entidade viva. Rasadat está vivo porque a entidade da qual ele emanou está viva. Sócrates pode ter encarnado muitas vezes. Talvez esteja vivo hoje, em outro corpo, numa cultura diferente, com um nome diferente. É possível, entretanto, trazer Sócrates do agregado da Memória Universal e até semimaterializá-lo na nossa frente e conversar com ele, sem levar em consideração que a entidade que se havia encarnado como Sócrates possa, hoje, estar em outro corpo.

— É possível — perguntei — que Sócrates aja e fale do mesmo modo que a entidade que um dia foi Sócrates, mas que atualmente é outra pessoa?

— Não. Você deve ter em mente que o Sócrates da Memória Universal é um elemental vivo e não um ser humano. A autoconsciência que era Sócrates não está mais lá. Se eu trouxer Sócrates e conversar com ele, ele terá a inteligência e o conhecimento do Sócrates daquele tempo. Ele não poderá oferecer mais do que Sócrates sabia durante sua vida.

— “O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó não é um Deus dos mortos, mas dos vivos”, disse Cristo. Quantos você acha que entenderam o

que ele quis dizer? Ele não se referia às almas autoconscientes dos patriarcas, mas às personalidades então autoconscientes.

— Daskale — continuei —, quem pode despertar um elemental de uma encarnação passada?

— Ou a própria pessoa ou um mestre. Entretanto, os mestres, em geral, relutam em falar sobre as vidas passadas, caso contrário despertariam velhas fraquezas e hábitos.

Daskalos, então, explicou que um mestre pode ler as vidas passadas de uma pessoa como lê as páginas de um livro. Ele o faz “sintonizando” sua consciência com o elemental da vida passada da pessoa e experimentando os sentimentos e pensamentos daquele elemental. Se as antigas encarnações não estivessem mais vivas, tal feito seria impossível.

— As páginas do nosso livro de encarnações não são páginas mortas, mas elementais vivos — disse Daskalos.

— Quando, então, podemos ter lembranças de vidas passadas sem que haja perturbação da atual personalidade autoconsciente? — perguntei.

— Cada Pesquisador da Verdade aprenderá como fazê-lo, vagorosamente e até que a memória total seja recobrada. As lembranças virão à medida que a personalidade atual autoconsciente estiver em melhor sintonia com a personalidade permanente. Então, como bons atores, seremos capazes de nos lembrar dos papéis que representamos. A Terra é o teatro onde cada um de nós representa vários papéis a fim de aprender e progredir rumo à perfeição. Quando olhamos para trás sem sermos perturbados pelo que vemos, é a hora e é seguro lembrar. Antes de podermos lembrar com segurança, deveremos, primeiro, transcender a idéia do Bem e do Mal. Enquanto isso, a Divina Misericórdia fechou a porta das lembranças passadas para nos dar uma oportunidade de continuarmos em nosso caminho, sem a interferência de imperfeições e de fraquezas passadas.

— O senhor disse que nossas encarnações passadas são elementais vivos dentro da Memória Universal. Sendo assim, é possível contatar um elemental da encarnação passada e efetuar mudanças em seu comportamento?

— Deixe-me responder à sua pergunta contando a você sobre uma experiência pessoal nesta vida. Há alguns meses, eu queria me observar dando uma palestra no mundo psíquico. Lembro-me de que meu mestre (Yohannan) me disse: “Você dará a palestra, e, ao mesmo tempo,

não será você.” Então me ‘retirei, sentei-me confortavelmente, por assim dizer, e ouvi minha palestra. À medida que me observava, percebi alguns erros que fiz. O mestre me havia apresentado, com precisão matemática, o elemental de mim mesmo, da maneira como eu havia dado a palestra no mundo psíquico há meses. Era como se fosse uma gravação de mim mesmo numa fita de vídeo. Será que eu poderia intervir e corrigir, no momento em que percebi o meu erro? Não. Eu não tinha o direito ou o poder de acrescentar ou subtrair coisa alguma. Naquele momento, eu estava simplesmente sintonizado com a pessoa que dava a aula, o elemental de mim mesmo. Revivi a aula como um observador. Alguma outra pessoa além de mim poderia ter ouvido a mesma palestra se tivesse se sintonizado com aquele elemental.

— É possível, entretanto, eu criar um novo elemental de mim mesmo e fazer as devidas correções. Isso é diferente. Mas o que quer que seja impresso não poderá ser apagado, e o que for impresso está vivo. Talvez isso pudesse nos oferecer uma explicação do significado de inferno e paraíso. Um elemental de mim mesmo pode existir num inferno feito por ele mesmo, o qual é capaz de afetar e tyrannizar a personalidade atual, quando esta não houver transcendido seus problemas passados. Este é, mais uma vez, o motivo pelo qual a Misericórdia Divina fechou a porta que dá para o passado, a fim de que não sejamos adversamente influenciados pela nossa própria vida como elementais, a qual deixamos para trás em um inferno ou um paraíso. Entretanto, devemos ter em mente que a personalidade atual está sempre ligada, através da lei do Karma, à sombra viva do passado.

— O assunto que escolheram hoje — concluiu Daskalos — é inexaurível. Espero que nossa discussão tenha dado a vocês algumas idéias básicas sobre a natureza dos mundos psicoonéticos.

Encontrando o Logos

— Irmãos e Irmãs — Daskalos disse assim que acabamos de rezar a curta oração. — Pai Yohannan está esperando por suas perguntas.

Houve um instante de silêncio e, então, alguém perguntou sobre a amizade entre Judas e Jesus.

— O que é verdade sobre os acontecimentos que levaram à traição de Cristo por Judas? Qual era a ligação dele com o Divino e por que cometeu suicídio?

A pergunta vinha em boa hora, uma vez que estávamos na sexta-feira antes da Semana Santa, o período mais importante e festivo da Igreja Ortodoxa grega. Depois de outros membros do grupo terem dado várias opiniões e feito mais perguntas, Daskalos começou a descrever a amizade de Judas por Jesus.

— Os outros discípulos sabiam que Judas era um aristocrata ambicioso, um patriarca hebreu, poderíamos dizer até um fanático que queria expulsar os romanos da Judéia. Ele estava maravilhado com Jesus e sonhava com a libertação de Israel do domínio romano.

— Judas Iscariotes foi influenciado pelas circunstâncias, que o fizeram comportar-se de maneira irracional. Alguns chamaram isso de traição, outros aplaudiram suas ações. Deixem-me explicar.

— Judas, assim como os outros discípulos, procurava e competia pelo Amor do Mais Amado. Em diversas ocasiões, ele até chegou a afastar os outros para abraçar o Mestre, que, com frequência, retribuía com um beijo.

— Prestem atenção ao fato de que Judas beijava o Mestre e expressava seu amor por ele. Apenas João e os seus discípulos mais bem-edu-

cados expressavam seu amor por Jesus dessa maneira. Por exemplo, Pedro nunca beijava o Mestre. Era estranho para um homem duro como Pedro trocar abraços e beijos com Jesus.

– Judas estava, diariamente, perto de Jesus. Ele era, talvez, mais chegado a Jesus que qualquer dos outros discípulos, com a exceção de João. Em consequência, ele testemunhou a maioria dos milagres de Jesus.

– Qual era a ambição de Judas? Coroar Jesus rei de Israel e ficar a Seu lado. Judas tinha dinheiro e mandou fazer uma coroa de ouro. Quem você acha que fez o refrão: “Bem-aventurado seja o reino do nosso pai Davi, que vem em nome do Senhor?” Quem vocês acham que instigou a multidão a dar a Jesus aquela tumultuosa recepção em Jerusalém? Judas Iscariotes. Quando Jesus estava no meio de um grupo de fariseus, um deles O desafiou a afirmar que Ele era o Filho de Deus. Jesus respondeu: “Vós o dizeis.” Judas estava lá, com dois outros discípulos e testemunhou o que aconteceu depois. Os fariseus acusaram Jesus de blasfemar, apanharam pedras e começaram a jogá-las no Mestre. Mas antes que a primeira pedra O atingisse, Ele sumiu do meio deles e as pedras caíram num espaço vazio, exatamente no lugar onde Jesus estivera em pé.

– Judas testemunhou tal fenômeno e começou a pensar num plano para coroar Jesus rei de Israel. Certa vez, ele reuniu os discípulos e a multidão, e levantou a coroa que havia trazido com ele para colocá-la na cabeça do Muito Amado. Naquele exato momento, Jesus desapareceu novamente, e a coroa real ficou nas mãos de Judas Iscariotes. Era a segunda vez que Jesus desaparecia daquele modo. Judas, então, pensou: “Vou forçá-lo a aceitar. Quando eles começarem a maltratá-lo e a injuriá-lo, vai mudar de idéia. Quando eles o atacarem, o que mais poderá fazer? Será forçado a levantar a mão e a mostrar sua Glória, seu Poder. Estará cansado dos fingimentos dos pecadores e dos ignorantes, e se tornará o Rei.

– Dessa forma, o objetivo de Judas Iscariotes não era trair a Cristo, mas forçá-lo a se tornar líder dos judeus, a fim de expulsar os romanos. E, apesar disso, Jesus havia se explicado com clareza. “Meu reino, Judas, não é deste mundo. Entenda isso.” Era o que Judas não queria entender, que Cristo não estava interessado nos poderes deste mundo.

– Judas não era um traidor, era uma pessoa imprudente entre os bem-amados. Jesus lavou e beijou os pés de Judas, da mesma forma que

lavou e beijou os pés dos outros discípulos. Depois disso, ele disse para Judas ir e fazer o que tinha que fazer. Cristo amava Judas, mas Judas não pôde entender os ensinamentos de Jesus. Na verdade, apenas muito poucos entre os Seus discípulos O entenderam: apenas João, Felipe e Tiago. Felipe entendeu Jesus por já estar, desde antes, familiarizado com os mistérios gregos, em Delfos. Os outros apenas entenderam Jesus depois da descida do Espírito Santo.

— Jesus esperava a própria Crucificação e profetizara a própria Ressurreição, na frente de Judas, ao dizer: “Posso destruir o templo e, em três dias, reconstruí-lo.” O que ele queria dizer com isso? Ele falava através de parábolas. Judas escutava apenas o que queria ouvir e podia interpretar como favorável aos seus planos patrióticos e ao seu modo de pensar.

— Quando Judas percebeu que o Mestre estava prestes a ser crucificado, a ser morto, começou a duvidar de Cristo. Achou que o Mestre tinha perdido os Seus poderes, que não podia evitar que O matassem, insultassem e chutassem. Quando viu Jesus carregando a Cruz, com uma coroa de espinhos na cabeça e sangue pingando da testa, Judas começou a duvidar da Ressurreição. Ficou desesperado e, em sua angústia, suicidou-se.

— Chamar Judas de traidor é usar uma palavra forte demais. Eu chamaria o que o levou a agir como agiu de insensatez ou de confusão. Judas amava Jesus de uma maneira patológica, boba e egoísta. Ele também amava um país imaginário. O mundo está cheio desses fanáticos nacionalistas. Vocês percebem que a confusão e os problemas de hoje, em Israel, que levaram ao derramamento de tanto sangue árabe e israelense são, em grande parte, produto dos pensamentos e desejos dos fanáticos e de outros patriotas daquele tempo? Aqueles, dentre eles, que caíram em si estão, agora, começando a perceber o mal que eles mesmos causaram.

— Assim, estamos enfrentando essas situações, que precisam ser dissolvidas e esquecidas porque há personalidades sensíveis e receptivas a elas. Judas Iscariotes era uma pessoa assim. Não devemos chamá-lo de traidor. Quando um dos discípulos de Jesus, certa vez, se queixou com palavras duras sobre o Iscariotes, Jesus disse: “Saiba que toda vez que você mencionar a palavra traidor para algum Judas, neste momento você estará me crucificando.”

– Judas já encarnou muitas vezes desde então, como um homem rico, como um homem pobre, um homem angustiado, um homem comum, exatamente como todo ser humano. Ele está encarnado, hoje, num corpo judeu, e é um grande místico.

Fez-se um breve silêncio. Alguém, então, perguntou se poderíamos afirmar que, para Judas, a traição a Cristo havia sido uma experiência pela qual ele tinha que passar.

– Foi uma experiência amarga – respondeu Daskalos –, e foi um papel trágico o que ele representou, pelo qual, entretanto, ele foi responsável, já que vibrava naquele nível. O papel de Judas é algo contido no Plano Divino, uma vez que facilita seu desenrolar.

– O fato de Jesus ser traído – perguntou alguma outra pessoa – foi necessário ou talvez teria sido possível ele ser preso de alguma outra forma?

– Talvez – respondeu Daskalos – fosse necessário para atrair a atenção da humanidade, para estimular o envolvimento, para criar os problemas e conflitos entre os dois lados, os que O chamavam de Divino e os que negavam Sua Divindade. Talvez as coisas tivessem que ser daquele modo, para criar controvérsias a fim de fazer amadurecer as circunstâncias apropriadas.

– Depois de Pentecostes – mencionou alguém –, os discípulos receberam a Luz. Qual foi seu procedimento nos Atos dos Apóstolos?

– Quando comparamos seu modo de proceder de então com o que tinham dois anos antes ou mesmo um mês antes da Descida do Espírito Santo sobre eles, notamos uma mudança muito grande. Mas o que queremos dizer quando dizemos que eles foram iluminados? Será que eles foram transformados, de um momento para outro, em sóis brilhantes? Isso teria sido uma aberração da Natureza e da sociedade. E teria sido impossível, para eles, agüentar tal experiência. Sua iluminação aconteceu gradualmente. Eles receberam, naquele tempo, tanta luz quanto poderiam suportar. Eles tinham suas imperfeições. A luz lhes foi dada para que pudessem avançar em seu caminho espiritual. Entretanto, com a Descida do Espírito Santo, a Graça lhes foi oferecida de imediato, para que eles se tornassem capazes de fazer milagres. Isso não é pouca coisa. Eles começaram a pensar com maior sabedoria. É bom não esquecer que os Apóstolos eram, em sua maioria, pescadores analfabetos, que, de repente, começaram a se comportar e a falar como filósofos. Tomemos

mais uma vez Pedro como exemplo. Ele era um pescador que, se comparado com os intelectuais do seu tempo, seria considerado rude e mal-educado. Mas, de repente, foi transformado num grande Mestre. Os que haviam conhecido Pedro antes, como um pescador, e o encontraram depois, após a Descida do Espírito Santo, notaram a diferença, apesar de todas as suas imperfeições. Quais eram tais imperfeições? Seu fanatismo hebreu. Ele começou a se opor aos judeus helenísticos e aos discípulos gentios. Opunha-se à filosofia neoplatônica, e começou a fazer oposição a João. Mais tarde, travou uma guerra contra Paulo, que tinha parentes gregos. Pedro tinha fortes sentimentos hebreus e não podia tolerar qualquer influência grega dentro da nova religião. Quando os outros apóstolos tentaram explicar a ele que a circuncisão deveria ser abolida, ele os acusou de terem perdido a razão. Eu não consideraria um mal o seu fanatismo. Era apenas o seu modo de pensar, de querer preservar as tradições que ele achava importantes. Tais desentendimentos persistiram entre os apóstolos mesmo após a vinda do Espírito Santo. Eles receberam tanta luz quanta lhes seria possível assimilar. Não há nada mais perigoso para os olhos do que luz em excesso. É como olhar para o Sol. Fica-se cego. Assim, não é uma questão de dar mais luz a alguma pessoa, mas, ao contrário, de dar a quantidade de luz que lhe seja benéfica.

– Cristo revelou a Seus alunos um pouco de Sua Glória, tanto quanto eles eram capazes de suportar. Tenho em mente a Transfiguração. João estava com Ele e Pedro também, e um outro discípulo. Eles suportaram a Luz da Transfiguração no Monte Tabor? Eles caíram no chão e cobriram os olhos.

– Qual foi o propósito da Transfiguração, Daskale? – perguntou alguém.

– Não foi, com certeza, com o propósito de demonstrar Seu poder de criar fenômenos. Ele desejava entrar em Sua condição Divina. O Logos Pan-universal queria iniciar-se no estado Divino. A Transfiguração no Monte Tabor foi a iniciação de Jesus como Deus-Homem a fim de tolerar a Crucificação e ser capaz, como Deus-Homem, de Se ressuscitar. Depois da ressurreição, quando Jesus estava na mais perfeita sintonia com Sua Condição Divina, Ele se materializou na frente dos Seus alunos, na imagem de Jesus, o Homem, dentro de um corpo que ainda trazia as cicatrizes dos pregos em Suas mãos, dizendo a eles: “Todo o poder me foi dado no Céu e na Terra.”

– Quando Jesus ressuscitou, Daskale – perguntou alguém –, Ele se desmaterializou?

– Claro! Ele desmaterializou o seu corpo por completo. Você poderia perguntar: Ele não tinha se desmaterializado antes? Não. Ele deixou o Seu corpo num estado de sono profundo, em algum lugar e, em seguida, completou Sua exomatose. Então, coletou matéria etérica e materializou um novo corpo que se tornou visível. Após a Ressurreição aconteceu algo bem diferente. Ele dissolveu cada célula de Seu corpo material. Tornou-se Espírito, Espírito Absoluto e podia, a qualquer momento, como uma personalidade autoconsciente completa, reconstruir um corpo idêntico ao corpo de matéria densa que ele tinha antes, até mesmo com as marcas dos ferimentos da Crucificação. Isso é diferente da exomatose. Um mestre avançado poderá fazer isso quando ele se materializar, enquanto ainda estiver em seu corpo material. Quando tal Mestre morrer, ele será capaz de materializar o seu corpo em qualquer lugar do planeta. Há uma grande diferença.

– Continuaremos depois. Que o Amor do Mais Amado esteja com vocês, e em suas casas e com todo o mundo.

Com o encerramento da reunião esperei que a maior parte dos alunos sáísse, e combinei com Iacovos, Kostas e Daskalos um encontro na casa deste último. Passaríamos a noite conversando. Não tínhamos nenhum plano sobre o que iríamos discutir. Em geral, um assunto vinha à baila espontaneamente e, então, Daskalos começava a falar. Ele apreciava conversar, sobretudo com seus alunos mais chegados, e, mesmo que aparentasse cansaço, no instante em que começava a falar, recobrava suas energias e se transformava totalmente.

Já eram quase oito da noite quando Iacovos e eu, depois de termos jantado num café souvlaki, fomos até a casa de Daskalos. Kostas estava lá, conversando com ele. Daskalos reclamava estar muito cansado, devido a problemas com parentes e a alguns casos difíceis que tivera de tratar durante o dia.

– Não me deixam descansar um momento sequer – queixava-se ele.

– Seu problema – disse Iacovos, entre sério e brincando – é que o senhor é muito inocente e essas pessoas se aproveitam do senhor.

– É, você está certo – respondeu Daskalos em tom alegre. – Eu ouvi Aquele que me disse: “Bem-aventurados os pobres de espírito.”

Fiquei intrigado. Não sabia se Daskalos falava a sério ou se estava brincando. Pedi que me esclarecesse. Daskalos balançou a cabeça num gesto afirmativo e mudou o tom de voz, de brincalhão para suave e sério.

Sim, sim — murmurou ele —, eu O conheci.

— O senhor poderia me falar a respeito? — perguntei, enquanto me preparava para ligar o gravador.

— Falo, com a condição de que você não grave o que eu disser. — Fiz o que ele pedia e peguei, então, o bloco e a caneta, contra os quais Daskalos nunca fazia objeção. Quando eu estava pronto, Daskalos começou a falar.

— Foi uma das minhas encarnações mais intensas e trágicas. Meu nome era Jasão e meus pais eram judeus helenísticos. Nossa casa ficava no contraforte do Gólgota. Era um *makinari* com um pátio fechado, onde tínhamos algumas cabras. Num dos cantos do pátio havia um quarto, separado do resto da casa, onde um tio meu vivia sozinho e se ocupava com o estudo de religião e filosofia, ou assim fingia. Minha mãe e minha irmã conheciam a mãe de Jesus, que se chamava Maria. Elas ouviam com frequência a pregação de Jesus que, na verdade, se chamava Jeshoua. Yohannan (João), aluno de Jesus, conhecia nossa família e costumava me levar para ouvir o que Jesus falava. Mesmo sendo um menino pequeno naquele tempo, eu entendia o que Jesus dizia. Tais verdades não eram novidade para mim, devido à minha experiência anterior, como hierofante, no Egito. Sim, eu fui uma das crianças que João costumava levar até Jesus.

— Aquele foi o começo da sua amizade com Yohannan? — perguntei.

— Não, ela é ainda bem anterior — respondeu Daskalos, e continuou sua história. — Yohannan tinha vinte anos, naquela época. Meu pai não sabia da amizade da minha mãe e da minha irmã com Maria e Jeshoua, ou do meu envolvimento com Ele. Meu tio, que tinha grande influência sobre meu pai, achava Jesus um malfeitor. Ambos estavam no meio da multidão que gritava, pedindo Sua Crucificação. Insistimos em dizer que Jesus era inocente, mas meu pai foi inflexível. Por isso fizemos segredo dos nossos encontros.

— Quando Jesus estava para ser crucificado, corri para ver o que estava acontecendo. Vi uma multidão que se dirigia ao cume do Gólgota. À frente da multidão iam os juízes que haviam dado a sentença

de morte. Pôncio Pilatos, para puni-los por suas decisões, mandou que usassem as togas oficiais e fossem à frente da procissão. Uns cinco metros atrás vinha Jesus, carregando a Cruz, cercado por soldados que, com suas lanças, mantinham o povo longe Dele. — Daskalos levantou-se e demonstrou com as mãos o modo como os soldados romanos seguravam as lanças, numa formação tal que não permitia que a multidão se aproximasse de Jesus.

— Sendo uma criança, me esgueirei por entre as lanças, parei à frente de Jesus e olhei para a Sua face. Sangue pingava de Sua testa. Ele me viu e sorriu. Tentei retribuir o sorriso, mas as lágrimas me aniquilavam.

À medida que Daskalos descrevia a cena, notei que seus olhos se umedeciam. Foi a primeira vez que vi Daskalos chegar tão perto das lágrimas.

— Eu disse a Ele: “Eu te amo”, e ele continuou a sorrir para mim. Os soldados ficaram bravos e me tocaram para fora do enclave, mas eu tentei de novo. Corri à frente e procurei passar por sob as lanças mais uma vez. Um soldado de aparência bondosa, ao perceber que eu tentava entrar, levantou a lança para que eu pudesse passar por baixo com maior facilidade. Mais uma vez me encontrei face a face com Jesus. Ele tentou sorrir para mim, mas havia tristeza em Sua face. Talvez soubesse o que estava para acontecer. Um outro soldado me viu e, sadicamente, pisou num de meus pés com seu sapato. Eu usava sandálias e não tinha proteção nenhuma para meus pés. O soldado romano tinha fortes cravos pregados às solas dos sapatos. A dor foi lancinante. O soldado tinha, literalmente, destruído os meus dedos. Eu não podia andar. Arrastei-me para fora do enclave dos soldados e tentei chegar em casa. Naquele momento, só podia pensar em mim. A dor era insuportável. Eu devia ter andado uns setecentos metros quando senti um terremoto e, então, o céu ficou cheio de nuvens. Casas estavam caindo, muros estavam caindo. Quando cheguei em casa, ela era a única na região que continuava em pé. O quarto do meu tio havia sido destruído. Eu disse a mim mesmo: “Agora posso dizer a meu pai que foi o terremoto que machucou o meu pé.” Mesmo naquelas condições eu tinha medo do meu pai. Quando cheguei em casa e minha mãe viu o meu estado, ela correu para pegar vinho e algumas ervas. Limpou o ferimento com vinho e colocou as ervas sobre ele. Então, enfaixou minha perna com alguns panos. Ouvi

meu pai discutindo com meu tio. Ele culpava meu tio de o ter levado a fazer o que não devia. Então, veio até minha mãe e minha irmã, abraçou-as, pediu desculpas e murmurou para elas que Jesus era, na verdade, o Filho de Deus. Meu tio ainda insistia que o terremoto e tudo o mais haviam sido fenômenos naturais, que nada tinham a ver com a Crucificação. Meu pai, literalmente, o pôs de lá para fora.

— Enquanto isso, minha saúde piorava. Senti meu corpo sendo tomado pela paralisia. Imagino que estava com tétano. Enquanto eu estava deitado na cama, vi Jesus chegar, como uma luz brilhante, através da parede. Isso aconteceu logo depois da Ressurreição. Aparentemente, o resto da família também o viu, porque minha mãe, minha irmã e meu pai se ajoelharam. Ele estendeu as mãos e me disse: “Venha.” Minha mãe começou a chorar e implorou a Jesus que não me levasse para longe dela, porque eu era seu filho único. Mas eu fui com Ele. Não me lembro para onde, mas eu fui.

A história me pareceu incrível, mas o próprio Daskalos não tinha dúvida alguma quanto à autenticidade da experiência. Já que eu não podia averiguar a sua veracidade, preferi, em vez disso, fazer mais perguntas para conseguir uma imagem tão nítida quanto possível da experiência de Daskalos.

— Daskale — perguntei —, você se lembra dos ensinamentos de Jesus?

— Eu era muito criança naquele tempo para lembrar dos detalhes. Mas me lembro com clareza de que seus ensinamentos não me eram estranhos. Como disse antes, eu já havia passado por experiências semelhantes, quando era um hierofante no Egito. Lembro-me de que Pedro tinha uma aparência rude, era alourado e tinha braços fortes. Ele sempre segurava uma vara, com a qual mantinha as pessoas afastadas de Jesus. Pedro invejava Yohannan por causa da sua instrução. Aparentemente, ele tinha complexo de inferioridade por ser analfabeto. Lembro-me de que Yohannan sorria e sacudia a cabeça toda vez que via Pedro, com a vara na mão, afastando as pessoas e as crianças do Mestre. Mas quando Yohannan chegava, seu olhar bastava para fazer Pedro se acalmar.

— Lembro-me de um dia no qual Jesus estava sentado numa pedra, muito cansado, com uma perna esticada à frente. Eu me joguei no chão e beijei Seus pés. Ele disse: “Por que está fazendo isso? Não vê, criança, que minhas pernas estão empoeiradas?” Respondi: “Mas eu

mesmo sou pó, meu Cristo.” Ele me tomou pela mão e eu fiquei em pé. Então, ele me abraçou e me beijou na testa, dizendo: “Nunca mais diga isso. Você não é pó”, e Ele me abençoou. Eu amo Jesus muitíssimo – murmurou Daskalos. – Não, Ele não é um homem que chegou à Teose, como diriam alguns místicos. Ele é a própria encarnação do Logos, eu lhe garanto. Sempre que preciso chamá-Lo, levanto os meus cotovelos, formando um triângulo inacabado – e Daskalos levantou os dois braços para demonstrar como ele fazia –, e chamo o Logos. “Venha, meu Amor.” É assim que O chamo quando quero trazê-Lo até mim. E Ele completa o triângulo.

– Quantas vezes o senhor já fez isso até hoje, Daskale? – perguntei.

– Quatro vezes nesta vida. Não é algo fácil de fazer. É muito doloroso voltar ao estado normal após tê-Lo trazido até você. Quando eu O encontro, imediatamente sinto raios de luz brilhantes saindo da minha barriga e da minha cabeça, e a sala fica muito quente. Uma vez, em que Theophanis estava comigo no Santuário, as velas da sala se dobraram devido ao calor ali gerado.

Mais tarde, perguntei a respeito a Theophanis, e ele confirmou o que Daskalos dissera. Iacovos disse que ele também havia inspecionado as velas derretidas.

– Eu lhe digo – e Daskalos tocou o meu joelho para enfatizar o que estava para dizer: – raramente o faço porque é desgastante para o corpo. A energia gerada é demais para um corpo frágil. O prazer é tão intenso que voltar é muito doloroso. Queremos ficar lá com Ele. É como ser um astronauta e acabar ficando preso numa cela. Para ser capaz de chamar o Logos e não se queimar, você tem de alcançar um certo nível de desenvolvimento espiritual. Acontece o mesmo com Yohannan. Você não pode ser um cabo de Yohannan, que é o Logos planetário, se as suas vibrações forem de baixa frequência.

– Daskale – perguntei –, já que lhe é tão doloroso entrar nesses estados de êxtase, o senhor planeja não fazê-lo nunca mais?

– Eu o farei, outra e outra vez. Não me importo com o que possa acontecer a meu corpo – respondeu Daskalos com voz firme.

Com base no que Daskalos estivera explicando, cheguei à conclusão de que, para ser capaz de se sintonizar com o Logos sem ser “queimado”, era preciso estar num estado que Daskalos chamava de autoconsciência superconsciente. Perguntei, então, qual, especificamente, era o significado

desse termo. Ele disse que, antes de mais nada, deve-se estar completamente cõscio do Eu permanente, que, com freqüência, inclui estar consciente de encarnações anteriores. Em segundo lugar, é preciso ser um mestre em materialização e desmaterialização e, em terceiro, a consciência deve poder estar, simultaneamente, em sete lugares diferentes, ou até mais, e ser capaz de coletar impressões e experiências de todos esses lugares.

– Mas esses não são – perguntei –, atributos de um ser humano que chegou à Teose?

– Sim, são – respondeu Daskalos. – Esses são atributos, mas não se trata de Teose propriamente dita.

– E o senhor – disse eu – afirma que pode fazer tudo isso?

– Sim.

– Então o senhor é um ser humano que chegou à Teose? – insisti. Daskalos explicou que ele pode entrar em estado de Teose, mas não pode permanecer lá. Ele só consegue ficar lá por algum tempo.

– Não se pode viver no mundo material – continuou Daskalos – e ser, ao mesmo tempo, um ser humano que chegou à Teose.

Perguntei, então, se o conceito de Teose era igual ao que outros místicos chamam de Consciência de Deus.

– Sim – ele disse –, você tem consciência de Deus, mas não vive continuamente na Consciência de Deus ou Teose.

– Daskale – perguntei, mudando de assunto –, qual é o seu motivo para estar sobre a Terra?

– Amor. É o amor que mantém um mestre ligado à matéria. Você suporta o Karma dos outros e volta para ajudá-los. Quando se livra do seu próprio Karma, você pode escolher ajudar os outros. Isso o manterá preso à Terra.

– Não sei quanto a vocês – disse Daskalos abruptamente, virando-se para Iacovos e Kostas que até então tinham estado escutando, quietos –, mas eu estou ficando com fome.

Coloquei meu bloco e minha caneta na cadeira onde tinha estado sentado e segui os outros três até a cozinha. Rapidamente, preparamos pratos com frutas, pepinos, tomates, pão e queijo. Nosso cardápio, de alguma forma, parecia apropriado à conversa sobre Jesus. Comemos até nos fartar.

Cosmologia

Levantei discretamente, me despedi e fui em direção ao meu carro. Era a tarde de quarta-feira, o dia em que o círculo secreto se reunia. Por não ser um membro desse grupo, presumi que seria melhor eu ir embora. A reunião deveria começar dentro de quinze minutos, e a maioria dos alunos de Daskalos já aguardava o início dos trabalhos.

Estava quase entrando no carro quando Iacovos correu até a porta e me acenou com a mão. Daskalos apareceu em seguida e fez sinal para eu esperar.

— Vamos ver se conseguimos a permissão de Yohannan para você assistir à reunião de hoje — disse ele, enquanto eu ia ao encontro dos dois. Fiquei muito satisfeito. Alguns dias antes eu tinha comentado com Iacovos que gostaria de assistir a algumas reuniões do círculo secreto. Logo, imaginei que ele tivesse dado o recado a Daskalos.

— Iacovos e Kostas, juntos, vão ser mediadores no Santuário e vão pedir permissão para você assistir à reunião — disse Daskalos quando entrávamos.

Algum tempo depois, Iacovos voltou dizendo que Pai Yohannan dera a permissão. Fiquei contente não só porque me estava sendo dada a oportunidade de explorar os trabalhos do círculo secreto, mas também porque, naquela quarta-feira, Loizos, um dos alunos de Daskalos, iria tornar-se um iniciado.

Eu já conhecia a maioria dos membros do círculo secreto. Eles se reuniram no Santuário, vestiram suas vestes brancas e esperaram por Daskalos. Era a primeira vez que os via usando vestes brancas, um costume reservado para o círculo secreto.

— Venha, tibetano — disse Daskalos, brincando, enquanto me pegava pelo braço e me conduzia ao Santuário. — Pai Yohannan, tendo reconhecido a sede de sabedoria de Kyriacos, concedeu-lhe a permissão para assistir a algumas reuniões. — Então, Daskalos contou que eu tinha sido um tibetano em várias encarnações e que, por isso, os ensinamentos esotéricos não me eram estranhos. Na verdade, a rapidez com que eu absorvia os ensinamentos era fruto do árduo trabalho por mim feito em encarnações anteriores. Daskalos perguntou aos presentes se havia alguma objeção quanto à minha participação temporária nas reuniões do círculo secreto. Ninguém fez objeção alguma. Então, ele colocou um longo pedaço de pano branco em volta do meu pescoço e vestiu a sua própria veste branca.

Loizos ficou em frente ao altar, fitando uma grande gravura de Cristo. Havia, no altar, uma veste branca dobrada, em cima da qual estava a Espada Sem Ponta. Kostas acendeu uma pequena vela e um pouco de incenso, enquanto Iacovos ligava um interruptor: duas lâmpadas fortes, uma à esquerda e outra à direita da estátua, iluminaram a imagem de Cristo.

Daskalos ajoelhou-se, colocou a mão direita sobre a Espada Sem Ponta, manteve os olhos fechados por alguns momentos e murmurou uma oração. Depois disso, ficou em pé.

— Quero que nos diga — Daskalos dirigiu-se a Loizos — se concorda com os sete preceitos que Iacovos vai ler. São promessas que você deve fazer a si mesmo, se é que deseja usar a veste branca. Não se trata de juramento, mas de promessa.

Daskalos explicara antes que um juramento acarreta graves obrigações. A quebra de um juramento pode ter conseqüências trágicas. Por outro lado, se não cumprimos uma promessa, temos que dar satisfação apenas a nós mesmos. As sete promessas são as chaves para a perfeição espiritual. Elas foram dadas a Daskalos, na época com sete anos, por Yohannan. Com muita ênfase, Daskalos deixava claro que as sete promessas são absolutas, inalteráveis e válidas em todos os tempos.

— Eu prometo a mim mesmo — começou Iacovos.

— Eu prometo a mim mesmo — repetiu Loizos, em voz baixa.

— Servir ao Absoluto, a quem pertença, de todo o coração, em todos os tempos e em todos os lugares. . . — continuou Iacovos enquanto Loizos repetia cada sentença.

– Estar pronto, a qualquer hora e em qualquer lugar, a servir o Plano Divino. . .

– Fazer bom uso dos dons divinos do pensamento e da palavra, a qualquer hora, em qualquer lugar e em quaisquer circunstâncias. . .

– Suportar com paciência, sem reclamar, todas as formas de pro-
vações e tribulações que a mais sábia das leis divinas possa me ofertar. . .

– Amar e servir aos meus semelhantes com sinceridade, das profundezas do meu coração e da minha alma, independentemente do seu comportamento em relação a mim. . .

– Meditar e contemplar o Absoluto todos os dias com o objetivo de obter total sintonia dos meus pensamentos, desejos, palavras e ações com sua divina vontade. . .

– Investigar e verificar, a cada noite, se todos os meus pensamentos e desejos, palavras e ações estão na mais absoluta harmonia com a lei divina. . .

Depois de Loizos repetir as sete promessas, Daskalos segurou sua mão direita e continuou, com voz séria, enquanto todos escutavam:

– A veste branca não é nem um prêmio, nem um privilégio. Trata-se de uma cruz difícil de carregar. É uma promessa e um compromisso de sempre prestar serviço aos semelhantes. Os irmãos aqui reunidos concordam que você vista a veste branca. Ela simboliza a necessidade de manter a sua alma branca. O amor deve ser a força dominante em sua vida. Não odeie a ninguém, nem mesmo aos que lhe fizerem mal. Seja firme quando necessário, mas faça-o com amor e sempre tendo em mente o que é melhor para seus semelhantes.

Daskalos perguntou, a seguir, se alguém tinha qualquer objeção ao fato de Loizos tornar-se um “irmão de veste branca”. Todos, em uníssono, declararam que ele estava “Axios”, que ele era realmente digno. Theophanis e Kostas pegaram a veste branca do altar e ajudaram Loizos a vesti-la. Fazendo o mesmo que Daskalos, cada um dos outros irmãos beijou Loizos na testa. Ele se ajoelhou e Daskalos fez o sinal da cruz sobre a sua cabeça, usando a Espada Sem Ponta. O neófito beijou a Espada Sem Ponta bem no lugar onde estava inscrita uma estrela de seis pontas.

– Agora vamos ter a Comunhão de Amor – anunciou Daskalos e deu a palavra a Theophanis, que misturou água e vinho num cálice de comunhão de prata que estava no altar.

Theophanis, com os olhos fechados e ambas as mãos levantadas, segurava com firmeza o cálice da comunhão diante de uma imagem de Cristo. Os outros membros se ajoelharam, enquanto ele permaneceu naquela posição por vários minutos. Houve silêncio total. Quando Theophanis se virou, todos se levantaram. Ele deu a comunhão para cada um dos irmãos, a começar por Daskalos, que beijou a mão de Theophanis após beber do cálice. Todos, sendo eu a única exceção, beberam do cálice da comunhão por três vezes: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” Theophanis, então, colocou um pouco do “vinho abençoado” numa xícara de plástico e, repetindo o ritual, ofereceu-a para que eu bebesse: “Em nome do Pai”, eu bebi uma vez, “do Filho”, eu bebi a segunda, “e do Espírito Santo”, e eu esvaziei a xícara.

— Deixe-me explicar um pouco do simbolismo do ritual que você acaba de testemunhar — começou Daskalos enquanto os outros saíam do Santuário e se dirigiam à sala principal da Stoa. — A Comunhão do Amor não é um substituto para a Santa Comunhão na Igreja. Aliás, eu sempre aconselho meus alunos a receber esta última regularmente.

— Qual é o propósito da Comunhão do Amor? — perguntei.

— Antes de começarmos a aula do círculo secreto, precisamos das bênçãos do Logos Cristo. Quem quer que celebre a Comunhão do Amor deverá estar muito avançado na construção de imagens noéticas. Quando Theophanis levantou o cálice com os olhos fechados, ele primeiro fez uma oração e depois mentalizou um poderoso sol dentro do cálice, irradiando luz. Então, começou a dissolvê-lo. Quando o sol passou a brilhar com maior intensidade, isso era um sinal de que o Logos ali se encontrava. O vinho e a água de dentro do cálice haviam sido abençoados.

— Theophanis é o único que celebra este ritual? — perguntei.

— Não, nem sempre. Nós nos revezamos. Mas apenas aqueles entre nós que têm poderes psiconoéticos e são capazes de intensa concentração podem fazer tal coisa.

— Qual o significado da inscrição na Espada Sem Ponta? — perguntei e olhei para o objeto sagrado, colocado no altar. Em sua lâmina pequena e quebrada li:

‘Στούς Ἀχράντους Σου Πόδας Αόγε Πάσα Ἐξουσία’

(A Seus Pés Imaculados, Senhor, está todo o Poder)

— Falaremos a respeito depois da aula. Os outros estão esperando e precisamos continuar — disse Daskalos rapidamente, enquanto nos dirigíamos para a outra sala.

Daskalos sentou-se na cadeira da frente, olhando para a sua pequena platéia, enquanto Kostas sentava-se a seu lado, parecendo pensativo.

— Kyriaco — disse Kostas, sério —, o que você vai ouvir hoje não poderá ser gravado ou discutido com pessoas que não pertençam ao círculo. — Percebi que Kostas, com quem eu já tinha uma boa amizade, estava pouco à vontade por eu ter recebido permissão para assistir à reunião. Ao contrário de Daskalos e de Iacovos, ele era muito mais cuidadoso ao revelar os “mistérios”. Assegurei a ele que não iria gravar e nem tomar notas sobre as aulas do círculo secreto.

— Filhos do Espírito, da Luz e do Fogo... — começou Daskalos em voz baixa. Foi a primeira vez que o ouvi dirigir-se a seus alunos com tais palavras.

Antes que a aula terminasse, Daskalos me pediu para sair da sala porque Pai Yohannan daria um exercício de meditação que deveria ser feito apenas pelos membros do círculo secreto.

Esperei na sala de visitas de Daskalos. Depois de mais ou menos meia hora, ouvi ruídos vindos da Stoa e presumi que o exercício de meditação havia terminado. Daskalos saiu primeiro, louco por um café. Pediu desculpas por ter me mandado sair da sala, mas este era o desejo de Pai Yohannan, explicou. Assegurei que não estava absolutamente ofendido e me ofereci para fazer café turco.

— O senhor poderia me explicar, agora, o significado da Espada Sem Ponta? — perguntei, enquanto lhe servia uma xícara de café fumegante.

— Você não esquece, não é? — disse Daskalos em tom de brincadeira, enquanto Iacovos e Kostas uniam-se ao grupo.

— A Espada Sem Ponta é o símbolo dos nossos círculos. Somos parte de um círculo maior chamado “Fraternidade Branca”. Entretanto, nossos mestres invisíveis nos pediram para chamar nossos grupos de “Círculos para a Pesquisa da Verdade”, a fim de nos diferenciar de certos círculos da Europa, devido a abusos.

— Quando começou a Fraternidade Branca?

— No exato instante em que o homem olhou para cima e perguntou: “Quem sou eu?” E então ajoelhou-se e quis saber sobre o grande poder que governa o universo.

– Imagino – acrescentei – que todas as religiões deste planeta estejam qualificadas para fazer parte da Fraternidade Branca.

– Sim, desde que a característica central dessas religiões seja o amor universal. Ainda assim, o nosso sistema para a Pesquisa da Verdade começou no ano em que Cristo nasceu, logo depois de ele ter sido visitado pelos três reis magos. Daskalos, então, fez uma rápida descrição dos acontecimentos que levaram à criação deste ramo da Fraternidade Branca.

– O marajá Ram, da Índia, junto com seu sábio amigo Tsekinata, acompanhou os acontecimentos que culminaram com o nascimento de Cristo. Imagine que Ram foi capaz de calcular a hora exata em que Cristo iria nascer; viajou de camelo, com Tsekinata, toda aquela distância e chegou a Jerusalém na hora apropriada.

– Ram deixou seu reino com o irmão e empreendeu a viagem sem séquito algum. Eles se protegiam dos bandidos com o poder de suas mentes. Em sua viagem à Jerusalém, passaram pela Armênia, que estava dividida em duas. Uma parte era governada pelo rei Ntikran e a outra por seu irmão Gaspar, um grande místico. Gaspar reconciliou-se com Ntikran, fazendo-o rei de toda a Armênia e, então, juntou-se aos outros dois em sua peregrinação. Os três encontraram Baltazar, o rei árabe do deserto. O resto da história é conhecido através dos evangelhos.

– Ao chegar à caverna, o marajá Ram tirou o manto real dourado e colocou-o aos pés do Deus-homem. Em seguida, pegou sua espada, quebrou-a ao meio, colocou-a na frente de Jesus e disse: “A Seus Pés Imaculados, Senhor, está todo o Poder.” Então, ajoelhou-se, beijou Jesus e disse: “Cham el Chior”, que na antiga língua hindu queria dizer “Eu vi Deus”.

– Quando os três magos voltaram a seus países, eles iniciaram os círculos para a Pesquisa da Verdade. Como você reparou, os irmãos do círculo secreto usam apenas uma veste branca, sem qualquer insígnia. Ela simboliza a veste de baixo de “Chamelchior”, depois de ele ter tirado o manto real e colocado aos pés de Cristo.

– Que história maravilhosa – exclamei. Antes que eu terminasse a sentença o pequeno Mários, o neto de Daskalos de três anos, apareceu à porta segurando, com ar triunfante, a garrafa de vinho que Theophanis usara para a Comunhão do Amor. Aparentemente a criança, que estivera presente na iniciação de Loizos, pegara a garrafa do altar e espalhara seu conteúdo por toda a Stoa.

— Não se preocupem — tranquilizou-nos Daskalos —, podemos comprar outra garrafa. Agora Mários sabe a diferença entre o vinho abençoado no cálice da comunhão e o vinho da garrafa.

— Como ele vai saber a diferença? — perguntei.

— Mários é clarividente. Ele viu o vinho abençoado emitindo luz. O vinho que ele derramou não emitia luz. Derramar o vinho foi sua maneira de testar a diferença entre os dois.

— É um modo muito salutar de explicar a arte de Mários — disse eu, admirado, e os outros riram comigo.

— Gostaria de saber, Daskale — perguntei, depois que Kostas e Iacovos saíram —, se o senhor se importaria em explicar um pouco mais a aula que acaba de dar. Não entendi muito bem o que o senhor quis dizer com “auto-suficiência” e “Expressividade Divina” do Absoluto.

— Não é possível, com nossos cérebros humanos — começou, Daskalos, enquanto eu ligava o gravador — compreender a natureza do Absoluto. Como já lhes disse repetidamente, não podemos conhecer a Deus, a menos que conheçamos a nós mesmos. Quando chegarmos àquele ponto, nosso próprio eu se tornará o espelho que, através da reflexão, nos permitirá conhecer a Deus. Nossa pequena consciência se tornará desperta dentro da superconsciência.

— Entretanto, mesmo que nossos cérebros terrenos sejam inentemente limitados quanto à compreensão do Absoluto, ainda podemos ter uma pálida noção de suas características. E falo baseado em minhas experiências pessoais, baseado em minhas investigações dentro da memória universal. Eu sei que o Absoluto É. Não imagine, no entanto, que este Absoluto seja algum Deus estranho que nos foi dado pelas várias religiões. O Absoluto é tudo, uma entidade multidiversificada em Um.

— Um atributo básico do Absoluto é a sua auto-suficiência ou autarquia, ou seja, ele tem tudo dentro de si próprio. Não lhe falta nada, não precisa de nada.

— Se a natureza do Absoluto fosse apenas a autarquia — acrescentei —, a criação dos mundos teria sido impossível.

— Ótimo. Mas outro atributo do Absoluto é a necessidade, que podemos chamar de Expressividade Divina se quisermos, de se manifestar. Ele vibra em si mesmo, tem vida, movimento. Você poderia imaginar a vida sem o fenômeno do movimento? Não. Baseados nesta obser-

vação, vários místicos concluíram que Deus é movimento. Isso é um erro. Vida como movimento é a natureza do Absoluto. Não é o Absoluto.

— Agora preste atenção, porque este ponto é difícil de entender. Suponha que no ilimitado infinito não houvesse fenômenos. O que possivelmente poderíamos saber sobre o infinito?

— Mas quem seria aquele que viria a saber, neste caso, já que não existiríamos? — perguntei.

— Certo. Nós não existiríamos, mas ainda poderíamos Ser.

— Você quer dizer que seríamos Mônadas Sagradas ou almas eternas?

— Sim. Suponhamos que o Infinito tenha em si vida, movimento e vibração sem que ninguém ou nada vibre ou se mova; neste caso, estaríamos, simplesmente, na auto-suficiência absoluta. Não existiríamos. Entretanto, é da natureza do Absoluto expressar-se, criar universos. A mente foi criada. Quando? Já que faz parte do Absoluto, ela sempre existiu.

— O que entende por Mente, Daskale?

— Mente é aquela supersubstância que torna possível a Divina Expressividade do Absoluto.

— E deve abranger o universo de matéria densa — acrescentei.

— Claro! Não apenas o universo de matéria densa, mas todos os universos: o psíquico, o noético, o noético superior e assim por diante. Tudo é mente, mas a mente não é o Absoluto. É o meio pelo qual o Absoluto se manifesta. O Absoluto está além de todas as manifestações. Pense um pouco. Tudo o que vemos ao nosso redor é o produto do Pensamento Divino que se materializa.

— Daskale — perguntei —, qual a diferença entre o Logos Cristo e o Espírito Santo?

— Alegro-me por ter perguntado. O Logos Cristo e o Espírito Santo são duas maneiras pelas quais o Absoluto se manifesta através da Mente. O Espírito Santo representa a superconsciência impessoal que expressa o poder do Absoluto, tornando possível a criação dos universos. É a parte dinâmica do Absoluto. O Logos Cristo é aquela parte do Absoluto que torna possível a existência da autoconsciência. Nós, como entidades eternas, somos formados pelo Logos e pelo Espírito Santo. Os animais são formados apenas pelo Espírito Santo. Está entendendo? Vamos pressupor que o Absoluto seja a cabeça, o Espírito

Santo a mão esquerda e o Logos a mão direita. É a Trindade em Um. Entende agora porque, na Igreja, se diz: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo?”

– Quando você diz Logos Cristo, está se referindo a Jesus Cristo?

– Não. O próprio Jesus disse: “Antes das montanhas e das colinas, eu Sou.” O Logos Cristo sempre esteve dentro do Absoluto, antes de Jesus aparecer. Chamamos Jesus de Nazaré de “Cristo” porque Ele foi a mais perfeita e a mais completa expressão do Logos Pan-Universal. É a luz que ilumina todo o homem que desce à Terra. Deixe-me ilustrar o que eu disse. Imagine que Cristo seja o Sol cuja luz é refletida na superfície do nosso planeta. Uma pedra negra dificilmente refletirá tal luz. Outra pedra, de uma cor diferente, refletirá mais luz. Um pedaço de mármore branco refletirá ainda mais luz. A luz que cada pedra reflete depende da sua qualidade e da sua cor.

– Nós somos, imagino, essas pedras.

– Exatamente. A quantidade de luz do Logos refletida em nós dependerá de quão evoluídos como autoconsciência nós formos, de quão desenvolvido for nosso corpo psiconóético. Mas toda pedra, não importando se é escura hoje, um dia, através do impacto do Sol, se tornará tão brilhante quanto alabastro. Você entende? Estamos falando, agora, da existência como algo diferente do Ser.

– Como diferem as duas coisas?

– Tudo o que existe É, além da evolução, além da expressão. É dentro do presente eterno, dentro do Absoluto.

– Agora estou realmente confuso – comentei, exasperado.

– Veja! Nós somos Mônadas Sagradas, almas, antes de podermos existir. Adquirimos a existência quando passamos pela Idéia do Homem e entramos no mundo das separações, da existência. O que existe tem um princípio e um fim que, por outro lado, se torna um novo começo para mais um ciclo de existência. Como entidades eternas, nós simplesmente somos. Sempre fomos. Através dos ciclos da existência devemos desenvolver nossa autoconsciência. Este é o sentido da parábola de Cristo, do filho pródigo, como lhe expliquei antes. Quando Cristo disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”, o que você acha que ele quis dizer? “Eu sou o Tempo. Eu sou a sabedoria do Absoluto através da evolução dos fenômenos no espaço e no tempo.” Quantos, você acredita, podem entender o significado das palavras de Jesus? Acredite, a religião cristã

tem substância. Mas nós não passamos da superfície do oceano. Ainda temos que explorar as profundezas.

— Desta forma — continuou Daskalos e bateu as mãos nos joelhos —, a mente do homem pode conceber duas naturezas do Absoluto, e três atributos. As duas naturezas, como vimos, são a do Logos e a do Espírito Santo. Os animais são apenas da natureza do Espírito Santo. Pelo estudo da Natureza também podemos compreender os três atributos do Deus tríade, a saber a Onisciência, a Onipotência e a Absoluta Bondade. Podemos perceber tais atributos nas mais íntimas partículas de matéria, assim como nas maiores galáxias. O que é verdade no microcosmo também é verdade no macrocosmo.

— Tudo está contido na Divina Autarquia, de uma forma não expressada, não manifestada. Dentro da Divina Autarquia também há a Divina Expressividade, através da qual tem início a manifestação do que é.

— Daskale — perguntei. —, o senhor poderia explicar melhor a diferença entre existência e ato de Ser?

— As pessoas comuns presumem que não há nada além da existência. Se a pergunta: “Deus existe?” for feita, minha resposta será um categórico “Não.” Deus simplesmente é. A existência é a manifestação de Deus através da supersubstância à qual chamamos de Mente. Tudo o que existe tem um começo e um fim. Deus, como o Absoluto, não tem nem começo e nem fim.

— Na versão do Rei James do evangelho de João — eu disse — temos: “No princípio era o Verbo. . .”

— É uma tradução errada do original grego — explicou Daskalos. — Como você sabe, a palavra *arché*, em grego, quer dizer tanto começo quanto poder. Na tradução inglesa, o primeiro significado foi escolhido erradamente. Deveria ser: “No poder está o Logos. . .”

— Gostaria de fazer mais uma pergunta sobre a diferença entre o ato de ser e a existência. Acredito que podemos dizer que o ato de ser é a realidade, enquanto a existência refere-se ao mundo dos fenômenos, os quais incluem os mundos de matéria densa, o psíquico e o noético. Deste ponto de vista, entrar na realidade significa transcender a existência e recuar para o ato de ser, para uma forma de não-existência.

— Muito bem. Não é fácil transcender os vários mundos dimensionais e entrar em nosso estado de ser sem medo. Agora estou falando

baseado em minha experiência pessoal. Embora sintamos que somos parte da Única Realidade, a Vida, entramos num conceito de não-existência. Provavelmente, foi isso que confundiu o próprio Buda, levando-o a afirmar que o Nirvana é um estado do nada. Na realidade, não se trata do nada. Ainda sabemos que somos. Como uma personalidade atual, você se reflete em três espelhos, o espelho da matéria, o espelho da existência psíquica e o espelho da existência noética, dos pensamentos concretos. Imagine que eu lhe dê um martelo e diga: "Veja! Há tanta distorção de você mesmo nestes três espelhos! Quebre-os." E você os quebrasse. O que é você, agora? Não pode ver nenhum reflexo seu como pensamento, como sentimento ou como um ser material. Quem é você agora? Você ainda é você, nem mais nem menos do que era antes de estilhaçar os espelhos. Entretanto, a menos que seja refletido, você não se tornará um fenômeno da vida. Suponha que eu, corajosamente, entre naquele senso de não-existência, e, ainda assim, estado de ser dentro do Ser Absoluto. Será que posso sair dele a qualquer momento que desejar e de novo me refletir dentro da matéria, ou seja, me encarnar? Sem dúvida que sim! Somos seres eternos.

— Este deve ser o estado no qual nos encontrávamos antes de passar pela Idéia do Homem e nos encarnar — comentei.

— Certo. Você pode entrar nesse estado na hora que quiser, supondo-se que seja um experimentado mestre do mundo metafísico.

— Deve ser assustador entrar nesse estado, Daskale.

— Bem, para falar a verdade, tive esta experiência há muito tempo, em séculos passados e, no começo, senti um medo profundo. Mas fui ajudado por meus mestres. Entrar no estado do ser sem sentir que sou o reflexo de mim mesmo, me deu grande felicidade, grande plenitude, autarquia. Existe alguma outra palavra para autarquia, para auto-suficiência? Mas, até neste estado, tem-se o desejo de voltar. E, ainda assim, não posso realmente chamá-lo de desejo porque, no instante que o faço, automaticamente me encontro na dimensão psíquica. Nem tampouco poderia chamar a isso de pensamento, obrigação, porque quando digo isso, está implícito que estou no mundo noético. O que é, então, esse estado da não-existência, e, ainda assim, de auto-suficientemente ser, que me impele a voltar? Ê, talvez, a natureza do estado de Ser refletir a si próprio, por si próprio. Mestres têm feito isso. Cristo o fez.

– Ao entrar para o interior de mim mesmo, que do ponto de vista humano é o nada, e do ponto de vista do estado de ser é plenitude, sei que é da minha natureza reentrar no mundo da matéria. Estou falando baseado estritamente na minha experiência pessoal. Imaginemos que alguém me pergunte: “Onde prefere estar, na plenitude do ser não-concebido, onde achamos o que chamamos de felicidade, ou dentro das provações e tribulações da existência fenomênica? Acredite-me, se tiver uma pessoa amada perto de mim, em cujos olhos eu possa olhar, de quem eu possa sentir o perfume e acariciar os pés, eu diria que prefiro isso. Chame a isso de fraqueza ou do que quiser, ainda assim é um atributo do nosso estado de ser e não da nossa existência. Talvez esta seja a mesma ânsia que, dentro do próprio Estado de Ser Absoluto, propicie a criação dos mundos: tocar e acariciar amorosamente, com os raios do seu Sol, até as águas mais turvas e estagnadas.

– Talvez – continuou Daskalos depois de uma pausa de alguns segundos –, isso que estou dizendo seja blasfêmia. É o que penso. O mundo material, com todos os seus tormentos e imperfeições, é lindo! Acha que estou errado?

A pergunta de Daskalos me pegou de surpresa. O tom da sua voz e a intensidade do seu olhar me deram a impressão de que ele, realmente, esperava uma resposta, como se, de fato, eu estivesse numa posição tal que pudesse responder.

– Gostaria – eu disse meio sem jeito – de poder lhe dar uma resposta.

Na verdade eu estava emocionado com os anseios terrenos de Daskalos, o que me lembrava uma história sobre um mestre zen. Toda a sua vida ele pregara a falta de importância e a natureza ilusória do mundo material. Quando estava para morrer, seus discípulos se reuniram à volta do seu leito de morte para ouvir algumas sábias palavras finais. A única coisa que ele disse foi: “Quero viver, quero viver.” Seus adeptos ficaram desapontados. “Mas mestre, como pode dizer isso?”, protestaram eles. “Realmente... realmente eu quero viver”, repetiu ele e fechou os olhos. Esta foi a última lição do mestre.

Havia anoitecido há pouco quando saí da casa de Daskalos. Combinamos nos encontrar de novo e continuar nossa conversa sobre a natureza do Absoluto e o lugar do homem no universo. Enquanto isso, eu já tinha planejado encontrar Kostas no sábado. Ele deveria estar de

volta a Nicósia naquele dia. Eu pretendia retornar a Limassol no carro dele e assistir a uma reunião com seu círculo de alunos naquela tarde.

Kostas era um mestre nato. Eu já havia assistido a várias de suas reuniões e estava impressionado com o conteúdo das discussões que se seguiam à aula propriamente dita. Ao contrário de Iacovos, cujo pai era um operário, Kostas vinha de uma família abastada de Famagusta, a principal cidade portuária da ilha antes da invasão turca em 1974. Depois daquela tragédia, ele encontrou refúgio em Limassol, com sua mulher e dois filhos, onde era gerente de uma grande oficina mecânica para automóveis. Antes da invasão turca, Kostas passara cinco anos na Inglaterra, onde se formou em engenharia mecânica.

Depois de conhecer seus alunos, fiquei sabendo que a maior parte deles entrara para os círculos após testemunhar curas feitas por ele ou por Daskalos. Uma mulher de uns quarenta e cinco anos me disse que havia se unido ao grupo de Kostas quando este a curou de terríveis dores de cabeça que ela sofria há mais de doze anos. O aluno mais avançado de Kostas, um empregado do governo, uniu-se ao grupo depois que Daskalos curou sua jovem filha de uma deficiência motora.

— Quando fui ver Daskalos — ele me contou —, minha filha tinha três anos. Eu estava sentado numa cadeira, segurando-a no colo. Daskalos falava comigo sobre o problema dela. Num dado momento, ele esticou as mãos e disse à minha filha: “Venha, querida.” Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, e para meu grande espanto, ela andou até ele. Daskalos a levantou e colocou em seu colo. Fiquei horrorizado por um instante. “O que ele vai fazer com minha filha?”, pensei. Até então ela mal podia andar, e tinha muito medo de estranhos. Quando a vi sentada no colo de Daskalos, sorrindo, fiquei calmo e percebi que um milagre havia acontecido. Ele tirou os sapatos dela, colocou-a no chão e disse: “Ande, minha querida.” Desde então, ela está andando normalmente.

Outro aluno de Kostas era um antigo membro do círculo de Daskalos o qual, quando se mudou para Limassol, entrou para o grupo de Kostas.

— Uma vez — contou ele —, eu estava sofrendo dos rins e pretendia fazer uma operação para remover as pedras que me causavam extrema dor. No dia da operação, tentei me levantar da cama e vestir as calças. Senti dores tão intensas que caí de costas na cama. Enquanto estava

ali deitado, a imagem de Daskalos me veio à mente. Passei a me concentrar em meus rins, mandando com minha mente raios de luz de determinadas cores, como Daskalos me havia ensinado. Em poucos minutos de concentração, eliminei as pedras dos rins e a dor passou. Eu me curei sem precisar da operação.

— Há quanto tempo conhece Daskalos? — perguntei a Kostas, enquanto o carro ia em direção a Limassol.

— Desde que me lembro por gente. Ele costumava me pôr em seu colo — respondeu Kostas, rindo. — Meus pais eram alunos dele. Fiquei exposto aos seus ensinamentos desde o comecinho da minha vida. Um dia, quando eu era uma criança pequena e Daskalos estava em nossa casa, levei uma surra do meu pai. Daskalos disse a ele: “Você percebe, meu caro, que está batendo num mestre?” Não entendi, naquela hora, o que ele queria dizer.

Kostas, então, me contou que há apenas cinco anos ele havia “despertado” para a realidade de quem ele era. Lembranças de vidas passadas começaram a se manifestar em sua mente. Ele me disse que, numa das encarnações anteriores, foi um cavaleiro da corte de Ricardo Coração de Leão e tomou parte nas Cruzadas.

— Quando estudava na Inglaterra, eu tinha uma forte impressão de conhecer bem o campo à minha volta. Mas as verdadeiras lembranças só me vieram à mente há pouco tempo. Acredite, não são sonhos — disse Kostas, e olhou para mim como que para verificar minha reação ao que ele estava falando. — A intensidade daquela encarnação deve ter sido muito forte. Numa ocasião em que eu estava fora do meu corpo, encontrei pela primeira vez um ameaçador elemental negro. Instintivamente procurei minha espada. Imaginei ser um cavaleiro lutando com um inimigo maléfico. Logo percebi que aquele não era o modo de lutar com elementais.

— Como você enfrentou tal monstro? — perguntei, divertido com a alegria que ele demonstrava.

— Criei com minha mente um elemental que emitia luz branca e o dirigi contra o elemental negro. Não se falha quando se sabe. — Kostas confidenciou-me que toda vez que sente que um elemental é forte demais para ele, apenas corre de volta para o seu corpo, onde estará a salvo.

— Nossos corpos são como castelos. Eles nos protegem de inimigos externos — disse Kostas, enquanto ultrapassávamos um grande caminho que nos havia atrasado por vários quilômetros.

– O que você entende com o termo “despertar”? – perguntei.
– Há alguns passos que se deve seguir antes de nos tornarmos “despertos”?

– “Despertar, para nós quer dizer perceber quem realmente somos, o que é algo diferente da nossa personalidade atual. Implica lembrar-se de encarnações passadas, e costuma acontecer em três estágios. Primeiro, percebemos, de uma forma subconsciente, que já vivemos antes. Foi o que aconteceu comigo quando eu estava estudando em Glasgow. O segundo passo foi quando imagens começaram a vir à minha mente na forma de sonhos. O terceiro passo é quando começamos, conscientemente, a reviver certas experiências do passado.

– É possível pular os dois primeiros estágios?

– Via de regra, não. Refiro-me à pessoa comum em seu caminho de Pesquisador da Verdade. Para um mestre adiantado, os dois primeiros passos podem não ser necessários. Daskalos talvez tenha nascido desperto, ou quase. Mas não pense que o próprio Daskalos não está à procura da verdade. Ele também é um discípulo. Não se deixa de ser um aluno até que se desperte novamente como um deus.

– No instante em que entra no caminho da sabedoria – continuou Kostas –, você começa a, conscientemente, carregar sua própria cruz. Você também pode, conscientemente, começar a carregar a cruz dos seus semelhantes.

– Você quer dizer que se começa a assumir o Karma deles?

– Sim. Faz-se isso através do amor. Quando fazemos uma cura, absorvemos, consciente ou inconscientemente, a dor do outro. Acredite-me, isso não é masoquismo. Você aproveita a vida mais amplamente. Você chega mais perto do que chamamos de felicidade. Claro, na matéria densa não há felicidade. Só há prazeres e contentamento.

– Onde, então, há felicidade? – perguntei.

– Felicidade real existe apenas nos mundos noéticos. Naturalmente, em cada estágio da realidade o significado de felicidade é diferente. Quando você entra no caminho da sabedoria, a vida tem mais sentido. Você acha que é pouco perceber – disse Kostas com veemência – que não está perdido?

– Talvez seja a criação ilusória de fatos que você desejaria que fossem verdade o que o faz acreditar nisso – acrescentei, meio sem jeito.

– Não. Quando se tem a experiência, nada pode abalar o sentimento de certeza – respondeu Kostas. Era a resposta padrão que eu havia

ouvido Daskalos e Iacovos dar repetidamente. Eles tinham certeza de serem os portadores do esclarecimento e de que sua missão na vida era ajudar seus semelhantes a sair da noite da ignorância e do desespero.

— Notei que você demonstra certa relutância em revelar informações sobre os ensinamentos. Por que é tão cuidadoso? Por que a necessidade de segredo?

— Ouça, Kyriaco — respondeu Kostas, enquanto mantinha os olhos fixos na estrada. — Não é sábio expor alguém, abruptamente, a muita luz. Ele pode ficar cego. Você pode fazer mal a uma pessoa se revelar a ela certas verdades que ela ainda não está pronta para absorver.

— De que forma a verdade pode fazer mal a alguém? Pode me dar um exemplo?

— Bem... — disse Kostas com determinação, depois de pensar por alguns segundos sobre minha pergunta. — Vários meses atrás, precisamos expulsar um irmão do nosso círculo porque ele, tendo aprendido a fazer exomatose, fez mau uso dela.

— De que forma? — perguntei, e notei que Kostas sorria.

— Ele era o diretor de um colégio e enquanto estava fora do seu corpo o patife costumava ir ao dormitório das alunas — respondeu Kostas. Rimos juntos.

— Apesar de suas súplicas para ser aceito de volta no círculo, fui inflexível. Vi em sua aura muito egoísmo. Se o tivéssemos deixado continuar, ele seria tentado a fazer mau uso de tais poderes, não só em detrimento dos outros, mas, sobretudo, dele mesmo.

— Veja bem — continuou Kostas —, quando nos envolvemos com misticismo, um erro desse tipo pode nos manter presos à mesma situação por diversas encarnações. Quanto mais alto subirmos no caminho do misticismo, mais dolorosa poderá ser a nossa queda. É por isto que o misticismo é secreto. Não devemos esquecer que se, através de certos exercícios de meditação que aprendemos no círculo secreto, conseguimos abrir, prematuramente, nossos discos sagrados, poderemos ser esmagados por sentimentos de terror. Quando tais experiências acontecem, a receptividade da pessoa no que se refere a eventos espirituais poderá ser interrompida por várias encarnações.

— Ou pode-se parar no manicômio — acrescentei.

— É verdade. Por isto é bom ter sempre um mestre para guiá-lo neste caminho. É o caminho mais seguro. Acredite, sempre que uma

pessoa está pronta para essas verdades, um mestre, infalivelmente, aparecerá em sua vida.

— Para falar a verdade — continuou Kostas, — é muito difícil julgar se uma informação específica sobre assuntos místicos terá um efeito benéfico ou catastrófico sobre alguém. Tais assuntos podem levar à confusão mentes que estão por demais arraigadas a assuntos mundanos. O que beneficia a um pode fazer mal a outro.

— É possível conseguir a informação dada nos círculos lendo livros? — perguntei.

— Não. Os ensinamentos de Pai Yohannan, da forma como nos são dadas, não estão registrados em lugar nenhum.

— Notei que Daskalos, você e os outros têm certeza absoluta de que o conhecimento que adquirem sobre assuntos espirituais são irrefutáveis. Como podem ter tanta certeza, já que há algumas discrepâncias entre os diferentes sistemas místicos?

— Nossa informação vem diretamente da própria fonte. Yohannan não é só um mestre que vive do outro lado. Ele é o discípulo mais amado de Cristo e a entidade que supervisiona a evolução do nosso planeta.

— Isso quer dizer que Daskalos é infalível? Você aceita tudo o que ele diz como verdade?

— Não, absolutamente. Temos divergências entre nós, como você deve ter notado, sobretudo em coisas referentes a assuntos mundanos.

Kostas argumentou que é natural ter divergência nos níveis mais baixos da existência, já que o cérebro material é sempre um obstáculo à absorção da sabedoria. Assim, o caminho para solucionar questões de espaço-tempo é através de discussão e consenso, e nunca pela imposição da vontade de Daskalos ou da dos mestres invisíveis.

— Nos níveis mais altos da existência, entretanto, o conhecimento é tal que é pura luz e sabedoria. Quem quer que lá entre irá absorvê-lo.

— Os mestres não nos dizem ditatorialmente o que fazer. Eles nos mostram o caminho e é nossa responsabilidade prosseguir nele. Sim, cometemos erros no processo, mas é assim que se aprende.

— Nossos pontos de vista sobre política e questões sociais podem ser diferentes — continuou Kostas —, mas todos sabemos que tais assuntos não têm importância primordial. Por isso, não lhes damos mais importância do que merecem. Para dar um exemplo, tenho no meu círculo

pessoas que pertencem a vários partidos políticos. Para falar a verdade, havia até um importante membro do Partido Comunista.

— Isso é difícil de acreditar — comentei, divertido. — Um místico comunista?

— Isso mesmo — replicou Kostas, com certa ênfase. — Mas devo acrescentar que ele acabou tendo dificuldades para conciliar seu papel político com as atividades espirituais. Sua mulher ameaçou denunciá-lo ao partido se ele não saísse do nosso círculo.

— O que você o aconselhou a fazer?

— Aconselhei que ficasse no partido e saísse do círculo temporariamente, até resolver seus problemas conjugais. Ele poderia ser útil aos seus semelhantes do lugar onde estava, como um membro do Partido Comunista. Por ironia, sua mulher tinha câncer e, durante nossas reuniões, tentávamos ajudá-la à distância.

Paramos para descansar em Skarinou, uma vila no meio do caminho entre Nicósia e Limassol. Era um tradicional lugar de parada, um pequeno oásis onde se podia saborear algumas delícias locais, doces feitos de nozes cruas e casca de melancia, e onde se podia tomar o onipresente café turco.

Kostas continuou a responder às minhas inesgotáveis perguntas sobre sua amizade com Daskalos e seu envolvimento pessoal com os círculos. Parte tão grande do seu tempo era absorvida pelas curas e ensinamentos de Yohannan que ele quase não tinha tempo para cuidar dos seus negócios.

— Sabe — disse ele ao voltarmos para o carro —, somos anões na frente de Daskalos. Ele está anos-luz à nossa frente no caminho espiritual. Mas o público não tem a menor idéia de quem ele é ou do que ele faz. A maior parte das pessoas supõe que ele seja apenas um médium ou um feiticeiro, e muitas vezes vem consultá-lo pelos motivos mais banais.

— O quê, por exemplo?

— No ano passado, um homem veio pedir para Daskalos “eliminar” o marido da cunhada. Daskalos ficou bravo e mandou ele sair. O sujeito pegou um monte de dinheiro do bolso e o balançou na cara de Daskalos. “Está vendo isso, moço?”, gritou. “São notas de cinco libras. Vão ser todas suas se o senhor fizer o que eu lhe pedi.”

— Imagino como Daskalos deve ter ficado bravo — comentei.

– Sua resposta foi: “Pegue as suas notas de cinco libras e...”

– Já sei o resto – emendei, e comecei a rir com Kostas.

– Durante toda uma semana – continuou Kostas –, Daskalos agüentou um outro homem que o importunava continuamente. Ele vendia bilhetes de loteria e queria de todo jeito que Daskalos dissesse, entre todos os bilhetes que ele tinha, quais seriam os premiados. Daskalos explicou que não poderia fazer tal coisa e pediu ao homem, inutilmente, que o deixasse em paz. O sujeito ficou horas sentado no vestíbulo. Daskalos, afinal, perdeu a paciência quando duas moças vieram visitá-lo e o sujeito começou a dizer coisas obscenas. Pegou-o pela orelha, empurrou-o para fora da casa e o mandou embora com dois tapas na nuca. “Que diabo!”, resmungou o homem enquanto fugia segurando a cabeça. “Você é mais louco do que eu!”

– Às vezes, as pessoas vêm até Daskalos – continuou Kostas – com a intenção de ridicularizá-lo. Eu estava lá quando um casal lhe trouxe uma foto do seu falecido irmão. No instante em que tocou a foto, Daskalos percebeu que o “falecido” estava vivo e bem, esperando no carro lá fora. Ele os mandou embora enojado.

– Não consigo imaginar como é possível dizer se uma pessoa está morta ou viva com um simples toque numa fotografia.

– Acredite – disse Kostas com segurança –, é a coisa mais fácil do mundo. A fotografia é o meio pelo qual você se sintoniza com o magnetismo e as vibrações da pessoa. Se perceber que seu cordão de prata está intacto, isso quer dizer que a pessoa está viva.

– Parece simples – comentei, enquanto sorria e levantava a sobrancelha.

– O cordão de prata – explicou Kostas – é o que liga o corpo psiconoético ao de matéria densa. Se encontrar uma pessoa no plano psíquico e tal pessoa tiver um cordão de prata, isso quer dizer que ela também vive no plano de matéria densa. Na falta de um cordão de prata, sabemos que ela reside apenas nos mundos psiconoéticos.

Estávamos chegando a Limassol quando Kostas, respondendo à minha pergunta, começou a dizer como ele próprio se sentia durante a exomatose.

– Antes de poder sair do corpo, é necessária uma concentração intensa. Seu cérebro material precisa parar de vibrar completamente. Primeiro, você deve aprender como fechar as portas do seu subconsciente para que pensamentos não interfiram em sua concentração. Então,

através de uma técnica especial de meditação que aprenderá depois que avançar em sua pesquisa, você se verá fora do seu corpo.

— No primeiro estágio da minha exomatose, eu me encontro num estado de hipertensão. Sinto-me tanto dentro do meu corpo material quanto fora dele. Este é um fator que, às vezes, não me deixa sair do corpo. Quando você está fora do corpo e sua consciência está perto dele, há uma grande tentação de pensar e olhar para ele. No momento em que fizer isso, você estará de volta ao seu corpo.

— Quando estamos fora dos nossos corpos — continuou Kostas — absorvemos energia etérica do universo e, através dessa energia, podemos efetuar curas.

— Como se sente ao voltar ao seu corpo? — perguntei.

— Fico completamente desperto e incrivelmente energizado. Sinto-me cheio de vida. Durante a exomatose absorve-se tanta energia etérica que nos revitalizamos. Cada partícula do nosso corpo fica carregada de vitalidade. É algo que você saberá por si só, quando experimentar tal estado pela primeira vez.

— Duvido que vá experimentar — murmurei.

— Não se desespere — replicou Kostas, em tom tranquilizador. — Sei de um irmão que tentou sair do corpo sem resultado durante vinte anos. Quando resolveu largar os exercícios ele se viu fora do corpo. Você deve ter sempre em mente o princípio dos limites que encontramos na Natureza.

— O que é isso?

— Gelo continuará a ser gelo até uma dada temperatura crítica, que o transformará em água. A água permanecerá na forma líquida até uma certa temperatura que a transformará em vapor. O mesmo acontece com os exercícios. Pode-se tentar, durante anos, conseguir um certo feito psiconoético e se desesperar por não estar progredindo. Mas ainda assim você está progredindo em direção ao limite crítico, sem ter consciência disso. Um dia, quando menos esperar, acordará e começará a viver conscientemente nos mundos psiconoéticos. Mas, a menos que persista e persevere, você não irá muito longe.

Sem perceber o tempo passar, vimo-nos em Limassol. Havia grande agitação nas ruas.

Grupos de esquerda tinham organizado um grande comício pacifista, protestando contra as bases britânicas instaladas ali perto. A

demonstração terminou no' parque da cidade, perto do apartamento dos meus cunhados. Podíamos ouvir, pelos alto-falantes, discursos políticos e *slogans*, seguidos de músicas de protesto de Mikis Theodorakis. O famoso compositor grego voara até a ilha para assistir ao comício e sua voz rouca podia ser ouvida conduzindo um coral improvisado e dissonante.

Com grande dificuldade conseguimos passar pela multidão e chegar a tempo ao apartamento de um dos alunos de Kostas, onde se realizaria a reunião. A maior parte deles estava presente, exceção feita para uns poucos que tinham ido ao comício.

Depois de uma curta oração, Kostas leu uma aula de Daskalos previamente mimeografada. Era sobre o Absoluto e a natureza das mônadas sagradas. Indivíduos que são emanções de uma mesma mônada sagrada, explicava Kostas, têm particular afinidade um pelo outro. Nos "reinos de separação" temos irmãos que podem até ser considerados nossos inimigos e com quem, mesmo assim, estamos ligados fisicamente.

Quando evoluímos espiritualmente, estamos ajudando, de uma forma subconsciente, nossos irmãos a se erguerem também. "O desenvolvimento espiritual de cada um leva ao desenvolvimento espiritual de todos." Assim, nossa ascensão dependerá do desenvolvimento espiritual dos nossos irmãos.

Em diversas ocasiões, Kostas mencionara que Daskalos, Iacovos, Theophanis e ele eram parte da mesma mônada sagrada. Por isso eles estavam em contínua comunicação telepática. Tudo o que acontecia a um, os outros sentiam. Quando Daskalos sofreu um pequeno acidente, no mesmo instante Kostas sentiu a dor exatamente no ponto onde Daskalos havia se machucado. Kostas precisou deixar o trabalho e permanecer na cama o dia todo. Não havia nenhum motivo médico evidente para a sua dor.

Quando a aula propriamente dita terminou, seguiu-se uma animada discussão, que durou umas duas horas, sobre a mônada sagrada e a relação do homem com o Absoluto. Fiz a última pergunta:

— Já que o Absoluto, como você disse, é onisciente, Ele deve saber com antecedência quais serão nossas escolhas e ações. Onde, então, está nossa liberdade de escolha?

Minha pergunta criou um pequeno tumulto. Parecia que quase todos os membros do círculo enfrentavam este dilema. Kostas insistiu

que o homem é livre e completamente responsável por suas ações e pela criação do seu próprio karma.

— Se mudarmos o elemental que projetamos — ele disse —, podemos mudar nosso destino. Quaisquer projeções sobre o futuro não passam de probabilidades, baseadas no que aconteceu até agora. A cada momento que passa, estamos reescrevendo a história do futuro, baseada nas escolhas que fazemos.

Kostas apresentou argumentos e mais argumentos a favor da idéia de que o homem é completamente responsável por suas próprias ações e pensamentos. Então, em mais uma tentativa para nos fazer entender a noção de livre-arbítrio, ele compartilhou conosco uma experiência psíquica que tivera uma vez no passado, quando lutava com o mesmo problema.

— Muitas vezes, não há palavras para apresentar certas verdades. Isso é um problema, mesmo para Yohannan. Um dia, para ilustrar uma aula sobre a natureza da relação entre o Absoluto e o futuro, ele nos levou para o interior do presente eterno. Nos encontramos num enorme templo, suspenso por pilares gigantes. O chão e as paredes eram de alabastro. A cúpula era de prata. Olhamos para o fundo do templo e não vimos fim algum. Na entrada, novos acréscimos estavam sendo constantemente criados. Parecia que o templo estava, continuamente, aumentando. À medida que entramos, voltamos no tempo. Yohannan estava presente, mas era outro mestre que nos guiava na excursão pelo templo. Em ambos os lados das paredes havia baixos-relevos e notamos que os novos estavam sendo feitos sem cessar. Daskalos perguntou o que eram. Esta foi a resposta: “É o Logos que grava os detalhes de tudo o que acontece dentro dos universos, dentro dos mundos de separação.” Daskalos recebeu a permissão para tocar com a mão um dos baixos-relevos e, por alguns momentos, experimentar os acontecimentos à medida que eles eram ali gravados.

— Dentro deste templo do tempo não vimos nada gravado no futuro. Foi-nos dada uma aula para que entendêssemos, através da experiência, que a liberdade do homem é uma realidade e não uma noção abstrata.

Guardiães do Planeta Terra

Estávamos almoçando com Daskalos em nossa casa, quando o locutor do rádio deu as últimas notícias sobre o Skylab, o laboratório espacial norte-americano em órbita ao redor da Terra. Era o dia 11 de junho de 1979, a data programada para a reentrada na atmosfera; os meios de comunicação do mundo inteiro estavam alertas. As companhias aéreas haviam cancelado os vôos durante a hora programada para a descida, e prevalecia um sentimento geral de desassossego e apreensão. Fomos informados de que os norte-americanos haviam perdido o controle do Skylab e que existia a possibilidade de ele se espatifar sobre áreas povoadas.

Com muito humor, Daskalos descreveu como, há poucos dias, um morador de uma vila havia batido à sua porta, tarde da noite, perguntando se o Skylab iria cair sobre sua casa. Era um homem pobre, que acabara de construir uma casa de três quartos. Sua mulher, assustada com a notícia, pedira ao marido que visitasse “o Mago de Strovolos” para descobrir o que iria acontecer. Daskalos achou, ao mesmo tempo, aborrecido e engraçado ser perturbado, tão tarde da noite, por tamanha banalidade. “Se for o seu kismet (destino) que o Skylab caia em cima de você, ele cairá!”, disse ao homem da vila. Os temores do camponês foram muito pouco diminuídos. Nem sempre Daskalos era tolerante com pessoas que o procuravam devido a assuntos que ele considerava tolos, tais como fazer adivinhações. Divertir-se com as pessoas era um passatempo comum a Daskalos. Um dia, enquanto estava no jardim, regando as plantas, um homem veio procurá-lo. O visitante, aparentemente, confundiu-o com o jardineiro.

— Eu estou procurando por aquele faquir — ele disse. — Você sabe onde ele está?

— Sim — respondeu Daskalos. — Está lá em cima, deitado sobre pregos. Vá procurá-lo lá.

O homem, incrédulo, subiu as escadas e, em poucos minutos, voltou dizendo que não havia ninguém lá em cima.

— A janela estava aberta? — perguntou Daskalos, fingindo falar a sério.

— Sim.

— Bem — emendou Daskalos —, ele deve ter ido embora voando.

Mencionei, de passagem, que tinha lido no jornal do dia anterior que um iogue indiano se dizia disposto a tentar fazer o Skylab virar cinzas.

— Isso é muito perigoso. Poderá queimar o corpo dele — disse Iacovos.

— Aquele iogue indiano — disse Daskalos, enquanto dava a última garfada —, não é o único que está trabalhando no Skylab. Há muitos místicos que tentam desviar sua trajetória. Eu mesmo estive fazendo isso o dia todo. — Então, virou-se abruptamente para Iacovos e disse, em voz baixa: — Aquele patife, Loizos, estava na minha casa hoje de manhã e entendeu o que eu estava fazendo. Às vezes ele é tão inteligente, outras é burro como uma porta.

Compreendi que algo de significativo estava para acontecer e procurei o meu caderno de anotações. Emily já havia fechado todas as portas, janelas e cortinas, para manter o calor de julho do lado de fora da casa. Não havia movimento nas ruas. Era a hora da sesta. Todas as lojas e escritórios fechavam entre uma e quatro da tarde. Quase não havia sinal de vida.

Daskalos disse que era hora dele verificar como ia o Skylab “lá em cima”.

Sentou-se no sofá e se recostou, ficando semi-reclinado. Eu o olhava, caneta e caderno na mão. Emily, sentada ao meu lado, tinha uma expressão de receio e perplexidade no rosto. Pela expressão do rosto de Iacovos, do outro lado de Daskalos, percebia-se toda a sua ansiedade.

— Você vai lá em cima comigo? — perguntou Daskalos a ele.

— Não — ele respondeu meio sem jeito.

Daskalos fechou os olhos enquanto se aprontava para sair do seu corpo. Com uma expressão preocupada no rosto, Iacovos olhava fixamente para o umbigo do mestre, enquanto este parecia estar em estado de transe. No mais absoluto silêncio, nós observávamos o que acontecia. Havia algo de extraordinário no ar. Dez minutos depois, Daskalos despertou.

— Está muito escuro lá em cima — comentou, sombrio. — Há muitos outros. Vi alguns indianos, tibetanos e um negro norte-americano. Eu era o único europeu. Eles pareciam ter medo da escuridão e ficaram longe do Skylab. Tentei chegar tão perto quanto pude. Ele vibra de uma maneira infernal. — Daskalos mostrou com a mão como o Skylab fazia.

— Daskale, o que o senhor fez lá em cima? — perguntei.

— Tentei empurrá-lo para o hemisfério sul, onde há mais água e menor número de pessoas.

— Como foi, exatamente, que o senhor tentou empurrar o Skylab para o hemisfério sul?

— Criei, com a mente, um disco em forma de lua e o direcionei para o Skylab, de tal forma que ele iria ricochetear e empurrá-lo para o sul. — Daskalos, então, mencionou que seu Cordão de Prata o estava puxando de volta para o seu corpo.

— Esta foi a razão — continuou Daskalos — pela qual o espaço ao redor do Plexo Solar vibrava tanto, como vocês, provavelmente, notaram. — Apenas Iacovos havia notado, nós não.

— Por que não me acompanha desta vez, para ajudar a empurrá-lo para o sul? — Daskalos insistiu de novo. Iacovos mais uma vez recusou. Em vez disso, ele preferiu vigiar o corpo do mestre.

Aparentemente, ele achava bastante perigosa a aventura de Daskalos e mal podia esconder sua ansiedade.

— Enquanto eu estiver respirando — instruiu Daskalos — não me perturbe. Não repita — disse ele rindo — a bofetada que me deu da última vez, para me forçar a voltar. — Ele se referia a um incidente no qual Iacovos o havia “forçado” a voltar a seu corpo, enquanto estava no estado de exomatose.

Daskalos fechou os olhos. Parecia estar num estado de transe profundo. Iacovos ficou de guarda. Emily e eu permanecemos como espectadores da estranha peça que se desenrolava diante dos nossos olhos, silenciosos e passivos. Em poucos minutos, Daskalos abriu os olhos.

— O Skylab está se movendo a uma tremenda velocidade e vibra como um bêbado — ele disse, e mais uma vez mostrou o movimento com a mão. Então, fechou os olhos e entrou num transe ainda mais profundo. Passaram-se vários minutos e Iacovos parecia mais ansioso que antes. Ele me perguntou se Daskalos já estava lá em cima há mais de dez minutos.

— Não, está lá há pouco mais de sete minutos. — Iacovos, então, pegou o pulso direito de Daskalos e verificou a batida cardíaca.

— É tempo de ele voltar — murmurou e olhou para nós como se fôssemos dar nossa opinião. Assim que ele acabou de falar, Daskalos abriu os olhos. Estava completamente desperto e muito entusiasmado com a experiência que acabara de ter.

— É do tamanho de um minarete e está pronto para reentrar na atmosfera. — Achei o uso da palavra minarete engraçado, e, apesar da gravidade do momento, tive dificuldade em me manter sério.

Daskalos parou por um instante e olhou para nós. Ele deve ter percebido nossa incredulidade. Sorriu, dizendo que talvez eu não devesse falar publicamente sobre o que tínhamos acabado de presenciar. As pessoas podem “se escandalizar” facilmente. Daskalos temia que as grandes mensagens e ensinamentos de Yohannan não fossem levados a sério se incidentes que pareciam “fantásticos” demais fossem divulgados. Confesso que sucumbi à tentação de narrar a extraordinária experiência daquele dia quente de julho. Eu tinha certeza de que a experiência deles era genuína e autêntica, apesar de ela nos parecer, no mínimo, extraordinária. Claro que eu não poderia testar a “realidade objetiva” da experiência deles, já que eu próprio não podia “subir”.

— Você mudou de idéia? — insistiu Daskalos mais uma vez com Iacovos.

— Não. — O aprendiz preferiu examinar a condição física de seu mestre, como um atento médico. Daskalos entrou em transe de novo. Havia calma e silêncio na sala, enquanto esperávamos pelo próximo movimento de Daskalos. Ao abrir os olhos, ele parecia mais entusiasmado do que nunca.

— Acabo de ver três discos voadores. As entidades que estão dentro deles se comunicaram comigo e me pediram para parar de mandar os discos em forma de lua contra o Skylab porque eles perturbam o seu equilíbrio. O método deles era melhor, disseram, e me convidaram

a me mudar para o lado deles e observar o seu trabalho. – Daskalos, então, explicou que esses seres emitiam raios de luz contra o Skylab e depois iam para o sul, numa tentativa de puxá-lo com eles. Daskalos pegou a mão de Iacovos e insistiu, mais uma vez, que ele fosse. Enquanto isso, liguei meu rádio, bem baixinho, para ouvir o último noticiário da BBC. O locutor informou que os norte-americanos esperavam que a espaçonave caísse no Atlântico Sul ou no Oceano Índico. Eles ainda não tinham controle sobre ela e continuavam preocupados que ela caísse sobre áreas populosas. Quando Daskalos saiu outra vez do transe, ele continuou, com voz animada, a narrar suas experiências com os extraterrestres.

– Essas entidades são realmente avançadas. Elas vivem no mundo psiconoético superior e não têm forma. Pediram-me que abandonasse a imagem de mim mesmo e me juntasse a eles.

– O senhor realmente precisa ir?, resmungou Iacovos, sabendo muito bem que era inútil tentar dissuadir o mestre.

– Sim – disse Daskalos teimoso, e explicou o que estava para fazer.

– Agora preciso deixar a imagem de mim mesmo e subir sem forma, apenas com minha autoconsciência.

Enquanto ele explicava sua nova aventura, Emily saiu apressada de casa para receber nossos filhos que minha irmã acabara de trazer. Constantino, de dois anos e meio, foi para a outra sala e ficou brincando sozinho enquanto Vasia, de seis meses, engatinhava no chão, na frente de Daskalos. Perguntei se a fala do bebê interferia com o que ele estava fazendo. Ele afirmou que o barulho não tinha importância e que poderíamos até tocar música, se assim quiséssemos. Então, depois desta breve pausa, ele entrou em transe auto-induzido mais uma vez. Notei que, desta vez, suas mãos tremiam violentamente e que ele fazia movimentos faciais espasmódicos. Iacovos continuava alerta. Dez minutos depois, ele verificou o pulso de Daskalos. Em voz baixa informou que este tinha chegado a cento e dez batidas por minuto. Daskalos logo abriu os olhos.

– Estão tendo dificuldade para empurrá-lo. Ele assobia incrivelmente, fazendo um barulho ensurdecedor. Essas superinteligências trabalham com muita dedicação. Somos tão insignificantes se comparados com eles. Se não conseguirem mudar a trajetória, ele vai cair no Canadá. – Daskalos se preparou para “subir” de novo.

— Deixe a minha batida cardíaca chegar a cento e quarenta. Será mais fácil para mim — ele instruiu seu discípulo.

— Você tem certeza de que o que está fazendo não é perigoso? — perguntei, notando a expressão de Iacovos que parecia em total desespero.

— Será mais perigoso se não conseguirmos empurrar o Skylab para o sul. Esta é a primeira vez que faço uma coisa dessas — acrescentou Daskalos, e, então, fechou os olhos. Oito minutos se passaram, durante os quais Iacovos vigiava o pulso de seu mestre.

— Chegou à trajetória desejada — disse Daskalos ao voltar do transe, completamente satisfeito com o trabalho executado.

— Daskale, alguém poderia ver esses seres a olho nu?

— Não, eles vivem no mundo noético, não têm forma. — Então, ele relatou mais detalhadamente sua experiência com os extraterrestres.

— Somos os guardiães do jardim Terra — disseram eles. — Sua Terra é como um jardim de infância de crianças barulhentas.

— É um jardim cheio de parasitas e de vírus — emendei.

— Não, é uma expressão da Vida — responderam.

— Pareciam estar trabalhando em grupos que me pareceram compostos de discos voadores. Perguntei se, de fato, eram discos voadores, mas eles pareceram ignorar minha pergunta. Deixaram claro, entretanto, que eram “povos do espaço”. Eles vivem ao redor do nosso planeta. A Terra parece uma linda bola vista de lá.

— Consegui me comunicar com esses seres sintonizando-me com eles. Eu estava dentro deles e eles estavam dentro de mim. Eu disse que gostaria de encontrá-los de novo e os convidei a descer até a Terra. Eles se recusaram. Preferem nos observar de longe. “Você sabe o caminho, venha nos encontrar aqui”, eles responderam.

— Talvez não lhes seja agradável visitar a Terra. Quando eu estava para voltar ao meu corpo, eles me aconselharam: “Passe através de nós para poder descer descansado. Senti-me muito relaxado depois disso. Eles realmente nos amam. — Daskalos expressou sua perplexidade e divagou sobre a natureza dessas superinteligências.

— Senti como se fossem uma forma de luz, de uma intensidade vibrante. Eles são muito numerosos. — Houve uma pausa, enquanto Daskalos meditava sobre sua experiência. — O pensamento é algo tão lindo! Eu estava recebendo o pensamento deles e podia entendê-los.

Tinha a impressão de que tudo o que eu sabia, eles sabiam. Eles, provavelmente, são forças arcangélicas.

– O senhor acha que eles têm autoconsciência?

– Aparentemente, têm.

– Mas isso não contraria o que o senhor nos disse sobre formas arcangélicas, que são entidades do Espírito Santo e não do Logos?

– Talvez o que é válido na Terra não se aplique a níveis mais altos de consciência. Entidades do Espírito Santo, portanto, também podem ter autoconsciência. Preciso estudar isso.

Eram quatro e meia da tarde e as ruas já tinham um movimento intenso. O calor havia passado e a brisa da tarde, proveniente do mar, trazia alívio. Daskalos me pediu para levá-lo em casa de carro. No caminho, ele me disse estar maravilhado com a experiência única e maravilhosa, a qual ele acalentava com carinho.

Às nove da noite eu ouvia a BBC. O locutor informou que os cientistas norte-americanos começavam a ter um controle limitado sobre o Skylab. Entretanto, a nave ainda poderia se estraçalhar no nordeste dos Estados Unidos ou no Canadá. Mais tarde naquela noite, a BBC informou que partes do Skylab haviam caído no Oceano Índico e numa região desabitada da Austrália. Todos ficaram aliviados.

Encontrei Iacovos no dia seguinte, e conversamos sobre o acontecimento incomum. Perguntei se ele, de fato, havia testemunhado Daskalos sair do corpo. Iacovos explicou que vira Daskalos sair do corpo como se fosse fumaça saindo do topo da cabeça. O que parecia ser fumaça era, na verdade, parte do etérico de Daskalos. Ele usara o duplo etérico do seu corpo de matéria densa porque estava trabalhando com o duplo etérico da Terra material. Iacovos ressaltou que a batida cardíaca de Daskalos chegara a cento e quarenta. Por este motivo ele, repetidamente, se recusara a acompanhá-lo. Ele precisava ficar alerta quanto à condição física do mestre porque aquele tipo de trabalho é muito perigoso.

Mais tarde, naquele mesmo dia, encontramos Daskalos e continuamos nossa discussão sobre o Skylab. Ele disse que, assim que chegou em casa, “subiu de novo” para dar uma olhada no Skylab o qual, no instante em que entrou na atmosfera, começou a se mover para cima e para baixo como um barco em alta velocidade na superfície do mar.

— Os americanos — disse Iacovos com ironia — informaram que não tinham possibilidade de controlar o Skylab e temiam que ele caísse sobre o Canadá e sobre o Estado do Maine. Então, repentinamente, emitiram um sinal e mudaram a sua direção para o sul.

— Se não fosse por essas superinteligências — acrescentou Daskalos —, o Skylab, muito provavelmente, teria se espatifado sobre o Canadá. Eu os vi tentando empurrá-lo para o sul, por três vezes. Eles esperavam até ele aparecer no horizonte, e, então, incidiam raios de luz em sua direção. Os americanos deviam aprender a construir Skylabs que se desintegrassem assim que entrassem na atmosfera.

A noite começava e Daskalos parecia relaxado e disposto a falar.

Contrariando o que sempre acontecia, não fomos interrompidos por telefonemas ou visitantes. Depois de Iacovos ter feito três xícaras de café turco, continuamos a conversar até tarde da noite.

Perguntei a Daskalos se ele já tivera antes algum contato com seres extraterrestres, além dos que ele encontrara enquanto trabalhava com o Skylab.

— Sim — ele disse, e começou a contar os detalhes de um encontro anterior com tais seres, ocorrido há algum tempo.

— Senti-o em algum lugar, perto de *Petra Tou Romiou* (um lugar na praia do sul onde, segundo a lenda de Homero, Afrodite nasceu; de acordo com Daskalos, é um dos centros de energia ou centros magnéticos do planeta). Eu estava em exomatose, com Iacovos e Theophanis. Após acompanhá-los de volta a seu corpo, retomei ao mesmo lugar para procurá-lo. “Mas eu o vi”, murmurei, “onde está você?” “Estou dentro de você”, sussurrou ele. “Estou dentro de você para poder ter um centro de comunicação comum. Você gostaria que eu lhe proporcionasse algumas experiências? Expanda-se”, ele me mandou. “Isso eu sei fazer”, respondi. “Eu sei que você sabe fazer, mas agora vai ser por um método diferente.” Perguntei como seria. “Pare de sentir-se como uma entidade.” “Você está me pedindo para me tornar dissolvido dentro de Deus?” “Por quê? Você acha que se desmancha quando se torna o sopro da Vida, aqui, em todo lugar, dentro de tudo?” “Sim”, disse eu. “É ainda assim você se torna mais, você se expande mais, você não se torna dissolvido. Sem perder o seu estado de ser, você pode se emancipar das limitações, não se transforma em zero. Veja este lugar. Torne-se o alento deste lugar. Você verá como é lindo!” “Tenho medo.” “Espere um

pouco”, respondeu ele, “verá que, através de mim, você não sentirá medo.” Virei-me por um instante e pude vê-lo. Ele era absolutamente lindo!

– Ele tinha forma humana?

– A idéia do homem, não a forma. Ele era uma idéia humana.

– “Estou confuso”, disse eu, “mas sei que existo.” “Sempre que você se olha no espelho e diz eu existo”, respondeu ele, “é uma ilusão. Quando você fala sobre o eu, o que você entende?” “Amor.” “Agora concordamos plenamente. Quando se diz Amor sugerimos a imagem de pessoas que amamos. Você se torna um com elas. Não é você.” “Você sabe”, respondi, “que entendo e sinto o que você diz, mas que você está me deixando confuso?” “Através da confusão você entrará no Conhecimento. Porque se não ficar confuso, você não vai concentrar a sua atenção na descoberta da Verdade e não a encontrará. Você se contentará com situações que não são a Verdade.” “Eu não estou pronto ainda, Daskale, para acompanhar o seu pensamento.” Ele começou a rir. “Ha, ha, ha. Como está encantado com esta palavra você a passa para mim como um pirulito que se dá para o neto lamber. Esse ‘Daskale’ . . .”

Daskalos riu à vontade ao se lembrar dos comentários irônicos do extraterrestre e continuou.

– “Não consigo entendê-lo”, disse a ele. “Apesar de tudo, você me entende perfeitamente. Mas se cansa porque não quer se livrar de certas ilusões. Entretanto, está pronto a superá-las, sem dor, assim que quiser.” “Está me guiando para alguma forma de aniquilamento, de universalismo?”, perguntei. “Você gosta de usar belas palavras! O que entende por universalismo?” “Bem, é sentir tudo e não sentir que sou uma entidade separada.” “Como pode ser isso? Isso quer dizer apenas que, em vez de você ser Iacovos, Mários (o neto), Nina, Yanna (as netas), você se torna tudo isso e mais. Está entendendo? Vibra menos.” “Não, não vou vibrar menos.” “Volte. Você não está preparado ainda.” “Você tem família?”, perguntei. “Você ama seu pai, sua mãe e filhos?” “O que o seu Mestre disse, o Grande e Mais Amado? A todo aquele que abandonar pai e mãe e filhos por minha causa eu darei cem vezes isso, e pai e mãe e filhos. Cristo disse isso no Novo Testamento, não disse? Você refletiu sobre o significado das suas palavras?” “Estou cansado”, respondi. “Continuaremos a aula mais tarde.”

– Ele é poderoso! E que trancos estava lhe dando! – exclamou Iacovos em meio a uma risada.

– Ele olhou para mim – acrescentou Daskalos, e disse: “Amor, você sabe que você sou eu?” “Não. Isso eu não quero”, respondi. “Quer goste quer não, você é.” “Quando diz eu, de que eu está falando, já que quer aniquilar o meu próprio eu?”, perguntei a ele. “Eu quero colocá-lo no grande Eu, num sistema mais adequado.”

– Esta conversa foi em grego? – perguntei, e imediatamente percebi que a minha pergunta era irrelevante.

– Ele fala com você de uma forma que você entenda. Além disso, se eu quiser que ele se dirija a mim apenas com pensamentos, a comunicação fica muito mais fácil. Perde-se o significado de tempo e espaço e entra-se no Presente dentro da Realidade, na Vida das coisas.

– Vocês mantiveram este diálogo – continuei – lá na *Petra Tou Romiou*?

– Este foi o ponto focal, mas nós nos expandimos no plano psíquico da região. Em que parte da região de Chipre, não saberia dizer. Não é fácil fazer você entender. Como vou fazê-lo ver todas aquelas infinitas cenas?

– Daskale, ele era um ser humano que alcançou a Teose?

– Não sei. Não perguntei.

– Ele era, quem sabe, um arcanjo como Miguel ou Gabriel? – persisti.

– Talvez ele seja um dos de uma classe superior. Um homem é superior a esses arcanjos que são tão monolíticos, que sabem o seu trabalho e mais nada. Eles, simplesmente, obedecem à Ordem do Senhor.

– Estou lhe dizendo – continuou Daskalos –, não é fácil desistir daquilo a que nos agarramos.

– Já pensei nisso antes – comentou Iacovos.

– E quem lhe disse que eles não trabalham sobre você, de forma subconsciente, sem que você o perceba?

– Já que falou nisso – acrescentou Iacovos –, estou começando a suspeitar que é assim mesmo.

– Ele me falou muito a respeito dele – disse Daskalos, apontando para Iacovos. – Em determinado momento ele disse: “É ele que você tem medo de perder.” Então, me revelou certos assuntos com referência à minha família que mexeram comigo.

– Ele lhe falou alguma coisa sobre Nicos (o genro de Daskalos)? – perguntou Iacovos.

— Se você o abandonar, ele estará perdido. Ele sofre quando está longe de você. Mas agora está adquirindo experiência. “Quero me afastar”, eu disse. “Quanto mais tentar se afastar dele, mais grudado a ele você ficará.”

— Pode me explicar isso? — perguntou Daskalos a Iacovos, com grande curiosidade. — Ele falou sobre tantos assuntos que não pude entender.

— Eu gostaria que você pudesse pensar como ele — disse Iacovos, provocante.

— Mas como eu poderia pensar como ele? — respondeu Daskalos desculpando-se. — Sabe o que mais ele me disse? “Vamos discutir o que é o Amor, porque você apenas imagina o que ele seja.” “O que está querendo dizer?”, perguntei. “Você focaliza sua atenção nas moléculas do Amor e pensa que conhece o Amor. O corpo material”, disse ele, “não importando quão perfeito ele seja e o quanto o Muito Amado o tenha santificado, não é o Amor absoluto.”

— “Eu sei o que você pretende dizer. Mas chama a isso de mal?”, respondi. “Não. Eu não chamaria de mal. Eu diria que está incompleto. Você pode ver a pessoa amada de uma perspectiva mais elevada?” “Mas ela é linda, vista daqui mesmo”, aleguei. “Eu não disse que ela não era bonita, mas ela deixa de ser um encantamento?” “É Amor”, respondi. “Percebe que você não sabe o que é de fato o Amor? Imagine que, neste exato momento, devido ao Karma, o ser amado perca seu corpo e você fique privado de sua companhia”, disse ele. “O Karma fez isso acontecer e o deus (Iacovos) de volta para mim.” “Certo”, anuiu ele. “O Karma o deus de volta a você porque você o queria. Mas você pode encontrar Amor além da forma?” “Sim”, afirmei. “Então por que não focaliza sua atenção lá? Por que precisa da forma?” “Porque a forma é linda”, respondi. “Eu não disse que não é linda; ela é imperfeita. Você é pequeno demais para um Deus. Você é grande demais para um homem.” “Graças a Deus”, eu disse, “não sou um homem pequeno” — e Daskalos desatou a rir e continuou a narrar seu encontro psicanalítico com o extraterrestre.

— Ele estava me enviando pensamentos. “Abandone a imagem. Pare de estar enamorado pela imagem do corpo material. Desdobre-se dentro do Amor. Quando eu lhe mostrar aqueles a quem você ama dentro do Amor, você não se importará se eles têm corpos materiais ou não.”

“Por que não me mostrou quando ele se foi, naquela época?” “Você ainda não estava suficientemente maduro e não teria sido capaz de me entender, naquele tempo.”

– Quem se foi quando? – perguntei, rapidamente.

– Eis a pessoa – disse Daskalos, apontando para Iacovos. Daskalos referia-se à morte de Iacovos em sua vida anterior.

– Ele tinha tão grande senso de humor – observou Daskalos, rindo.

– Você se lembra de alguma coisa que ele tenha dito? – perguntou Iacovos, rindo também.

– Como posso saber? – respondeu Daskalos, dando de ombros.

– Eu gostaria que pensasse a respeito de todas as coisas que ele lhe disse, quando estiver sozinho – disse Iacovos.

– Você mesmo pensou a respeito? – retrucou Daskalos.

– Não a respeito de todos eles – disse Iacovos, rindo.

– E quem lhe garante que você, de fato, chegou a tais pensamentos sozinho? Pode ser que os tenha conseguido através de reflexão?

– Isso eu não posso saber – continuou Iacovos, rindo. – Talvez os tenha conseguido através do senhor.

– Da próxima vez – acrescentou Daskalos, brincando –, não o coloco de volta em seu corpo. Direi a ele: “Agarre este sujeito pelos cabelos e deixe-o ter algumas experiências.”

– Eu adoraria – respondeu Iacovos e seus olhos brilharam.

– Daskale – perguntei –, o senhor já encontrou algumas dessas superinteligências aqui na Terra, entre outros seres humanos?

– Quer dizer, andando pelas ruas?

– Sim.

– Várias. Eles se locomovem e se parecem com pessoas comuns. Posso encontrá-los através de suas auras e me comunicar com eles através do pensamento. Um dia, eu estava andando pela rua Ermou, bem onde há muitas lojas comerciais. Foi a primeira vez que encontrei um ser desses.

– Ele tinha um nome?

– É possível que, quando tal superinteligência desce, ela adote um nome. A que encontrei é um grande mestre. O Logos o cegou, temporariamente, quando apareceu à sua frente como fogo. Agora você entende de quem estou falando?

Iacovos meneou a cabeça afirmativamente, mas eram necessárias maiores investigações de minha parte para saber a quem ele se referia.

– Era um cipriota? – indaguei, um tanto inocentemente.

– Não – respondeu Daskalos abaixando o tom de voz. – Era São Paulo que, nesta atual encarnação, vive como Pai Hilarion, no Sudão. Alguns amigos meus o encontraram lá. Ele se materializa e se desmaterializa como um grande mestre.

– Ele veio num corpo material – continuou Daskalos, com uma expressão séria no rosto. – Isso aconteceu quando minha mulher ainda estava viva. Eu estava no mercado quando, de repente, o senti. No instante seguinte vi-o andando pela rua e me comuniquei com ele através do pensamento. “Mestre, é o senhor?” Ele se virou, sorriu e continuou andando. Neste momento uma carroça vinha por trás dele. “Cuidado, seu paspalho, ou o atropelo”, gritou o carroceiro. Ele se virou e falou, num grego impecável: “Desculpe-me, senhor”, e afastou-se para o lado. – Daskalos riu ao lembrar o incidente.

– Por que ele se materializou? – perguntou Iacovos.

– Não tenho a mínima idéia. Mas o vi com um corpo material, usando roupas. Tentei chegar perto dele e de repente o perdi de vista. Kyrie Eleison, resmunguei. Quando voltei para casa, encontrei-o conversando com minha mulher.

– “Você sabe quem é ele?” – perguntei, apontando para o visitante. “Eu o vi sentado à cabeceira da sua cama quando você estava doente. É Pai Hilarion”, disse ela. Ele ficou para o jantar e tivemos uma longa conversa. Ele estava em seu corpo material, e até comeu feijão e cebolas. Quando se aprontava para sair, disse que estava indo a várias partes da ilha para colocar talismãs. Não entendi o motivo da sua visita. Ele desapareceu no meio de nós no momento em que minha mulher foi até a cozinha buscar alguma coisa. Poucos dias mais tarde, encontrei-o de novo. “Não diga nada sobre o que acaba de experimentar”, ele me disse.

– Você pode se perguntar por que ele está fazendo todas essas coisas. Eu não sei. É um Plano Divino que não podemos compreender. Eu, pelo menos, não compreendo. Outros mestres não se materializam. Permanecem no mundo psíquico e fazem o seu trabalho lá em cima. Eles trabalham de diversas maneiras. – De repente, Daskalos parou de falar e me olhou fixo nos olhos.

– Acabamos de deixá-lo completamente confuso, não é, Kyriaco? – e riu até não poder mais.

Não estava longe da verdade. Essas histórias “fantásticas” eram parte da sua realidade diária. Minha mente comum e convencional tinha grandes dificuldades em assimilá-las. Ainda assim, o que me intrigava era Daskalos não ter tentado nem me fazer de bobo e nem me impressionar. Quanto a tudo o mais, ele era igual a qualquer mortal, apesar de ser um homem extraordinariamente dotado, capaz de fazer curas verdadeiramente miraculosas, e que parecia desafiar uma explicação científica convencional.

Histórias sobre Possessão

Já estávamos na metade do verão. O termômetro marcava 41 graus Celsius e o serviço meteorológico informava que a temperatura deveria chegar aos 43 graus. As ruas de Nicósia estavam desertas. Apesar da crise de energia, as pessoas procuravam a praia, para um banho refrescante no Mediterrâneo. No entanto, ir à praia num domingo era, por si só, uma tortuosa odisséia, porque o acesso à praia do Norte estava interrompido pelas forças de ocupação turcas. Apenas a costa sul era acessível e só restava uma estrada, muito movimentada, ligando a capital àquela parte da ilha.

Preferi ficar em casa e conferir minhas anotações, ouvindo as tristes músicas tocadas no rádio. Era 15 de julho, um dia de luto oficial para os greco-cipriotas. Naquela data, em 1974, a junta militar que governava a Grécia na época liderou um golpe de Estado contra o governo cipriota, o que provocou a invasão turca.

Combinei encontrar Daskalos e Iacovos no fim da tarde. Kostas telefonou avisando que não poderia vir. Como voluntário da defesa civil, ele tinha de assistir a uma sessão especial de treinamento.

Iacovos passou o dia ajudando o irmão na construção de sua casa nova e, quando chegou, bebeu grande quantidade de água. Trabalhar o dia todo, sob um sol impiedoso, o havia desidratado.

Chegamos à casa de Daskalos às sete horas, mas não tinha ninguém em casa. A porta estava destrancada; sentamos lá dentro e esperamos. Dentro de poucos minutos, Daskalos chegou, com Loizos. Ficou contente em nos ver, mas parecia cansado e foi direto à geladeira, pegar um copo de água gelada. Passara o dia inteiro em Larnaca, visitando pacientes

e tentando conciliar um casal que enfrentava uma crise conjugal. Estava contente por ter ajudado a salvar o casamento e continuou a narrar os acontecimentos do dia. Iacovos parecia um pouco impaciente e, depois de alguns momentos, interrompeu o monólogo de Daskalos.

— Não é para isso que estamos aqui — ele disse, melancolicamente referindo-se ao fato de que estávamos ali para retomar uma discussão sobre doenças mentais.

— E eu que pensei que vieram só para me ver — replicou Daskalos alegremente, fingindo-se desapontado. — Meu querido Iacovo, por favor, faça uma xícara de café para mim. — Daskalos estava a fim de pirraçá-lo, e Iacovos respondeu à altura.

— Iacovos — disse-me Daskalos depois de tomar um gole de café — não é tão tolerante quanto deveria ser. Notei, por exemplo, que ele acha difícil suportar Niciforos.

— É isso mesmo. Não agüento a presença dele, como o senhor que vai até lá noite após noite. . .

— Mas ele precisa de mim! — argumentou Daskalos. — Aquele idiota poderia cometer o suicídio se eu o abandonasse. Preciso ter muita paciência com ele e não esperar que ele seja igual a nós. Se ele se suicidar, eu o terei nas minhas costas dia e noite.

— De que forma? — perguntei curioso.

Daskalos explicou que os que cometem suicídio, ao entrar no mundo psíquico, costumam enfrentar uma situação difícil. Muitas vezes essas pessoas se acham encurraladas no etérico do mundo de matéria densa, incapazes de se dirigir aos mundos psíquicos mais elevados. Pode ser que o indivíduo vibre numa frequência muito próxima da do mundo material, o que não lhe permitirá encontrar o descanso.

— Desta forma — continuou Daskalos virando-se para Iacovos —, precisamos vigiar Niciforos com muito cuidado.

Aparentemente ele achava que Niciforos era uma vítima em potencial. Eu não tinha certeza de haver entendido o que ele queria dizer quando afirmava que uma pessoa, depois da morte, pode continuar vivendo no mundo etérico e ficar ligado ao plano de matéria densa. Pedi mais explicações.

— Talvez — disse Daskalos, pensativo — um meio melhor de fazer você entender é contar alguns casos que presenciiei.

Fiz menção de preparar o gravador.

— Não grave essas histórias — pediu Daskalos, categórico. Percebi que as “histórias” que ele estava para contar deviam ser muito pouco usuais ou controversas e uma maneira de se proteger era proibir que eu gravasse. Peguei o caderno e me preparei para anotar tudo o que ele iria dizer.

— Há muitos anos — começou vagarosamente —, um casal de noivos morou sob o mesmo teto, durante quatro anos, antes do casamento. Durante todo esse tempo a moça permaneceu virgem. Ela não permitiu que seu noivo consumasse a relação. No quarto ano, ele ficou tuberculoso e o médico o colocou no isolamento, numa barraca, na periferia de Nicósia. A moça prometeu que se casariam assim que ele ficasse bom. Seu grande tormento era não ter permitido, durante quatro anos de relacionamento, que ele fizesse amor com ela. O rapaz morreu com este desejo não satisfeito. O avassalador desejo por ela o manteve flutuando no mundo etérico, de onde ele começou a importuná-la. A moça estava ficando louca. Todas as noites, antes de ela ir para a cama, ele a semi-hipnotizava e a induzia a manter a janela do quarto aberta. Então, ele entrava num morcego e vinha até ela. O morcego mordia-lhe o pescoço e retirava sangue e substância etérica.

— Por que sangue e substância etérica? — perguntei.

— Em tal estado, um indivíduo precisa de substância etérica para se manter lá. A moça estava perdendo muito sangue e se tornou extremamente fraca. Seus pais a trouxeram até mim, desesperados. “Daskale”, imploraram, “nossa filha está morrendo e os médicos não podem fazer nada. Olhe para ela e veja como está fraca.” Notei que, embora fosse pleno verão, ela tinha o pescoço coberto. Quando indaguei a respeito ela disse que tinham aparecido algumas espinhas. Pedi que me deixasse ver. Ela abriu a gola e vi, claramente, os dentes do morcego, dois a dois, bem sobre as artérias. Foi a primeira vez que me deparei com um caso desses e, inexperiente como eu era, pedi ajuda a Pai Dominicó, que vivia no outro lado. Ele me explicou que o homem morto, ao usar o morcego, vivia com maior intensidade no mundo etérico. Pai Dominicó me instruiu como tratar tal caso. “Fique um pouco na casa dela. A moça vai acordar durante a noite e abrir a janela. Tenha um braseiro com carvão em brasa no quarto ao lado. Quando o morcego chegar, pegue uma vassoura, entre no quarto dela e feche a janela. Tome cuidado porque o morcego vai atacá-lo. Dê-lhe uma vassourada para deixá-lo tonto, e então

embrulhe-o numa toalha. Volte para o quarto ao lado e jogue o morcego no braseiro. Feche o morcego lá dentro e deixe-o queimar.” Daskalos recostou-se na cadeira e continuou.

— Bem, isto foi exatamente o que aconteceu. Quando fechei a janela, o morcego atacou-me. Nesse momento, a moça despertou e investiu contra mim. O pai dela, que estava presente, agarrou a filha e segurou-a com força. Ela estava grunhindo e gritando histericamente, enquanto o morcego morria. Depois, ela se acalmou. “Que é que você está me fazendo?”, perguntou ela. “Estava tentando queimar-me?” Aconselhei os pais a buscarem um padre para abençoar a casa.

— O que aconteceu ao noivo?, perguntei.

— Nós o ajudamos a livrar-se dos mundos etéricos para que ele pudesse subir mais alto. Você compreende agora o que significa quando alguém se enreda no mundo etérico?

Eu apenas acabara de escrever os últimos comentários de Daskalos quando ele começou a narrar outro caso semelhante.

— Há trinta anos, eu estava viajando pelo Peloponeso, no sul da Grécia. Passei alguns dias numa cidade onde havia uma moça que sofria de um sério problema psicológico. Perguntaram-me se eu poderia ajudar. Ela era solteira e tinha, mais ou menos, uns 25 anos de idade. Um pastor, 25 anos mais velho, apaixonou-se por ela e pediu-a em casamento. Os pais da moça recusaram. O pastor, de nome Loizos, morreu num desastre de automóvel. Cinco anos se passaram após a sua morte e nada aconteceu. Um belo dia, porém, a moça afirmou que, enquanto estava procurando suas duas cabras, viu Loizos chamando-a. Assustada, principiou a correr para sua casa. Ele seguiu-a. “Você está morto. Que é que você quer de mim?” Enquanto dizia isso, ela começou a sentir muito sono e se sentou sobre uma oliveira. Ele a hipnotizou. A moça me contou, em segredo, que sobre aquela oliveira ela experimentara prazer sexual pela primeira vez. Examinada, verificou-se que era virgem. Três dias depois deste incidente, o falecido visitou-a em casa. Ele veio durante a noite e atravessou as paredes. Ela se acostumou a tê-lo fazendo amor com ela. Ao ser examinada de novo, ela não era mais virgem. O médico, entretanto, afirmava que ela não tinha sido deflorada por um pênis, mas por seus próprios dedos. Notei dois pontos avermelhados em seu pescoço. Perguntei sobre eles. “Ele me beija neste lugar, mas seus beijos são estranhos. São como se estivesse me sugando, e eu gosto muito deles”, ela respondeu.

— Passei a noite com eles. Ele não apareceu. E também não veio na segunda noite. Mas, no fim da tarde do terceiro dia, vi-o, vindo da horta. Quando ele entrou em casa e me viu, tratou-me como se me conhecesse há anos. “Olá, amigo Loizo”, eu disse, “você tem consciência da sua situação?” Ele explicou que havia desejado a moça por muitos anos e que nunca experimentara relações sexuais com uma mulher antes. Suas únicas relações haviam sido com animais como asnos, cabras e até galinhas, que morriam após o ato. Agora que ela se tornara sua, ele a queria e não iria deixá-la. Tentei explicar que ele não estava vivo como nós. Ele não conseguiu entender. “O que está dizendo?”, protestou. “Aqui estou eu, falando com o senhor, eu tenho relações sexuais, e o senhor me diz que não estou vivo?”

— Exorcismo não daria certo com ele, porque ele não tinha medo da Cruz. Ele era, digamos, um crente imoral. Aceitava Jesus. Portanto, fazia-se necessário persuadi-lo a ir embora com argumentos lógicos. Felizmente consegui. “Vou embora”, ele prometeu, “e não vou voltar. Mas não quero morrer.” “Se continuar a molestar esta moça, você permanecerá nesse estado narcotizado, como um vampiro”, eu o avisei. Ele se virou e foi embora. Os cachorros, no quintal, sentiram sua presença e começaram a latir. Quando o padre e o médico me perguntaram sobre o que tinha acontecido, evitei contar-lhes a verdade porque presumi que eles não acreditariam em mim. Expliquei que a moça tinha sido influenciada por ilusões e que, através da psicanálise, eu a havia ajudado a sobrepujar seu problema. À noite, sentado no bar, o médico fez uma preleção aos habitantes da vila, a respeito de psicanálise. Ele falou sobre Freud, o inconsciente, e coisas do gênero. Eu estava num canto, ouvindo e rindo com meus botões. — E Daskalos morria de rir ao lembrar-se do incidente com o médico.

— Fui embora no dia seguinte. — Como que antecipando-se ao que ia perguntar, Daskalos continuou: — Nunca descobri se foi o falecido pastor que deflorou a moça ou se ele a fez romper o hímen com os dedos.

— As pessoas ficam possuídas por elementais que elas mesmas criam, como resultado das suas fraquezas. Raramente encontro possessões por seres que residem no mundo etérico. Por exemplo, muitos rapazes em Chipre terminam no manicômio depois de criarem por masturbação obsessiva, poderosos elementais da imagem de uma mulher.

Tal elemental suga energia etérica do indivíduo para poder prolongar sua vida na contrapartida etérica do mundo de matéria densa. Isso pode levar à loucura. O “sugar o sangue” dos chamados vampiros é, na verdade, matéria etérica. A mesma situação ocorre, com menor frequência, quando entidades humanas se comportam como se fossem vampiros. Não se deve ser hostil ou intransigente para com tais seres. Mesmo no caso de elementais demoníacos, devemos ser tolerantes. Demônios também sabem amar.

Eu disse que achava incompreensível a última afirmação de Daskalos e pedi que me esclarecesse. Como costumava fazer, ele respondeu à minha dúvida contando outra história.

— Depois da guerra civil no Líbano, quando muitos refugiados vieram para Chipre, notou-se uma difusão muito grande da prática de magia negra. Entre os refugiados havia diversos e poderosos feiticeiros que ganhavam a vida oferecendo tais serviços. Esses feiticeiros de magia negra eram um desafio formidável para nós. Eu me preocupava com o fato de eles estarem treinando pessoas do lugar nos segredos do seu ofício.

— Pediram a um desses feiticeiros que provocasse a morte de um casal. O preço combinado: trezentas libras. Ele sabia como fazer invocações dos poderes satânicos e conseguiu prender um demônio dentro de uma garrafa. Usou borracha de um pneu para esculpir a imagem do demônio e, então, de alguma forma, colocou a garrafa com este elemental-demônio embaixo do colchão do casal de recém-casados. Na sua noite de núpcias, ambos perderam sangue pelos ouvidos e pelo nariz. Com o passar do tempo, eles começaram a perder as forças e vieram me ver, mas naquele dia eu estava em Pafos com Theophanis. Os dois voltaram no dia seguinte. Eu ainda não estava em casa. Enquanto isto, acabei encurtando minha viagem a Pafos porque senti que alguém precisava de mim desesperadamente. Voltei no quinto dia e encontrei ambos sentados à minha porta, esperando. Eles seguravam lenços na boca para esconder o sangue. Percebi de imediato o que estava acontecendo. Ambos estavam exaustos e me mostraram a garrafa com o demônio, que haviam descoberto embaixo da cama. Na mesma hora, cortei a ligação entre o demônio e o jovem casal, e ambos respiraram aliviados. O sangramento parou e eles podiam, agora, levar uma vida normal.

— Mantive, deliberadamente, o demônio dentro da garrafa e esperei até Iacovos e Theophanis chegarem para poder discutir o assunto

e decidir o que fazer. Quando os dois chegaram, mostrei-lhes a garrafa e contei o incidente. Expliquei que o meu plano era tentar colocá-lo dentro do Sanctum. Como uma emanção de Lúcifer, o demônio não podia tolerar a Cruz e a santidade do altar. Mas, enquanto eu tentava levá-lo ao Santuário, ele quebrou os elos que o prendiam e fugiu. Houve uma explosão como se fosse uma pequena bomba.

— Eu também ouvi a explosão — comentou Iacovos. — O estrondo foi muito forte.

— Assegurei, tanto a Theophanis quanto a Iacovos, que não deveriam se preocupar e que o demônio não poderia fazer mais mal algum. Ele tinha escapado, mas eu poderia trazê-lo de volta a qualquer hora. Eu era protegido por Yohannan. Mesmo que o demônio me atacasse, eu sentiria algumas dores, por alguns dias, e nada mais. Quando Iacovos e Theophanis foram embora, me concentrei em outros casos e esqueci o episódio do demônio. Mas ele não esqueceu. O demônio voltou por sua livre e espontânea vontade. “Virgem Sagrada! Você é muito feio! Por que está sempre importunando as pessoas?” Ele respondeu: “Porque isso me dá prazer. Eu amo as pessoas.” Ele me parecia um sátiro da mitologia. Era verde-escuro, tinha olhos vermelhos e protuberâncias na testa que pareciam chifres. Fitou-me nos olhos e disse: “Eu poderia tê-lo machucado, se assim quisesse. Nada fiz porque eu te amo.” “Você realmente me sensibiliza”, eu disse. — E Daskalos desatou a rir, enquanto contava seu diálogo com o demônio.

— Eu também o amo — repliquei —, mas você tem que me prometer que, não importa com que intensidade o invoquem, você não vai, jamais, fazer mal algum a quem quer que seja, nunca mais! — Ele me deu sua palavra. Encontrei-o sete vezes depois disso. Notei que, gradualmente, estava ficando menos feio e que as protuberâncias na testa começavam a diminuir, dando-lhe aparência mais tolerável. Convidei-o para entrar comigo no Santuário, para ele poder se acostumar à santidade do lugar. Um dia, durante uma reunião na Stoa com os membros do círculo secreto, senti a presença dele no Santuário. Cheio de coragem ele entrou. “Venha, tenho uma coisa para você”, ele disse. Pedi desculpas aos outros irmãos e fui depressa ao Santuário. Quando entrei, ele materializou uma imagem dele próprio, na forma de uma pequena estátua de argila queimada. Quando a peguei na mão, ela estava muito quente.

– A passagem de uma dimensão para outra – explicou Iacovos – sempre gera calor.

– Usando uma toalha, peguei a estátua – continuou Daskalos – e a trouxe até irmão Theophanis. Um dos meus alunos ficou tão assustado que se recusou a chegar perto. Alguns dos outros irmãos apenas tocaram nela. Então, levei-a de volta ao Santuário e a cobri com um pano preto.

– Por que um pano preto?, indaguei.

– Para que a estátua não se desmaterializasse. Quando algo se desmaterializa, libera energia. A cor preta não libera energia. Apenas a absorve. Era minha intenção manter aquela estátua, por algum tempo, naquele estado.

– Quando entrei no Santuário, vi o demônio sentado, de pernas cruzadas, olhando firmemente para a Cruz. Estava sentado no mesmo lugar onde eu havia encontrado a estátua. Usava seu corpo etérico. “Fiz o que o senhor esperava de mim”, ele me disse, “mas foi uma luta difícil. Foi doloroso. Eu te amo.”

– Senti que ele me amava como um cachorro fiel ama seu mestre. Não era amor humano. Alguns dias depois, destruí a estátua.

– Gostaria de ter tirado uma fotografia dela – murmurou Iacovos.

– Que é isso! – disse Daskalos, bravo. – Tirar uma fotografia dele é prolongar sua existência naquele estado. Precisei destruir a estátua para ele não poder usá-la e se fixar em tal situação. Agora vejo-o com frequência. Ele se tornou muito bom.

De repente, Daskalos virou-se para Iacovos e lhe fez um sinal secreto, respondido com igual entusiasmo. Eu não fazia a mínima idéia do que estava acontecendo. Iacovos soltou uma risadinha. Nervoso, pedi que me deixassem saber o que estava acontecendo entre eles.

– Ele está sentado ao seu lado – disse Daskalos, vagarosamente, com um largo sorriso nos lábios.

– Quem está sentado ao meu lado? – perguntei, alarmado, enquanto me virava e não via ninguém.

– O demônio – disse baixinho Daskalos. – Ele acaba de entrar na sala e de se sentar ao seu lado.

Isso me provocou um imediato arrepio pela espinha. Percebi que estava suando muito, mas tentei me convencer de que o meu infortúnio devia-se ao grande calor, em vez de ser provocado por algum medo de poderes demoníacos. Refugiei-me em minha tranquilidade e imparciali-

dade científicas e continuei, furiosamente, a anotar o que Daskalos dizia. Mas, lá no fundo, sentia-me inquieto e intrigado.

— Até que tem um sorriso charmoso — acrescentou Iacovos, rindo.

— Espero poder fazer dele um espírito benéfico — continuou Daskalos. — Ele já não pode fazer mal algum. Pedi para que adotasse um nome. Quer ser chamado de Baalbook que, na língua assíria, quer dizer “purificado por Deus”. “Baal” quer dizer Deus e “Book” significa alguém que está sendo purificado. Espero que, algum dia, ele se dissolva no Absoluto. Assim como os seres humanos evoluem, os espíritos do mal também evoluem. Conseqüentemente, uma das nossas atividades como Pesquisadores da Verdade é ser útil em todos os reinos da Criação. Quando este demônio evoluir, levará consigo, em direção à santidade, muitos outros seus semelhantes. Ele ainda é incapaz de diferenciar o bem e o mal. Não faz mal algum porque quer me agradar. Eu o proibi, terminantemente, de se materializar ou de materializar objetos. Ele me prometeu que não o faria. Também o proibi de descer até as vibrações do fogo, porque ele tem o poder de começá-lo, e o estimulei a ter tanto contato com a água quanto lhe fosse possível. Ele acha que o sexo humano é brincadeira de crianças. Sua inteligência é muito reduzida. Ele pode evoluir, não em termos de sabedoria humana, mas quanto a hábitos e instintos. Não acho que seja possível fazer muito mais por ele. Deixe-o dissolver-se num arcanjo de alguma espécie particular. Ele já guarda minhas flores e ajuda animais tais como gatas, cachorras e coelhas a dar à luz. Há algum tempo ele me perguntou: “Devo atacar os que molestam as suas flores?” “Não faça nada disso”, ordenei a ele.

— Um dia, quando você colheu algumas flores — disse Daskalos a Iacovos —, ele veio até mim e perguntou: “Por que ele as cortou?” Ele tem o dom da fala, mas não tem inteligência. Tem grandes poderes, mas não tem consciência deles. Os seres humanos sentem medo dos demônios porque são invisíveis. Se não fosse assim, o homem os teria explorado como fazem com os outros animais. Este demônio não tem rabo e é muito feio. Ele é baixo, gordo e tem semelhanças com um porco. Vai chegar o tempo em que ele se dissolverá no Espírito Santo. Os demônios adquirem a forma de seres humanos porque se adaptam ao que vêem, seja o que for. Eles são como camaleões da forma. E ainda tenho tantas coisas para aprender sobre eles — concluiu Daskalos.

— Acho a idéia de que os demônios evoluem para o Espírito Santo compatível e em harmonia com a idéia de que só Deus existe — comentei.

— Exatamente. Se os demônios não evoluíssem, isso significaria que há mal dentro do Absoluto. Este demônio me disse uma vez: “Você sabe que não é tão bonito quanto eu.” Em outro dia, ele narcotizou uma cobra. Mandei que a acordasse. Ele apenas riu. Não consegue diferenciar meu estado de espírito, dizer se estou bravo ou não. Ele acha que todos nós somos parte do reino animal. Demônios não têm órgãos genitais. Eles costumam ser escuros e, às vezes, são até bonitos. Você sabe do que ele chama Iacovos? “O bem-amado de pele escura.” “Qual é a aparência dele?”, perguntei ao demônio. Sua resposta: “Ele parece uma lagarta que rasteja sobre uma folha” — e Daskalos riu.

Respondendo à minha pergunta sobre a diferença entre demônios e anjos, Daskalos disse que ambos são emanções de forças arcangélicas. Em si mesmo, nem os demônios e nem os anjos são seres eternos. Eles são os elementais da força arcangélica que os projetou. Os seres humanos são capazes de criar tanto elementais angélicos quanto demoníacos.

— Demônios são emanções arcangélicas no lado oposto da existência, para criar os reinos da separação. O arcanjo Lúcifer, no mundo noético, não difere de todos os outros sistemas arcangélicos. Mas seu trabalho, aqui em baixo, é criar o lado oposto da energia e da força, para trazer o equilíbrio. Acredito que isso deve ser parte do Plano Divino. É o que chamamos de Mal. O propósito deste Mal é criar, para nós, com maior nitidez, o significado do Bem.

— Em que se diferem os demônios dos elementais que os homens criam diariamente? — perguntei.

— Os elementais que os seres humanos criam são angélicos ou demoníacos. É permitido ao homem criar elementais de ambos os tipos. Um arcanjo, por outro lado, só poderá criar elementais arcangélicos, com a exceção de Lúcifer, de quem só podem emanar demônios.

— Demônios — continuou Daskalos — possuem uma forma de subconsciência que lhes permite conversar com os seres humanos. Você pode argumentar com um demônio, mas não com um anjo, porque um anjo é uma lei inabalável. Um anjo não pode se desviar do seu propósito divino. Mas, embora um demônio seja algo análogo a um anjo, ele se opõe ao trabalho do anjo e pode influenciar o homem. Uma vez que um demônio se prende a um ser humano, ele age junto com ele, usando ló-

gica humana, mesmo que isso possa ser um contra-senso. Um anjo não pode agir dessa maneira. Ele trabalha monoliticamente dentro dos domínios da Criação. Você entende, agora, o que acontece? Um anjo não tem escolha: só pode fazer o bem. Um demônio coopera com o homem e, portanto, absorve parte da sua experiência, como a capacidade de ter pensamentos lógicos. O anjo expressa o amor do seu arcanjo descoloridamente. Um demônio expressa, dentro dos reinos da separação, o amor do seu próprio arcanjo, que é sentimentalismo. É muito semelhante ao sentimentalismo humano. Por isso, um demônio pode se prender mais facilmente a um ser humano do que um anjo. O único trabalho do anjo, nos reinos vegetal e animal, e no homem, é criar cega e lindamente, através do Espírito Santo, células e tecidos, e ajudar em curas. O demônio, por outro lado, faz tudo que o homem faz. Ele vive plenamente, com os sentimentos do homem.

— Então — perguntei —, um demônio é muito mais humano que um anjo?

— Claro! Raramente se vê um anjo assumindo a forma humana. Eles permanecem, a maior parte do tempo, como potestades, como um sistema. Um demônio toma a forma humana.

— Assim — disse eu —, em casos de esquizofrenia e outros distúrbios mentais, trata-se, usualmente, de trabalho de Lúcifer.

— Exato. A cura, por outro lado, é trabalho do anjo. Há algo mais. Anjos e demônios não estão em conflito. Eles parecem estar em conflito na consciência humana. Notei isso, mas seria audacioso demais fazer tal declaração abertamente. Na Natureza, não se vêem anjos e demônios brigando uns com os outros. Eles cooperam.

— Notei o mesmo — interveio Iacovos, pensativo. — Eles trabalham juntos.

— Eu acho — acrescentei — que se não fosse assim, isso teria implicado em haver dois Deuses, um bom e um mal.

— Certo — respondeu Daskalos. — Entretanto, observei que eles tomam posições diferentes no subconsciente do indivíduo, para nos permitir entender o significado do bem e do mal.

Nossa conversa sobre demonologia continuou por mais algum tempo. Eu quase havia me esquecido de que o que desencadeara a conversa tinha sido nosso inesperado visitante, o pequeno satanás, sentado

à minha direita. Presumo que ele deve ter se sentido bem, com toda a atenção que atraiu.

— Iacovos — disse Daskalos, de repente —, por que será que o nosso pequeno visitante está examinando o seu dedo do pé? Você acha que ele está pensando em tomar a forma da sua perna?

Nunca consegui descobrir se Daskalos tinha feito aquela última afirmação a sério, ou se estava brincando. Mas me senti, de alguma forma, aliviado por ter seu sentimental amigo deixado o meu lado e ido examinar Iacovos!

Curas

Aos poucos, meus parentes e amigos ficaram sabendo da minha amizade com Daskalos, apesar dos meus esforços para mantê-la sob certo segredo. No entanto, o crescente conhecimento, por parte de um círculo cada vez maior de pessoas, da natureza da minha pesquisa, surtiu um inesperado efeito positivo. Uma dessas conseqüências foi o papel que, cada vez mais, eu representei como ligação entre Daskalos e as pessoas que procuravam seus serviços. Eu tinha representado este papel com tal freqüência que já estava começando a aceitá-lo como parte das minhas atividades rotineiras em Chipre. Devo confessar que eu gostava muito disso. Se os outros não soubessem o que eu estava fazendo, talvez alguns dos mais importantes casos que presenciei não tivessem acontecido, o que teria prejudicado a pesquisa propriamente dita.

Um desses casos foi a cura de uma mulher que sofria da coluna e que ficara completamente paralisada durante várias semanas. Isso aconteceu em meados de 1981. Eu tinha acabado de voltar à ilha, depois de uma ausência de dois anos, durante a qual tentara, tanto quanto as obrigações acadêmicas me permitiam, organizar minhas anotações. Como em casos anteriormente descritos, fui procurado por um amigo, que me pediu para perguntar a Daskalos se ele poderia visitar esta paciente na casa dela. Disseram-me que seria muito difícil trazê-la à casa de Daskalos porque ela estava presa à cama. Qualquer movimento causava-lhe dores lancinantes. A paciente já havia consultado todos os principais médicos da ilha e não conseguira nenhum alívio. Além disso, ela tinha passado algum tempo num hospital israelense, sem conseguir melhora alguma. Seu problema de coluna piorava. Neste ponto desesperador alguém lembrou de recorrer aos serviços de Daskalos.

Quando telefonei para Daskalos, ele se prontificou a visitar a mulher naquele mesmo dia. Fui de carro até Strovolos junto com a nora da paciente. Pegamos Daskalos e, em quinze minutos, chegamos à casa da paciente. Era uma casa agradável; havia um jardim com as plantas comuns, abundantes em Chipre: jasmins, roseiras de todas as cores, limoeiros e uma grande parreira, que proporcionava uma sombra gostosa. A família parecia estar bem de vida. Fiquei sabendo, mais tarde, que o marido da paciente era um bem-sucedido homem de negócios, importador de equipamentos eletrônicos.

Além do filho da paciente, que estava de visita à ilha, duas parentas estavam na casa. O rapaz estudava numa universidade da Nova Inglaterra. Daskalos parecia de bom humor, como muito freqüentemente acontecia, apesar dos seus próprios problemas pessoais. Instantes antes de entrarmos no quarto, Daskalos ficou olhando, durante algum tempo, para uma pintura pendurada na parede, do lado de fora do quarto da paciente. Era uma reprodução de São Jerônimo de El Greco. Daskalos identificou a pintura e falou de sua admiração. Então, entrou no quarto. A mulher aparentava uns cinqüenta anos, e tinha uma aparência distinta. Fiquei sabendo mais tarde que falava francês e inglês fluentemente.

— O que há com a senhora? — perguntou Daskalos, fingindo surpresa. Seu tom brincalhão “quebrou o gelo”, e a mulher, com um sorriso nos lábios, disse que suas vértebras safam do lugar constantemente, e que os médicos não conseguiam fazer nada. Disseram-nos que ela tinha feito tratamentos muito dolorosos, tanto em Chipre quanto em Israel, onde os médicos, literalmente, haviam torcido sua coluna para colocar as vértebras de novo no lugar. Seu estado, entretanto, não tinha melhorado. Na verdade, verificara-se uma gradativa piora. Disseram-nos que um famoso especialista aconselhara a ela que aprendesse a viver com as dores, uma vez que seu caso era incurável. Os médicos locais tinham dado o mesmo conselho.

Sem hesitar, e sem fazer outras perguntas, Daskalos pediu às duas mulheres presentes que a virassem de bruços e despissem da cintura para cima. Eu estava em pé, perto da porta, decidido a presenciar a tudo, tão de perto quanto possível. Daskalos, então, colocou suas mãos nas costas da mulher e começou a friccionar, massageando a coluna com suavidade.

— Não fique dura — mandou ele —, relaxe. Não vai doer. — Enquanto massageava a coluna da mulher para cima e para baixo, Daskalos olhou para nós e começou a fazer o seu diagnóstico do problema.

— É sério — ele disse. — Toda a coluna está fora de lugar. Suas vértebras estão completamente desarticuladas, e há muita porosidade. — Ele explicou que ia tornar os ossos moles e maleáveis, para poder colocá-los de volta no lugar certo quando, então, voltaria a solidificá-los.

— Venham ver — disse ele, depois de alguns minutos de massagem contínua. — Seus ossos estão completamente moles. Venham e experimentem com suas próprias mãos. — As duas mulheres que estavam ao lado de Daskalos e a nora da paciente se aproximaram e pressionaram os dedos. Infelizmente tive de me recusar a fazer o mesmo; afinal, nunca tinha visto a mulher antes e por isso me senti um pouco embaraçado com a idéia de apertar suas costas nuas. Mas notei o espanto nos rostos das outras que haviam aceito o convite de Daskalos. Mais tarde, elas me disseram que os ossos pareciam esponja.

— Agora — continuou Daskalos, como se estivesse dando instruções a um grupo de residentes na sala de operações —, vou colocar os ossos em seus devidos lugares. Depois disso, tratarei de solidificá-los de novo. Já desmaterializei os cristais. — Com uns poucos minutos mais de suave massagem, o tratamento terminou. Todo o processo demorou de vinte a vinte e cinco minutos.

— Agora a senhora está ótima — ele disse à mulher, plenamente confiante no que havia feito. — A senhora está completamente curada. Sua coluna está reta e todas as vértebras estão nos seus devidos lugares.

Para espanto de todos os presentes, a paciente saiu da cama e começou a andar, sem ajuda alguma e sem sentir dor nenhuma. Seu rosto iluminou-se de contentamento.

— Agora — continuou Daskalos —, abaixe-se algumas vezes. — Ela seguiu suas instruções com muita facilidade e sem nenhuma dor aparente. Esticou os cotovelos e, com uma expressão extática, suspirou de alívio. A atmosfera no quarto era de euforia. Daskalos parecia satisfeito, mas não especialmente impressionado com o seu feito. Ele o encarava como algo normal, exatamente como um obstetra após um parto bem-sucedido: um assunto de rotina.

A paciente caminhava agora pelo quarto livremente e se ofereceu para nos fazer café. Aceitamos, e sentamos na sala de visitas. Em poucos minutos o café estava pronto e Daskalos, entre uma piada e outra, bebeu-o com grande prazer. Ele gostava muitíssimo de café turco.

Antes de sairmos, Daskalos instruiu a senhora Katina, a paciente, sobre que alimentos ela deveria evitar. Ela ouviu com atenção enquanto Daskalos lhe fazia uma preleção sobre a nutrição apropriada.

— A senhora também deve — disse ele — tomar vitaminas do complexo B diariamente. E deve fazer exercícios simples, como abaixar-se e levantar-se, durante alguns minutos, todos os dias.

Quando estávamos prestes a sair, a senhora Katina correu até a porta dos fundos da casa e voltou trazendo o São Jerônimo de El Greco.

— Por favor — ela disse a Daskalos —, aceite isso como prova do meu apreço pelo que o senhor fez.

— Não, não — respondeu Daskalos, enfaticamente, gesticulando com a mão. — Muito obrigado, mas não temos permissão para aceitar dinheiro ou presentes.

— Por favor, aceite — insistiu a senhora Katina, e tentou colocar o quadro na mão de Daskalos. — Não é um presente, apenas uma prova do meu apreço.

— Daskale — intrometi-me, tentando salvar a senhora Katina da intransigência de Daskalos —, a senhora está certa. O senhor deve considerá-lo como uma prova de agradecimento e nada mais. Além disso, é só uma cópia.

Aparentemente, minha intervenção surtiu efeito, Daskalos meneou a cabeça e, relutante, pegou o quadro. Mas parecia não ter certeza de estar fazendo a coisa certa; murmurou para si mesmo que não deveria aceitar o presente. A senhora Katina, por sua vez, parecia imensamente satisfeita.

Mais tarde, naquele mesmo dia, logo depois de o marido, atônito, e os outros parentes terem tomado conhecimento do “milagre”, fizeram uma festa que durou até o começo da manhã. Enquanto isso, naquele mesmo dia, a senhora Katina, ela própria incrédula quanto à sua cura, fez uma visita ao radiologista. Para surpresa do médico, as chapas de raio X mostraram marcantes diferenças em relação às tiradas há apenas uma semana. Os novos raios X mostravam uma coluna normal.

Visitei a senhora Katina alguns dias depois. Ela me pareceu gozar de excelente saúde, sem traço algum de sua moléstia anterior. Era difícil imaginar que esta mulher não pudesse nem ao menos se sentar na cama antes de Daskalos chegar. A senhora Katina mostrou-se muito ansiosa para falar comigo sobre sua história médica e sua experiência com Daskalos.

— O que a senhora sentiu — perguntei — quando Daskalos a tocou?

— Senti algo muito estranho ao longo da coluna — disse ela. — Foi como se uma corrente elétrica, ou pequenas formigas estivessem subindo e descendo pela minha coluna. A princípio, fiquei tensa porque tinha em mente a dor que sofrera antes com as torções na minha coluna, e temia sentir o mesmo de novo. Quando Daskalos percebeu o meu medo, ele me pediu para ficar solta.

Eu estava curioso para descobrir até que ponto a senhora Katina acreditava que Daskalos poderia curá-la. Queria saber se o elemento auto-sugestão havia desempenhado algum papel em seu miraculoso restabelecimento. Por isso perguntei se ela tivera algum contato anterior com Daskalos.

— Sim, tive, há muitos anos. Fui até ele quando meu filho, que naquele tempo estava com dois anos de idade, tinha espinhas no corpo inteiro. Fomos a muitos especialistas, seguimos todos os tipos de dietas, usamos todo tipo de unguento. Nada. Até que um amigo nosso nos levou até Daskalos. Assim que olhou para o meu filho, ele disse que não havia nada de errado com ele. Explicou que o menino era alérgico a leite e aos doces que comia. Pare com ambos, recomendou ele.

— Ele disse isso só de olhar a criança? — perguntei.

— Sim, só de olhar para ele. Voltei ao médico e contei a ele. O médico disse: “Por que não tentamos?” Paramos de dar leite e doces e, em quatro dias, as espinhas tinham desaparecido. No quinto dia, o médico sugeriu: “Vamos dar leite de novo e ver o que acontece.” Em dois dias as espinhas haviam voltado. Então, suspendemos definitivamente o leite e as espinhas desapareceram.

— Procurei outra vez Daskalos — continuou ela —, quando minha mãe ficou doente, com leucemia. Nem sabíamos que era leucemia. Ela já tinha a doença há um bom tempo. Seu baço aumentou tanto que fez com que um rim parasse de funcionar. Nada puderam fazer por ela em Chipre porque, naquele tempo, não havia especialistas na ilha. Os médicos nos aconselharam a mandá-la para a Grécia ou para a Inglaterra. Fui ver Daskalos quando minha mãe já estava na Grécia. No instante em que pegou a foto da minha mãe ele me disse: “Sua mãe sofre do baço. É o baço que cria os glóbulos brancos.” Ele falou para eu não me preocupar. Aqui em Chipre, os médicos não nos haviam dado esperança. Explicaram que o número de glóbulos brancos era 187.000. O

normal é variar entre 8.000 e 10.000. Daskalos disse: "Sua mãe vai passar por um tratamento em Atenas e vai voltar." E foi exatamente o que aconteceu. Ela viveu mais oito anos, então, sofreu um choque psicológico quando meu cunhado ficou doente. Mais uma vez, o baço dilatou muito rapidamente. Nós a levamos de novo para a Grécia para tratamento, mas os médicos de lá nos disseram que nada poderiam fazer. Voltei a procurar Daskalos. Ele me disse: "Sinto muito. Acho que este será o seu fim." Ela morreu em dois dias. Tudo o que ele me falou aconteceu.

— Então — comentei —, quando Daskalos veio aqui, naquele dia, a senhora acreditou que ele tinha o poder de curá-la? — A senhora Katina hesitou por um instante, enquanto ponderava sobre a minha pergunta.

— Na verdade, não posso dizer que eu tenha acreditado por completo, porque quando mencionaram o nome dele, eu presumi que fosse bom apenas para fazer diagnóstico, não sabia que ele fazia curas também. Então disse a mim mesma: "O que tenho a perder? Vamos tentar e ver o que acontece. Por que não pensei nele antes?"

A senhora Katina trouxe as radiografias e as examinamos juntos. Perguntei se poderia ficar com elas por alguns dias. Ela tinha tanta certeza de que sua provação havia acabado que me deixou ficar com elas; além disso, me deu todas as fichas médicas referentes à sua enfermidade. Prometi devolvê-las, para o caso de ela algum dia precisar. Que eu saiba a senhora Katina não teve recaída. A última vez que a vi foi na casa de Daskalos, um mês depois da cura. Ela trouxe uma amiga, que também sofria de um problema na coluna. Embora eu não tivesse sido testemunha ocular deste episódio, fiquei sabendo que Daskalos também a curou. Era uma inglesa que estava impossibilitada de coordenar seus movimentos e que não conseguia andar ereta. Mais uma vez, os médicos não haviam conseguido resolver o problema, apesar de ela ter sido submetida a diversas operações.

Eu havia testemunhado antes um caso parecido, de uma cura feita numa mulher de setenta anos. Os médicos haviam desistido de curá-la, como no caso da senhora Katina. Mais uma vez, o contato com Daskalos foi feito por meu intermédio. Como a paciente não podia andar, tivemos que carregá-la nos braços. Depois da cura, ela começou a andar à vontade, sem nenhuma ajuda. Embora o restabelecimento completo, declarou Daskalos, fosse impossível devido à idade avançada, oitenta por cento do problema foi resolvido. De uma paralisia quase total, ela agora podia até nadar na praia.

Tais fenômenos de cura, embora bem documentados, costumam ser ignorados pelos cientistas. Não parece haver nenhuma teoria científica disponível para explicá-los ou rejeitá-los. Comecei a entender que o que tinha observado no caso da senhora Katina não poderia ser entendido dentro das estruturas científicas existentes. Por exemplo, o elemento auto-sugestão não parecia ser um componente poderoso e determinante em sua repentina recuperação.

Estudiosos de cura não-médica argumentavam que tais fenômenos poderiam ser mais bem explicados como uma forma de sugestão e auto-sugestão, operando nos limites de uma estrutura cultural comum de entendimento e crença, partilhados pelo terapeuta e seu paciente. A maioria das pessoas que fazem curas, tradicionalmente ou pela fé, costuma operar dentro de um ambiente cultural de apoio, e as cerimônias de cura são carregadas de drama e emoção. Daskalos agia mais como uma pessoa independente dentro do ambiente cultural, que estava longe de ser de apoio ao seu trabalho e à sua visão do mundo. Muitas vezes, os próprios pacientes escondiam de amigos e parentes suas visitas ao "Mago de Strovolos". Daskalos, certa vez, queixou-se para mim de que, às vezes, sentia-se como se estivesse arando um terreno rochoso e árido.

No meu ponto de vista, o caso da senhora Katina era excepcional, não apenas devido às circunstâncias de sua repentina cura, mas, e o mais importante, porque eu tinha em minhas mãos a ficha médica e os raios X. Era o tipo de prova empírica que poderia minar até o mais devoto ceticismo. Achei que o caso da senhora Katina poderia ser classificado entre aqueles poucos exemplos de Jerome Frank, uma autoridade em curas não-médicas, como "verdadeiramente miraculoso".

Em seu *Persuasion and Healing* (Persuasão e cura) ele argumenta que alguns indivíduos parecem ter o dom de curar, o que desafia a explicação científica. Também afirma que não se deve descartar, por serem as provas numerosas, a possibilidade de algumas das pessoas que fazem curas servirem como uma espécie de canal para uma força curativa do Universo, às vezes chamada de "força de vida". Devido à falta de melhor termo, Jerome Frank propõe que ela seja chamada de "sobrenatural".

Encontrei Daskalos, no dia seguinte à minha conversa com a senhora Katina, durante uma das suas costumeiras reuniões com os alunos. Por coincidência, o assunto era cura e o papel da psicoterapia.

— Toda doença — começou Daskalos após a curta oração — é o resultado de problemas psiconoéticos. Podemos pensar no efeito dos vírus. Como a ciência médica demonstra, microorganismos e vírus existem em abundância no corpo de todos os seres humanos. Por que, então, somos alguns mais imunes a esses organismos, enquanto outros são tão vulneráveis? A energia etérica usada para manter o corpo em equilíbrio diminui consideravelmente quando vibramos de forma não-apropriada. Uma certa quantidade de vibrações etéricas, digamos, cem, é necessária para que o Espírito Santo crie células, tecidos e vários órgãos do corpo material. Nossa energia etérica fica debilitada quando nossos desejos e pensamentos são tais que criam em nós vibrações de ansiedade, depressão, teimosia, raiva, ódio e outras emoções desse tipo. Portanto, podemos ter apenas oitenta ou sessenta unidades das cem que em tese precisamos como vitalidade etérica, para conservarmos o corpo em equilíbrio. Automaticamente, notamos que as partes mais sensíveis do nosso corpo começam a manifestar a falta do suprimento adequado de vitalidade. Quando um indivíduo recebe quantidade suficiente de energia etérica, através de nutrição apropriada, da respiração e do modo de vida, sua personalidade deveria gozar de perfeita saúde. A aura de tal indivíduo se projeta por uma grande área e, muitas vezes, é absorvida por aqueles que dela precisam. Tais indivíduos se beneficiam com a simples presença de um Pesquisador da Verdade.

— Provavelmente, temos consciência de que certas pessoas geram em nós vibrações positivas, enquanto outras tendem a gerar o oposto. A alegria que sentimos na presença de certas pessoas é o resultado do abundante fornecimento de energia etérica que delas emana. Outras, que têm falta de vitalidade, a retiram do nosso reservatório, ou energia etérica. Um Pesquisador da Verdade que queira ser útil, deve manter sua aura clara e brilhante. Mesmo quando ele se sente exaurido por outro ser humano que absorve a sua vitalidade, não deverá rejeitá-lo. Estas são as pessoas que mais precisam da nossa energia.

— É a vitalidade etérica que nos mantém com boa saúde, e devemos estar prontos a dá-la àqueles que dela necessitam. Quando rezamos a Deus e pedimos “o nosso pão de cada dia”, na realidade estamos pedindo o éter que dá a vida. Não rezamos pelo pão. A vitalidade etérica é necessária não apenas para manter o corpo material com boa saúde, mas também para manter nossos corpos psíquico e noético. — Houve

uma pequena pausa, enquanto Daskalos esperava pelas perguntas dos presentes.

— Qual é o papel da oração — perguntou alguém — como uma preparação para a terapia?

— Não estou subestimando a importância da oração. Pode ser que seja um método de autoconcentração, para que o terapeuta entre num estado de espírito que lhe permita ser útil. No meu caso, basta-me pensar: “Seja feita a Vossa vontade. . .” e fazer a terapia. Entretanto, um Pesquisador da Verdade deve rezar ininterruptamente. O seu próprio pensamento precisa ser uma contínua ação de graças ao Absoluto. Todas as suas ações devem ser uma expressão da oração. Era isso que São Paulo tinha em mente quando advertiu que deveríamos “rezar incessantemente”. O psicoterapeuta, Pesquisador da Verdade, deve rezar incessantemente pelas suas ações, pensamentos e sentimentos. Quando estamos afinados com o Divino, não precisamos gastar nosso tempo rezando antes de fazer uma terapia. Prestem atenção! A prece real não é feita com palavras. Por si só, as palavras nada valem. É a ação e a prontidão para ser útil que contam. Quando prometemos, como Pesquisadores da Verdade, passar alguns minutos, todas as noites, fazendo auto-análise, isso não é uma forma de oração? Nossa auto-análise, entretanto, não deve ser acompanhada de tendências masoquistas e sentimentos de culpa. No instante em que um Pesquisador da Verdade se sente culpado ou pecador, ele não está em condição de ajudar aos outros. Estou lhe dizendo que tais tendências masoquistas que vemos em muitas pessoas supersticiosamente religiosas nada são além de uma forma de doença mental. Durante nossa auto-análise, devemos ser capazes de identificar tais tendências e erradicá-las. Devemos usar nossa razão e lutar contra tais ilusões e preconceitos. Porque se você, como personalidade atual, não alcançar um tal estado de equilíbrio na vida, como espera ajudar a um ser humano atormentado, que vive num caos de desespero e ilusão? Nosso trabalho, como terapeutas, não é só no duplo etérico do corpo material. Também deveríamos estar prontos a aliviar a dor que existe no nível psiconoético.

— Muitas pessoas que fazem curas presumem que podem ajudar apenas um certo número de pessoas por dia. Acreditam que sua energia etérica seja limitada e que possa se esgotar. Isso não passa de uma ilusão. Elas, simplesmente, criam, através da auto-sugestão, um elemental que obstrui seu caminho para a cura. Eu lhes asseguro que, quanto mais

peessoas ajudarem, mais se encherão de vitalidade, pressupondo-se que tenham amor no coração.

Daskalos afirmou que um clarividente pode “ver”, na aura da pessoa, onde existe uma deficiência de vitalidade. Com concentração apropriada, a pessoa que faz curas é capaz de preencher o espaço no duplo etérico do paciente que apresenta a deficiência. Dizem que uma pessoa que faz curas pode ver tal deficiência no duplo etérico do paciente, mesmo que o problema ainda não tenha se manifestado no nível da matéria densa. Em conseqüência, torna-se possível prever e evitar a manifestação de uma doença física. Um problema pode aparecer na aura de um paciente em perspectiva muito antes de se manifestar no corpo material. Daskalos, então, relembrou uma experiência com um sufi que viera a Chipre para vê-lo.

— Estávamos conversando na minha sala quando ele interrompeu a conversa e disse que havia um gato lá fora, na rua. Ele se concentrou e, com seu pensamento, trouxe o gato para dentro da soleira da porta de casa. Então, com um movimento brusco de sua cabeça, fez com que o gato caísse morto. Protestei e exigi que me explicasse porque havia matado o pobre animal. Ele explicou que tinha visto, na aura do gato, uma perigosa doença infecciosa. Matando o gato ele evitara a disseminação da doença. Admiro este sufi. Aprendemos muito um com o outro.

Perguntei a Daskalos se ele podia afirmar, de antemão, se um caso específico seria curável ou não. Estava curioso com relação a isso por causa das suas curas bem-sucedidas. Queria saber se ele iria afirmar que podia prever se o Karma de um paciente permitiria a cura e, então, agir de acordo. Não me lembro de nenhum caso no qual Daskalos tivesse intervindo sem que, pelo menos, obtivesse um sucesso parcial. No caso da senhora Katina, por exemplo, tive certeza de que ele sabia, de antemão, que ela andaria naquela mesma manhã. Em outras ocasiões, Daskalos simplesmente afirmava que o caso não tinha esperanças, mas que, mesmo assim, iria tentar. Via de regra, suas previsões estavam certas em ambos os casos.

— Você deve sempre ter em mente que toda a cura pressupõe sintonia com o Espírito Santo. Somos, simplesmente, o canal do Plano Divino. O sucesso não está em nossas mãos. O Pesquisador da Verdade deve, portanto, sobrepujar a tendência egoísta de esperar que a cura se processe toda vez que ele imponha as mãos sobre um paciente. O que podemos fazer é tentar ajudar e prosseguir com nossas obrigações e res-

ponsabilidades. Ocasionalmente, pode-se testemunhar fenômenos de cura capazes de balançar estruturas. O simples fato de impor as mãos sobre um ferimento, por exemplo, pode acelerar o processo de cura e fazer sarar o ferimento em questão de segundos. É possível, entretanto, que não nos seja permitido fazer a mais elementar cura. Conseguir uma cura é mais natural que o contrário. É mais fácil obter um sucesso satisfatório porque é o desejo do Absoluto e do Espírito Santo. Quando a cura não acontece, isso quer dizer que há um débito kármico que não pode ser sobrepujado.

— Não é possível saber, deste o começo, se o Karma vai permitir uma cura e então agir? — atrevi-me a adiantar.

— Não, não é permitido. Como já expliquei, a decisão sobre a cura está além do nosso poder. Nós, como terapeutas, devemos sempre estar prontos a oferecer nossa energia etérica para ajudar a alguém que esteja precisando. Apenas através do nosso simples desejo de ajudar criamos automaticamente um elemental terapêutico que permanece na aura do paciente. Ele pode não perceber um resultado imediato, mas o elemental permanecerá em sua aura. O débito kármico poderá ser superado a qualquer momento, no futuro. Quando isso acontecer, o elemental será ativado e haverá a cura. Por esta razão, não importando quantas vezes o paciente venha até você para obter ajuda, não se deve recusar nunca. Devemos estar prontos para repetir o mesmo trabalho, sem, absolutamente, nos preocuparmos se a terapia vai ser bem-sucedida ou não. Em nossa prontidão para ajudar as pessoas, proporcionamos energia etérica extra, que fortifica o elemental terapêutico que está na aura dele. Nunca um terapeuta com um genuíno desejo de ajudar outro ser humano, deixou de fazê-lo, física ou psiquicamente.

— Os incrédulos diriam que a cura só se dá porque o próprio paciente acredita na pessoa que faz a cura, e que a cura é o resultado de poderosas sugestões e auto-sugestões. Como o senhor vê isso? — perguntei de novo.

— Eles estão certos até certo ponto. A sugestão e a auto-sugestão são, muitas vezes, condições necessárias para levar à cura. Afinal, o novo estado de saúde é o produto dos nossos pensamentos e emoções. Eu estou enfrentando agora grandes dificuldades para ajudar a um policial que teve poliomielite há vinte e cinco anos. Suas fantasias, que costumam tornar-se auto-sugestão prejudiciais, minam seu bem-estar

físico. Nos encontramos todas as semanas mas, não importa o que eu possa criar, ele destrói, com o seu gênio mau. Tento inculcar nele que tal atitude queima a sua energia etérica e impede a cura. Ele duvida que possa ficar bom rapidamente. A dúvida funciona como uma forma de auto-sugestão negativa que retarda o seu restabelecimento.

— Deixe-me, agora, comparar o caso dele com o de um fazendeiro analfabeto. Ele me contou que um dia, enquanto guiava o seu trator, foi atingido por algo ruim. Como resultado da sua sugestão negativa auto-induzida, ficou parálítico. Os médicos diagnosticaram o problema como esclerose múltipla. Bobagem. Sempre que não conseguem encontrar a causa real de um problema, eles inventam uma palavra e fica por isso mesmo. Este homem ficou numa cadeira de rodas por três anos, transformando-se numa ruína psicológica. Ele tinha cinco filhos para criar e seu irmão, que se apossou do trator, lhe dava muito pouco dinheiro. Finalmente, este fazendeiro se rebelou. Uma noite, enquanto dormia, seu subconsciente entrou em contato com o meu. Em sonho, ele viu um rosto e ouviu uma voz, que insistiam que ele fosse até o “Mago de Strovolos”, o qual poderia curá-lo. Lembro-me de que era uma hora da manhã quando ouvi batidas na minha porta. Ele veio numa cadeira de rodas, acompanhado por sua mulher, pelo irmão e pelo filho mais velho. Ele me olhava insistentemente. “É o senhor”, ele disse com um olhar de estupor. “O que quer de mim?”, respondi. “Este filho da puta do meu irmão”, ele respondeu, “tem me explorado nos últimos três anos. Ele usa o meu trator e me dá migalhas. Quero trabalhar para o bem dos meus filhos. Quero subir no trator, como antes, e ir trabalhar. Quero lhe dar emprego, e não depender da sua caridade. Vou ficar bom. Sei que vou ficar bom. Foi por isso que vim aqui.” Ele estava cheio de confiança e entusiasmo que ia, de fato, ficar curado. Uma pessoa que faz cura não deve, nunca, permitir que tal oportunidade se perca. Então eu disse: “Claro que vai ficar bom. Você pode me dizer como? Eu sei, mas também quero que me diga.” “Chegue perto”, ele disse. “Ponha sua mão esquerda sobre o meu ombro e a outra mão embaixo dele e me mande ficar em pé.” Sem perder um único instante, fiz exatamente o que ele me pediu para fazer. Quando eu disse: “Fique em pé e ande”, ele levantou da cadeira de rodas e começou a andar. Deu uns poucos passos em direção ao irmão e lhe deu um soco no joelho. “Agora estou andando, seu filho da puta”, ele disse. “Amanhã vou pegar

o trator.” Olhou para mim e perguntou: “O que quer que eu faça agora?” “Escute, amigo. Esta noite, antes de ir se deitar, quero que vá à igreja e acenda uma vela na frente da Imagem da Virgem Sagrada e da de Cristo.” “Por que preciso fazer isso?”, ele perguntou surpreso. “Porque Eles o fizeram sarar”, expliquei. Prefiro que sua fé repousasse em algo além do humano, além de mim, em algo transcendental. Seria benéfico para o seu subconsciente. Na verdade, esta é a Realidade. No dia seguinte, ele subiu no trator. Tem estado trabalhando há três anos, sem nenhum problema. Onde está a esclerose múltipla? — concluiu Daskalos com ironia.

— É possível curar alguém que não acredita, ou que tenha dúvidas? — perguntei.

— Sim, pressupondo-se que seu subconsciente não interfira. Prefiro que tal pessoa não esteja ciente da minha tentativa para curá-la. Quando se está com um estado de espírito sossegado e receptivo, pode-se ter influência sobre ele da mesma forma que o Espírito Santo tem influência sobre seu corpo ao curar um ferimento. Você vai aprender que, como regra, aqueles que sofrem não o ajudam em nada durante a cura. Na grande maioria dos casos, eles têm dúvidas. “Como pode ser possível?” é a primeira reação deles. Não lhes dê tempo para se perderem em tais dúvidas. Muitas vezes, você terá que fazer a cura sem que tenham consciência do que você está fazendo.

Daskalos mencionou que, quando um indivíduo não tem uma atitude receptiva, ele se fortalece com elementais que impedem que a energia curativa penetre em sua aura. Ele aconselhou seus alunos a, sempre que fizerem curas, se certificarem de que não haja incrédulos presentes porque, com seus pensamentos, tais pessoas criam elementais negativos capazes de interferir na cura. Por outro lado, pessoas com um estado de espírito cooperativo criam vibrações que podem ajudar na terapia da pessoa que se propõe a curar. Quando o psicoterapeuta tem poder suficiente, ele pode ser capaz de neutralizar elementais negativos, criados tanto pelo paciente quanto por aqueles que estão assistindo. É sempre melhor, entretanto, que o paciente fique num estado de espírito receptivo através de sugestões apropriadas, feitas pela pessoa que cura e por auto-sugestões por parte do paciente. Eu já sabia, àquela altura, de um episódio no qual Daskalos havia curado um aleijado por ele encontrado, casualmente, numa praia, numa cidade de veraneio.

Daskalos e Theophanis passavam o dia na praia. Enquanto tomavam sol, notaram um homem numa cadeira de rodas, olhando fixo para o horizonte. Aproximaram-se dele e começaram uma longa conversa. Depois de convencê-lo de sua capacidade de fazer curas, na praia mesmo eles conseguiram tirá-lo da cadeira de rodas. Seu problema terminou e ele foi para casa curado.

Daskalos, então, afirmou que para se tornar uma pessoa que cura com eficiência, é necessário nos tornarmos mestres nas diferentes propriedades do duplo etérico. A menos que se faça isso, ele disse, só se obtém sucesso limitado. Muitas pessoas que fazem curas não têm consciência do que fazem e, com freqüência, parecem comportar-se histericamente numa sessão de cura. Elas trabalham no escuro. Daskalos não descontou a importância da “fé cega” na cura. Mas nós, ele disse, como Pesquisadores da Verdade, precisamos saber o que estamos fazendo.

— Deixe-me contar uma experiência com uma mulher inglesa que fazia curas em Londres, e que me visitou recentemente. Ela estava presente quando alguém, que sofria de artrite aguda, veio me ver. Ela me pediu para deixá-la cuidar daquele caso. Eu disse: “Muito bem, vá em frente.” A mão do paciente estava inchada e seus dedos doíam muito. A mulher fechou os olhos e começou a mover a mão para cima e para baixo, de uma forma quase histérica. Talvez este fosse o meio de ela ganhar confiança e fé. “Saia, Daskalos”, ela me pediu, “porque vou sacudi-lo para tirar o mal.” Ela acreditava que estava “sacudindo” o mal para tirá-lo da mão dele. Ela conseguiu curar o homem. Depois que o paciente saiu, pedi a ela que me explicasse o que havia feito. “Removi o mal”, explicou ela. A mulher não tinha consciência de que, na realidade, através da propriedade cinética do éter, havia transferido energia etérica. Ela se colocou num estado semi-hipnótico, sem ter consciência disso. Talvez o paciente, que olhava boquiaberto, também estivesse semi-hipnotizado. “Por que você sacudiu sua mão?”, perguntei. “Oh”, respondeu ela, “eu tinha que jogar o mal fora.” “Para onde? No chão, no mármore?” Ela obteve êxito, mas não sabia por quê.

— Como Pesquisadores da Verdade devemos ter plena consciência do que estamos fazendo. Trata-se de um método de cura muito mais poderoso e eficiente do que esses métodos histéricos, que podem fazer com que fenômenos de cura aconteçam, mas, também, podem criar distúrbios desnecessários no subconsciente. A maioria das pessoas que

fazem curas, na Europa e em outros lugares, ignora a natureza e as funções do duplo etérico. Seu trabalho é feito pela fé cega. Por isso o sucesso na cura muitas vezes é limitado. Por exemplo, para ser capaz de curar uma coluna quebrada, deve-se saber não apenas como comandar as várias propriedades do éter, mas também aprender a anatomia humana. Ainda hoje, tratei os problemas na coluna de um paciente. Duas irmãs (alunas) estavam presentes e me ajudaram.

Aparentemente, Daskalos se referia a um outro caso semelhante ao que eu tinha testemunhado. As duas irmãs que ele mencionava estavam presentes na reunião e confirmaram.

— As vértebras desse paciente estavam fora de posição e ele sentia dores terríveis nas pernas. Em tal caso, o máximo que a pessoa que faz a cura poderia fazer seria, provavelmente, tirar a dor por alguns poucos dias. Seria muito difícil lidar com tal problema através da fé cega. Seria impossível colocar as vértebras nos devidos lugares, a menos que se soubesse, conscientemente, como usar a vitalidade etérica e se tivesse conhecimento da estrutura da coluna.

— Neste caso, através da propriedade de impressão do éter, poderíamos criar duas mãos etéricas e colocá-las dentro do corpo do paciente. Dominando a propriedade de sensação do éter, poderíamos, então, sentir nas pontas dos nossos dedos etéricos o problema da coluna e mover as vértebras para o devido lugar. Quatro mãos estão trabalhando agora, as mãos físicas fora do corpo e as mãos etéricas dentro dele.

Daskalos explicou que a energia etérica tem quatro propriedades que trabalham simultaneamente: a cinética, a sensorial, a de impressão e a criativa. A propriedade cinética é aquela que torna possível a capacidade de movimento, tal como o fluxo sanguíneo, batimento cardíaco, pulsação dos pulmões, movimento dos membros, metabolismo e assim por diante. A propriedade sensorial é a parte do éter que possibilita a existência de um senso de experiência, sentimentos e sensações. A propriedade de impressão permite-nos construir imagens noéticas, isto é, torna possível o pensamento em si, assim como os fenômenos tais como telepatia, telecinesia e exomatose. A propriedade criativa do éter é o que viabiliza a construção e a manutenção do corpo.

Daskalos continuou argumentando que, sem a propriedade criativa do éter, nenhuma terapia seria exequível. Ele aconselhou a todos os alunos a não se preocuparem por enquanto com esta propriedade do

éter; afinal, ela está sob a supervisão direta e o controle do Espírito Santo. Em vez disso, ele aconselhou a todos, e com veemência, se tornarem mestres, primeiro, nas propriedades de impressão, cinética e de sensação, da vitalidade etérica.

— Vocês devem comandar essas propriedades do éter exercitando a construção de imagens visuais vivas e poderosas, passíveis de serem aplicadas à terapia. No momento em que criam tais elementais benéficos, eles se tornam, automaticamente, carregados com as propriedades criativas do éter que são o campo do Espírito Santo e do Logos Cristo. Nos próximos quinze dias, gostaria que fizessem o seguinte exercício: fechem os olhos, e vejam, com seus olhos etéricos, que estão segurando nas mãos uma bola luminosa de luz branca, do tamanho de uma bola de tênis. Vocês estão, agora, praticando a propriedade de impressão do éter. Sintam-na em suas mãos. Ela está viva, e vibra com luminosidade. Isso irá treiná-los no comando do sentido de propriedade do éter. Vocês criaram um elemental de pensamento-desejo que pode ser usado em terapia a distância. Pensem numa pessoa que esteja sofrendo de alguma doença e enviem essa bola de luz, cobrindo todo o seu corpo. Vocês, agora, estão exercitando a propriedade cinética do éter. Quanto maior a sua capacidade de concentração neste elemental, maior o seu valor terapêutico. Automaticamente, o Espírito Santo encherá esta bola de luz com energia criativa.

Daskalos, então, argumentou que comandar a propriedade de sensação do éter é crucial para determinar o problema de um paciente a distância. Ao segurar uma fotografia, pode-se entrar em contato com o seu magnetismo e “sentir” as vibrações daquele indivíduo. Isso torna possível um diagnóstico do seu problema.

Isso encerrou a palestra do dia. Os gravadores foram desligados e todos na sala começaram a se apressar para sair. Eu tinha uma última pergunta, e os gravadores foram ligados novamente. Minha indagação era quanto ao papel das cores na terapia. Muitas vezes, Daskalos afirmara que a terapia a distância é possível, criando-se elementais de várias cores que podem ser enviados aos pacientes. Presumivelmente, para cada doença há uma cor apropriada, que quem faz a cura poderia projetar através do pensamento.

— As cores — perguntei — têm qualidades terapêuticas por si próprias ou elas propiciam efeitos terapêuticos porque a própria pessoa que faz a cura as dota de poderes curativos?

— Antes de mais nada, as cores não existem — respondeu Daskalos, de forma vaga. — Só há vibrações etéricas que nos dão a impressão de cores. Cor é também som, luz, movimento e um sem número de outras coisas.

— Quando eu digo, por exemplo, esta cor é vermelha, isso simplesmente quer dizer que meu olho absorve o estímulo desta frequência de vibração que incide numa parte do meu cérebro. A personalidade atual autoconsciente, então, interpreta o estímulo como cor vermelha. Tudo o que nos der as mesmas vibrações em nosso meio ambiente criará, para nós, exatamente esta sensação de vermelho. Tudo o que existe é o resultado de frequências de vibração, inclusive a composição da matéria.

— Temos observado que frequências de vibração específicas, e os correspondentes centros do cérebro, proporcionam certos resultados, digamos, tranqüilidade e calma. Então, chegamos à conclusão de que esta cor particular tem essas qualidades. Notamos, por exemplo, que há uma correspondência entre o sentimento de amor altruístico e aquela vibração que nos dá a impressão de luz cor rosa-claro. Se você me perguntar porque as vibrações que me dão a sensação de luz rosa-claro me acalmam, não sei responder. Não acredito que alguém possa responder a essa pergunta. Mas devo acrescentar: uma cor que acalme uma pessoa pode ter o efeito oposto em outra. Entretanto, podemos dizer que, em geral, uma cor como o rosa-claro tem um efeito calmante na maioria das pessoas. Mas, se pintarmos uma sala de rosa-claro e colocarmos lá uma pessoa muito nervosa, ela pode ficar mais nervosa ainda. Lembro-me de um casal que quase se divorciou porque a mulher pintou o quarto dessa cor. Por que a cor incomodou o marido? Eu sabia que, antes do casamento, ele se apaixonara por uma moça que costumava lhe oferecer uma perfumada rosa. Eles acabaram desmanchando o namoro. Assim, a cor rosa-claro, subconscientemente, o fazia lembrar da dor que ele sentira no passado.

— Respondendo à sua pergunta, portanto, devo acrescentar que, na realidade, não apenas as vibrações são responsáveis por certo efeito, mas também o modo como percebemos as coisas. Em termos gerais, entretanto, notamos que cores específicas têm um correspondente efeito na maioria dos indivíduos. Nas situações nas quais não se tem certeza sobre qual cor projetar, simplesmente envie para o paciente uma bola de luz branca. Esta bola pode envolver partes do seu corpo ou o corpo

todo. Quando lidamos com uma moléstia específica e sabemos qual a cor apropriada, usamos, então, essa cor. Por exemplo, em casos de anemia, poderíamos projetar, com nossas mentes, a cor rosa-claro ou laranja. Nunca mande o vermelho. O vermelho vai causar nervosismo, confusão e desespero. Nós também jamais devemos enviar a cor vermelha para alguém que sofra de pressão alta. Vermelho-escuro é permitido apenas para certas ocasiões, em pequenas doses. Em casos de câncer, projetaremos uma bola emitindo a cor violeta e a colocaremos dentro do centro do tumor. A manteremos ali até que ela destrua o tumor. Devemos, então, remover este elemental e destruí-lo. Como regra, é preciso saber que a cor branca é a mais segura para se usar em terapia. Nunca fazemos mal a alguém quando projetamos uma bola de vibrante luz branca.

Daskalos encerrou a aula recomendando que seus alunos praticassem os exercícios de meditação e, insistentemente, gastassem uns poucos minutos, todas as noites, fazendo auto-análise.

— Vocês devem matar qualquer traço de egoísmo em sua personalidade. — Aliás, este era um conselho que Daskalos repetia com grande freqüência.

Combinei encontrá-lo no dia seguinte para continuarmos a discussão sobre cura. Eu tinha muitas outras perguntas a fazer sobre o assunto, especialmente sobre o caso da senhora Katina. Daskalos estava sempre disposto a me dar “aulas particulares”.

Materialização e Desmaterialização

Fui visitar Daskalos às nove horas da manhã e o encontrei regando as plantas. Ele tinha provavelmente a coleção de cactos mais variada e exótica da ilha, da qual muito gostava. “Este cacto”, ele me contou com orgulho, “é da Amazônia; foi presente de um antropólogo amigo meu. Este é do Arizona, aquele da África. . .” Eu o seguia, ouvindo sua conferência sobre Botânica, mais especificamente sobre as muitas variedades e características dos cactos. “Este cacto”, ele disse, apontando para a criatura enorme, arredondada e ameaçadora, “pode machucá-lo se você o tocar, a menos que demonstre afeição por ele.” Daskalos, então, descreveu, com grande humor, como, um dia, levava o cacto a uma floricultura em busca de um nutriente especial para ele. A balconista o advertira para nunca tocar aquele cacto, porque ele tem vida e, no instante em que se encosta a mão, seus espinhos penetram na pele. Daskalos, deliberadamente, colocou o cacto na palma da mão, na frente da atônita florista, e o segurou por alguns minutos. Então, com voz suave, pediu à planta: “Deixe-me agora, minha querida.” O cacto se abriu e deixou Daskalos tirar a mão sem que nada acontecesse.

Depois de regar as plantas, sentamo-nos e comecei a fazer perguntas sobre a cura miraculosa que eu havia testemunhado.

— Você precisa entender — disse ele — que não há nada de milagroso naquele caso. Se o chamar de milagre, então toda vida deveria ser considerada um milagre. Eu, simplesmente, comandeí certas forças da Natureza e as apliquei com finalidades curativas. Tornei-me o canal através do qual aquela superinteligência, o Espírito Santo, age. — Daskalos, então, mencionou que o caso que eu havia testemunhado envol-

vera materialização e desmaterialização. — Materialização quer dizer armazenar e solidificar a substância pela qual a matéria é formada. Qual é esta substância? Os cientistas a chamam de energia, nós de vitalidade, os hindus de Prana. Por outro lado, desmaterialização quer dizer a transmutação de matéria sólida em energia ou vitalidade. É a liberação da vitalidade armazenada e solidificada. Os cientistas já sabem transformar a matéria em energia. Nós, místicos, temos nossos próprios métodos. Conseguimos tais feitos através do simples poder da mente.

— A materialização e a desmaterialização têm sido feitas em todas as épocas, em todos os cantos da Terra. Através dos séculos, os místicos puderam materializar e desmaterializar objetos. Encontramos casos assim na Bíblia, no Velho Testamento, nos livros sagrados da Ásia, da América, dos Astecas. . . Isso significa que tais fenômenos não são o resultado de fraude ou superstição. Eles são parte da Realidade. A maioria dos milagres de Jesus Cristo foram casos de materialização e desmaterialização. Num desses casos Ele utilizou a energia do universo e a solidificou, na forma de peixes e pão, para alimentar a multidão.

— Quando diz que Jesus utilizou a energia do universo, o senhor quer dizer do universo tridimensional?

— Não. Quero dizer de todos os universos. Não podemos confinar a energia à matéria invisível ou substância do mundo tridimensional. Porque até mesmo a matéria invisível pertence ao mundo tridimensional. Temos também o universo de quatro dimensões, cinco dimensões, seis e sete. O místico trabalha, com sua superconsciência, a partir dessas dimensões mais elevadas. Portanto, para nos tornarmos mestres em materialização e desmaterialização, precisamos nos desenvolver e nos tornarmos mestres da nossa superconsciência. Para afetar a matéria densa, precisamos agir a partir de uma dimensão mais elevada.

— O senhor quer dizer que para utilizar esta vitalidade e transformá-la em matéria sólida precisamos trabalhar a partir do mundo de quatro dimensões, ou mundo psíquico?

— Não exatamente. A vitalidade existe em todas as dimensões da Realidade. Pode-se consegui-la de todos os lugares e então transmutá-la em sólidos rígidos.

— Como?

— Deve-se começar a trabalhar a partir das dimensões mais elevadas e descer, através dos níveis mais baixos, até chegar ao plano da

matéria densa. Deve-se começar no mundo noético mais elevado, o mundo das idéias, leis, causas, o mundo dos númenos. Daí em diante, começa-se a diminuir as vibrações. Passa-se pelo mundo noético inferior, o mundo das imagens e das formas. Então, chega-se ao plano psíquico e, mais abaixo, à matéria sólida.

Daskalos mencionou que ele próprio trouxera esta capacidade das suas encarnações anteriores. Ele não a adquiriu na vida atual. Entretanto, o primeiro passo para dominar tais capacidades pressupõe aprender a se concentrar e a vencer o egoísmo.

— Deve-se deixar de lado a personalidade atual, expressada como egoísmo, e descobrir o eu real em seu interior. Ele também deve se tornar senhor do seu corpo material e da sua contrapartida etérica. É preciso aprender a trabalhar sobre o duplo etérico, que é a parte material invisível de si mesmo. O Pesquisador da Verdade precisa tornar-se senhor das várias propriedades do éter ou vitalidade, ou seja, a propriedade cinética, a propriedade dos sentidos, a propriedade impressora e a propriedade criadora, sendo esta última a mais difícil. Por exemplo, deve-se aprender a criar, através da propriedade impressora do duplo etérico, imagens noéticas. Isso implica aprender a transformar a vitalidade amorfa ou substância da Mente, que está em toda a parte, dentro dos universos, em formas de pensamento. A menos que se utilize com perfeição o pensamento, nada poderá ser feito. Isso significa, na verdade, dominar o poder de concentração. Se vamos materializar objetos, devemos, primeiro, construí-los em nossa mente e, através de concentração intensa e fixa, carregá-los com vitalidade etérica. Mas, com a menor distração, a materialização se desfaz. Devemos entender que a chave para dominar a matéria está na concentração.

— É a qualidade mais importante da mente — comentei. — Sem concentração não se pode conseguir nada nesta vida, e ponto final.

— Ótimo. Isso é especialmente verdadeiro em outras dimensões da existência e é um pré-requisito para se tornar um psicoterapeuta.

Daskalos, então, falou sobre as diferenças entre clarividência, exomatose e “expansão”, como as várias capacidades importantes do místico para fazer curas. Eu tinha tido a oportunidade de conversar com ele, numa ocasião anterior, sobre a clarividência e a exomatose, mas não sobre a “expansão”. Pedi esclarecimentos.

– Clarividência quer dizer receber vibrações de algum lugar que, então, são traduzidas como “visão”. Pode-se, por exemplo, perceber claramente algum evento que acontece em Londres. Tal evento é percebido como se fosse um programa de televisão transmitido em Londres. Clarividência quer dizer sintonizar-se às vibrações da luz noética ou astral, tornando possível a percepção de cenas de lugares distantes.

– Um místico mais avançado tem outros meios de obter informações. Ele pode se expandir no espaço. Tudo acontece dentro de sua consciência. Tudo o que ele recebe e percebe é a partir dele mesmo. Chamamos a isso de expansão.

– No que a expansão difere da exomatose? – indaguei.

– A expansão é uma forma de exomatose, mas de uma qualidade diferente. Na exomatose comum, um mestre transporta sua consciência para o lugar onde ele quer trabalhar ou ter experiências. Na expansão, entretanto, um mestre expande sua consciência e traz tudo para dentro de si. Embora possa cobrir certa extensão, ainda assim esta extensão está dentro dele próprio. Poderíamos chamar a isso de exomatose, na falta de um termo melhor, mas prefiro chamar de expansão. Em tal estado de consciência um místico pode receber vibrações, simultaneamente, de vários lugares, experimentá-las todas, senti-las todas, sem confusão. É uma forma de superconsciência.

– Clarividência, exomatose e expansão – explicou Daskalos – são capacidades e estágios diferentes no desenvolvimento do místico. Alguns místicos podem usar as três formas de experiência psíquica, outros a primeira ou a segunda. O mais difícil e o mais adiantado dos três estágios é a expansão. Afetar a matéria animada ou inanimada pressupõe o desenvolvimento do terceiro estágio de domínio psíquico.

Há muitos anos, Daskalos tentou, através da expansão, a transmutação de metais. Presumi que fosse uma espécie de alquimia, mas Daskalos disse que não.

– Eu queria transmutar em prata a aliança de casamento, de ouro vinte quilates, de minha mulher. Coloquei a aliança na mesa e, ao lado, um pedaço de prata, mais especificamente, uma moeda de dois *shillings*. Saí do meu corpo e desfiz a ligação entre o meu corpo psicoonético e o meu corpo material.

– Por que foi necessário fazer isso?

– Porque as vibrações criadas através da força da minha mente eram tão intensas que meu corpo poderia ter sido queimado. Por essa razão, precisei suspender, temporariamente, a comunicação entre o corpo material e o psiconoético. Além do mais, tive de abandonar o meu corpo psíquico e trabalhar apenas com o noético. Eu não tinha nenhuma necessidade de ir mais acima, porque ainda estava no mundo das formas e das imagens. Instalei minha consciência, através do meu corpo noético, dentro dos limites do anel e observei o comportamento dos átomos. Esta é uma forma de expansão de consciência, outra capacidade do místico. Ele pode sair do seu corpo, descansar na pétala de uma flor e percebê-la como um gramado, uma longa estrada ou um aeroporto. Pode tornar-se menor que um átomo, observar o seu comportamento, e, ainda assim, ser sempre ele mesmo, pleno e completo. Da mesma forma, ele pode se expandir dentro de uma cidade e saber tudo o que está acontecendo nela. Pode até se expandir dentro do sistema solar e além dele, não perdendo nada de si mesmo, não se tornando nem maior e nem menor. Não há medo, portanto, de se perder, de se tornar maior ou menor. Concentrar-se num grão de areia não é diferente de perceber, ou expandir-se, num planeta. Você entende, agora, o que está implícito quando se diz, na igreja, “em Seus Universos”? O Logos Pan-Universal é perfeito e completo em Sua superconsciência absoluta, tanto dentro de um grão de areia quanto dentro de uma galáxia.

– Quando entrei dentro da aliança, observei o comportamento dos átomos. Vi o núcleo do átomo com nitidez maior que qualquer instrumento científico jamais poderia me fazer ver. Reparei em tudo, na velocidade dos elétrons, seu número dentro de cada átomo de ouro e na distância que um tem em relação ao outro. Então saí do anel de ouro e entrei na moeda de prata. Fiz as mesmas observações e notei a diferença entre a estrutura atômica do ouro e da prata. Voltei à aliança. Através da minha força da mente e de concentração, pude rearranjar a estrutura atômica de um único átomo de ouro, para que ele ficasse igual ao da prata. Devido à transformação de um único átomo, uma reação em cadeia teve início e, afinal, todos os outros átomos se mudaram, na mesma direção. Então, entrei de novo na moeda de prata e mudei um átomo de prata em ouro. Acredite-me, não se faz isso através de fantasia. É através da observação, e do poder do pensamento criativo.

— Quando saí da aliança e voltei ao meu corpo, a aliança de ouro ainda era de ouro, e a moeda de prata ainda era de prata. Vários alunos estavam presentes durante a experiência. Eles me afirmaram que nada tinha acontecido. “Não”, insisti eu, “a aliança de ouro está, agora, virando prata. Esperem só um pouco.” Eles a pegaram nas mãos. Ainda era de ouro. Passaram-se alguns segundos e eu lhes pedi que a jogassem no chão e prestassem atenção no som produzido pela aliança. Eles seguiram as minhas instruções e, depois de repetir várias vezes, começaram a distinguir uma marcante diferença no som. A aliança de ouro aos poucos tornou-se de prata, nas mãos deles, e a moeda de prata transformou-se em ouro. No dia seguinte, as transformei, de novo, em seu estado original. Como vê, a transmutação do ouro em prata, ou vice-versa, é um estado temporário. No final, os metais transmutados voltam ao seu estado natural.

— Por que isso acontece?

— Não sei. Imagine que eu mantenha a aliança como prata. Num ano ou dois ela teria se transformado em ouro, novamente. Isso aconteceria porque ela obedece às leis do universo material.

— Mas o senhor não disse que estava trabalhando de acordo com as leis do universo?

— Exatamente. Neste caso particular, a lei quer dizer que, se você transmutar a prata em ouro ou o ouro em prata, eles, no final, vão voltar ao seu estado original. Por quê? Não tenho a menor idéia.

Daskalos acrescentou, bem-humorado, que alguém que ele conhecia, depois de saber da experiência, bateu à sua porta, trazendo consigo várias barras de chumbo. Ele queria que Daskalos as transformasse em ouro. Daskalos ficou bravo e mandou o homem embora.

— Em outra ocasião — continuou Daskalos —, eu queria fazer experiências com a substância viva e transmutá-la em substância inanimada. A partir do momento em que isso for feito, a matéria viva não poderá voltar à sua forma original. Por exemplo, se uma planta for transformada em bronze, ela jamais poderá voltar a ser um ser vivo. Ela ficará sendo bronze. Peguei um galho de oliveira e uma pequena roseira. Coloquei ao lado deles um pedaço de bronze, uma moeda de uma piastra. Segui o mesmo método utilizado antes. Quando acordei, o galho de oliveira era um galho de oliveira e a roseira ainda era uma roseira. Mas, em minutos, eles se transformaram em bronze. Eu

havia transformado matéria viva em matéria inanimada. Na verdade, claro, não há matéria morta. Estritamente falando, toda a matéria é viva. Tudo o que existe e vibra está vivo.

— Alguns dias depois, um dos meus alunos veio me visitar. Ele ensinava Física no ginásio. Minha mulher, que tinha o hábito de falar demais, contou-lhe o que havia acontecido e mostrou-lhe as folhas que tinham sido transformadas em bronze. Ele não perdeu tempo. Comprou uma passagem de avião e foi para Atenas, à universidade, procurar um professor universitário de Química. Levou as folhas com ele, e explicou ao professor o que havia visto e ouvido. O químico respondeu: “Seu mestre é um bom hipnotizador e um ilusionista, e o fez ver o que ele queria que você visse.” O tal professor achava que tinha em mãos a prova para desmascarar um charlatão. Resolveu fazer testes com as folhas; afinal, se seus testes comprovassem que se tratava de clorofila transformada em bronze, então isso significaria que as folhas eram verdadeiras. Caso contrário, elas provavelmente não eram mais do que o trabalho de um bom artesão. O professor ficou chocado ao descobrir que as folhas eram verdadeiras. Ele veio a Chipre me ver. “Senhor”, ele disse, “em nome da ciência, exijo uma explicação.” “E eu, senhor”, respondi, “vou levá-lo até a porta e pedir-lhe que saia.”

— Por que fez isso, Daskale? — protestei.

— “Você é cego em sua mente”, eu disse a ele. “Apesar de seu orgulho e fama, não consegue ver a relação entre este fenômeno e o Divino.”

— O senhor poderia tê-lo persuadido com seus argumentos — eu insisti.

— Ele teria elaborado outras explicações e idiotices. “O que Deus tem a ver com isso?”, ele disse. “Se o senhor não entende o que é a vida”, respondi, “não posso lhe explicar o que aconteceu.” Eu poderia ter-lhe dado uma explicação que ele, muito provavelmente, teria entendido errado e descartado como bobagem. Não gostei nem um pouco da sua arrogância e afetação.

— O senhor não me disse, há algum tempo, que preferia discutir tais assuntos com ateus racionais e bem-intencionados do que com fanáticos religiosos?

— Com ateus bem-intencionados, sim. Ele não era isso; era um ateu fanático, como um fanático religioso, e não estava em condição

de entender. Não poderia tê-lo convencido da existência de Deus, mesmo se lhe tivesse mostrado Deus, frente a frente. “Não me fale sobre Deus”, ele disse. “O que quer dizer Deus? Há mistérios sobre as propriedades da matéria que, no final, serão explicados pela ciência. Tudo o mais é coincidência. É como se um vidro se quebrasse sozinho e nós não soubéssemos porque ele se quebrou.” Já que ele não era capaz de entender, não poderia perceber a natureza das leis em vigência. Ele era cego. Deveria, por si mesmo, ter chegado ao entendimento da realidade de Deus, depois de estudar o fenômeno. Se ele fosse uma pessoa que veio a mim, não com humildade em relação a mim, mas em relação ao fenômeno por ele testemunhado, eu o teria ajudado a entender. Não poderia exigir que ele aceitasse um Cristo que nasceu num estábulo com cavalos, ou que abraçasse uma forma supersticiosa de religião. Tampouco esperava que ele acreditasse num Deus antropomórfico, entronado nas nuvens. Mas, levando-se em consideração o que ele tinha visto, eu esperava que ele estivesse aberto à possibilidade da existência de uma inteligência absoluta, por trás do mundo fenomênico. Por isso tive de mandá-lo embora. Não se pode convencer as pessoas sobre a realidade do Absoluto com fenômenos. Um místico deveria evitar demonstrar os seus poderes. Os mágicos, através de truques, podem repetir o que um mestre faz. Mas nenhum mágico pode curar uma ferida, remover um tumor ou “consertar” uma coluna quebrada. Não há sentido em se aproximar de uma pessoa, a menos que ela tenha chegado a um certo estágio na sua evolução espiritual, quando a própria pessoa sente a necessidade de saber a Verdade. Quando as pessoas chegam àquele estado de consciência, elas vêm até você. Não se deve procurar as pessoas e implorar que bebam um copo d’água. Quando tiverem sede, elas pedirão. Não há necessidade, portanto, de explicar tais fenômenos às pessoas que não tenham outra motivação além da simples curiosidade. Os que são apenas curiosos, eu mando embora. Os que têm um verdadeiro interesse pelo conhecimento, eu tomo pela mão e os guio até os mistérios, de acordo com suas capacidades e seu nível de entendimento.

Continuamos a nossa conversa, depois de um intervalo de meia hora, durante o qual Daskalos deu conselhos a alguém, por telefone. Perguntei a ele se o caso da senhora Katina tinha envolvido alguma forma de materialização e desmaterialização.

— Foi isso — ele respondeu —, e algo mais.

No caso dela, Daskalos usara suas mãos etéricas para desmaterializar ossos excessivamente pequenos (exostose), que haviam se acumulado ao redor da espinha, causando grande dor.

— Ao criar as mãos etéricas, pude sentir aqueles ossinhos e, então, desmaterializá-los. Também tive de criar um novo osso porque, como você deve ter visto no raio X, a coluna dela estava cheia de porosidades, em diferentes pontos. O osso estava se desfazendo. Através da materialização, criei ossos sólidos, uma forma de matéria viva.

— Antes de fazer esse tipo de materialização, o senhor precisou ter uma visão exata do que criar? — perguntei.

— Sem dúvida nenhuma. Primeiro vi, através da pele, qual era o problema. De que modo, você pode perguntar, eu vi? Usando os meus olhos? Não. Se eu quiser, posso ver o interior do seu corpo com os olhos fechados. Posso me expandir, entrar dentro do paciente e ver tudo naquela pessoa, de todos os lados, ao mesmo tempo. Posso fechar os olhos, por exemplo, tocar o seu lado com a minha mão e examinar as condições do seu fígado. Será que as moléculas da minha mão são olhos capazes de ver? Não. Ainda assim, posso ver através do corpo do paciente, ou do corpo de qualquer pessoa, em qualquer lugar que me concentre.

— Cada molécula do seu corpo se torna um olho — acrescentei.

— Exatamente! Mas não é só isso. Posso concentrar meus olhos e entrar dentro de você. Posso me expandir nesta sala, e tudo o que estiver aqui, estará dentro de mim, e posso observá-la em mim de todos os lados. As pessoas vêm até mim e me contam seus problemas. Elas se sentam numa cadeira à minha frente, falam, e eu escuto. Enquanto assim fazem, eu me expando. Trago-as para dentro de mim, para sentir e observar qualquer coisa que queira no interior dos seus corpos e descobrir quais são os problemas delas. Foi exatamente assim que curei o seu amigo.

Stelios, um grande amigo meu, sofrera um acidente de automóvel que quase lhe custou a vida. Quando fui visitá-lo, junto com Daskalos, ele já havia saído do hospital, e estava se recuperando em casa. Queixava-se de dores contínuas do lado direito, abaixo do umbigo. Enquanto Stelios explicava o problema, Daskalos parecia focalizar seus olhos nele. Ele explicou, então, que o que causava a dor era uma glândula esmagada, que precisava ser removida, caso contrário se tornaria carcinogênica.

Daskalos levantou-se abruptamente e me pediu para ir com ele à sala ao lado. “Já que quer testemunhar fenômenos”, ele disse com voz

marota, “deixe-me mostrar-lhe um.” Desafivelou o cinto, levantou a camisa, abaixou a calça do lado direito e me pediu para tocá-lo no lugar onde Stelios se queixava de dores. Vi e senti uma glândula inchada abaixo do umbigo de Daskalos, do lado direito. Era a glândula de Stelios, que ele tinha desmaterializado do corpo do meu amigo e transferido para si. “Ele está livre do problema agora”, emendou Daskalos. “Sua glândula carcinogênica está em mim. Eu me livrarei dela, aos poucos, na minha própria velocidade.”

Eu não tinha como determinar se a glândula do meu amigo tinha, de fato, sido transferida para o corpo de Daskalos ou não. Ao contrário do caso da senhora Katina, no qual eu havia segurado a prova empírica em minhas mãos, não tinha meios de testar ou de averiguar se o diagnóstico que Daskalos fizera do problema de Stelios era válido e se, realmente, havia se dado a cura. Daskalos não se preocupava com o fato de eu estar convencido ou não. Devo admitir que passou pela minha cabeça que, talvez, a glândula inchada já estivesse no corpo de Daskalos antes de chegarmos à casa do meu amigo, e que aquilo tudo era pura coincidência. Mas uma coisa estava clara. Meu amigo sarou das dores após a nossa visita. Além do mais, eu não tinha nenhuma dúvida de que Daskalos estivesse tentando me fazer de bobo ou querendo me enganar com “fenômenos” para me impressionar. Eu já o observara num número suficiente de casos de cura para não ficar indevidamente desconfiado, como tinha acontecido no começo da nossa amizade. Nessa época, já nutria um profundo respeito e admiração pelos poderes de cura de Daskalos.

Daskalos continuou a falar do caso do meu amigo.

— Vi a glândula cancerígena durante a nossa conversa. Enquanto eu falava com você, parte da minha consciência estava focalizada em você. Mas, ao mesmo tempo, outra parte dela estava focalizada dentro do corpo dele, observando e examinando tudo. Quantas pessoas sabem o que acontece dentro do corpo delas? Uma vez que eu me expanda, posso ficar não só no meu próprio corpo, mas também no seu corpo, no corpo de todos. Quando notei a glândula, tive de desmaterializá-la no corpo dele e, então, transferi-la para mim para poder dissolvê-la aos poucos.

— Por que foi necessário colocá-la no seu corpo? — perguntei.

— Se eu a houvesse desmaterializado no mesmo momento em que percebi a sua existência, não teria sido capaz de dissolvê-la por com-

pleto. Muito provavelmente ela teria voltado a aparecer. Precisei transferi-la para mim mesmo a fim de desmaterializá-la por completo. Muitos dos que fazem curas desconhecem o método apropriado de desmaterializar tumores cancerígenos. Eles podem fazer uma cura aparente mas, com o tempo, o problema pode reaparecer. Deve-se aprender o modo certo de fazer curas. É o que tentamos ensinar aos futuros psicoterapeutas. Como mencionei, o mais difícil, mas o mais bem-sucedido dos métodos de cura, se faz através da expansão, ou seja, trazendo todo o corpo do paciente para o interior da própria consciência e trabalhando a partir do interior. O outro método é projetar uma mão etérica, implantá-la dentro do corpo do paciente e, então, fazer a desmaterialização. Não é o método mais seguro, nem o mais eficiente. Prefiro expandir minha consciência e trabalhar de todos os lados ao mesmo tempo. — Daskalos recostou-se na cadeira e parou, por alguns instantes.

Uma testemunha ocular me contou que, em certa ocasião, Daskalos removeu um tumor cancerígeno do corpo de uma mulher transferindo-o para o dedo polegar de sua mão esquerda. Seus parentes queriam levá-lo, às pressas, ao hospital para amputar o dedo. Ele lhes assegurou que, em poucos dias, o câncer desapareceria. De fato, dois dias depois não havia mais sinal do tumor em seu dedo.

Daskalos afirmou que um dos pré-requisitos para se fazer curas por expansão é a capacidade de, realmente, amar seu semelhante.

— Deve-se chegar ao estado de consciência — disse ele — por meio do qual se possa “amar ao próximo como a si mesmo”. Quando se alcança esse estado, a cura torna-se fácil. A menos que se ame verdadeiramente, não se pode curar e não se pode conseguir muito na área que as pessoas chamam de paranormal.

— Imagino — comentei — que esta seja uma válvula de segurança para todo o mal que uma pessoa que faz magia negra pode fazer.

— A palavra “mal” não significa quase nada para mim — respondeu Daskalos secamente. — Quem é, na verdade, que faz magia negra além de ser um sujeito ignorante, que conseguiu controlar certas forças da natureza e que faz mau uso delas? O que é considerado mal, na verdade, é a utilização errada de forças divinas. Por isso considero a palavra “mal” inadequada. Quando se fala de mal, prefiro pensar que alguém expressa a si mesmo de uma forma ignorante. Com o passar do tempo, aprende-se, através da lei de causa e efeito.

— Imagino — aventurei-me a acrescentar — que foi isso que Sócrates tinha em mente quando argumentou que ninguém faz o mal conscientemente.

— Exato. O mal é ignorância.

— Daskale — perguntei, trazendo a conversa de volta ao assunto da materialização —, é possível, para um místico avançado, se desmaterializar ou se rematerializar em outro lugar? — Fiz esta pergunta porque a noção de teleportação, não importando quão extravagante possa parecer, é considerada um fato na literatura sobre ocultismo. Por exemplo, Castañeda conta que experimentou tal fenômeno quando era um aprendiz de Don Juan. Eu mesmo encontrei um professor de música hindu, marido da embaixadora da Índia num país europeu, que me confidenciou, com toda a seriedade, ter presenciado a teleportação feita por um iogue hindu.

— Sim, é possível desmaterializar e rematerializar seu corpo em algum outro lugar — respondeu Daskalos. — Mas para que fazer tal coisa? Por que não construir e materializar outro corpo, tirando energia do éter universal?

— O senhor quer dizer que pode, repentinamente, aparecer na minha frente, sem mais nem menos? — perguntei, sorrindo.

— Exato — respondeu Daskalos, sério, como se este fosse um fenômeno dos mais comuns. — Você pode me ver e apertar a minha mão e falar comigo como se eu estivesse fisicamente presente. Mas eu só posso me materializar quando os mestres lá de cima permitem. É necessário um motivo sério. Eu nem precisaria interromper o que estivesse fazendo no momento. Quando alcançamos um certo estágio de superconsciência, podemos nos expressar em diversos lugares, simultaneamente.

— O senhor já teve tais experiências?

— Sim, muitas vezes.

— Como pode verificar se foram experiências verdadeiras?

— As pessoas me viram e, então, vieram me fazer perguntas. Já tive muitas experiências deste tipo. — A meu pedido, Daskalos começou a contar uma dessas experiências:

— Um dia, eu escrevia uma carta, quando senti que alguém em Karpasia, a cento e doze quilômetros daqui, estava desesperado e planejava cometer suicídio. Recebi as vibrações dessa pessoa subconscientemente. Vi o sujeito deixar o café e andar, vagarosamente, em direção

ao cais. Sua intenção era jogar-se no mar. Chovia e ventava muito, e as ondas batiam com força no cais. Nos poucos minutos que ele levou para chegar onde queria, fiquei sabendo tudo sobre ele, e as razões que o tinham levado à beira do suicídio. Ao me sintonizar com a mente dele, descobri que era casado com uma mulher grega de outra ilha, com quem tinha três filhos. A irmã mais nova dela, em viagem a Chipre, começou um caso com ele. Era mais bonita e mais sedutora que a mulher dele. A moça não tinha absolutamente escrúpulos em saber que o homem com quem estava tendo um caso era marido da irmã. Na verdade, ela queria que ele se divorciasse da mulher e se casasse com ela. Ela o convenceu a deixar a mulher e os filhos e ir com ela para a Grécia. A mulher dele sabia do caso e dos planos de fuga, e estava desesperada. O homem, não sabendo o que fazer, já que ainda amava a família, decidiu, como um louco, pôr fim à sua vida. Isso tudo eu percebi naqueles poucos instantes. Como vê, é preciso primeiro desenvolver a capacidade de sentir e conseguir num único momento informações que, em condições normais, levaria horas de conversa para conseguir. Como um auxiliar invisível, sabe-se, instantaneamente, o que está acontecendo a uma pessoa e age-se com rapidez.

— O senhor nunca tinha visto ou encontrado essas pessoas antes deste episódio? — perguntei.

— Nunca.

— Por que tais impressões viriam até o senhor?

— Não sei bem. O mais provável é que outras forças as tenham inculcado em mim para que eu interviesse e salvasse a vida dele. Precisei agir rápido. Não havia tempo a perder. Materializei-me na extremidade do cais e, de repente, apareci na frente dele. Eu estava lá, usando minha veste branca. Levantei as mãos e disse, em voz alta: “O que está fazendo?” Ele me olhou, em estado de choque, e ficou pálido. Não conseguia acreditar no que via. Como poderia um homem surgir do nada, na extremidade de um cais açoitado pelas águas, naquela noite de tempestade? “Não sei o que fazer”, ele falou baixinho. “Volte para a sua mulher e filhos, e mande embora a outra mulher.” Ele cobriu os olhos com as mãos, virou-se e foi embora. Então, me desmaterializei instantaneamente. Ele mandou a cunhada de volta para a Grécia e viveu em paz com sua família.

— Muitos meses depois, alguns amigos pediram ao homem que os levasse de carro a Nicósia, para visitar o “Mago de Strovolos”. Os

amigos temiam que o filho deles estivesse epilético. A criança tinha vermes nos intestinos. Curamos a criança. Quando vieram à minha casa, minha mulher abriu a porta. Eu estava sentado no escritório. Por coincidência, usava a veste branca naquele dia. Ao ver o meu rosto, ele começou a soluçar e a tremer. “O que foi?”, perguntei. “Foi o senhor?”, ele perguntou de volta. Pedi para que ficasse quieto e que falaríamos mais tarde, em particular. Quando acabei de tratar da criança, peguei-o pelo braço e fomos para a outra sala. “Agora”, eu disse, “você está com sua mulher e filhos. Está tudo bem, não é? Você mandou a outra embora.” Ele me abraçou e começou a chorar. “Pensei que o senhor fosse um anjo enviado por Deus para salvar a minha vida, por amor às minhas crianças”, ele disse, chorando. Expliquei a natureza do nosso trabalho e falei a ele sobre os auxiliares invisíveis. “Se Deus”, acrescentei, “manda anjos para ajudar os seres humanos, por que não pode, também, mandar seres humanos para socorrer seus próprios irmãos?” Aquele sujeito tornou-se um dos mais dedicados alunos nos círculos dos Pesquisadores da Verdade. Ele vive, atualmente, com a família na África do Sul. Seus filhos estão crescidos.

— Baseado na minha própria experiência — começou Daskalos, depois de um intervalo de meia hora —, eu poderia distinguir três tipos de materialização. Primeiro, a materialização invisível e tangível. Em segundo lugar, a materialização visível, mas intangível. E em terceiro, a materialização visível e tangível, ou sólida. O primeiro tipo envolve a construção de substância sólida mas invisível. É a forma de materialização que tem a maior força ao se trabalhar nas três dimensões. Pode-se mover objetos, como, por exemplo, um móvel muito pesado, o que normalmente exigiria a força conjunta de vários homens. Ainda assim, a mão, ou a força que causa o movimento, permanece invisível do olho material. Foi esse tipo de materialização que usei no caso que você conhece, da tesoura.

— Naquele caso, Daskale, alguém poderia ter visto a sua mão empurrar a tesoura de cima do móvel?

— Provavelmente não. Foi materialização invisível mas tangível, do tipo utilizado nas sessões espíritas na Europa. O segundo tipo de materialização, a saber, visível mas intangível, não pode afetar objetos sólidos. Pode-se ver uma mão flutuando ou uma pessoa aparecendo na forma de uma fantasma. Ela pode ser semelhante a uma névoa na forma

da matéria sólida. Mas pôde-se passar a mão através dela e nem mesmo notar a sua existência. A terceira espécie de materialização é visível e sólida. Nem sempre é a mais apropriada ou desejável, porque pode danificar o corpo material. Por exemplo, se você construir, à distância, uma materialização tangível e visível do seu corpo e alguém bater nela, o ferimento vai aparecer no seu corpo material, não importando quão distante você esteja dele. Tudo o que for infligido na materialização será transferido para o corpo. Na verdade, tal risco existe, até certo ponto, no caso de materialização invisível, mas tangível. Por isso devemos estar certos de termos desconectado a comunicação entre a materialização e o corpo. Por exemplo, se nos materializamos num campo de batalha e estivermos invisíveis, devemos desconectar a materialização do etérico do nosso corpo, para que as balas que possam atingi-lo não causem ferimentos no corpo material.

— Há também meios que podemos empregar para desfazer a ligação entre o corpo e a materialização visível e intangível. Uma vez que isso seja feito, nada de mal pode acontecer ao corpo; caso contrário, isso seria muito perigoso. Em várias ocasiões, deixei de desligar meu corpo da materialização e, como consequência, recebi ferimentos, infligidos durante a materialização. Uma noite, por exemplo, eu estava sentado com minha mulher na sala de visitas. Era meia-noite, e comecei a ficar inquieto. Vi que, a cento e sessenta quilômetros de distância, um barco enfrentava sérios problemas. Tratava-se de uma pequena embarcação, que transportava carga para os países vizinhos. Um dos dois mastros estava quebrado e o motor não funcionava bem. A tripulação tentava, desesperadamente, manobrar na direção certa. Cheguei a tempo de ajudar. O capitão não conseguia manter as mãos firmes no leme, por isso materializei duas mãos para ajudar. O homem as viu, e se perguntou se estava acordado ou dormindo. Eu tinha muito mais força nas mãos do que ele. Naquele caso particular, usei a materialização visível e a invisível mas tangível. Ele via minhas mãos aparecerem e reaparecerem, repetidas vezes. Na verdade, entretanto, minhas mãos estavam sempre lá, segurando firme o leme.

— Como fez isso? — perguntei, e minha pergunta provocou a risada de Daskalos.

— Eu fiz, mas não me pergunte como. A água que você bebe é transmutada, dentro do corpo, em sangue e carne. Você pode me dizer

como isso acontece? E, ainda assim, acontece. Eu sei, em parte, como se consegue a materialização, não através de conhecimento, mas através da ação. Eu sei, instintivamente, da mesma forma que você sabe como beber a água que mais tarde se torna sangue. No caso de materialização, são necessárias tremenda força de vontade e concentração.

— Depois que o perigo passou — continuou Daskalos —, pensei em voltar ao meu corpo. A tripulação estava capacitada a levar o navio ao porto. De repente, o outro mastro se partiu e caiu no convés, com um estrondo tremendo. Eu estava completamente materializado, mas meu corpo permanecia invisível. O mastro bateu no meu rosto. Não havia desligamento algum entre meu corpo físico, que estava em transe, e minha materialização. Quando acordei, minha boca sangrava e eu estava com uma dor de cabeça horrível.

— Quando deixamos o corpo e nos materializamos em outro lugar, devemos manter a porta fechada, desligar o corpo da materialização.

— Mas se fizer isso, não é como se morresse, de alguma forma? Não é absolutamente necessário ter a ligação? — perguntei.

— Não. Tem-se a ligação, mas não a ligação consciente. Quando saímos do nosso corpo, levamos conosco, acredito eu, parte da matéria etérica, mas não o duplo etérico. O duplo etérico não pode deixar o corpo, caso contrário este morre. Quando estamos fora do corpo, sempre carregamos alguma substância etérica conosco.

— Por quê?

— Para que nossa mente fique ligada ao nosso corpo. Para que sejamos capazes de nos lembrar e voltar. Como já dissemos muitas vezes, é através do etérico que podemos projetar elementais de pensamento e desejo. Entretanto, se carregamos mais etérico do que precisamos para a viagem de volta, a ligação entre o corpo e a materialização permanece aberta.

— Quando diz que estava completamente materializado no navio, o senhor estava invisível para os outros. Mas estava lá e o que o acertou foi a parte etérica do mastro — comentei.

— Não. O mastro propriamente dito bateu em mim.

— Mas se o senhor estava invisível, por que ele não passou através do senhor, sem machucá-lo?

— Isso é irrelevante. Mesmo assim fui afetado. Eu lhe disse que quando se está num estado de materialização invisível mas tangível, se

está sujeito aos efeitos do corpo físico, a não ser que se tomem precauções especiais. O mesmo ocorre com a materialização visível e tangível. Apenas com a materialização visível mas intangível não haverá efeito algum.

— Que tipo de medidas pode-se tomar para proteger o corpo?

— Enquanto estamos distantes, nós o desligamos apenas pensando e imprimindo no subconsciente que nada acontecerá ao nosso corpo material. Tudo é feito no nível subconsciente. O subconsciente é quem manda no corpo material. Estando dentro ou fora do corpo material, podemos exercitar nosso subconsciente a fazer coisas que parecem ser sobre-humanas. Por exemplo, um objeto pesado pode necessitar da força de várias pessoas para ser movido. Por outro lado, se nos colocamos em certo transe ou estado hipnótico (há vários níveis de estado de transe), podemos ser capazes de levantá-lo com uma só mão. Como assim?, você pode me perguntar. Creio que o trabalho seja realmente feito não pela sua mão, mas por uma força materializada dentro dela. Os ossos e músculos do indivíduo quase nunca são utilizados. Preciso estudar mais esse fenômeno. Eu lhe confesso, tenho grande fascínio por explorar mais. Por outro lado, o grito de dor é tão intenso ao nosso redor, que não posso me dar ao luxo de satisfazer a minha curiosidade.

— É possível um grande mestre desmaterializar outra pessoa e rematerializá-la em outro lugar? -- perguntei, tendo em mente um incidente que Carlos Castañeda supostamente experimentara durante seu aprendizado com Don Juan.

— Sim, mas apenas um grande mestre poderá fazer tal coisa. Não apenas um mestre. De qualquer forma, eu mesmo não consigo fazer isso.

— E o senhor não pode fazê-lo no senhor mesmo — acrescentei.

— Posso fazê-lo comigo mesmo, se quiser. Mas para quê? Apenas em extrema emergência eu faria tal coisa. Se, por exemplo, eu precisar me materializar em algum lugar e for perigoso deixar o meu corpo para trás porque outros poderiam destruí-lo, então poderia desmaterializá-lo.

— O senhor já fez isso?

— Não. Nunca estive em tal emergência. Imagine que eu precise viajar para muito longe, por alguma razão especial. Não há motivo algum para eu desmaterializar o meu corpo aqui. Posso materializar um corpo exatamente no lugar onde quero estar, tirando energia etérica

da própria fonte, que está em toda parte do universo. Não há necessidade de exaurir o reservatório de vitalidade existente em nosso corpo.

Em poucas palavras falei com Daskalos a respeito do trabalho de Castañeda. Mencionei, especificamente, o incidente descrito num dos seus livros, quando Don Juan, supostamente, deu um repentino empurrão em Castañeda e este, na mesma hora, se viu caminhando a mais de três quilômetros de distância.

– Isso é possível? – perguntei.

– Sim. Mas o que o faz pensar que Don Juan tenha, de fato, desmaterializado o corpo de Castañeda e, então, o tenha rematerializado a três quilômetros dali? O que pode ter acontecido é Don Juan ter transportado a consciência de Castañeda e tornado o seu corpo invisível aos que por ele passavam. Não é necessário desmaterializar um corpo para torná-lo invisível. Talvez o mestre tenha colocado o corpo do seu aluno numa cadeira, e tenha criado para ele um novo corpo etérico a três quilômetros dali, dentro do qual ele transplantou sua autoconsciência. Há meios através dos quais pode-se tornar um objeto material, ou até um corpo humano, invisível para os outros.

– Como se faz isso? – perguntei, um pouco incrédulo. Como era seu costume, Daskalos começou a responder à minha pergunta narrando uma história.

– Um cientista inglês visitou-me certa vez. “Estive na Índia e fiquei muito desapontado e desiludido”, ele se queixou. “Por quê?”, perguntei. “Encontrei nas ruas um faquir seminu e um menino pequeno, que tinha à sua frente um pedaço de corda e um prato para se jogar dinheiro. Havia umas vinte pessoas em volta. O faquir começou a tocar uma música na flauta. De repente, a corda se desenrolou e ficou na vertical, como um poste. O menino subiu na corda. Ele permaneceu lá em cima por alguns minutos, sorriu, mexeu as mãos e desceu. A corda começou a descer e se enrolou de novo. No dia seguinte, visitei esse faquir com um amigo meu. Levamos conosco uma máquina fotográfica. Quando esse mesmo episódio aconteceu de novo, tiramos fotografias. Mas, ao revelarmos as fotos, elas mostravam o menino sentado no chão e a corda enrolada onde deveria estar. Este faquir nos enganou, mas não conseguiu enganar a máquina fotográfica.

– Ri quando ouvi a história dele. “E por isso você ficou desapontado?”, perguntei a ele. “Por que você não estudou o fenômeno que testemunhou antes com seus próprios olhos? Por que não se perguntou ‘como’? O que aconteceu realmente?” “Vou pensar a respeito”, ele disse.

— Expliquei a ele que, se o faquir fosse um iogue muito mais poderoso, ele poderia ter, literalmente, feito a corda ficar na vertical e subido nela. Já houve caso de tais fenômenos serem fotografados. Dei então a minha interpretação dos fatos. “O faquir expandiu sua aura ao redor, e colocou a platéia dentro dela. Começou, então, a pensar com intensidade e criou, com sua mente, todas aquelas imagens que você estava ‘vendo’.”

— Acho, Daskale — comentei —, que ele estava criando o elemental da criança subindo na corda.

— Exato. “Ver” significa que a luz incide em algo, volta a seus olhos e, através do nervo óptico provoca uma irritação num determinado centro do cérebro. Assim, aquele faquir conseguiu criar essa irritação no centro visivo do cérebro daqueles que o assistiam, através do método de concentração intensa. “Por que não estudar este fenômeno com cuidado”, sugeri mais tarde ao inglês, “em vez de descartá-lo como um truque? Por que não estudar a natureza do pensamento, do pensamento concreto? O faquir fez algo substancial, que merece séria atenção.”

— Por que não se pode dizer, Daskale, que o faquir hipnotizou sua platéia e fez com que todos “vissem” coisas que nunca aconteceram? — sugeri.

— Hipnotismo é um fenômeno muito diferente. No hipnotismo, o hipnotizador usa sugestões poderosas, através de palavras ou com a ajuda de instrumentos, para uma platéia receptiva e cooperadora. Este faquir usou o poder do seu pensamento para influenciar telepaticamente a platéia desavisada e fez com que todos “vissem” coisas que não existem no plano de matéria densa. Não sei de nenhum hipnotizador convencional que possa fazer isso. Se quisermos chamar a isso de hipnotismo, ótimo. Mas não se trata de hipnotismo do modo como costuma ser entendido, ou mal-entendido.

Daskalos, então, concluiu que assim como é possível fazer as pessoas “verem” coisas que na realidade não existem, também é possível, através de um procedimento semelhante, fazer as pessoas não verem objetos ou corpos humanos que existem.

— Gostaria de saber o que aconteceu com o cientista inglês — eu disse.

— Ele voltou à Índia para aprofundar seus estudos — confidenciou Daskalos, rindo alto.

— Eu lhe asseguro — continuou Daskalos — que milhares desses fenômenos acontecem, a toda hora, na Ásia, na Índia, no Tibete, em toda parte, até na Grécia. Encontrei um lama, em Atenas, que pode fazer um menino ficar invisível. Ele também pode ensinar pessoas a levitar, pela módica retribuição de uma certa quantia em dinheiro. Eu, pessoalmente, sou contra esse tipo de atitude. Uma aluna minha pagou trezentas libras para aprender a levitar. Esse lama isolou um grupo, inclusive a minha aluna, durante quinze dias, impedindo qualquer contato com o exterior. Eles comiam e bebiam tudo o que ele lhes dava. Meditavam continuamente, usando um mantra específico, e, no décimo quinto dia, a maioria deles levitou. Ele os semi-hipnotizou durante o período de isolamento, cultivando no subconsciente deles a crença de que poderiam levitar. É o subconsciente que torna a levitação possível. O lama conseguiu, mas o quê? Levitar por alguns momentos no ar e, então, descer de novo. Para quê? Eu disse à minha aluna que ela havia desperdiçado trezentas libras. Ela poderia ter ajudado muitas pessoas necessitadas, em vez de satisfazer a sua curiosidade.

Comentei que, com a levitação, as leis do universo material são invertidas. Pensando a respeito, perguntei a Daskalos se o que está envolvido na levitação se assemelha ao método de propulsão de um foguete, ou seja, o consumo de energia. “Não”, ele disse. “Na levitação, o corpo se torna mais leve que o ar.”

— Quando implantamos, em nosso subconsciente, esse tipo de fé podemos, literalmente, conseguir os chamados milagres — continuou Daskalos. — Foi o que Jesus quis dizer quando falou que, se tivermos uma fé do tamanho de uma semente de mostarda, poderemos mover montanhas. Acredite em mim, é verdade. Mas como se faz isso?, alguém poderá perguntar. Eu sei como se faz, mas não é fácil ensinar aos outros, sobretudo quando o interesse é uma mera curiosidade.

— Quer dizer, Daskale, que pode mover montanhas? — disse eu, brincando.

— E por que eu deveria? Por que não passar por cima das montanhas? É um método mais prático — respondeu Daskalos, divertido. — O que faço é apenas armazenar e utilizar certas forças da Natureza, que as pessoas comuns desconhecem.

Percebi que estivéramos falando durante muitas horas. A neta de Daskalos, de onze anos, entrou na sala dizendo que sua mãe estava

ficando impaciente. Ela esperava que Daskalos fosse até a casa deles para fazer alguns pequenos serviços. A menina sentou-se no colo do avô, enquanto eu fazia minha última pergunta. Um dia, Daskalos dissera, em tom de brincadeira, que eu era um interrogador incurável, que eu nunca parava de fazer perguntas, mesmo no plano psíquico onde, garantiu ele, “freqüentemente nos encontramos e temos aulas”.

— Eu sempre imagino como deve ser delicioso e fascinante fazer todas as coisas maravilhosas que o senhor diz estar fazendo: sair do corpo, materializar-se, desmaterializar-se... Se eu fosse capaz de ter, eu mesmo, tais experiências, o mundo seria para mim um lugar realmente mágico, um verdadeiro “jardim encantado”. — Daskalos ficou em silêncio durante alguns instantes, enquanto refletia sobre a minha pergunta e acariciava os cabelos da neta.

— Quando eu era rapaz, essas experiências me davam grande prazer e muito me fascinavam. Lembro-me de que eu costumava viajar para a África e, por outro lado, observava e estudava flores e árvores lindas e exóticas. Um dia, me expandi sobre o norte do Canadá, perto do pólo, e vi os esquimós cavando buracos no gelo para pescar. Jamais havia tomado conhecimento de que isso fosse possível. Fiquei sabendo na exotomose. Quando eu era mais jovem, costumava fazer muitas experiências. Eu queria aprender mais, e minha curiosidade, muitas vezes, me colocava em apuros. Tais experiências me fascinavam. Mas, o que costumava me dar grande prazer quando eu era jovem, pode não me dar prazer tão grande agora. Com o passar do tempo, adquirem-se novos valores na vida. Em vez de me satisfazer vendo, sentindo e apreciando novos fenômenos, eu, agora, acho grande alegria em prestar serviço aos meus semelhantes. Agora, ponho de lado o que é simplesmente agradável e me preocupo, primeiro, com o que é necessário para ajudar e aliviar a dor ao meu redor.

Reflexões Posteriores

Já há dois anos, desde o verão de 1981, eu não via Daskalos. Em janeiro de 1983, ele ficou seriamente doente, seu pé direito foi operado várias vezes e ele estava de cama. Uma de suas alunas mais chegadas, uma dona-de-casa de cinquenta anos, me contou pelo telefone que os dias do mestre, infelizmente, estavam contados. A ferida no pé não sarava.

Em junho de 1983, assim que o ano letivo terminou, fui, de avião, até Chipre. No dia seguinte à minha chegada, enquanto ainda me esforçava para me adaptar à diferença do fuso horário (oito horas), fui visitar Daskalos em Strovolos. Levei, debaixo do braço, o manuscrito deste livro, que estava quase completo.

Bati de leve na porta entreaberta, tentando não fazer barulho, caso ele estivesse dormindo. Parecia não haver ninguém em casa.

— Entre — ele disse. Entrei, fechei a porta e fui até o quarto.

— Bem-vindo! — disse Daskalos sorrindo, enquanto me estendia a mão. Estava deitado na cama, vestindo apenas a camisa de baixo e as calças do pijama. Estávamos no meio de junho e a temperatura começava a se elevar. O pé direito dele estava enfaixado em gaze. Aperfeiçei a mão, abaixei-me e o beijei em ambas as faces, onde a barba ainda estava por fazer.

— Disseram-me que o senhor está com sérios problemas — disse —, por isso vim vê-lo.

— Oh... eles não sabem do que estão falando — respondeu Daskalos e fez um gesto de impaciência com a mão. — Estou ótimo. O Karma foi pago. Prometo-lhe que, em uma semana, estarei de pé.

Eu não tinha certeza se Daskalos tentava me tranquilizar ou se falava a sério. Kostas, com quem eu havia conversado pelo telefone um pouco antes, reclamara, exasperado, que Daskalos era imprudente e que não levava a doença a sério. Mas Daskalos parecia longe de estar às portas da morte, como tinham me levado a acreditar. Seu moral estava alto e ele se mostrava sempre disposto a ter longas conversas e a contar piadas engraçadíssimas.

— Como o senhor conseguiu ficar na cama durante tantos meses? — perguntei, tentando mostrar também certa preocupação.

— Quem lhe disse que eu estive na cama todos esses meses? — respondeu Daskalos, levantando as sobrancelhas. — Acredite, se eu tivesse ficado na cama todo esse tempo, estava louco. Meu corpo ficou na cama. Eu estive fora dele a maior parte do tempo.

— Entendo... — murmurei, e sorri. — Daskale, o livro está praticamente pronto. Aqui está ele.

Ele pegou o manuscrito, leu o título e virou as páginas, por alguns segundos.

— Você disse que iria escrevê-lo, e o fez — murmurou, devolvendo-me o calhamaço de páginas. Não achei que iria querer lê-lo, mas ele me pediu que, quando fosse publicado, lhe arranjasse uma cópia. Perguntei por que não se dera ao trabalho de, ele mesmo, colocar no papel seus ensinamentos, em vez de esperar um “desocupado” acadêmico como eu fazer isso. Daskalos respondeu que tinha tarefas mais importantes nesta vida do que escrever livros. “Além disso”, continuou, “este é o seu trabalho.” Então, ele falou sobre sua moléstia e sobre as operações que sofrera. O cirurgião já havia amputado um dos dedos do pé, e a probabilidade de a perna ser poupada era de cinquenta por cento. Havia-lhe dado ordens estritas para não fazer pressão alguma sobre a perna e para permanecer na cama, por tempo indefinido, até a ferida sarar.

Antes que eu tivesse a oportunidade de fazer mais perguntas sobre seu estado de saúde e sobre a cura em geral, duas enfermeiras entraram na casa. Presumi que tinham vindo dispensar cuidados profissionais a Daskalos. Em vez disso, estavam ali para uma aula, não sobre o além, e sim para uma tarefa mais mundana: aprender a língua inglesa! Em agradecimento pelos bons serviços prestados por elas durante a hospitalização, Daskalos se oferecera para lhes dar aulas de inglês, a fim de que pudessem continuar seus estudos na Inglaterra.

Quando fui a Strovolos, na manhã seguinte, Daskalos estava sentado na cama, recém-barbeado. A seu lado, com patins e tudo, Mários ouvia com atenção as histórias de fada do avô. Com sete anos, o próprio Mários se submetera há pouco a uma operação de um cisto, coisa incomum nessa idade, e estava na fase final da recuperação. Sentei-me numa cadeira, e ouvi o finalzinho da história de Daskalos. Mários, então, saiu com seus ruidosíssimos patins e foi brincar com os amigos.

— É intrigante — comentei —, uma pessoa que faz curas ter de passar por tantas dores. O senhor cura os outros, mas não a si mesmo. E Mários também precisou passar pelas dores excruciantes de uma operação. Por que não pode curar a si mesmo e a Mários? Por que a necessidade de uma cirurgia? Um dos meus colegas, nos Estados Unidos, quer saber quais são as limitações de quem faz cura e o que um médico convencional pode fazer que uma pessoa que faz curas não pode.

— Você se lembra do que eu lhe disse há algum tempo? Que eu planejava assumir o Karma do meu genro? Aí está — respondeu Daskalos sorrindo e apontando, triunfante, para o seu pé. — Se não tivesse feito isso, meu genro já estaria morto, acredite em mim! Por que acha que Mários fez esta operação tão incomum? Ele também pegou para si parte do Karma do pai dele. Eu diagnostiquei a doença do meu neto numa época em que o médico afirmava que a probabilidade de a criança ter tal complicação era infinitesimal. Os testes provaram que o meu diagnóstico estava correto, mas eu nada podia fazer para curar a criança. Ele tinha que passar pelo sofrimento da operação, porque as leis kármicas o exigiam. Quanto a mim, eu poderia aplicar os poderes curativos para ajudar aos outros, mesmo no estado em que me encontro agora, mas não o faria em mim mesmo. Se eu me curasse agora, antes que o débito kármico fosse completamente pago, a doença seria, automaticamente, transferida para o meu genro. Para responder à pergunta do seu amigo, portanto, direi o seguinte: Não há nada que um médico possa fazer que alguém que faz curas, que é mestre em materialização e desmaterialização, não possa fazer. Mas a limitação de quem faz curas é sempre a natureza do Karma do paciente. Não importa quão poderosa a pessoa que faz curas seja, se não for permitida pela Divina Providência, a cura não acontecerá. Da mesma forma, um médico pode fazer o que a sua ciência tornou possível que ele faça, e nada mais. Mas, de novo, ele poderá curar apenas se a Divina Providência o permitir.

– Por que foi necessário assumir o Karma do seu genro? – perguntei.

– Porque o Karma dele era pesado demais. Seria impossível suportá-lo sozinho. Ele teria morrido – respondeu Daskalos e repetiu algumas das idéias que ele tinha mencionado para mim em conversas anteriores, sobre como e sob quais circunstâncias se assume o Karma do outro. Declarou também que, no caso do genro, ele usou “cura espiritual”, algo diferente de “psicoterapia”, ou do que as pessoas comumente chamam de “cura psíquica”. Mencionei que era a primeira vez que ouvia falar sobre esta diferença, e pedi, insistentemente, que me explicasse.

– Durante a cura psíquica, o psicoterapeuta transfere a energia do seu próprio duplo etérico ao do paciente, desejando que ele fique curado. Em tal caso, a maior parte do Karma do paciente já foi paga e, portanto, a cura é fácil. Qualquer um pode fazer curas psíquicas. Por outro lado, na cura espiritual, a pessoa que faz a cura compartilha o Karma do paciente e, como resultado, sofre. Meu neto passou pelo bisturi do cirurgião para salvar seu pai. Eu fiquei na cama por mais de seis meses pela mesma razão. Uma pessoa nunca paga por outra, a menos que se ofereça, voluntariamente, para fazê-lo. E a força que nos propulSIONA a carregar o peso de outro é, sempre, o amor.

– É possível – perguntei – alguém assumir o Karma do outro sem ter consciência disso?

– Não. Você só assume o Karma do outro superconscientemente.

– Mas eu pensei que o senhor me havia dito, há algum tempo, que alguém pode, de fato, assumir subconscientemente o Karma de alguém amado.

– Sim, pode-se fazer isso, mas não em terapia. Na cura espiritual, o terapeuta está plenamente consciente do que faz através da sua superconsciência.

Depois de responder a outras perguntas, Daskalos explicou que, no caso da senhora Katina, a paciente que sofria da coluna, ele empregara métodos “simples” de cura psíquica. Naquele caso, Daskalos não assumiu nenhuma parte do Karma dela. O mesmo aconteceu no caso do meu amigo Stelios. Daskalos afirmou que, quando ele “transferiu” a glândula potencialmente cancerígena para si mesmo, nada mais fez a não ser usar uma técnica melhor para desmaterializar a glândula. Ele não assumiu os débitos kármicos de Stelios.

— Deixe-me demonstrar o que entendo por fenômeno — disse Daskalos, abruptamente. — Lembre-se de que eu não tenho permissão para fazer fenômenos, mas abrirei uma exceção.

Vi um quê de travessura em seu rosto, como se estivesse prestes a fazer algo que fosse me deixar louco. Olhei para ele por alguns segundos, sem saber o que esperar.

— O médico disse — continuou Daskalos, e havia um desrespeito óbvio em sua voz pelo que o médico havia dito — que eu deveria ficar na cama e nunca pisar com o pé direito, sob quaisquer circunstâncias, porque a ferida se reabriria. Não saí desta detestável cama por seis meses. Agora vou remover este Karma de mim mesmo por alguns instantes.

Daskalos fechou os olhos em profunda meditação e, vagorosamente, passou a mão sobre a perna direita. Depois de cerca de um minuto, abriu os olhos e, sem a menor relutância, saiu da cama.

— O que vai fazer? — resmunguei e olhei para baixo. Senti que Daskalos ia fazer alguma bobagem. Minha intuição não me desapontou. Ele ficou em pé e, sem me dar tempo de respirar, começou a pular pelo quarto sobre a perna doente.

— Sente-se, pelo amor de Deus! — gritei e tive vontade de agarrá-lo pela cintura e colocá-lo, à força, na cama. As palavras de Kostas sobre o descuido de Daskalos vieram-me à mente. Pensei, por um momento, que talvez o velho tivesse perdido o juízo. Ele continuou a pular pelo quarto por cerca de meio minuto, com um sorriso nos lábios, totalmente alheio à minha aflição e surdo aos meus insistentes apelos ao seu bom senso. Então, voltou para a cama, como se nada tivesse acontecido.

— Agora preciso trazer o Karma de volta — disse Daskalos, e fechou os olhos. Respirou fundo, por vários segundos e, vagorosamente, passou a mão pela perna operada. Depois de um minuto, reabriu os olhos.

— Não se preocupe — afirmou ele ao notar, em meu rosto, toda a ansiedade. — Nada aconteceu à minha perna. Agora que o Karma está de volta, não poderia fazer o que fiz há poucos instantes. Agora você entende?

— É muito difícil para mim — murmurei secamente e com certo alívio. O drama de Daskalos tinha acabado. Seu pé parecia não ter sofrido dano algum.

– Você deveria ter visto como Harry Edwards ficou assustado quando foi iniciado nos nossos círculos e ouviu falar, pela primeira vez, de cura espiritual – continuou Daskalos, rindo ao lembrar-se do inglês.

Ouvira falar de Harry Edwards um dia em que, casualmente, eu olhava uma pilha de velhas fotografias que estavam em cima da cômoda de Daskalos. Um homem forte, com cerca de cinqüenta anos, chamou a minha atenção. Estava na Stoa, ao lado de Daskalos, em posição meditativa, no meio de outros discípulos de Daskalos. Quando lhe perguntei quem era o sujeito, Daskalos me explicou que era o famoso (entre ocultistas) médium britânico. Edwards foi à ilha para ser iniciado no círculo secreto de Daskalos. A foto havia sido tirada durante o ritual. A data marcada era primeiro de abril de 1954. Ao voltar aos Estados Unidos, acidentalmente me deparei com um livro com a foto de Harry Edwards. Era o mesmo homem que eu tinha visto na velha foto de Daskalos.

– Daskale – continuei –, meu colega dos Estados Unidos tem várias outras perguntas, que ele gostaria que fossem respondidas.

– Estou ouvindo.

– Ele ficou intrigado com o que o senhor disse que fez com o demônio que protege as suas flores. “Como é possível”, ele perguntou, “que um espírito mau possa se transformar numa entidade benéfica?”

– Lembre-se do que eu lhe expliquei antes: o mal, na verdade, não existe. Deixe-me dar um exemplo. Imagine que você misture água e terra, e fique com uma lama malcheirosa. Trata-se de um fenômeno transitório. O fogo, que é um elemento num nível mais elevado do que a água, ao gerar calor, irá transformar a lama malcheirosa em água pura e terra novamente. A lama malcheirosa não existe mais. Mesmo assim, a água e a terra ainda existem, de uma forma diferente. Da mesma maneira, o mal é um fenômeno transitório. Um pensamento mau, ou uma má emoção, são ambos Mente, em diferentes frequências de vibração. Agentes mais elevados, amor e razão, podem transformar de novo os maus pensamentos e as más emoções em pura essência da Mente. Entenda, na verdade não há homens maus. Eles são seres humanos cujos cérebros materiais combinam os pensamentos e as emoções de forma tal que lembra algo parecido com a lama malcheirosa. A razão e o amor podem mudar tudo isso.

– O mesmo princípio se aplica aos reinos dos chamados espíritos do mal, ou demônios. De acordo com as Escrituras, os espíritos maus

são os anjos caídos. Se isso é possível, por que, então, não podemos aceitar que esses espíritos maus possam ascender, de novo, ao reino dos anjos? Se achamos possível a idéia de salvação e reintegração para a humanidade, por que não podemos fazer o mesmo para com outras emanações de Deus?

— Acho que sua explicação vai satisfazer ao meu amigo — comentei. — Mas ele tem outra pergunta: “Por que o mal é necessário?”

Daskalos sentou-se na cama com o máximo cuidado para não fazer pressão alguma sobre o pé direito, e se preparou para responder à minha pergunta. Depois de uma breve pausa, continuou.

— Um pintor usa várias cores para apresentar, numa superfície de duas dimensões, uma paisagem do mundo tridimensional. Para dar vida à sua pintura e senso de profundidade, o pintor usa a cor negra. O que ele pinta não existe na paisagem de três dimensões. Entretanto, a cor negra dá a impressão de uma realidade tridimensional na pintura. Da mesma forma, a idéia de mal é necessária para dar ao mundo tridimensional da matéria e da vida uma impressão de realidade. Como eu o fiz notar em nossos encontros anteriores, nos mundos de matéria densa, psíquico e noético, experimentamos apenas a realidade relativa. Essas dimensões da realidade que nos oferecem um senso de entendimento, também nos dão o sentido do mal, algo que não existe na realidade absoluta. A impressão de mal existe, apenas, nos mundos das emoções e dos pensamentos.

Ao sair da casa de Daskalos naquele dia, ele me garantiu, mais uma vez, que o Karma havia sido pago, e que ele iria começar a andar em uma semana. Ele cumpriu sua promessa. Quando o visitei, seis dias mais tarde, ele se encontrava em seu estúdio, terminando uma pintura que havia começado antes de ficar doente. Ele andava com cuidado para não colocar peso sobre o pé direito. Alguns dias mais tarde, estava completamente recuperado, andava normalmente, e fazia planos para a sua viagem à Grécia, para dar aulas nos seus círculos em Atenas e Salonica. O Karma do genro havia sido pago.

Passei a semana seguinte acampando e pescando com arpão em Lara, uma praia distante, na costa sudoeste da ilha, longe de turistas, do concreto e do tráfego. Eu estava com Neophytos, um sociólogo cipriota formado nos Estados Unidos e antigo colega no Centro Cipriota de Pesquisa Social. Nos intervalos entre nossas infrutíferas aventuras

de pescadores amadores, falei a ele, pela primeira vez, sobre as minhas pesquisas nos últimos quatro anos. Ele ouviu a minha história, fascinado. Também tinha ouvido falar das lendas sobre o “Mago de Strovolos”, mas nunca o havia visto pessoalmente. Como eu, Neophytos começava a se desiludir com o materialismo científico e estava, agora, mais disposto a refletir sobre concepções alternativas da realidade.

– Diga-me – perguntou meu amigo –, você acredita no que Daskalos ensina? Sua vida mudou desde que o encontrou?

– Não é a primeira vez que me fazem esta pergunta – eu disse –, e eu mesmo me coloco esta questão com frequência. Não tenho uma resposta adequada.

Contei a ele como, desde os primeiros encontros com Daskalos, fiquei intrigado com as repetidas coincidências que, depois de algum tempo, me levaram a pensar se, de fato, eram coincidências. Então, contei a Neophytos alguns dos muitos episódios que me intrigavam.

Uma vez vi Daskalos falando comigo em sonho. Virei-me e o vi, caminhando na minha direção, vindo de trás. Quando o encontrei, na manhã seguinte, mencionei casualmente ter sonhado com ele na noite anterior, mas sem entrar em maiores detalhes. “Ah, sim”, ele confirmou, “eu estava lhe dando uma aula sobre a natureza do espaço na quarta dimensão.”

Em outra ocasião, Daskalos me descreveu, nos mínimos detalhes, o interior da nossa casa no Maine. Que eu saiba, não havia absolutamente meios pelos quais ele pudesse ter tomado conhecimento de como era a nossa casa. Ele “nos visitou”, diz ele, muitas vezes, sobretudo quando eu pensava nele intensamente.

Um dia, Iacovos e eu procurávamos Daskalos por toda Larnaca. Ele não estava em lugar nenhum. Presumimos que já estivesse na casa de Theano, onde deveríamos ter uma reunião. Enquanto nos dirigíamos para a casa dela, eu disse a Iacovos, em tom de brincadeira, que talvez Daskalos tivesse ido visitar alguma amante; por isso não o encontrávamos. Quando chegamos à casa de Theano, Daskalos estava lá, rodeado por vários dos seus adeptos. “Daskale”, exclamei, “procuramos pelo senhor por toda a cidade. Onde o senhor esteve?” “Na casa da minha amante”, ele disse, rindo. “Escutei a sua conversinha boba”, ele contou, e continuou a rir.

Quando voltamos aos Estados Unidos, Emily começou a ter fortes dores no joelho direito. Um dia, recebemos uma carta de Iacovos.

Ele sugeria que Emily fosse ver um médico para examinar a perna direita, porque ele e Daskalos tinham “visto” que havia algo errado com o joelho! Afirmava que Daskalos e ele estavam cuidando dela, mas que mesmo assim Emily deveria visitar um médico. Não havíamos mencionado uma vez sequer com ninguém, em Chipre, sobre este problema. As dores de Emily sumiram poucos dias depois de recebermos a carta de Iacovos. Ela não chegou a ir ao médico.

Contei a Neophytos um incidente que aconteceu no dia anterior à minha viagem de avião para Chipre. Um colega da Universidade do Maine, um helenista, chamou minha atenção para o significado antigo do meu nome. Eu achava que derivasse da palavra “kyrie”, que quer dizer senhor, como em “Kyrie Eleison”, rezado nos serviços religiosos. “Não é isso”, afirmou meu amigo, um perito em grego clássico. Ele me mandou consultar o Liddell and Scott Greek-English Lexicon (Léxico grego-inglês, Liddell e Scott). De acordo com um papiro mágico da Grécia, descoberto no Egito, “Kyriacos” foi “um espírito invocado em magia”.

— Uma coisa sobre Daskalos da qual tenho certeza absoluta — eu disse ao meu amigo — é que ele tem extraordinária capacidade de fazer diagnósticos e de curar doenças. Através de Daskalos — continuei — pude entender, de maneira mais completa, o que os filósofos, místicos, alguns médicos contemporâneos e estudiosos do cérebro têm dito, que a mente tem poder sobre a matéria e não o contrário, como os materialistas de todas as facções políticas e científicas vêm afirmando, insistentemente, nos últimos duzentos anos, com tanta ferocidade e zelo religioso.

— Quanto aos detalhes dos ensinamentos — continuei —, não posso declarar coisa alguma. Continuo sendo um São Tomé, mas um São Tomé que, pelo menos, está pronto a colocar o dedo nos ferimentos do Mestre para examinar se são verdadeiros.

— Se você for honesto consigo mesmo — continuei —, fica impossível estar exposto aos ensinamentos de Daskalos por um bom tempo e não se indagar quanto à possibilidade do mundo empírico observável ser, na verdade, um segredo guardado por um hierofante, uma expressão da realidade mais elevada, escondida da consciência comum.

Então, citei Philip Slater, um sociólogo que se tornou místico, que diz que “todos os erros e loucuras da magia, da religião e das tradições místicas são sobrepujados pela grande sabedoria que eles con-

têm, e pela consciência da dependência orgânica da humanidade de um sistema natural complexo.”

— É necessário — eu disse ao meu amigo —, que este conhecimento se torne a motivação da consciência diária. A própria sobrevivência da humanidade depende disso.

Neophytos deu algumas baforadas em seu cachimbo e olhou para o mar, pensando em tudo que tínhamos conversado nos últimos dias.

— Gostaria de conhecer Daskalos — ele disse com determinação, como se, de repente, sobrepujasse um tabu de infância.

Quando os apresentei, Daskalos não conteve o riso. Neophytos ficou com os olhos arregalados por alguns segundos ao descobrir que seu falecido pai, um respeitado juiz, havia sido um amigo íntimo, discípulo secreto e primo-irmão de Daskalos. O “Mago de Strovolos” era parente do meu amigo!

Antes de deixar Chipre, fui me despedir de Daskalos. Ele me deu um beijo na testa e murmurou uma oração, enquanto fazia o sinal da cruz sobre minha cabeça.

— Sempre que precisar de mim — ele disse tranqüilizadamente — pense em mim intensamente e eu estarei com você.

— Farei isso — eu disse, e entrei no táxi para a viagem de uma hora até o aeroporto de Larnaca.

Glossário

Chakras – Centros psiconoéticos localizados no duplo etérico do indivíduo. É através dos chakras que a personalidade humana absorve a vitalidade etérica para a sua manutenção. Através de disciplina apropriada e exercícios de meditação, o místico tenta abrir seus chakras, para adquirir poderes psiconoéticos. Para um clarividente, os chakras parecem discos em rotação.

Elementais – Formas de pensamento. Qualquer sentimento ou pensamento que um indivíduo projetar é um elemental. Eles possuem forma e vida própria, independente de quem os projeta.

Duplo etérico – O campo energético que mantém os três corpos do homem (de matéria densa, psíquico e noético) vivos e ligados um ao outro. Cada partícula do corpo humano tem o seu correspondente etérico. É a vitalidade etérica que torna a cura possível. O universo está cheio de energia etérica. Ela pode ser transferida de uma pessoa para outra, e é absorvida através dos chakras.

Exomatose – A capacidade de deixar o próprio corpo quando quiser, viver com plena consciência nas dimensões psiconoéticas e, então, voltar ao corpo. Implica lembrar-se de todas as experiências enquanto fora do corpo.

Corpo de matéria densa – Um dos três corpos que constituem a personalidade atual autoconsciente. O corpo material do homem. A parte da personalidade que vive no mundo de matéria densa, no mundo tridimensional. A expressão mais baixa do eu. O centro do corpo de matéria densa é o chakra do plexo solar.

Mundo noético superior – O mundo das idéias, dos arquétipos. O mundo das causas e das leis, que são a base de toda a realidade fenomenal.

Mônada Sagrada – As partes que compõem o Absoluto. De cada Mônada Sagrada emana uma infinidade de raios que passam através de diferentes arquétipos e adquirem forma e existência fenomenal. Quando uma dessas radiações passa pela Idéia do Homem, forma-se uma personalidade humana. Seres humanos que pertencem à mesma Mônada Sagrada têm uma afinidade especial um pelo outro.

Espírito Santo – A superconsciência impessoal que expressa o poder do Absoluto, tornando possível a criação do universo. A parte dinâmica do Absoluto. Animais são da natureza do Espírito Santo. Falta-lhes a expressão do Logos do Absoluto, ou seja, falta-lhes autoconsciência. O homem pertence tanto à natureza do Logos como à do Espírito Santo.

Idéia do Homem – Um arquétipo eterno dentro do Absoluto. Uma vez que uma emanção da Mônada Sagrada passe pela Idéia do Homem, a existência humana tem início.

Auxiliares invisíveis – Mestres que vivem nas dimensões psíquica e noética, e são invisíveis aos olhos materiais. Também mestres que vivem dentro do plano de matéria densa, mas que fazem exomatose e ajudam seres humanos que vivem no mundo de matéria densa, assim como em outras dimensões.

Karma – A lei de causa e efeito. A soma total das ações, pensamentos e sentimentos de uma pessoa que determina seus sucessivos estados de existência. Uma pessoa é completamente responsável pela criação do seu Karma, seu destino. Alcançar a Teose implica transcender o próprio Karma.

Lei de Causa e Efeito – Veja Karma.

Logos – Parte do Absoluto que torna possível a existência da autoconsciência e do livre-arbítrio. Como entidades eternas, os homens são da natureza do Logos e da do Espírito Santo. Jesus, como o Logos Cristo, representa a mais completa expressão da natureza logóica do Absoluto. Quanto mais adiantada for uma entidade humana, mais dominante será a sua parte logóica.

Mente – O modo pelo qual o Absoluto não-manifestado Se expressa. Mente é a substância pela qual todos os universos e todas as dimensões da existência são construídas. Tudo é Mente.

Corpo Noético – Um dos três corpos que formam a personalidade atual autoconsciente. O corpo dos pensamentos. O corpo noético, a quinta dimensão. Sua imagem é idêntica à dos outros dois corpos. O centro do corpo noético é o chakra da cabeça.

Mundo Noético – A quinta dimensão. No mundo noético, espaço e tempo são transcendidos. Uma entidade humana que vive no mundo noético pode viajar, instantaneamente, não apenas por sobre grandes distâncias, mas, também, através do tempo.

Personalidade permanente – A parte de nós na qual são gravadas as experiências encarnacionais que são transferidas de uma vida para outra. O nosso eu interior.

Personalidade atual – O que é comumente conhecido por personalidade do indivíduo. É formada pelos corpos noético, psíquico e de matéria densa. A personalidade atual é a expressão mais baixa de nós mesmos, a qual está constantemente evoluindo e tende a se tornar uma só com a personalidade permanente.

Corpo psíquico – Um dos três corpos que constituem a personalidade atual autoconsciente. O corpo das sensações e sentimentos, que tem como centro o chakra do coração. O corpo psíquico vive no mundo psíquico, a quarta dimensão. Sua imagem é idêntica à dos outros dois corpos, o de matéria densa e o noético.

Mundo psíquico – A quarta dimensão. No mundo psíquico, o espaço é transcendido. Um indivíduo que vive no mundo psíquico pode viajar, instantaneamente, através de grandes distâncias.

Discos Sagrados – Ver Chakras.

Alma – Aquela parte de nós que é pura e não é afetada pelas experiências terrenas. A alma está além da Idéia do Homem, além de toda manifestação. Ela

nunca nasceu e nunca morrerá. É aquela parte de nós qualitativamente idêntica ao Absoluto. A alma é nossa essência divina, imutável e eterna.

Teose – O estágio final de evolução do eu, após ter passado pela experiência da matéria densa através de encarnações sucessivas. Reunificação com Deus.

Mundo das Idéias – Veja Mundo noético superior.

O MAGO DE STROVOLOS

**O mundo maravilhoso de Daskalos,
seus ensinamentos e suas curas
espirituais**

KYRIACOS C. MARKIDES

Este livro é fruto de uma longa convivência do autor, Kyriacos C. Markides, com Daskalos, o Mago de Strovolos, e seu grupo na ilha de Chipre. Durante esse tempo, paralelamente ao relato de curas prodigiosas, Daskalos transmitiu ao autor um conjunto aparentemente inesgotável de ensinamentos esotéricos ligados à psicologia, à doutrina da reencarnação, à cosmologia e ao misticismo em geral, abarcando tanto as tradições do Ocidente como as do Oriente. Mas o Mago de Strovolos é, antes de tudo, alguém que faz curas, alguém cujo trabalho está firmemente enraizado na fé no Espírito Santo, a Superconsciência impessoal que expressa o poder do Absoluto e torna possível a criação do Universo.

Junto com o autor, o leitor irá se envolver nessa aventura ao mundo misterioso e extraordinário de Daskalos, um mestre autêntico, de habilidades psíquicas genuínas, com uma visão da realidade compatível com as mais elevadas tradições do Cristianismo esotérico e da filosofia oriental.

“Trata-se de um livro verdadeiramente maravilhoso. Na minha opinião, é um dos mais extraordinários relatos sobre uma personalidade ‘mágica’ desde o relato de Ouspensky sobre Gurdjieff.”

COLIN WILSON

“Este livro é um verdadeiro tributo e ilustra os melhores aspectos de uma observação participante.”

MICHAEL HARNER

EDITORA PENSAMENTO

O MAGO DE STROVOLOS
ISBN 85-315-0399-3



9 788531 503993